

**VOCABULÁRIO
POLÍTICO
PARA
PROCESSOS
ESTÉTICOS**





△
RIO DE JANEIRO
2014

VOCABULÁRIO POLÍTICO PARA PROCESSOS ESTÉTICOS

EQUIPE

concepção, mediação, edição *Cristina Ribas*

produção e edição *Sara Uchoa*

site *Inês Nin*

consultoria *Anamalia Ribas*

revisão de textos *Valdiria Thorstenberg*

design *Priscila Gonzaga | Editora Aplicação*

ESPAÇOS PARCEIROS

Casa Nuvem e Capacete

VOCABPOL

vocabpol.cristinaribas.org

facebook.com/vocabpol

twitter.com/vocabpol

O Vocabulário Político para Processos Estéticos está licenciado sob Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Brasil, com exceção das páginas indicadas com uma licença própria.



9

788566 593037

*Distribuição
gratuita, proibida
a venda*

Annick Kleizen

Anamalia Ribas

André Basséres

André Luiz Mesquita

Barbara Lito

Beatriz Lemos

Breno Silva

Brian Holmes

Cecilia Cotrim

Cristina Ribas

Davi Marcos

Daniela Mattos

Enrico Rocha

Fernando Monteiro | Das Lutas

Georgiane Abreu

Giseli Corrêa Vasconcelos

Graziela Kunsch

Helio Oiticica

Inês Nin

Isabel Ferreira

Jeferson Andrade

Josinaldo Medeiros

Julia Ruiz di Giovanni

Juliana Leal Dorneles

Kadija de Paula

Laura Lima

Luiza Cilente

Lucas Rodrigues

Lucas Sargentelli

Margit Leisner

Pedro Mendes

Pierre Garcia

Raphi Soifer

Rodrigo Nunes

Sara Uchoa

Steffania Paola

Tatiana Roque

Tiago Régis

Índice irremissível

aborto
ação
acabou o amor
acusação
administração burocrática
advogado pra baixar o aluguel
afetivismo
água
água 3,00
alianças de solidariedade política
alimentar a produção de conceitos
amar
amarildo
anônimo
(o) ano que não acabou
anti-herói
anti-herói anônimo ◊ p.47;
arrastada
arte
arte panfletária
artesouvida ◊ p.121;
artista
artista-etc ◊ p.121;
assembleias ◊ p.53;
a-significante
bacia ◊ p.168;
bagunça ◊ p.56;
banco ◊ p.292;
basta um beijo ◊ p.314;
batman
batman pobre
beijo ◊ p.314;
beijo coletivo
bicicleta ◊ p.243;

bios ◊ p.324;
bitola
black
black bloc
bloco
bloco de imagens ◊ p.29;
bloco dos machistas
bolsa família ◊ p.183;
bomba
bomba de efeito moral
bomba de gás
bomba de pimenta
boneco
book bloc
bordas
brasileiro ◊ p.59;
brasileiro ◊ p.59;
brasileiro ◊ p.59;
cabral é ditador
cabralhada
cabrália
camarão ◊ p.121;
capenga filosófico
(o) capenga propõe
(o) capenga sabe mais
cara de cavalo
carnaval
carnavandalirização
carona na estrada
carta de não
participação ◊ p.71;
carteira de trabalho
cartografia
cartografia esquizoanalítica
casa
católicos fervorosos
catraca
catraca livre

cavalo ◊ p.79;
cavalo de macumba
catalização
caveirão
cerveja
cidadão
cineasta
Cláudia
coadjuvante
côco
coisa séria
coletivo ◊ p.291;
coletivos na sombra e no sol
coletivo nome na porta
companheiro
complexidade ◊ p.89;
comunicação
comunicação social
concessionária ◊ p.291;
condições do diálogo
conspiração ◊ p.109;
contágio ◊ p.314;
contaminação ◊ p.168;
contaminação ideológica
convencer a sua mãe
convivência
contra-cartografia
contrato
conspiração das mulheres
constelário de ilhas
construir | destruir
contaminar
conversar
copa
corpo
corpo-do-
pesquisador(a) ◊ p.89;
corpo-no-mundo ◊ p.89;

criminalização ◊ p.291;
 curadoria
 curadoria de performance
 crase
 crime
 davi marcos ◊ p.112;
 defensor
 defumador
 deflagrar
 deletério
 democracia
 (a) democracia como problema
 democracia real
 desafio
 desarquivo ◊ p.25; p.47;
 p.210; p.249;
 desdotorial ◊ p.9;
 des|dobramento|s ◊ p.118;
 desejo
 desembargador
 desolee
 determinações invariáveis
 diferença
 diagrama ◊ p.123;
 diagramática ◊ p.89;
 diálogo ◊ p.305;
 dg
 diluir
 dimensão afetiva das práticas
 disciplina
 disponibilidade
 disputa
 dissonância
 dividir
 doença
 domínio público
 download espiritual ◊ p.305;
 economia criativa
 economia do cuidado
 (a) economia é a gramática
 universal
 econômico
 educação padrão fifa
 embolar | deslocar
 encontro ◊ p.305;
 encontro de águas ◊ p.168;
 encurralados na tijuca ◊ p.205;
 enough is enough
 episódio de
 esquizofrenia ◊ p.249;
 erickson pires
 escândalo ◊ p.233;
 escrever ◊ p.125;
 escriba ◊ p.9;
 escuta ◊ p.135;
 escuta atenta
 esforço
 espacialidades
 experimentais ◊ p.155;
 especificidade
 esperando uma coisa acontecer
 estética de efeito
 estética de mapeamento
 cognitivo ◊ p.109;
 estética relacional
 estético
 estrangeirismo
 estratégia ◊ p.140;
 estressar
 estudantes
 etnocentrismo
 etnoempoderamento ◊ p.143;
 eu sou rico
 evento ◊ p.150;
 excesso ◊ p.153;
 excesso da linguagem
 excesso de informação
 exercício pessoal por essa
 matéria comum
 experiência ◊ p.155;
 expressão
 expulsão
 expulsos ◊ p.37;
 esquema
 facebook
 factóide de representação
 faculdade
 fakebuki
 falar a língua do inimigo
 farinha de mandioca
 amarela ◊ p.121;
 favela da telerj ◊ p.37;
 feminismo
 feministas
 ficar no mato
 ficcionalizar registros
 fifa
 filha da puta
 filho da puta
 filosofia intrínseca
 fluxo de informação
 fluxos
 forense
 forense capenga ◊ p.156;
 fórum permanente
 frequência amorosa
 fugir
 fumacê do descarrego
 função
 galerinas
 gambiarra
 gambiarrista
 gambiarreiro ◊ p.156;
 gari
 genocídio ◊ p.213;
 glossário
 governos democráticos
 gramática
 grupo
 grupo de educação
 popular ◊ p.159;
 grupos
 hashtag
 há um lapso entre o que eu digo
 e o que você escuta ◊ p.305;
 helio oiticica
 herói capenga
 hidrogenosidade ◊ p.168;
 hidrosolidariedade ◊ p.168;
 hífen representativo
 hospedeiro
 humor ◊ p.177;
 incorporação de automatismos
 técnico-linguísticos
 identidade bricolada
 identificar
 ilda furacão
 ilda facão ◊ p.183;
 imigrantes
 incriminar
 infraestrutura ◊ p.183;
 inimigo
 insígnia
 intercâmbio de
 sensibilidades ◊ p.9;
 internet
 intersecção incessante
 instaurações situacionais
 invasores
 inventário
 ironia
 justiceiras do capivari
 laboro ergo sum
 last and maybe least ◊ p.305;
 legibilidade ◊ p.153;
 p.125; p.305;
 leis
 leis do diálogo ◊ p.305;
 legado
 legalizar o aborto ◊ p.183;
 leminski ◊ p.305;
 ler mais.... ler mais....
 ler mais.... ◊ p.125;
 letreiro vermelho aceso
 levante de junho
 levantar acampamento
 libidinoso
 licença maternidade
 limpar a cidade no final do carnaval
 língua
 linguagem

linguagem forense ◊ p.156;
(a) linguagem socializa
e racionaliza
livro
livro-invenção ◊ p.9;
lugar ◊ p.202;
lutas
lutas feministas
macropolítica
macunaíma ◊ p.168;
mãe
mamão formosa 3,00 reais
mangina
manifestações ◊ p.205;
manifesto afetivista ◊ p.210;
máquina
maquinal
maquínico
maré ◊ p.213;
mariachi
marxismo em casa
máscara
masculinistas
matar
medo ◊ p.205;
memes das redes sociais
meninada
meu-cu-é-laico
micropolítica
mídia
midiativismo enfezadinho
mídia independente
mídia ninja
mídia travesti ◊ p.205;
migração
mineirinho
morrer
morte
movimento
movimento passe livre ◊ p.291;
mujica macapoara ◊ p.121;
mulher
mulher não chegava
perto do fogo
mulheres
mudez ◊ p.227;
mudo
mulheres:violência ◊ p.233;
mundo
(o) mundo é a obra
multidão
muro ◊ p.238;
não-ação
não caber
(o) não saber
não dá pra falar qualquer coisa
nem marginal nem herói

nervosso ◊ p.64;
nós
nós da rede ◊ p.305;
nossa vizinhança ◊ p.314;
o corpo é de luta e não
de perfumaria ◊ p.314;
ocupação
ocupa alemão
ocupa carnaval
ocupa rio
oficina
oi
onde está o Amarelo?
ônibus
(o) problema da democracia
outro como matéria
pagu funk
palavra como experiência
palavras
papel
parede
parque de diversões do prazer
partitura
partitura de performance
passe livre
passagem
pedagogia
pedagogia crítica
pensar o capenga
frensicamente ◊ p.156;
pé na bunda
perfume
perfumaria ◊ p.314;
permacultura
performance
performatividade ◊ p.118;
performativo
perimetral
perspectiva
perspectiva feminista ◊ p.183;
pexerecas costuradas
pézão
poço da draga ◊ p.314;
poder de prospecção
polícia
policia
polícia militar ◊ p.205;
ponto de vista
ponto de vista particular
pororoca ◊ p.168;
purpurina dourada
praça
praça de bolso ◊ p.243;
prática
práticas artísticas
práticas comunicativas
práticas políticas

prêmio upp
preço de local
presença da
ausência ◊ p.71;
primavera fria na
gringolândia ◊ p.156;
processo
processo de
recomposição ◊ p.183;
processos
processos estéticos
processos políticos
processos político-estéticos
produção
produção desejanse
produtora
produzir em
movimento ◊ p.71;
produzir imagens
com pessoas ◊ p.249;
projetos || processos ◊ p.121;
prostitutas
protesto
protocolo
protocolo de
prorrogação ◊ p.156
puta
puta que pariu!
putinhas aborteiras
quatro litros de tucupi da
amazônia ◊ p.118;
queimar a câmara de vereadores
queimar a catraca
racismo ◊ p.143;
rafucko
ramificações do desejo
recombinação
recombinação global
contínua ◊ p.305;
redário ◊ p.168;
rede
rede completa de
uma trama ◊ p.109;
redoma de significado
regimes ditatoriais
registros dos
encontros ◊ p.320;
repique ◊ p.179;
repressões
resampleagem
residência
reslatim
responsabilidade
responsa-habilidade ◊ p.317;
ressignificação de território
rhr ◊ p.249;
rigor de especificação

rio de janeiro
rio de janeiro é o centro
da produção cultural
rionarua
riso
ritmanalista
ritmo
ritmos externos
rio na rua
rjnarua
robin hood às avessas ◊ p.314;
rojão
rojão do fabio e do caio
rojão do santiago
rua
ruído de significação
saida ◊ p.156;
sai do armário
sair ◊ p.266;
se benze que dá ◊ p.33;
serve luz
ser
serpenteia
significação
silêncio ◊ p.118;
sintaxe ◊ p.289;
si podemos
streaming ◊ p.130;
sociabilidade temporária
subiu
sufocação ◊ p.233;
sufragistas ◊ p.233;
suja a rua mermo
surreais
tarifa zero ◊ p.291;
taxação da riqueza
técnicas
técnicas de luta ◊ p.305;
tem coisa com a mãe
temor
tensão
terror ◊ p.213;
tornar a máquina quente
totalidade de um
sistema social ◊ p.109;
trabalhar
trabalhar por projeto
trabalho
trabalho reprodutivo ◊ p.183;
(a melhor) tradução entre
2 línguas é o beijo ◊ p.156;
trans ◊ p.205; p.305;
transcriação
(do texto) ◊ p.305;
transdução ◊ p.305;
transparência
transprocessos

transversal
tropa
tropa de choque
tropa do nhoque
turismo de
comunidade ◊ p.135;
p.314;
turismo sexual
twitter
upp
upp cadê meu
filho? ◊ p.41;
vagina
vai soltando
vai tomar no cú! ◊ p.9;
valeu
valor
valor socialmente definido
valor na dimensão da vida
vegano
versões
vibração
viemos do egyto
vital
vinagre
violência
(a) violência também é capenga
violentas ◊ p.233;
viralizar
vírus ◊ p.305;
vizinhança ◊ p.314;
vocabular
vocabulário comum
vocabulário cruzado ◊ p.317;
vocabulário da rua
vocabulário político
vocabulinário
vocabulosos ◊ p.9;
vocavulário
você ainda tá na arte?
vou cortar sua pica
vulvário
vulva quae sera tamen
zona
zona ética
zona de contaminação
zona portuária

* * *

Para ler em voz alta

Como falar dos processos estéticos que nos transformam em nossos cruzamentos com a política?

Como nossos vocabulários se intersectam uns aos outros todo o tempo?

O Vocabulário político é um projeto que deseja abrir espaço para falar dessas questões. Deseja criar espaço para pensar os cruzamentos e as intersecções no vocabulário que construímos junto a nossas práticas políticas, artísticas, sociais.

O Vocabulário político deseja abrir espaço para falar a partir do que fazemos, e falar a partir do que desejamos fazer. Falar de como criamos e como criamos na política.

Não a política como o espaço inacessível do poder, mas a política a partir de nossas vidas individuadas e nossas coletividades, em direção a uma política do comum. A estética aqui é proposta como a maneira de acessar os processos de transformação que experienciamos no sensível, a partir do que vivenciamos, percebemos e expressamos, sensibilidade não fechada quando os processos da política estão vivos em nossos corpos. O político do vocabulário é, então,

o espaço de implosão de duas formalizações: uma delas a da individualidade (do falar sozinho, da autoria) e a outra a da política como espaço que apenas poderíamos acessar com vocabulários específicos ou com formas já conhecidas. Para abrir esse espaço de implosão falar em excesso é produtivo, falar em excesso e ouvir, claro.

E colocar-se disponível às ruas, aos encontros, às assembleias, aos momentos que nos desorientam na arte, na política, no trabalho, na vida íntima. É produtivo abrir um espaço de escuta, de disponibilidade para outros assuntos, outras abordagens, outros pontos de vista e outras perspectivas.

Mas a política como espaço de transformação é também o espaço do encontro, da identificação, da sintonia, de ritmanalizações... Pelo desejo de interseccionar nossos vocabulários e encontrar os que tomam parte nessa conversa, na passagem de um espaço para outro — do projeto que aconteceu

no Rio de Janeiro para você leitor falante e seus vocabulários —, trabalhamos nos últimos meses na construção de um vocabulário escrito, um para-além-de-um-glossário.

Esse que você tem agora em mãos.

O Vocabulário político passa então pelo crivo da escrita como espaço de experimentação de outros espaços de fala, e de outras táticas de intervenção em nossos vocabulários, escrita essa atravessada por corpos vivos, em composição.

O vocabulário de escritas que surgiu deseja participar da leitura em voz alta, e de uma fala mais solta, que encontre o espaço imprevisível do pensamento, que passe eventualmente para além da configuração das palavras que já significam nossas práticas, para produzir novos ritmos, e para compor com nossas coletivações, sem deixar de abrir outros sentidos em processo, em processamento.

O Vocabulário político na sua forma escrita, organizado em Entradas, passou pelas amarras da escrita, do exercício intrínseco e às vezes árduo dos conceitos e dos discursos, que pode recair em estéticas mais formalizantes, aquelas que se aproximam das enciclopédias e dos dicionários. Acessamos essas formalizações para com elas retomar um espaço de fala e de criação. O espaço que o vocabulário quer provocar é, portanto, um vocabular em

voz alta como parte de um processo analítico (ouvir a si e ao outro, ouvir outros) e colocar-se a par de como falamos, com quem falamos. Por isso a proposta que trazemos a você(s) leitor-falante é a de ler em voz alta, de abrir junto o espaço de politização dos nossos vocabulários, de composição que, como espaço de experimentação, se faz estético.

O Vocabulário por isso se torna vocabulinário, espaço de promiscuidade da língua, da criação e da política. Espaço de roçamento, de esfregamento dum modo de falar com outro, e dos outros com os outros, e consigo mesmo. Da ideia de que a palavra ocupa o corpo — ou é o corpo todo que ocupa-se das palavras — vem a percepção de um corpo plural, que entre em uma ritmalização constitutiva com nossos processos vitais, sociais, existenciais, criativos.

**Cristina Ribas
Outubro de 2014**

*** * ***

Desditorial

Vocabulário político para processos estéticos

Editorial

| Encontros

| Como o Vocabulário-livro é organizado

| O que o Vocabulário político quer fazer?

| Vocabular não se faz só

| Entre aprender e produzir

| Fazer um vocabulário?

DESDITORIAL

Depois de 300 páginas de livro, mas de um livro-invenção que é como esse se propõe e como eu digo mais para baixo, me pergunto: ainda é necessário escrever mais? Ou dizer mais? Para mim, como organizadora, catalizadora, vocabulinária e escritora nesse projeto é como se cada entrada fosse um editorial ela mesma, como se cada entrada do Vocabulário político fosse uma introdução e uma apresentação, como se cada uma delas abrisse à sua maneira um acesso ao livro-todo.

O Vocabulário político é um livro-invenção, um livro como espaço de escuta e espaço de leitura, em voz alta, de um vocabulário comum, ou de um vocabulário endereçando um comum, produzindo um comum, repleto de singularidades.

Eu mesma já escrevi em EXCESSO,⁶ escrevi demais, a partir do que conversamos e diagramamos no Rio de Janeiro, a partir de um desejo de falar do que me parece urgente e daquilo com o qual me envolvo hoje em dia, individual e coletivamente.

O desditorial vem, então, — seguindo a ideia de que há várias maneiras de ler, de escutar e de entrar nesse espaço de intervenção em nossos vocabulários —, fazer o meio de campo entre falar do que o projeto Vocabulário político tinha por desejo incitar e falar do que temos aqui, em mãos — um desditorial. O editorial/desditorial apresenta o projeto na sua ideia, traz um tanto de referências conceituais e também relata um pouco do que aconteceu nos encontros presenciais no Rio de Janeiro em Abril de 2014.

O editorial é assinado em primeira pessoa por essa razão, porque é a minha voz expressando meus pensamentos e meus desejos, e meu ponto de vista a partir do que criamos. Percebo, contudo, que esses espaços da concepção (e conceitualização) do projeto e um ‘o que aconteceu’, assim como um ‘eu’ individualizado do coletivo, são dois momentos difíceis de separar, já que ambos se misturam, e não tem cada um um ponto de origem neutra. É estranho também escrever sem a SARA e sem a INÉS, que o tempo todo estão junto no pensamento desse projeto, e sem a PRISCILA, que desenhou o livro, e que o conhece em cada micro-espaço, algoritmo e cada dígito. Ao mencioná-las aproveito para agradecer e para conjurar a falar junto.

O contexto a partir de onde o desejo de realizar esse projeto surgiu é, em grande parte, o ciclo de MANIFESTAÇÕES que o Brasil começou a viver a partir de Abril de 2013, ciclo intensificado entre os Junhos, de 2013 a 2014, com a realização da Copa do Mundo no Brasil, e com a visível opressão do estado e incremento da violência por parte da Polícia Militar no movimento que vem surgindo desde então. O Brasil que se conhece pelas ruas desde os levantes de Junho — nesse ‘ano que não acabou’ — explicita tanto o surgimento de novas expressões, ações e táticas de criação e resistência, como o aumento do trânsito e do tráfico dessas expressões. O brasii da TARIFA ZERO. Mas o Brasil que se conhece nas ruas é um

brasii menor, exaltado contra o poder opressor de um estado que busca crescimento econômico a todo custo, mas cujas minorias vêm sendo definitivamente eliminadas — como eu escrevi em BRAZIL | BRASIU | BRAZIS. Mas o Brasil que surge nas ruas é também o dos micro e macro fascismos, que começam cada vez mais a “sair do armário”.

Como parte de uma tática temporalizada, o Vocabulário político se endereça aos espaços comuns afetivos e ativos das ruas e das assembleias, das reuniões e das partilhas, um processo político social que não vejo/vemos como encerrado. Percebo que os encontros (TRANSDUÇÃO) e os eventos que caracterizam esse movimento (é preciso estar no movimento para engajar-se nas suas linhas emergentes) trabalham os vocabulários a partir de uma intersecção entre a política, a língua, a linguagem e a criação, em que processos estéticos estão sendo produzidos a todo o momento. Nesse sentido, o desejo do Vocabulário político, é produzir mais uma estratégia em meio a esse espaço produtivo ou nesse estado de movimento. O Vocabulário político, como criação de um espaço de fala sobre os vocabulários, quer abrir espaço para falar daquilo de que somos constituídos, de nossos desejos, de nossas estratégias, de nossos processos reconstitutivos e transformativos (INFRAESTRUTURA), de nossos desafios. Por isso é um vocabulário que se coloca entre os espaços da política e da criação, para fazer pensar

— na intersecção de nossos vocabulários
— na articulação dos processos estéticos que são constitutivos de modos de vida, de singularidades, e de realidades comuns.

O projeto e o livro-invenção se somam, então, aos espaços que ativam a micropolítica da língua e da linguagem e a micropolítica das expressividades, visto que são espaços produtivos sobretudo da política como criação. São espaços que se valem de um intercâmbio de sensibilidades, da tomada de posições, da negociação de realidades em processo, criando colaborações e proliferando diferenças.

ENCONTROS

O projeto Vocabulário Político para processos estéticos aconteceu a partir de encontros. Digo ‘encontro’ no sentido estrito do termo — estarmos juntos, corpos presentes, num mesmo LUGAR.[Ⓢ] Mas não sem redefinir estrategicamente encontro como um tipo de espaço que possibilita a intensificação de nossas relações de colaboração e aprendizagem, em que experimentamos formas de produção e de criação. Encontro como ESTRATÉGIA[Ⓢ] que combina um estado de afetação mútua com produção (se é que se pode separar ambos!?).

Esse projeto como espaço de encontro colocou em um mesmo espaço x tempo pessoas que já se conheciam, mas também inaugurou a relação entre pessoas que não se conheciam. Realizou atividades abertas ao público, em diferentes graus

de envolvimento, intimidade e desejo de produção. De maneira geral posso dizer que o Vocabulário político foi realizado por meio de conversas, proposições, experiências, experimentações e diagramáticas e, posteriormente, pela escrita, edição, concepção e design deste livro homônimo distribuído gratuitamente e difundido pelo site do projeto¹.

O projeto aconteceu principalmente por meio de quatro formas de encontro: na primeira semana a ‘oficina interna’ no espaço Capacete, da qual participaram cerca de 25 pessoas chamadas por mim, mais por um desejo de arranjo ou ‘catalização’ do que de curadoria; a segunda semana com duas oficinas abertas ao público, na Aldeia Gentil e no Pontão de Cultura Digital da ECO-UFRJ; e a terceira forma de encontro pela troca constante com algumas pessoas durante aquelas semanas no Rio, que se tornaram convites para que essas pessoas escrevessem textos específicos para o Vocabulário — como é o caso da ANNICK KLEIZEN, que escreveu MUDEZ,[Ⓢ] e do TIAGO RÉGIS que escreveu sobre O CARTOGRAFIAS DA DITADURA.[Ⓢ] PEDRO MENDES e GISELI VASCONCELOS participaram à distância, eventualmente presentes no skype durante nossa semana de oficina interna. Sanando um encontro que ‘não aconteceu’, alguns participantes que haviam sido convidados para a oficina interna e não puderam participar contribuíram com textos — como é o

1 vocabpol.cristinaribas.org/

caso do ANDRÉ BASSÈRES e do RODRIGO NUNES. O quarto encontro do Vocabulário político foram as conversas abertas ao público, com a fala de convidados — TATIANA ROQUE e LUIS ANDRADE, uma realizada na UERJ e outra na Casa Nuvem, na Lapa. Há ainda uma outra dinâmica, por fora do encontro real de corpos, que faz parte do vocabulário-livro que é a incorporação de três textos já escritos e publicados previamente (o texto ANTI-HERÓI ANÔNIMO... de Hélio Oiticica, o MANIFESTO AFETIVISTA de Brian Holmes e o GLOSSÁRIO DO RHR, por conta da participação de LAURA LIMA). A incorporação desses textos, contudo, é fruto das trocas que surgiram nos encontros do Vocabulário.¹

Na primeira semana, em que realizamos a oficina interna, os participantes foram convidados por mim para realizar ‘proposições’, a partir das quais pudéssemos entrar em contato com a produção uns dos outros a partir de experiências e não só a partir de conversações. Entre elas participamos de uma caminhada proposta pela AGÊNCIA TRANSITIVA (com diversos percursos diferentes e um ponto de chegada comum, no topo de um prédio na Lapa), uma massagem dois a dois proposta pela JULIANA DORNELES com exercício de escrita, e no final da semana

1 Participantes presenciais do Vocabulário político na oficina interna foram Agência Transitiva, André Mesquita, Beatriz Lemos, Breno Silva, Cecília Cotrim, Cristina Ribas, Davi Marcos, Daniela Mattos, Enrico Rocha, Graziela Kunsch, Inês Nin, Isabel Ferreira, Jeferson Andrade, Julia Ruiz di Giovanni, Juliana Leal Dorneles, Kadija de Paula, Laura Lima, Lucas Rodrigues, Lucas Sargentelli, Margit Leisner, Raphi Soifer e Sara Uchoa.

comemos a estupenda MUJICA cozida pela CECILIA COTRIM. Havia mais proposições que não foram realizadas por conta de pouco tempo, ou da minha mediação que não dava conta de intervir no tempo das nossas incansáveis conversações. Ficaram no ar uma audição de funk proposta pelo DAVI MARCOS, um exercício de teatro por RAPHI SOIFER, e uma conversa com pequenos grupos sobre o ciclo de MANIFESTAÇÕES proposta por PEDRO MENDES. Eu mesma tinha organizado uma série de dinâmicas pensadas junto com minha irmã e psicóloga ANAMALIA RIBAS, só que não aconteceram, mas ficaram ali ativando outros estados de conversa. Como parte de uma proposição-convite minha, RICARDO BASBAUM participou de uma conversa com o grupo da oficina interna. Acredito que as proposições qualificam outras maneiras de estar junto, e de produzir a partir de um outro espaço, em que nossos conhecimentos e práticas vão se cruzando com os corpos ativados de outras maneiras que não apenas o debate ou a troca intelectual e narrativa. Foi, por exemplo, na caminhada proposta pela AGÊNCIA TRANSITIVA que um dos grupos encontrou o livro Linguagem Forense, que inspirou RAPHI SOIFER a escrever o FORENSE CAPENGA, ou a MUJICA da CECILIA que me ‘acordou’ para os vários BRAZIS, e as incursões de um grupo de participantes da oficina interna na Maré (cuja ocupação militar aconteceu naquela semana da oficina interna), em duas ou três caminhadas, e a partir de onde escreveram o vocabulário MARÉ.

As oficinas abertas ao público foram também um espaço de encontro e criação, e nelas trabalhamos diretamente perspectivas sobre o ciclo de MANIFESTAÇÕES. Na primeira nos envolvemos mais com os atores e com ESTRATÉGIAS das manifestações, e na segunda com feminismos, maternidade e o movimento trans e queer que vem aparecendo, tomando espaço, criando espaço em meio não só ao ciclo de manifestações mas também em vários contextos e espaços sociais. A partir de cada uma das oficinas abertas ao público surgiram contribuições específicas para o Vocabulário político na sua forma livro, como os textos de GEO ABREU (HUMOR) e STEFFANIA PAOLA (INFRAESTRUTURA).

PEDRO MENDES e FERNANDA KUTWAT conceitualizam a noção de encontro na Entrada TRANSDUÇÃO. Eles vão passando por essa noção ao longo de todo o texto, mas em dois pontos eles falam crucialmente, primeiro, de como a qualidade e a intensidade do encontro, a sua possibilidade de afetação mútua, determinam aquilo que se produz (vida, morte?), e depois, de como o encontro é o ‘verdadeiro fato social’, sendo não uma ontogênese (na concepção de uma produção controlada da vida), mas a produtividade intensiva e caótica do acontecimento. Em outras palavras, uma heterogênese... em que singularidades bifurcam.

O encontro como espaço de afetação mútua foi, de alguma maneira, o modo como desejei ‘catalizar’ aqueles dias, abrindo outras práticas de grupo que

geram atravessamentos nas nossas práticas, e portanto, nos nossos vocabulários. Fizemos uso também de outras ‘ferramentas’ como a ESCUTA (para além da escuta como capacidade biológica), como escreveu também o ANDRÉ MESQUITA, e do exercício de compreender qual seria a nossa ESTRATÉGIA, segundo JULIA RUIZ. O Check-in e o check-out da AGÊNCIA TRANSITIVA também foram incorporados. A minha contribuição ‘metodológica’ foi de pensar a COMPLEXIDADE, ou seja, as relações possíveis entre temas e práticas que refletissem na escolha de conceitos ou expressões que dariam origem aos vocábulos, ou às Entradas que surgiram.

Portanto, quando digo que o Vocabulário político aconteceu a partir de encontros, não é a partir de um encontro de corpos no tempo e espaço apenas, mas a partir de outros estados de encontro, de uma certa disponibilidade para a produção e para a criação que poderia afetar também a formalização do Vocabulário político. Por isso o livro feito a partir dos encontros, que se desdobra na prática da escrita — essa matéria de expressão que investigo em ESCREVER — é um livro-invenção. O livro é ao mesmo tempo a ordenação de vocábulos, ou Entradas, a partir das práticas daqueles que participaram do Vocabulário político, mas também resultado da construção de um DIAGRAMA dessas práticas. E o que se produz com isso é, de alguma maneira, uma caixa de ferramentas para processos coletivos outros,

mais ou menos relacionados diretamente aos vocabulários políticos e estéticos. O Vocabulário político, como projeto e a partir de sua publicação como livro-invenção, vai então criando mais espaço para intervir e criar em e com os vocabulários políticos e estéticos.

Dois livros foram referência para esse projeto. Eles foram concebidos de maneira semelhante ao Vocabulário político, e circularam nos nossos encontros. Eles são Vocabulatoires¹, editado por Manuela Zechner, Anja Kanngieser e Paz Guevara, e Micropolíticas de Los Grupos: Para una Ecología de Las Prácticas Colectivas², organizado por Oliver Crabbé, Thierry Muller, e David Vercauteren. Ambos livros são resultado de encontros e trocas, e operam tanto como caixas de ferramentas como um documento/arquivo de práticas e experiências. Micropolíticas em especial é organizado a partir de verbos que caracterizam ações em grupo, ou metodologias para trabalhos micropolíticos...

COMO O VOCABULÁRIO-LIVRO É ORGANIZADO

O livro começa com o Índice irremissível, uma listagem sem fim de palavras, expressões, conceitos que foram sendo coletados, registrados, mapeados, filtrados

1 Original em inglês. Edição das autoras, 2009. Disponível aqui desarquivo.org/node/1681

2 Essa edição em espanhol. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011. Disponível aqui desarquivo.org/node/1685

nos diversos encontros do projeto e também a partir dos textos finalizados. O livro contém também uma série de imagens criando uma espécie de bloco que atravessa esse blá blá blá de palavras. As fotos foram capturadas em fluxo nos meios virtuais, tendo de alguma maneira participado e incitado os vocabulários políticos dos levantes de Junho, contexto a partir do qual identifico uma das partidas desse projeto, como disse anteriormente. O miolo do Vocabulário político é formado pelas Entradas que são os textos escritos pelos participantes do Vocabulário político e das oficinas. Poucas Entradas são compostas apenas por imagens e algumas Entradas são interferidas com imagens como ruídos não-linguísticos, e que criam espécies de linhas de fuga para o que é apresentado, como o MURO,[👁] de LUCAS RODRIGUES e JULIANA DORNELES, SINTAXE,[👁] de PIERRE GARCIA e CAVALO,[👁] por vários autores.

Duas formas de escrita ou de intervenção foram geradas dentro do livro. Uma delas é a proposição de Radicais que atravessam a leitura das Entradas (não sugerimos, e desejamos que o leitor as aplique quando lhe convier), e a outra os Parêntesis, que são a conversa dentro de um texto, gerada por outro autor. Os Radicais são espécies de tags que incitam a leitura de um conteúdo a partir de sua proposição conceitual. Os Parêntesis são, por sua vez, interrupções no texto sinalizados por ((asdfg asdfg)), como se pode ver em INFRAESTRUTURA[👁] e em COMPLEXIDADE.[👁]

Se espalham pelo livro, nas Entradas, também uma série mais ou menos organizada ou sintetizada de pequenos textos, anotações, expressões e definições, sendo alguns deles fragmentos de fatos, relatos, e-mails, pedaços de conversa ou gritos das ruas nas semanas do projeto no Rio de Janeiro. E também transcrições de conversas tanto da oficina interna como das oficinas abertas ao público.

Ao longo do livro-invenção usamos pequenos olhos [☉] (desenho de PRISCILA GONZAGA, designer do livro, pela EDITORA APLICAÇÃO) que remetem a outras Entradas, criando uma espécie de hipertexto que sugere que aquela noção específica se refere de alguma maneira ao que está sendo elaborado por outra Entrada.

O QUE O VOCABULÁRIO POLÍTICO QUER FAZER?

O projeto tem por objetivo criar espaço para pensar as interseções em nossos vocabulários, num espaço de atravessamento entre práticas políticas, sociais, estéticas, comunicativas, artísticas, etc sem tomá-las todas como iguais ou intercambiáveis. Ou seja, o tipo de espaço que o vocabulário quer produzir é um espaço de heterogeneidade, de atravessamento, em que possamos SAIR [☉] do isolamento da palavra, ou da definição de um conceito, para um campo, ou para campos de práticas. Os vocábulos do livro-invenção, que podem ser também nomeados palavras, conceitos ou expressões, por isso, são chamadas de Entra-

das, porque são cada um à sua forma uma Entrada nesse espaço plural e em movimento. Os atravessamentos que podem ser provocados entre as práticas políticas, sociais, estéticas, comunicativas, artísticas caracteriza muito do contexto brasileiro das MANIFESTAÇÕES, [☉] um terreno ao mesmo tempo de composição já mista, mas também de uma certa abertura, ou de uma certa promiscuidade. O atravessamento aqui é proposto como produtivo, uma promiscuidade propícia ao surgimento de novas composições, de novas práticas.

O espaço que o Vocabulário político quer criar é mais um espaço de acontecimento de novas práticas, em que OS EVENTOS [☉] do mundo-rua (ANTI-HERÓI ANÔNIMO [☉]), sejam também uma fala que interrompe a si, e faz insurgir outros processos singulares e comuns. Dessa forma o Vocabulário político quer participar das transformações que conhecemos pela via dos corpos, da experiência, dos encontros, da criação e da política.

Partindo da perspectiva que a criação é também a criação e a transformação de conceitos ou expressões — marcando uma ramificação não linear entre língua, linguagem e significação —, com esse projeto fazemos um levantamento dos conceitos e expressões que nos mobilizam na atualidade, conceitos e expressões que criamos nós mesmos, ou que transduzimos de outros espaços, estratégias e práticas. O desafio pelo qual o Vocabulário político passa é manter aberta

a composição de vocabulários passando pela conversa, pela escrita, e pela leitura em voz alta, aproximando o fazer do vocabulário da organização de um glossário. O objetivo do vocabulário é que as expressões aqui apresentadas possam ser compartilhadas e reapropriadas. Assim, não vemos o Vocabulário político como um projeto que inaugura um modo ou um espaço, mas um projeto que é ele mesmo um espaço de concatenação, ou de 'síntese disjuntiva' (conceito anti-edipiano, de Deleuze e Guattari), de outros tantos espaços da criação. O Vocabulário político nos desloca, na sua singularidade, a uma reconfiguração enquanto criadores vocabulosos, menos daquilo que fomos ou somos e mais daquilo que podemos ser e fazer estética e politicamente em uma conjunção temporal, aquilo que podemos juntos vocabulinar.

VOCABULINAR NÃO SE FAZ SÓ

Vocabulinar é uma expressão que surgiu naquela semana de oficina interna no Rio de Janeiro. Foi proposto por CECÍLIA COTRIM propondo a penetração em nossos vocabulários como uma espécie de bulinação.¹

1 Ao mesmo tempo em que participava do Vocabulário político Cecília fechava a edição da Revista Periódico Permanente no. 5, do Fórum Permanente. O 'mapeamento' feito por Cecília naquela edição em muito dialogou com a nossa semana de oficina interna. Referências específicas ao conteúdo mapeado por Cecília estão ao longo desse livro-invenção. A edição está disponível no link forumpermanente.org/revista/numero-5/capa

O projeto marca um risco: SAIR^o de um campo específico da criação e tomar espaço no plano das multiplicidades. Ou seja, se por um lado se pode pensar que a estética é uma propriedade ou uma função dos objetos e dos eventos artísticos, o Vocabulário político estressa (insiste, propõe) que a estética é uma espécie de efeito ou de função que faz parte da vida ela mesma. Sendo a estética aqui uma atenção na verdade aos processos estéticos, e a concepção de subjetividade uma outra maneira de pensar as individualidades (escapando da definição de sujeitos dados a priori, identitariamente constituídos), ao aportar a noção de processos estéticos estou/estamos observando que uma nova concepção de produção estética é possível, uma que advém da relação ela mesma, em que os processos relacionais produzem diferentes — e porventura divergentes — processos de significação e processos de subjetivação, em que não se parte de um estado neutro, e que os processos de subjetivação se deixam, por sua vez, atomizar no encontro proliferando sentidos. (Aqui até arrisco pensar que há uma estética do vocabulário político ele mesmo...)

Bem por isso conceber um projeto de um vocabulário é colocar-se na própria nuvem do vocabulário que se produz em um espaço de fala, é evidenciar que eu não falo sozinha, que eu falo junto, pelas coisas dos outros, intercambiando coisas

minhas, e falo em direção aos outros, desejando falar junto. Para colocar-se nessa nuvem do vocabulário procuro por um lado ouvir a cada palavra que é expressa no vocabulário político dos corpos e dos movimentos, mas ao mesmo tempo abrindo espaço para expressões que vazam uma certa certeza da política como coisa humano-racional (como dito de alguma maneira por ENRICO ROCHA em VIZINHANÇA[⊕]), abrindo um espaço para as composições maquínicas dos corpos, dos vocabulários e, evidentemente, da própria linguagem, que não passa ilesa nesse processo. Falar tomando parte em um corpo múltiplo pode ser perder os sentidos, mas falar em um corpo múltiplo pode também ser um vocabulário político, que produz com outros, que fala com e a partir dos animais, máquinas, expressões, timbres, ecos, dissensos... Falar em busca de provocar RITMANALIZAÇÕES com aquilo que é está num espaço extra-linguagem, que brinca com a significação e por aí permite abrir novos sentidos, sentidos políticos, e micropolíticos.

Produzir essa nuvem comum do vocabulário no plano das multiplicidades marca também o desejo de aprender uns com os outros, num espaço que excede nossos glossários pessoais ou coletivos, num espaço que nos solicita um pouco diferentes, inaugurando uns conhecimentos de si e de outros, daquilo que os outros fazem, e do que nós mesmos podemos fazer. Ao desejar um espaço de

encontro de falas, não quero criar um espaço para falar pelos outros, mas para incorporar as palavras e moldá-las, e modulá-las, ou colocá-las em um DIAGRAMA[⊕] político em uma trama de COMPLEXIDADE.[⊕] Colocando as palavras em movimento provocamos o agenciamento das palavras, sua dinamização, seu uso. Os processos de TRANSDUÇÃO[⊕] aparecem aqui também. Ao mesmo tempo em que assinamos individualmente ou em duplas (ou ainda alguns textos a várias mãos e gargantas), definitivamente o que surgiu no Vocabulário político é DESDO // BRAMENTO // S[⊕] ou blá blá blá das nossas conversas no Rio de Janeiro, e por isso me faz pensar em como produzimos um ‘agenciamento coletivo de enunciação’ (Guattari), um para-além da identidade dessas individualidades que assinam e para além do grupo que o projeto Vocabulário político desenha, encontrando o espaço de encontro das ruas, dos encontros, das improvisações, produzindo um corpo plural, incitando enunciações...

ENTRE APRENDER E PRODUZIR

O Vocabulário político foi formado por um grupo bastante diverso de participantes. O grupo convidado por mim para a semana de trabalho ‘interno’ no Capacete era composto por pessoas de diversos lugares do país (ainda que muito da realidade sobre a qual nos debruçamos tenha sido o Rio de Janeiro, local do encontro) e com distintas experiências.

A diversidade construída com esse espaço me parece que foi crucial para provocar muitos atravessamentos nos discursos e o início do intercâmbio de práticas que permitem pensar que há, em algum aspecto, nessa produtividade que surge, um espaço também de APRENDIZAGEM.⁶

Por aprender aqui digo diferir, digo abrir um espaço de experimentação em que a gente suspenda a nomeação daquilo que possa nos ser mais caro ('nosso quintalzinho conceitual!') e possa provocar aderências outras. Ou seja, uma certa disponibilidade a ser afetado pelo encontro. Os processos do conhecimento, dos quais o aprender faz parte, podem ser pensados diretamente na perspectiva de fazer o mundo, ou seja, de um produzir conhecimento que é concomitantemente o fazer do mundo. Nesse sentido, o aprender não seria uma operação sobre o mundo constituído, mas sim, sobre a própria composição com o mundo. No meu doutoramento (numa universidade inglesa) tenho investigado essas questões sem opor a produção de conhecimento à noção de pedagogia, ou de pedagogia radical, mas focando mais na produção ela mesma e nos processos de pesquisa como também produtivos. A minha proposta aqui com o Vocabulário político, e também com o doutorado, é que quando nos colocamos em uma situação de APRENDIZAGEM⁶ nos colocamos diferentes, nos colocamos

disponíveis, eu diria a esse campo de forças que é o encontro social (e/ou maquínico).

O aprender, nesse sentido, é também produzir. Ou seja, não é ação passiva, nem unilateral, e prescinde, de alguma maneira de uma transversalidade, de uma capacidade de atravessar as concepções mesmas de produção do conhecimento, da arte, da política e de aprendizagem, para encontrar o modo da produção e da criação, e também de um engajamento pessoal, subjetivo (simultaneamente coletivo e individual). É uma transversalidade que se estende aos espaços formais de onde viemos ou que acessamos, criando por isso intervenções, intersecções, transformações... Nesse sentido me vi 'aprendendo' a ser uma 'catalisadora', e logo depois a 'editora' desse livro-invenção. Da mesma forma, me parece que o Vocabulário político serviu como espaço de relatos de EXPERIÊNCIA⁶ e de elaboração de práticas novas ou bastante em processamento para alguns de nós. Tanto os processos de transformação subjetiva como o que se produziu nesse espaço de experiência se manifestam de diferentes formas na TRANSDUÇÃO para a matéria ou máquina de expressão escrita, imagética, diagramática, que constitui cada Entrada concebida para o Vocabulário político.

Os processos transformativos e que passam pelas matérias de expressão podem ser pensados no plano ou nos percursos de um caos-complexidade. Por exemplo, se num determinado vocabulário os termos

em uso por um sujeito estão também no plano do caos, nesse plano do caos do falatório emergem diversos mapas de complexidades — diversas caosmoses —, como diria Guattari. As caosmoses seriam uma espécie de ordenação do plano do caos, um processo que atravessa e compõe com nossas subjetivações, que se entrelaça com nossos discursos, com nossos textos, com nossos engargos, ora deslocando-os, ora chamando-os a uma recomposição ou uma recombinação. Algumas Entradas, nesse sentido, podem ser pensadas como processos caosmóticos ativados pelo encontro — um saber de si, ou a partir de si, constitutivo de momentos, de mundo... No plano dos vocabulários, acessar singularmente o plano do caos parece poder ser então uma estratégia não só de abrir nossos vocabulários, mas, ao acirrar com o artificialismo da fala e dos discursos, fazer mesmo um outro vocabulário.

FAZER UM VOCABULÁRIO?

Nas conversas da oficina interna acho que foi a GRAZIELA KUNSCH que notou que eu falava muito ‘intensidade’. E daí me veio que poderíamos produzir um vocabulário que fosse o mapeamento, pela ESCUTA,⁶ daquilo que se diz. Uma espécie de levantamento das ocorrências, uma contabilização do que foi mais dito e do que dizemos menos... um software hipotético (já deve existir)... que contabilize quantas vezes dizemos algo, quantas vezes usamos

uma palavra, e com quantos sentidos diferentes. Por aí poderíamos mapear também como palavras vão assumindo posições e funções diferentes, ou seja como vamos modulando as palavras de maneira que elas vão se tornando específicas naquelas novas configurações de sentido. Seria um projeto com tom de diagnóstico um tanto interessante, que poderia nos evidenciar os usos políticos e estéticos da língua e da linguagem. Mas fazer um vocabulário a partir de encontros, como disse antes, e a partir de uma coletividade múltipla, é um pouco mais do que diagnosticar e ‘ler’, semiologicamente, um vocabulário.

Um vocabulário não é a gramática. A gramática é o conjunto todo da língua, normatizado, regularizado, regrado. O vocabulário, por sua vez, é o grupo de palavras, termos, expressões em uso de um sujeito, de um grupo social, ou de uma coletividade. O vocabulário, portanto, não é estático. Ele é um organismo vivo, feito de apropriações, criações, improvisações. O vocabulário se articula livremente com a gramática, e está sujeito aos diversos modos de significação nos processos sociais. Como é então que se pode fazer um vocabulário e formatá-lo em livro-invenção?

O fazer desse vocabulário é então artificialismo, como diz Antonio Negri, artificialismo desafiado o tempo todo pela intersecção constante que provocamos em nossos vocabulários, assim

como pela intersecção de tantos outros vocabulários sendo produzidos na atualidade.¹ É uma estratégia de ativar o desejo, de colocar-se em diálogo, de aprender, de produzir, de intervir. O vocabulário é dessas anti-estruturas que não precedem, nem vem depois, não se agarra a nenhum momento, pois ele segue em movimento. Adquirimos e esquecemos expressões, elas perdem o sentido, adotamos outras. Por isso a ideia de fazer um vocabulário me pareceu uma provocação diferente do que fazer um glossário e, partindo da definição de glossário, acho que o que temos aqui é um vocabulário (muito) mais-do-que um glossário, um vocabulário provavelmente caótico ao primeiro olhar mas caosmótico no envolvimento com ele. Ao mesmo tempo que fazer um vocabulário é de alguma maneira olhar com o canto do olho para nossas gramáticas políticas, nossos estudos já sedimentados, nossas técnicas, nossos lugares comuns, fazer um vocabulário é também — depois da turbulência do encontro — reencontrar o estado das definições e dos posicionamentos, dos contextos e das lutas. É uma espécie de desfuncionalização da linguagem para refuncionalizá-la estrategicamente. Assim é, também, o espaço da política como criação.

1 No site do Vocabulário político apresentamos uma série de glossários e para-além-de-glossários organizados por vários grupos e em várias línguas.
vocabpol.cristinaribas.org/sariosglos/

Então fazer um vocabulário é, não trocar vocabulários à revelia, mas fazer passar neles um filtro... Um 'filtro semiótico', como disse Guattari.

Guattari fala de um 'refrão' para descrever a relação entre a paisagem sonora e os traços de singularidade que expressamos. O refrão pode também ser chamado de *ritournelle*. Os refrões seriam literalmente aquilo que se repete e que produz pontos de identificação a partir da linguagem em relação ao mundo. O refrão seria uma modalidade de semiotização que permite que um indivíduo receba e emita de uma maneira compreensível, ou comunicável. Em outras palavras, dialógica. (Bifo, 2013) Contudo não falamos todas as línguas nem falamos ou sabemos todas as variações sógnicas, esgotando uma língua só. Isso não quer refletir o fato de que um sábio possa falar várias línguas ou saber o dicionário de cor e salteado, e que há algo que apesar disso seja 'mais' dele, que o caracterize mais em específico. Nem quer refletir o fato de que um poeta ou um louco falem à revelia despreocupados do sentido de suas palavras e dos espaços extra linguísticos que estão sendo provocados. Nem quer propor que há uma verdade absoluta entre sujeito da enunciação e enunciado... O interessante aqui é pensar não só como é que 'seleccionamos' a partir de nossos 'filtros semióticos' aquilo que está significado e é portanto comunicável — e portanto,

nos tornamos aquilo que falamos, ou falamos como somos — mas é interessante também aquilo que modificamos, que criamos e reinserimos nas variações semióticas, o que expressa transformações de si que são constitutivas do fora, da participação em uma multiplicidade ou constituição do mundo grande. Portanto, não se trata também de um espaço 'entre' o sábio, o poeta e o louco... mas de criar ritmos entre falas entre espaços, de produzir falas estratégicas. O ritmo seria no âmbito social para Guattari a relação entre o corpo (ou a unidade transdutora) e a concatenação social da linguagem. O ritmo estaria colocado entre o caos e a singularidade, e para Guattari cada ambiente, seja ele social, cósmico ou terreno possuem seus próprios ritmos.² O Vocabulário político portanto não é estritamente o espaço da língua ou da linguagem, nem da gramática da macropolítica, é o espaço constitutivo social em que se imprimem e se filtram variações incontroláveis de sentido (o próprio espaço da micropolítica), que podem ser recortadas do fluxo intuitivo de suas falas e produções pelo artificialismo de um mapeamento, que intervém, por sua vez na macropolítica. Por incontrolável não digo que seja uma estratégia por meio da qual não possamos definir os sentidos, mas incontrolável

2 A noção de ritmo aqui se aproxima muito da figura do ritmanalista, proposto por Lefebvre, e arguido por Annick em Mudez e por André Mesquita em Escuta

porque os sentidos estão a todo o momento escapando na dinâmica viva dos corpos, dos encontros, da criação e da política. É essa apreensão de sentido único que se perde na abertura dos vocabulários, e que coloca em cheque os campos específicos. Nesse sentido é interessante a definição do comum conceituado por Antonio Negri. O comum se mistura ele mesmo à 'multidão' (um todo heterogêneo e diverso), que o produz. A linguagem é então acessada e transformada na produção do comum. A multidão nessa concepção, é constitutiva porque é produtora de sentidos proliferantes, de seus próprios processos vitais. Pensando um espaço de multiplicidades, quando nos colocamos a sentar juntos e contamos uns aos outros de nossos vocabulários provocamos o exercício de sair do espaço de uma naturalidade e de uma intuitividade dos usos da linguagem e das significações, estamos resignificando e politizando nossos vocabulários. É nesse contexto que o cavalo apareceu como a figura ao mesmo tempo mais misteriosa e mais instigante no processo de criação do Vocabulário político. O CAVALO[⊗] aqui no Vocabulário político torna-se um processo caosmótico singular, ao qual cada um de nós e todos endereçamos maneiras de ser cavalo, pensar cavalo, montar no cavalo, cavalgar em ideias... O cavalo se torna o próprio corpo imerso no agenciamento maquínico de uma língua que fala mais do que com palavras (que referenciam

um real), e fala mais do que com corpos humanos. Agenciamentos produtivos são também, por exemplo, naturalismos violentos como ‘filho da puta’ e ‘vai tomar no cu’ desconstruídos e remixados na máquina social das ruas e dos encontros, e se tornam ‘meu cu é laico’ e ‘toma da polícia/porque tomar no cu eu te garanto é uma delícia’.

Nesse sentido o trabalho de vocabular não é tanto um embate com um interno individual (subjetivismo) nem com um fora puro (aquilo que rouba nossos vocabulários), mas uma ritmanalização constitutiva dos processos sociais, existenciais, criativos. Do embate consigo mesmo, ao mapear o que é que eu digo, como digo, digo deonde, se adiciona um processo de atenção, de análise e de ESCUTA,⁶ procurando dizer e fazer falar de uma posição autêntica e ética, que encontra sintonia ou produz ritmo com posições semelhantes no plano das multiplicidades. Abrem-se simultaneamente uma irremissibilidade mas também todo um novo campo de estratégias. Fazer um vocabulário político, afinal de contas, é criar...

REFERÊNCIAS

Antonio Negri. *Arte y multitud. Ocho cartas*, 1988.

Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 1995.

Franco Bifo Berardi. *The Uprising. On Poetry and Finance*. 2012.

Félix Guattari. *Caosmose: por um novo paradigma estético*, 1992; *O inconsciente maquínico*, 1988.

Michael Hardt e Antonio Negri. *Multidão*, 2005.

* * *

Radicais

Aprender
Gisella Hiche

Aprendizagem
A Arquivista e
Cristina Ribas

ART
Lucas Sargentelli
Enrico Rocha

ALTER
Lucas Sargentelli

Com-
Enrico Rocha

Auto| Como
Lucas Sargentelli

CON
Lucas Sargentelli

Contra
Lucas Sargentelli

De | Para
Lucas Sargentelli

Desarquivo
A Arquivista e
Cristina Ribas

Lugar
Enrico Rocha

Para
Cristina Ribas

TRANS
Inês Nin
Enrico Rocha

Vizinhança
Enrico Rocha

Radicais livres como chaves/sequências de leitura possíveis do conjunto de vocábulos ou seleção direcionada de parte deles. Uma série de páginas no livro (no início ou no final) que traz em lista e/ou diagramas propostas de recortes do conjunto principal. [Lucas Sargentelli]



APRENDER

[por Gisella Hiche] *Meu sonho para a educação é que ela aconteça em muitos lugares além da escola: em hortas comunitárias, praças públicas, centros culturais, trens e que todo cidadão seja simultaneamente um aprendiz e um educador e que o ser humano liberte-se do conhecimento disciplinar e possa aprender de forma inteira que é como a vida é e acontece...*

APRENDIZAGEM

[A Arquivista e Cristina Ribas] *Processos de aprendizagem permeiam as práticas artísticas. Interessa ao Desarquivo.org sinalizar agenciamentos nos quais atores (agentes) estão envolvidos em processos de aprendizagem tanto nas relações que fomentam entre si (atores de processos cooperativos, como no caso das estratégias) assim como nas relações comunitárias que criam (através dos diversos eventos).*

Toma-se a aprendizagem como movimentos que surgem a partir de si, e para si, ou um saber de si coextensivo a um saber do mundo. A aprendizagem atua sobre os processos de subjetivação, atua nos processos constitutivos e, portanto, atua sobre uma formação individual em relação direta com formações coletivas. Pensar a partir da aprendizagem não significa demarcar um método preciso (um como fazer), mas implica o exercício de uma ferramenta relacional, contingente e constitutiva, que opera a quebra de hierarquias e processos verticalizados (RADICAIS > TRANS^o), promovendo o encontro de agentes em um estado dialógico e cooperativo.

No Desarquivo.org não se pensa a aprendizagem em modos instrumentalizados (não é um saber sobre a arte, por exemplo), contudo um saber que produz modos possíveis, modos de subjetivação produtivos criando novas ações, novos rompimentos nas práticas artísticas.

#processosestéticos desarquivo.org

ART

[por Lucas Sargentelli] *vocábulos que criam atritos com o conceito de arte — propostas que flertam com a possibilidade de uma cura operacional da ideia de arte — propostas que rejeitam o rótulo de arte em suas práticas*

[por Enrico Rocha] *arte: exercício experimental da liberdade. assim propôs o crítico Mário Pedrosa, em 1970, que compreendêssemos o que fazem os artistas. liberdade é também matéria da política. o mundo transforma-se em uma constante tentativa de superação da natureza em direção à cultura. também nas tentativas de superação de estados de dominação de certas culturas em relação a outras. compreendamos liberdade, então, não como a afirmação da vontade de um indivíduo, mas esse movimento coletivo do homem em busca de sua própria humanidade. e compreendamos arte como o exercício, a atividade, que experimenta e dá formas a esse movimento constituinte do mundo, que coloca o mundo em obra. dos artefatos que produzimos às articulações que promovemos, é sempre o mundo que está em obra.*

ALTER

[por Lucas Sargentelli] *alternativas ecológicas a problemas estruturais — como atuar em escala global, macro?*

COM-

[por Enrico Rocha] *conviver, conversar, confiar, comprometer, confabular etc. há diversas ações, fundamentais para a vida comum, que não realizamos sozinhos. as relações de vizinhança são tecidas por ações como essas. é necessário disposição e disponibilida- de para conjugar ações com esse pressuposto da existência do outro.*

AUTO / COMO

[por Lucas Sargentelli] *práticas cotidia- nas individuais ou coletivas / modos de uso*

CON

[por Lucas Sargentelli] *vocábulos de conversa fiada
— vocábulos-antivocábulos*

CONTRA

[por Lucas Sargentelli] *pares ou grupos de relação por oposição e/ou divergên- cia*

DE / PARA

[por Lucas Sargentelli] *vocábulos que lidam com a questão do endereçamento — de onde parte e para onde vai — De que lugar você fala? Para quem você diz? — pesquisa do lugar de onde é possível expressar alguma posição*

DESARQUIVO

[A Arquivista e Cristina Ribas]

O >>>desarquivo é a incitação de tirar algo do lugar de maneira a mobilizar e colocar em relação. Portanto no >>>de- sarquivo itens e materiais não tem lugares fixos / >>>mobilidade / mas são antes dados a operações e coreografias de relação e aproximação aos demais.

Desta maneira os materiais não guardam relações de propriedade aos >EVENTOS e >ESTRATÉGIAS aos quais se referem, recuperando algo que fica à espera... O >DESARQUIVO é antes essa ação de endereçamento e relação, de incitação de algo sempre contingente e parcial, passível de participação em outras reativações e contaminado do momento / >SITUAÇÃO / em que a operação de desarquivamento ocorre.

O >DESARQUIVO é sempre diferen- cial: ou seja, cada operação de desarquiva- mento torna-se um novo agenciamento. Sua imagem é antes a de uma monotipia do que a de um negativo. Há uma trans- missividade possível naquele >DOCU- MENTO >TEXTO >IMAGEM acesa- do, que se faz gravação sempre nova e desmedida. O arquivo prescinde de um gesto que se desfaz no >DESARQUIVO.

desarquivo.org

LUGAR

[por Enrico Rocha] *ainda que fossem dimensões separáveis da vida humana, tanto a política quanto a arte se produ-*

zem como uma disputa de sentidos para o mundo, ou melhor, como atividades de invenção do mundo. e por mundo, compreendo o lugar onde habitamos. lugar que não só nos abriga, mas que também é constituído por nossos corpos e nossas ideias. lugar onde necessariamente convivemos.

sinta seus pés no chão. olhe ao redor. o mundo está bem aí. todo lugar é matéria e expressão do mundo.

PARA

[por Cristina Ribas] Coisa que é feita para outra coisa. Processo transicional. Incitativo. Aquele trabalho como se disse: na economia do desejo. Pensamos o Vocabulário para, eu pensei, para algo que venha a seguir, em seguida, que surja. Para existe antes como projeto, como protótipo de algo real. Falar do para é não falar de razões estabelecidas a priori, mas falar que, a partir dos modos como se faz, pode-se fazer algo acontecer.

Onde. Para é coisa provocadora de afeto. Se quisermos (é necessário) localizar onde. Mas esse onde é processo, é coisa encontro, entre duas coisas ou mais. É composição.

Risco do Vocabulário. O para é seu risco. Tanto de parar, como sugere se fosse verbo, estagnando como algo que significa (arte) e não funciona, não utilitariza, não funcionaliza. Para, funcionando, coisa importante dos

processos políticos, para os processos estéticos. Coisa estado que se coloca entre um processo e outro.

TRANS

[por Enrico Rocha] transformação: talvez essa seja a condição formal de nossa existência. uma experiência transitiva. cotidianamente agimos sobre o mundo, incluindo nosso próprio corpo, para que ele se transforme, ainda que nossa ação seja para manter o mundo aparentemente o mesmo. experimente não escovar os dentes ou não varrer a casa ou não coletar o lixo, por exemplo. e pense que outras ações podem ter consequências menos diretas, mas que também são transitivas, transformam uma situação em outra, ainda que seja para manter a aparência, a mesma forma como se dá aos sentidos, a mesma condição de partilha. daí, conclua que há também ações que transformam uma situação em outra provocando diferenças. quero crer que a arte e a política são ações transformadoras nesse sentido da produção de diferenças.

[por Inês Nin] conceber um SAIR[☹] do LUGAR[☹] implica sob certo sentido em uma superação. como ir além da experiência anterior; um ponto que impulsionado por MOVIMENTO gera uma outra situação.

transcender um momento disforme, pouco funcional, mambembe. desfazer uma certa dormência, reentender todos os processos. misturar a disposição dos intelectos.

uma bússola revirada, e revigorada. em viagens recentes fiz questão de carregar uma bússola, companheira tão amiga quanto a lanterna e uma mochila gordinha, um pouco alta. apetrechos úteis, talvez neste caso ainda mais úteis enquanto ideias de viagem, desejos de nomadismo. vontades de incorporar um personagem explorador: expedito azuis, aquele que age, despachado viajante. procura caronas, aprende a voar. povoa de cores e florestas uma paisagem, ela mesma enquanto imagem de sossego e desafios, abrigo, localizada mais DEN-TRO do que FORA, para falar de coordenadas. desejos, como as praças e os lugares, se confundem. nada é só um mesmo, coisa afável e distinguível das demais.

ir além implica em transitar. na contramão dos engarrafamentos, caminho sem pressa, atravesso pontes e escalo prédios. se trata de superar expectativas, por adquirir rumos truncados, incertos demais para especular. nada mais que um treino, até que saiba não existir em espera nem planejamentos complexos, mas sim em processo, corrente, que flui e escorre das calçadas, só anda a pé.*

de uma precisão de rejuntes: extrair a simplicidade das coisas. descomplexificar, como um processo químico. para tal, é necessário desprogramar, repensar todos os sistemas e métodos vigentes. desordenar. haverá necessidades de; e se fizer de outro modo; se é verdade que preciso tanto; o solo mesmo não se refaz? composição. assimilar as cores do local, a partir dele construir e só. em volta, são tantas as coisas que estimulam a perda sem rumo, o caminho mesmo do cristal, do arranha-céu com tv de plasma e correrias.

transição. transitivo transitar dos entes mistérios, minérios, ritmos próprios constituintes da tábula rasa da monotonia. monotipia, rumos em vão: tantas técnicas e só vejo uma cor. ruído de voltagens, confunde nossos cérebros.

x

trans é um radical queer. que se situa para além dos sistemas, da compreensão costumeira dos entrecoisas. costura bordados e ri do próprio desatino, desconversa, nunca se saberá ao certo onde vai. pode assumir caracteres absurdos, atravessar a amazônia, se transformar.

transtornos são possíveis, aspectos sinceros que vêm à flor da pele, se perdem. água e animais, super gêmeos ativar, sempre outra coisa que não a esperada. x, que não tem gênero nem classe, assume formas variadas de acordo com a situação. estratégia faz

parte de sua estrutura desestruturante — preparada para transcender as maiores crises, entrar em transe, alucinar.

*

processos lúdicos que implicam em engarrafar carros e pessoas, como consequência de um equívoco histórico. são intensos, memoráveis e até mesmo hilariantes, tão presentes no cotidiano de cidades populosas. paradoxalmente, quando se procura saber a respeito do estado dos engarrafamentos locais, fala-se em informações sobre o TRÂNSITO.

VIZINHANÇA

[Enrico Rocha] a partir do seu lugar, possivelmente, você perceberá o lugar do outro.

sua reação pode ser de quem reconhece uma ameaça, o mundo pode está cheio delas; ou um vizinho, o mundo pode ser uma imensa vizinhança. diante de uma ameaça, não há muito o que fazer, ou você foge dela ou você a enfrenta, geralmente com violência. em uma relação de vizinhança, você negocia o que é comum, as aproximações e também as distâncias necessárias. aqui, a vizinhança poder ser considerada o lugar que você mora, a cadeira do ônibus que você compartilha, a rua que você ocupa em dias de manifestação etc. bom pensar que uma boa política de vizinhança deve partir de relações recíprocas. bom acreditar que entre

a guerra e a diplomacia colonizadora há outras relações de vizinhança possíveis. em qualquer escala.

* * *





Máscara de Bakunin nas manifestações.
Rio de Janeiro, 2014.



Mulher ensina a usar o turbante, na Antiga Fábrica da Bhering,
Rio de Janeiro.
Foto: Soraya Albuquerque

página anterior:
Máscara de Amarildo
Carnaval no Rio de Janeiro, 2014.



Metrô em São Paulo



Célula Armada de Putas Históricas



...TUICÃO
**NÃO QUEREMOS
IR PARA BANGU!!!**

**QUEREMOS
TRABALHAR!!!**



Bloco 'Se Benze que dá'
Maré, Rio de Janeiro.

*Protesto de prostitutas em
Niterói contra as batidas
recorrentes da policia e
contra prisões ilegais de
suas colegas em Bangu.
Abril 2014.*

Foto: Laura Murray







Grande Ato dos Garis
Rio de Janeiro, 07 de março de 2014.
Foto: Mídia Ninja

página anterior:
*Manifestação dos garis
em Belo Horizonte.*
Foto: Mídia Ninja

Opavivará
Viaduto da Perimetral,
Zona Portuária,
Rio de Janeiro,
7 de julho de 2012.
Acervo Opavivará





Guerreiros do Estelita
Foto: Elvio Luiz dos Santos



*Desocupação da
favela da Telerj*
Rio de Janeiro,
abril de 2014.

próxima página
Telerj







Manifestação pré-Copa do Mundo, Copacabana. Rio de Janeiro, 2014.



Paquistanesas trabalhando na confecção das bolas da Copa do Mundo de 2014, uma encomenda da empresa Brazuca para a empresa Forward Sports. A Brazuca fornece, por sua vez, para a Adidas. Sialkot, na província de Punjab, Paquistão.



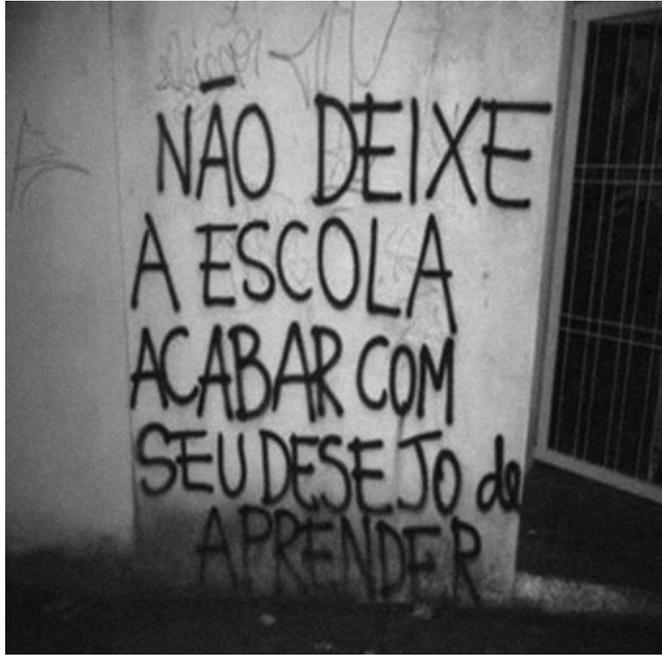
UPP = Unidade de Porrada em Pobre.
Rio de Janeiro, 2014.



Cinelândia,
Rio de Janeiro, 2014.
Foto: Marcelo Valle



Tropa de Prof em manifestação no Rio de Janeiro.



Graffiti encontrado no Rio de Janeiro em meados de 2014.

*Mobilização Nacional Indígena
ato "Copa para Quem?"
Brasília, 27 de maio de 2014.
Fotos: Mídia Ninja*





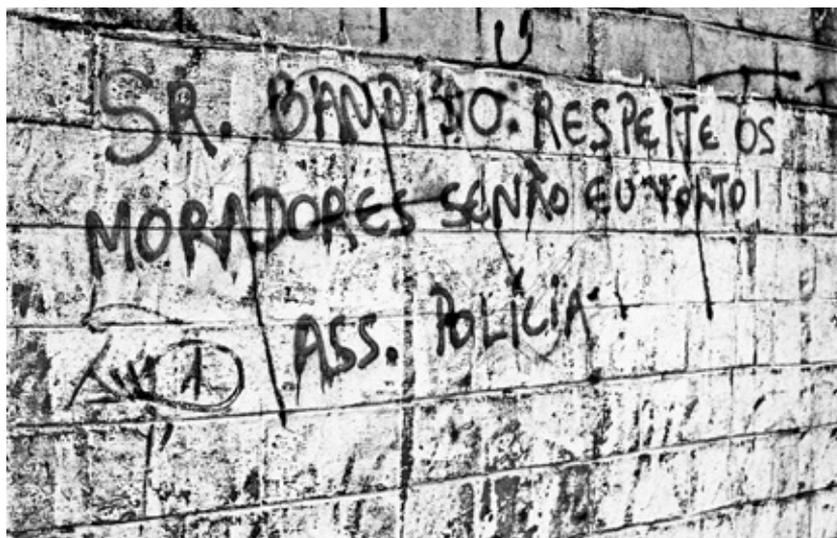


página anterior

Foto: Davi Marcos, Rio de Janeiro, 2014.



Rio de Janeiro. *Polícia preparada para a manifestação do dia 1º de Outubro de 2013 na Rua Evaristo da Veiga, em frente ao Quartel General da Polícia Militar do RJ.*
Foto: Davi Marcos



Favela da Maré
Foto: Davi Marcos

ANTI-HERÓI ANÔNIMO

O herói anti-herói e o anti-herói anônimo
Hélio Oiticica, 25.03.1968

Cartaz Cara de Cavalo
Agência Transitiva

Mundo Rua
Tatiana Roque

Anotações relacionadas ao Anti-herói anônimo
Vários Autores

HÉLIO OITICICA
25.3.1968

O HERÓI ANTI-HERÓI E O ANTI-HERÓI ANÔNIMO

Para “Iconografia de Massas”
de Frederico Morais ESDI

*Em começos de 1965 quando germi-
nava a idéia de uma homenagem a
Cara de Cavalo, que só veio a se
concretizar numa obra em maio de
1966 (Bólido-caixa nº18 – B33), o meu
modo de ver, ou melhor a vivência que
me levou a isso foi a que defini numa
carta ao crítico inglês Guy Brett (12/
abril/67) como um momento ético.
Como se sabe, o caso de Cara de Cavalo
tornou-se símbolo da opressão social
sobre aquele que é ‘marginal’ — margi-
nal a tudo nessa sociedade; o margi-
nal. Mais ainda: a imprensa, a polícia,
os políticos (Carlos Lacerda pessoal-
mente chefou uma “blitz” ao mesmo,
aliás como já o fizera em relação a
outros anteriormente) — a sujeira
opressiva, em síntese, elegeu Cara de
Cavalo como bode expiatório, como
inimigo público nº1 (jáem 62 haviam
feito o mesmo com Mineirinho e logo
depois com Micuçu, tudo isso no
governo Lacerda, que se tornou símbo-
lo da opressão social policial, inclusive*

*com o trágico caso dos mendigos
afogados, etc.). Cara de Cavalo foi de
certo modo vítima desse processo —
não quero, aqui, isenta-lo de êrros, não
quero dizer que tudo seja contingência
— não, em absoluto! Pelo contrario, sei
que de certo modo foi êle proprio o cons-
trutor do seu fim, o principal responsá-
vel pelos seus atos. O que quero mos-
trar, que originou a razão de ser de
uma homenagem, é a maneira pela
qual essa sociedade castrou tôda
possibilidade da sua sobrevivência,
como se fôra ela uma lepra, um mal
incuravel — imprensa, polícia, políti-
cos, a mentalidade mórbida e canalha
de uma sociedade baseada nos mais
degradantes principios, como é a
nossa, colaboraram para torná-lo o
símbolo daquele que deve morrer, e
digo mais, morrer violentamente, com
todo requinte canibalesco (o motivo
chave para isso foi o assassinato,
numa luta, do detetive LeCoq, do
Esquadrão da Morte, organização*

policial que envergonharia qualquer sociedade de caráter, composta de policiais assassinos e degradados, que até hoje milita por aí com outras pessoas e outros nomes). Há como que um gôzo social nisto, mesmo nos que se dizem chocados ou sentem 'pena'. Neste caso, a homenagem, longe do romantismo que a muitos faz parecer, seria um modo de objetivar o problema, mais do que lamentar um crime sociedade x marginal. Qual a oportunidade que têm os que são, pela sua neurose auto-destrutiva, levados a matar, ou roubar, etc. Pouca, ou seja, a sua vitalidade, a sua defesa interior, a sobrevivência que lhes resta, porque a sociedade mesmo, baseada em preconceitos, numa legislação caduca, minada em todos os sentidos pela máquina capitalista consumitiva, cria os seus ídolos anti-heróis como o animal a ser sacrificado.

Já outra vivência sobrevem a do ídolo anti-herói, ou seja, a do anti herói anônimo, aquele que, ao contrário de Cara de Cavalo, morre guardando no anonimato o silêncio terrível dos seus problemas, a sua experiência, seus recalques, sua frustração (claro que herói anti-herói, ou anônimo anti-herói, são, fundamentalmente a mesma coisa; essas definições são a forma com que seus casos aparecem no contexto social, como uma resultante) — o seu exemplo, o seu sacrifício, tudo cai no esquecimento como um feto parido. Numa outra obra (Bólido-caixa nº21 – B44 – 1966/67), quis eu, através de imagens plásticas e verbais exprimir essa vivência da tragédia do anonimato, ou melhor da incomunicabilidade daquele que, no fundo, quer comunicar-se (o caso que me levou à vivência foi o do marginal Alcir Figueira da Silva, que ao se sentir alcançado pela polícia depois de assaltar um banco, ao meio

dia, jogou fora o roubo e suicidou-se). Por que o suicídio? Que diabólica neurose (aliás tão shakesperiana) o teria levado a preferir a morte à prisão? Uma esperança perdida, o desespero dessa perda, mas qual perda? Uma idéia, sei lá se certa ou não, me veio: seria isto a busca da felicidade (aquí entendida como segurança, afeto, tudo o que envolveria a falta que ocasionou essa neurose)??? Mas, deixemos esse problema para o nosso querido Hélio Pellegrino.

O certo é que tanto o ídolo, inimigo público nº1, quanto o anônimo são a mesma coisa: a revolta visceral, auto destrutiva, suicida, contra o contexto social fixo ("status quo" social). Esta revolta assume, para nós, a qualidade de um exemplo — este exemplo é o da adversidade em relação a um estado social: a denúncia de que há algo podre, não neles, pobres marginais, mas na sociedade em que vivemos. Aqui isto aparece no plano visceral e imediato. Num outro plano, mais geral e com outras conotações estariam as mais heróicas experiências: Lampião, Zumbi dos Palmares, mais adiante o exemplo mais vivo em nós, grandioso e heróico, que é o de Guevara.

O problema do marginal seria o estágio mais constantemente encontrado e primário, o da denúncia pelo comportamento cotidiano, o exemplo de que é necessária uma reforma social completa, até que surja algo, o dia em que não precise essa sociedade sacrificar tão cruelmente um Mineirinho, um Micuçu, um Cara de Cavalo. Aí, então seremos homens e antes de mais nada gente.

** * **

AGÊNCIA TRANSITIVA

CARTAZ CARA DE CAVALO

ano do cavalo,
festa-gira-invocação

2014



Manual de Tol, o "Cara de Cavalo", que fundiu o Detetive Milton Le Cruz, líder da "Esquadra do Morro" e Servor dos Bandidos, Juizado, arado, o Detetive "Cartola". O Juizado está sendo ocupado por Mdo e Policia

**Morreu em
Serviço**

venha
cara-de-cavalo,

ser

em memória

cavalo

aos 50 anos

do

assassinato

bandido

12.02 – 21h

na sede da
agência transitiva,
rio de janeiro/

traga seus
atabaques, batuques,
toalhas, ferraduras e
oferendas

com drinks especiais:
cavalo de tróia
cavalo de fogo
+ barraca de coice
+ banho de égua

TATIANA ROQUE

MUNDO-RUA¹

Em junho, as ruas do Rio de Janeiro tinham de tudo:

- *jovens protestando pela primeira vez, motivados por participar de um evento coletivo de rua que não era carnaval nem futebol*
- *alunos de escolas públicas e particulares, em franco processo de politização, para um lado que ainda não sabemos qual (talvez os do Pedro II para a esquerda e os do Santo Inácio para a direita, mas não necessariamente)*
- *movimentos organizados que já estão aí há séculos: negros, sem-terra, sem-teto...*
- *infiltrados de direita, skinheads filhos da puta que quiseram sequestrar o ato atacando os grupos acima*
- *partidos de esquerda PSTU, PSOL, PCO identificados como partidos tout court, e para a infelicidade deles também ao PT*
- *infiltrados de direita, talvez para militares, enfim babacas que deram porrada em quem era de partido*

- *militantes do PT e da CUT que acharam corretamente que deviam participar das manifestações, afinal algumas das pautas são históricas destes movimentos*
- *peessoas, simplesmente pessoas, insatisfeitas com as concessões do governo e dos “políticos”, que não distinguiam entre um governo e outro, um político e outro e apoiavam os atos contra os partidos*
- *peessoas, simplesmente pessoas, que estão de saco cheio de ver o dinheiro jorrando para estádios e eikes e de não ver contrapartida à altura em suas condições de vida e de trabalho (ex. trabalhadores da saúde)*
- *peessoas, mais pra jovens muito jovens, que são contra a corrupção, não viram o que havia antes e compram parcialmente o discurso da mídia que cola a corrupção ao PT*
- *militantes que já foram muito petistas, como eu, putos com as concessões do governo aos ruralistas, contra os índios, aos evangélicos, aos felicianos etc.*

1 Trecho do texto publicado como parte da Revista Periódico Permanente no. 5, editada por Cecília Cotrim, Fórum Permanente. forumpermanente.org/revista/revista/numero-5

- *gays e simpatizantes
super bem-humorados
contra a absurda cura gay*
- *militantes de esquerda,
mais velhos, que já foram
pra rua inúmeras vezes
lutar contra a corrupção,
quando o PT era oposição,
em uma luta que não era
considerada vazia nem
sem projeto*
- *muitos gritos contra a
rede Globo, de esquerda
e não*
- *peessoas, simplesmente
peessoas, que estão putas*
- *ah! e os tais “vândalos”...
radicais de direita ou
esquerda? saqueadores?
ou jovens que já sofreram
muito na mão da polícia e
que queriam dar o troco?
jovens empoderados por
uma nova ocasião política
de se expressar e pertencer
a algum movimento
coletivo?*

* * *

VÁRIOS AUTORES

ANOTAÇÕES RELACIONADAS AO ANTI-HERÓI ANÔNIMO

Batman, Amarildo,
Claudia,
Cineasta, Raposa,
Estudantes,
Classe sem educação,
Gari, Sininho, Rafucko,
P2, Black Bloc, Black
Prof, Feminista, Bloco
do Nhoque, Multidão...

*

se vc for um pelego/
trate logo correr/black
profs são guerreirxs/
elxs vão surpreender/
magistério é assim msm/
bota o choque p correr...

Black Prof

*

COMLURB

♪ Acelera COMLURB
que eu quero vê.
Esse lixo vai fedeeeeeê!
A prefeitura não deu
aumento não.
Esse lixo vai ficar
todo no chão! ♪

Garis

*

Qual a diferença entre
o cabral e o eike,
um acha que é rei,
o outro acha que é sheik.

*

Diante das manifestações,
adote seu filho antes que
um professor de história
ou filosofia o adote.

*

Adriana Facina / Mc Galo Galo

Intelectual militante? Da onde? Sindicato? Não, não acredito nessa forma de luta. Partido? Tampouco, não faço o jogo da política institucional. Movimentos sociais? Eh... não exatamente. Ah, entendi, desenvolve projetos de extensão universitária, ações voltadas pra democratização da universidade em que trabalha? Não tenho tempo pra isso. Bom, então, dado seu notório saber, deve prestar consultorias para apoiar demandas de indígenas, quilombolas, sem terra, favelados, lgbt ou qualquer outro grupo marginalizado? Todos esses são grupos sequestrados em suas subjetividades pela lógica estatal. Bom, então onde diabos você milita? Por aqui pelo face/twitter mesmo. Ah, tá bom. Então te dedico a música abaixo, direto da lavra do MC Galo Galo:

Se liga aí neguinho
Rapadura é doce
mas não é mole

Se fui pobre não me lembro
Se fui rico me roubaram

Como dizia Bezerra da Silva
Malandro é malandro
E mané é mané

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da onde
Tu é malandro da onde

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da
onde, neguin

Tu é malandro da onde

Decida com o pé no chão
Em cima do muro
não pode ficar

Proibido não é o vacilo
Proibido é você vacilar
Água não se mistura
com óleo

Óleo não se mistura
com azeite

Já falei que malandro
é malandro

E band-aid é band-aid

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da onde
Tu é malandro da onde

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da
onde, neguin
Tu é malandro da onde
Tu é malandro da onde

Olha só

Nunca te vi na TV,
seu maluco

Nunca te vi no jornal
Nunca te vi na revista

E mesmo assim
se acha o tal

Você mente à vera
Se chamar pra batalha
tá passando mal

Mas só com morador
Esse otário mandado
perde a moral

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da onde
Tu é malandro da onde

Eu perguntei geral responde
Tu é malandro da
onde, neguin

Tu é malandro da onde
Tu é malandro da onde

* * *

ASSEMBLEIAS

*As assembleias populares na
luta pela liberdade no Rio de Janeiro*

Fernando Monteiro

FERNANDO MONTEIRO

AS ASSEMBLEIAS POPULARES NA LUTA PELA LIBERDADE NO RIO DE JANEIRO¹

Durante o ano de 2013, as lutas populares avançaram na cidade do Rio de Janeiro. Lutas que ganharam corpo no movimento contra o aumento das passagens e que geraram um debate mais amplo sobre o sistema de transportes coletivos do estado e dos municípios. Rapidamente, a tomada das ruas pelas multidões gerou uma variedade muito maior de pautas, incluindo o direito à moradia, o questionamento da estrutura representativa dos movimentos tradicionais — especialmente com a atuação ambígua do SEPE na luta dos profissionais da educação —, a invisibilidade das camadas marginalizadas e periféricas da sociedade, a opressão racial e de gênero, os altos gastos públicos com a Copa do Mundo FIFA etc. As mobilizações massivas abriram a caixa de pandora das mazelas sociais brasileiras. Os cariocas se olharam no espelho e não gostaram do que viram, muitos abandonaram as ruas sob diversos pretextos que iam desde a suposta violência dos Black Blocs ao risco de cooptação pela direita. Uns bradavam a ameaça de golpe fascista, outros se assustavam e retraíam-se diante do golpe fascista que já foi dado: a extrema violência policial sob os auspícios de governos. As justificativas para o esvaziamento das ruas foram tão heterogêneas quanto a multidão. Contudo, este esvaziamento não significou o fim das mobilizações, pelo contrário, elas se espalharam pelo o espaço geográfico da cidade e mantiveram uma frequência de Junho a Dezembro, sendo renovadas no começo do corrente ano.

¹ Texto publicado pelo 'Coletivo Das Lutas', daslutas.wordpress.com

A complexidade de conjuntura das ruas e dos diversos grupos, coletivos e indivíduos que constroem as manifestações e criam resistências através de discursos e ações supera qualquer breve contextualização. O que apresentamos aqui é um voo sobre a superfície do que é construído através de organismos políticos de deliberação. Num primeiro momento, as mobilizações mantiveram um caráter estudantil, seguindo as tradicionais formas de deliberação que os estudantes organizados utilizam historicamente nesta cidade. Contudo, a centralização das decisões produzida pelos métodos típicos dos partidos políticos e seus braços estudantis logo produziram dissidências nos fóruns. O que se tem hoje é um desejo profundo de horizontalidade na estrutura de deliberação e construção da luta, portanto, nada mais coerente do que se viu no Rio: a sequência entre esvaziamento de fóruns centralizados e proliferação de assembleias horizontais. Esse processo foi notado ainda em 2013 com o aparecimento de assembleias populares como a do Largo de São Francisco (desdobramento imediato do desapontamento com o Fórum de Lutas Contra o Aumento das Passagens), a Assembleia da Câmara (inicialmente ligada à ocupação da Câmara dos Vereadores, mas que mantém suas atividades mesmo após as desocupações da Câmara Municipal e da praça em frente) e assembleias

regionais ou de bairro como a do Méier, Tijuca, da Fronteira e Zona Oeste.

Além das assembleias nas ruas, foram experimentadas outras formas de organização e discussão através das redes sociais digitais, mas, o acesso desigual à internet ainda restringe o alcance e a eficácia dessas iniciativas. Por isso, as ruas e praças ainda são — e parecem estar longe de deixar de ser — os melhores espaços para construção dos processos de resistência popular, de relações anti e pós-capitalistas e para o debate do direito à cidade ou qualquer outra questão que clame por práticas plenamente democráticas, portanto, libertárias. Em outras palavras, construímos a cidade ao transformarmos sua ocupação em prática cotidiana.

É nas ruas e praças que alinhamos nossos desejos, construímos consensos e trabalhamos os dissensos, e este é o momento de avançar na expansão e construção de novas assembleias e no fortalecimento das que já foram construídas, promover o livre diálogo entre elas e criar as pautas da cidade através das contingências urgentes geradas pelas interseções geográficas, afinidades e aproximações metodológicas de cada organismo autônomo.

Através do fortalecimento dessas práticas podemos gerar uma estrutura eficaz para a continuidade e o fortalecimento das lutas vivas na cidade do Rio de Janeiro.

É o desejo de multiplicidade de métodos, táticas e espaços de deliberação se somando, mas não se restringindo aos fóruns universitários. Parece bem evidente que, a partir das assembleias regionais e de bairro, o povo pode exercitar a democracia e aliar o âmbito político ao econômico nas práticas que levarão as mudanças que desejamos. Acusarão de utopia a produção de uma estrutura política distribuída, livre e democrática para a gestão de nossa cidade. Desacreditarão que com essas práticas políticas possam surgir estruturas econômicas alternativas às vigentes.

Mas a efetivação da emancipação popular e da liberdade é possível!

O que se viu até hoje na história foram vanguardas “iluminadas” tentando conduzir revoluções e logo se convertendo nas mais conservadoras elites. O que se vê é a invisibilidade proposital e um cruel apagamento dos registros históricos das práticas de conselhos de trabalho, assembleias regionais e de bairros durante tais processos revolucionários. Precisamos de mais análises críticas para entender o papel desses organismos espontâneos e populares que se criam em momentos de efervescência política. Eles surgem da necessidade de ruptura com os métodos em vias de serem superados e com os espaços que já não mais correspondem às necessidades organizativas. Organismos quase sempre destruídos pelo centralismo das velhas instituições partidárias que almejam controlar as estruturas do Estado, ignorando (ou não) que não será através dos espaços institucionais capitalistas que se criará uma ordem social justa e liberta.

Este é um apelo para que todos nós, coletivos e indivíduos, organizações e mentes livres, depositemos mais de nossos esforços na construção dessas estruturas horizontais, para que possibilitemos os encontros entre os corpos que lutam.

Deles poderão surgir os métodos e estruturas adequadas para as necessidades de qualquer conjuntura. Encontraremos um ou mais caminhos através da prática e do exercício cotidiano da micropolítica pulverizada por todos os espaços possíveis.

Saudações Libertárias

* * *

BAGUNÇA (PERFORMANCE)

Matheus 4:19
Raphi Soifer

RAPHI SOIFER

MATHEUS 4:19

(recordações de um
bagulho-intervenção de Raphi Soifer
e Romário Alves.
Círio de Nazaré, Belém do Pará,
14 de outubro de 2012)



fui a belém pescar lixo no círio de nazaré. não sabia, quando eu parti, que ia dar nisso, mas a cidade, a procissão e a região amazônica em geral tendem a providenciar esses tipos de revelações espirituais repentinas.

tipo romário: todo mundo em belém é bicha, o que é ótimo, mas nem todo mundo é romário, o que é uma pena. romário alves, ou wellington romário só podia ser de belém, sua criatividade é suarenta e constante, como se fosse provocada por uma umidade bajubá ou algo assim. a gente se conheceu e logo resolveu sair no círio de anjos lixeiros. não lembro exatamente como chegamos a essa decisão, mas sei que foi quase imediata.

fui a belém fazer bagunça, como sempre faço em qualquer lugar. eu trouxe uma performance comigo para apresentar na sede do gempac, grupo de mulheres prostitutas do estado do pará — área central. mas foi censurada quando os vizinhos começaram a reclamar que eu não estava usando roupas. uma das prostitutas explicou que a zona não era mais como antigamente.

(estou demorando a aprender que bagunçar é o que eu mais tenho para contribuir. segundo os comerciais do omo, se sujar faz bem, e eu tendo a concordar. a vida é suja, e a memória é uma bagunça só, com cada vez mais cidades e imagens e pessoas e palavras jogadas uma sobre a outra no meio de uma poeira sentimental.

e qualquer performance, no fundo, deve ser entendida como uma tentativa de tirar toda a roupa. isso não implica que as performances bem-sucedidas necessariamente contariam com a nudez, mas o corpo transgressor guarda instintivamente a possibilidade de jogar fora tudo que tenta defini-lo).



fui a belém para brincar no lixo que o sagrado sempre produz, não apenas nos seus esforços de se distinguir do profano, mas em tudo o que é materialmente necessário para sua exaltação, mas que não merece veneração por si só. os copos descartáveis de que os milhões de peregrinos bebem ao longo do percurso do círio não contêm água benta, e viram um desperdício qualquer depois de jogados fora.

nosso recolhimento não era um serviço público, nem uma limpeza e muito menos uma revisão do que a cidade tinha acabado de jogar fora. era uma comemoração do lixo, de como esse passado recém-descartado produz as condições para as nossas promessas se dizerem bem realizadas. na nossa peneira (achada na rua alguns dias antes do círio) e na rede de pescar rasgada (doado por pescadores no mercado de açai), juntamos copos de plástico, figuras de cera, tênis e chinelos abandonados, velas, restos de comida.

chegamos atrasados, por volta das 8 da manhã, mas acompanhamos o círio do primeiro quarteirão da avenida presidente vargas até a basílica da nossa senhora de nazaré, uns 2 quilômetros e tanto depois. romário fumava cigarros durante todo o percurso, e eu usava um cordão de aço com um pingente de metralhadora. algumas pessoas até me perguntaram sobre a mini-arma (é como um crucifixo moderno, eu explicava), mas ninguém parecia se incomodar tanto com os anjos descalços e barbudos, vinte e tantos anos mais velhos que os demais anjinhos do círio. já disse que belém é uma cidade bem bicha, e isso implica saber lidar com a bagunça dos outros: cada um que cumpra as suas promessas da maneira que bem entenda, desde que não atrapalhe as promessas dos outros.

(5 meses depois, no carnaval do rio, meu pingente foi roubado por um policial militar na rua frei caneca, que apontou seu revólver para mim enquanto tirou a corrente do meu pescoço e arrancou o metralhador. depois, devolveu a corrente vazia, e eu desejei a ele um feliz carnaval).

no final, romário e eu tiramos nossos figurinos de anjo e os deixamos, junto com a peneira, a rede e todo o lixo do nosso círio pessoal atrás da basílica, do outro lado da cerca de um gerador, para ser tanto uma oferenda quanto uma lembrancinha.



* * *

BRASIL BRASIU BRAZIS

Brasil | brasIU | Brazis
Cristina Ribas

Quereias do Brasil
Maurício Tapajós e Aldir Blanc, 1978

CRISTINA RIBAS

BRASIL | BRASIU | BRAZIS

*Um Brasil? Não, não tem um só. À distância também são muitos. Há camadas de intensidade e de profundidade. Cada um tem um Brasil projetado, cartografia projetiva, e um Brasil radicalizado, conhecido, pé na terra. Tem gente que tem um Brasil urbano, do asfalto do metro a metro. Outros têm um Brasil de interior, de procurar cachoeira, curva e plano inclinado. Tem gente que tem Brasil pra fora, que vive fora dele e que o alimenta como se alimenta passarinho na gaiola. Tem gente que vive fora dele, porém dele nunca saiu. Quem vem de fora e quer chegar no **Brazil**, esse encontra outro também. Quem escreve **Brazil**, já diz a que vem. brasIU menor tem também.*

*Brasil | brasIU | **Brazis**. Significações em disputa. Um sonho moderno não consumado. Por ninguém. Como querer consumir um projeto moderno, quando na verdade não há consumação que chegue? Quando a consumação é equação, valendo mais como instrumento de mais valia, de incitar a máquina produtivista, de fazê-la espremer a estômagos vazios algo que se toma por Crescimento? ... Consumação de algo, que não se consoma, e Poder. Há um cansaço da repetição dessa diretiva. Há uma reclamação pela proliferação de sentidos desse Brasil. Não faz muito que novamente fomos tomados por uns afetos grandiosos e impossíveis de conter. Palavra Crescimento. O crescimento do Brasil seria imagem mais poética se não fosse dolorosa.*

Quem opera, incólume, os bits das máquinas desenvolvimentistas? E quantos bits. Quantas estatísticas por encima daqueles que recebem seja na perfuração do corpo a bala seja na destruição de seus modos de vida, camadas de concreto armado sobre suas terras? Afetos duros esses de fazer crescer e exportar a torto e a direito mais valia de nós: “Engenheiros, mais engenheiros!”, disse Dilma.



Todo mundo que menciona — Brasil — , agencia, todo mundo que habita, mais também. Aqueles que o fazem, desde dentro, do brasiu pequeno, desses jeitos de fazer dessa terra, tem segredos. Porque é assim que se faz Brasil | brasiu | Brazis. De maneiras diferentes. O brasiu pequeno escapa pelos discursos ostentatórios e promissores, como se não ouvisse, pela sua preguiça mixta de resistência, o que dizem essas vozes robustas, que anunciam desmedidos roubos, que arrasam desmedida gente. brasiu no toque das coisas daqui na palma da mão, e entre mãos e batatas de pernas e escápulas, suor e sono sonâmbulos no transporte público, e frita quente o pastel e queima e refresca pela concessão diária dos pequenos prazeres e das pequenas curas. brasiu mamão formosa cresce no fundo do quintal de quem tem casa ou cresce na rachadura do concreto daquela pirambeira no Alemão. brasiu código pequeno de

sabor gigantesco, bula de sobrevivência essa sua toda medicina. Camarão seco cruza o país, chega aqui perto, cozido bem cozido entrou no estômago com cheiro de jambu e tudo mais da alquimia do que eu não sabia. cheguei. brasiu inteiro. interno. como acordar as 5 da manhã. 

ver DES // DOBRAMENTO // S

Quando eu era criança cruzamos o país em um ônibus. Foram três ou quatro dias. Minha mãe nos levou para o Maranhão. Rio Grande do Sul-Maranhão. Vixe Maria. Mudança da paisagem, claro, nem posso relatar tudo. Buriticupu. Imperatriz. São Luis do Maranhão. Conheci Maria-do-socorro, a tia avó dos meus primos.

Eu olhava pra ela, que era dona de farmácia, ou enfermeira, não sei, e pensava “que nome! Que nome!” Que apropriado era, ainda mais pra mim na minha cabeça de criança. Ela tinha todos os jeitos do cuidar. 

ver INFRAESTRUTURA

brasiu das pequenas medicinas, das pequenas curas, dos sabores... num brasiu pequeno e íntimo, que vem pelo gesto de se aproximar, de saber e pela intimidade. Um brasiu hoje confrontado... Um brasiu com menos espaço pra ser antropofágico, e que vem sendo apressado...

Na escala nacional, qual seria nossa Maria-do-socorro? Como será que esse país-cuida-de-si? Parece que nas transições Brasil | brasiu | Brazis se precisa de várias Marias-do-socorro... a todo o tempo. Este vocábulo não é, contudo, mister nem em remédios, nem em análise política. É uma maneira de relatar uma percepção. Na memória do recente, no plano da política do estado, parece ser impossível não refletir o que se tem agora com o que se tinha antes, quando antes o plano do governo sustentava diferencialmente os fluxos do desejo dos movimentos e das singularidades. Na memória afetiva, é como se houvesse um

rompimento do humanismo escala um-para-um no Lula dos seus começos (dos seus pequenos remédios!), que desapareceu sob as estatísticas Dúlcias grandiloquentes, visto que meio que de repente nos interpela com sua VIOLÊNCIA FEMININA de presidenta, não que não soubéssemos de sua inclinação, traindo em parte, para muitos de nós, sua própria história militante...

No governo anterior a esse que já se despede (provável...) muitos se ocuparam temporariamente em sustentar uma tradução de projeto e de escala, com capacidade, com manobra política. Quanto esforço, quanta inviabilidade. Parecia que havia uma certa pedagogia, ou o experimento de potencialidades que dependiam evidentemente de uma contaminação mais fresca entre práticas dos movimentos sociais, seus representantes e os conselhos criados na busca de aplicar metodologias territoriais, porventura radicais, sobre os mecanismos cansados da máquina estatal. O que poderia ser renovado nas linhas da produção, reprodução e mobilização social num projeto talvez inaugural de abertura democrática? Mas algo disso se perdeu, aos poucos, e bastante, e quase tudo.

Ouvi de Célio Turino uma vez que o estado que ele pensava e praticava era um “estado educador”, quando ele ainda estava no Cultura Viva. (E hoje ele faz crowdfunding para publicar seu livro sobre Pontos de Cultura?) O estado educador foi portanto sendo enxugado e desmelhorando numa versão mais efetivista, retirando gente mais do que incluindo nos programas de fomento à cultura pela remodelação ou orientação à economia criativa. Nos últimos anos vivemos, portanto, uma disputa mais dura de usos e significações da terra Brasil-Brazis, colocado entre o superavit da economia (mais precisamente das

empresas privadas), e a criação de programas de distribuição de renda, ou o aumento de serviços e assistência por parte do governo federal que são determinantes no crescimento do país a partir da mobilização da economia de bens de consumo, do aumento do poder de compra, do Bolsa família, de dignidade, de casa própria, de acesso a estudo, bolsas de estudo, etc. “Estatisticamente, isso se traduziu na mobilidade ascendente dos níveis de rendimento de mais de 50 milhões de brasileiros e pela entrada de novas gerações nas escolas técnicas e universidades.” (Cocco, 2013) A disputa entre dimensões de tamanha distância não é só por valores, mas é por posses, pela manutenção das classes sociais estratificadas por parte daqueles abastados, ou pela subida ou atravessamento delas, como têm desejado alguns fluxos do governo... Por tudo isso somos BRICs lá fora, de forma glamurosa mas, e aqui dentro? Ao passo que há uma inclusão na economia (a retirada da extrema pobreza) há ao mesmo tempo um crescer em bloco, ou seja, aquele abastado também está crescendo numa equação que afeta por demais o brasiu menor. É perceptível então que afeto/efeito desenvolvimentista se mantém por meio de um tônus que faz adoecer gente e mais gente de afetos moles, afetos frágeis. Pobres da periferia, corpos índios em suas casas,

camponeses nas suas nesgas¹, modos de vida, nas suas matas. Nessa cena confusa entre a floresta e a barragem, o grande verde-amarelo que é vendido é um **Brazil** colonizado por si mesmo, pequeno império regional.

*Brasis. Tanta gente, tanta gente. Se mistura e se multiplica com capacidade de proliferação incontrolável. A escrita antropofágica de Giuseppe Cocco em “Mundobraz: o devir Brasil do mundo e o devir mundo do Brasil”² marca uma nova maneira de pensar o Brasil | brasiu | **Brazis**. Brasil arrebatante, intensivo, recuperado nas suas forças antropológicas e, claro, antropofágicas. É a partir de uma ética da potência dos pobres, de linhagem negro-negrina (de Antonio Negri) que ele vai traçar a análise desses **Brazis** que sacodem a relação significação/valoração no modo produtivo do capitalismo contemporâneo e colocam a criação como valor. A proliferação de modos de vida nesses *Brasis* seria não um arquipélago de multiculturalismos como se pensa nos discursos da globalização, mas uma hibridação, miscigenações, ou seja, mundialismos. Capacidade de criação do mundo, seguindo o pensamento de Jean Luc Nancy.*

1 Agricultura familiar e de pequenos produtores corresponde à cerca de 70% da produção de alimentos no Brasil. (dados do Ipea)

2 Giuseppe Cocco (2009) *MundoBraz: o devir Brasil do mundo e o devir mundo do Brasil*. Rio de Janeiro: Record

Na perspectiva do trabalho, isso significa uma capacidade inventiva das formas de trabalhar, nas variações da cooperação social e da produção de renda. O Brasil é para Cocco um híbrido complexo.

E na luta política a radicalização da democracia é o grande desafio donde surge uma construção imanente, a sociedade como constituinte, como processo.

Um nervosssssso.¹

*O Brasil-**Brazis** desenvolvimentista por sua vez, na minha parca percepção, convoca a entrar numa linha de produção que é mais ainda da ordem de uma auto-exploração (assim como do território), que cobra uma espécie de fidelidade, o comprometimento com aquele Crescimento. O que não parece estar em discussão, contudo é o modelo de desenvolvimento, um modelo que nos leva para a mesma falência ambiental e social que já vimos em tantos outros países desenvolvidos. O Brasil-**Brazis** é formado, evidentemente, por todas as variações possíveis de forma de produtividade e lucro, o que lhe dá essa característica plural e complexa. E a precariedade que marca o trabalho na contemporaneidade não é uma característica apenas do Brasil-**Brazis***

1 Nervosssssso, um tipo de nervoso que bate no osso, coisa constitutiva... definido por mim segundo expressão de Margit Leisner nos encontros do Vocabulário Político no Rio.

ou dos países menos desenvolvidos. O ideal do emprego não seria, portanto, salvaguardar de um perigo, visto que a precarização se acentua mais ainda com o novo modelo de acumulação. O novo modelo, o capitalismo financeiro (ou financeirista), desloca o lucro da produtividade de bens propriamente ditos e acontece por meio do aumento da circulação, seja de informação, seja de saberes, de funções. Ou seja, há mais lucro quanto mais há de circulação da informação, e do valor que um produto agencia, por exemplo — imagem da publicidade ela mesma no mundo digital. Jean Baudrillard chama isso de “fim da referencialidade”. Franco (Bifo) Berardi² fala em uma “autonomização do dinheiro”, que passa a circular por si, separado também da força-trabalho do trabalhador. O fim da referencialidade é também a des-papelização do dinheiro, que se soma à essa des-fisicalização do dinheiro relacionado tanto à força-trabalho como ao produto ele mesmo. Encurtando uma boa parte da história, o “crescimento econômico” hoje em dia é baseado também em estatísticas de aumento de poder de compra, ou capacidade de aquisição de crédito (dinheiro des-papelizado), e portanto, de endividamento. Não é à toa que para Maurizio Lazzarato na atualida-

2 Berardi, Franco (Bifo) (2012). *The Uprising: On Poetry and Finance*

de o homem e a mulher se tornam sujeitos “endividados”, ou seja, por mais que o lucro na dimensão mais abstrata do capital esteja desrefencializado,[☞] a dívida sempre será paga na medida do trabalho do corpo.

ver COMPLEXIDADE

*A chamada que faz o Estado, para uma pactuação com o aumento da auto-exploração de cada um de nós sem uma radicalização da democracia, desenha um mapa total do território que passa por cima das diferenças que são constitutivas dos povos brasileiro. O enunciado do Crescimento do Poder do Estado tenta convocar uma simbiose, e de alguma maneira induzir, à força, pela força da repressão. E não só aqui, o território Brasil-**Brazil**, na promessa do Crescimento que pode levar junto de si outros países latinos ou países do Sul mundial, se estende para Bolívia, Venezuela, Cuba, Argentina. Engole a África, velha mãe, e lhe provê recursos, tecnologia, mão de obra — caminhos de mão dupla da criação e da inclusão em uma economia.*

*Esse **Brazil** que reproduz dentro de suas tramas colonialismos cujas linhas de poder nunca sumiram, que os convoca desde a esquerda como a direita, de repente recebe um levante.[☞] Susto nos discursos do poder, susto nos discursos arraigados de que há um povo pacífico, que tudo assimila e que a tudo se adapta, que tudo digere — e até mesmo seus 5,2 litros individuais de agrotóxico por ano. 2013 um ano que marca um rompimento. O rompimento que diz um basta, que escancara a rebelião da periferia e que reclama no asfalto seus corpos sumidos na favela. Cadê o Amarildo?[☞] Enquanto insurge um poder de ruas e de redes, os colonialismos, variando-se e confundindo-se em fascismos, militarismos e diabo a quatro se afirmam com mais força, instituindo um momento em que a violência passa a escancarrar que esse é o último recurso do Poder. Repressão.*

ver MANIFESTAÇÕES

ver ANTI-HERÓI ANÔNIMO

Brasil-Brazis em conflito, não um Brasil homogêneo, ele mesmo contra o Estado. Mas uma multiplicação, uma multifacetação da potência-criação-vida (potência concisa da vida cotidiana, assim pode ser tomada, como na palavra biopolítica), insurgindo e diferindo, debatendo suas significações, enfrentando de frente e de baixo as linhas visíveis e invisíveis de Crescimento, Poder e Repressão.

((Pinheirinho, ninguém nunca viu. Saíram de foices, facões, capacetes, e barricada inventada, galão de óleo. Fogo. Potência rizomática pura, transversal, integração doutra ordem.))

((Rafael Braga Vieira condenado a 4 anos e 8 meses de prisão, sem crime qualquer, derivava pela rua, passou pela manifestação de 20 de Junho de 2013, 'portava' uma garrafa de pinho-sol, trabalhava com limpeza, quando foi preso.))

*Nos últimos anos o Brasil-Brazis se transforma paulatinamente em um grande balcão de negócios, tornando-se uma espécie de teatro mambembe de mega eventos, Copa do Mundo, Olimpíadas e grandes outras vendas e espetáculos que deixam mais explícita a incongruência social da diretiva economicista. **Brazil**. Negócios de brasileiros com brasileiros, negócios de brasileiros com estrangeiros, negócios de estrangeiros com estrangeiros. O que significa então ser brasileiro por direito diante de uma semiotização*

*máxima como tal, diante de um tipo de engajamento generalizante, macropolítico do tipo que o Crescimento e os megaeventos formalizam? Sendo o Brasil ele mesmo uma coisa ^{TRANS,} #sótembichanessacidade!, transnacional, e não dizente apenas dos processos internos do Brasil-no-meu-quintal, a que servem os discursos de Brasil? De uma Brazilianização? De brazilianismos? De a certain braziliannnessss? De Brasis? Esse é um tema que Cocco trata com profundidade em parte de *Mundo-braz*, livro cuja extensão e complexidade trago apenas drops. Cocco recorta esse trecho de Paulo Arantes em "A fratura brasileira do mundo. Visões do laboratório brasileiro de mundialização" (2001):*

"Ocorre que a tal 'brasilianização' do mundo (...) indica justamente a contaminação da polarização civilizada em andamento do núcleo orgânico do sistema pelo comportamento selvagem dos novos bárbaros das suas periferias internas, que se alastram propagando a incivilidade dos subdesenvolvidos, de sorte que a grande fratura passa a ser vista também como a que separa os que são capazes e os que não são capazes de policiar suas próprias pulsões. (...)"

*O **Brazil** portanto não é só aqui, expresso no território geográfico mensurável. O **Brazil** se faz lá fora, também nos foras desse território. Desejo olhar, contudo, mais para esse*

*brasiu menor, insurgente, esse da ordem dos bandos e dos bárbaros, que encanta pela capacidade de quebrar as representações totalizantes de um Brasil-estado, de sucumbir àquela semiotização máxima — **Brazil**=potência. São partes dele que se movem e desafiam as determinações da polarização, e bem por isso não é à toa que o que caracteriza essa brasilianização é a proliferação de modos produtivos, embrenhados de invenção, jeitinho, gambiarrice... sobrevivência.* 

ver HIDROSOLIDARIEDADE

ver ETNOEMPODERAMENTO

*O Brasil-**Brazil** como coisa vendável é uma malha flexível, serve a tantos usos quantos modos de vida habitam esse território. Por isso o Brasil nas suas variações enfrenta um conflito de representações, visto que aquilo que define esse território são os modos de vida e seus movimentos desgarrados, suas insurgências contra o poder repressivo, inflexões Brazis-brasiu. O brasiu de corpos vem sendo maltratado nas segregações do poder, julgado e excluído da sociedade de direitos, criminalizado tanto pela esquerda no poder e como pela direita no poder, pela criação de proibições, pelo achatamento da potência criativa que surge nos protestos. O brasiu cabe dentro do **Brazil**¹, mas esse maior não cabe dentro do menor. Nos códigos de desenvolvimento financeirista, naquilo que tem direcionado a economia, se desvela que as linhas de sub // desenvolvimento não é que sejam incapazes de serem semiotizadas no progresso, no crescimento, na competitividade, ... o **Brazil** mesmo é que não quer aceitar tanta diferença e portanto opera expulsando a rodo gente de centros urbanos, por exemplo, enquanto que políticas urbanas de planejamento mais cuidadosas poderiam ser implementadas; e o que falar da dizimação de muitos e muitos grupos de índios, expulsos de suas terras, ... Sobra um brasiu*

1 Querelas do Brasil, Maurício Tapajós e Aldir Blanc

menor onde só há resistência, um brasuiu de pobreza que são o oposto daquela pobreza descrita logo nacional: “País rico é um país sem pobreza”.

O brasuiu das diferenças, das aldeias de índios urbanos que segundo alguns não parecem índios, ou que se tornaram índios, ou de rolezinhos de jovens negros de periferia nos shopping centers só acirra mais a crise da representação do Brasil, que é também a crise da representação da política, dos modelos da política. Na entrevista “Mobilização reflete nova composição técnica do trabalho imaterial nas metrópoles”,¹ Giuseppe Cocco analisa o ciclo de manifestações no Brasil a partir de junho de 2013 como sendo em parte uma consequência positiva dos 10 anos de governo do Partido dos Trabalhadores. Segundo ele, isso não aconteceu porque o governo tenha sido de “esquerda” ou socialista, mas porque “tenha se deixado atravessar — sem querer — por uma série de linhas de mudança: políticas de acesso, cotas de cor, políticas sociais, criação de empregos, valorização do salário mínimo, expansão do crédito.” Na CONSPIRAÇÃO de que algo pudesse estar sendo implementado pelo privilégio de estar no poder (o socialismo?), Cocco avalia que o que o poder pode fazer,

contudo é “apenas ter a sensibilidade de apreender as dinâmicas reais que, na sociedade, poderão amplificar-se e produzir algo novo.” Contudo essa não parece ter sido a sensibilidade expressa pelo governo Dilma nos últimos meses, visto que, por exemplo, o modelo repressor das manifestações públicas primeiramente adotado para a Copa das Confederações em 2013 se estendeu não apenas evidentemente para o megaevento Copa do Mundo (sendo parte dela a Lei Geral da Copa) mas também para as favelas elas mesmas, como no caso da MARÉ,² no Rio de Janeiro, onde se acopla com o curso de ‘pacificações’ ordenado pelo Governo do Estado. Ou seja, o megaevento é igualmente um aparelhamento militar do país, ele sela a compra e a implementação de políticas de ‘segurança pública’ que atuam, ao contrário, na repressão das periferias.

O posicionamento do governo diante das manifestações, a criminalização dos movimentos organizados, a prisão preventiva por “crimes que poderiam ser cometidos”, o julgamento de inocentes que portavam ‘artefatos’, assim como o extermínio incessante de jovens negros de periferia, crianças e velhos, reforça uma política de controle social que vem instaurando sensações e dúvidas sobre que tipo de poder, na verdade, ocupa o Planalto Central. As conspirações de que estamos ou continuamos em um regime de ditadura foi

¹ Entrevista Giuseppe Cocco “Mobilização reflete nova composição técnica do trabalho imaterial das metrópoles”, 25/06/2013, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos [bit.ly/1njo9Nw]

uma constante na passagem 2013–2014, ao passo que muitos movimentos de favela e contra o extermínio de jovens negros nunca deixou de assinalar “a ditadura (na favela) nunca acabou.” Essa espécie de zum zum zum e medo fez proliferar uma série de textos, dentre eles o que destaco de Bruno Cava, “A ditadura perdeu pero no mucho”², em que ele analisa como a ditadura na atualidade está constrangida, acuada, pela mobilização social.

“Não é que, com a redemocratização pós-1985, vivamos uma aparência de democracia encobrindo a perseverança da ditadura. Mas, sim, que continuamos a viver a própria ditadura, agora entranhada na democracia representativa, uma ditadura molecularizada, convertida em princípio interno de reprodução das relações sociais desiguais, nos mais diferentes níveis (renda, origem, racial, gênero, sexualidade), por dentro da democracia representativa.”

Cava afirma — junto com os movimentos — que “é preciso derrotar a ditadura sempre.” Mas esse derrotar a ditadura dos movimentos não é a mesma perpetração da “paz” da maneira como ela tem sido impressa pelo estado, no Rio de Janeiro no caso das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), chamada pelos movimentos de

Unidade de Porrada em Pobre. Dilma convidou os presentes em um discurso no começo de 2014 no Fórum de Davos na Suíça para a “Copa das Copas”, que seria para ela um momento de afirmar a paz, o papel principal do futebol... Mas bem, se a paz era o que se via dentro dos estádios — frequentado por uma maioria branca e abastada —, não era o que se via fora deles...

Há quem diga agora que a Copa de fato não aconteceu — ainda mais pela literal derrota da seleção do Brasil 0 x 7 Alemanha. Já gritavam os movimentos antes dela #naovaitercopa! Seria essa derrota um feito de CONSPIRAÇÃO? Ou de corrupção? Ou uma grande mandinga dos movimentos sociais para quebrar o encanto de uma simbiose Estado desenvolvimentista=seleção, marcando uma perda histórica que destitui a força do Brasil-Brazis, e nos devolve os cuidados do brasii menor?

Verdade é que sabemos bem quando as ruas reiventam gritos que estão exaltando mais e mais as linhas ativas dos estados vitais, das transformações sensíveis e da política como criação ela mesma. Nas passagens Brasil | brasiiu | Brazis abrimos nossos mapas de análise de relações de força e de poder, tornando-nos mais atentos aos cheiros das ervas, e das ervas daninhas.

No brasii menor acho que somos todos Marias-do-socorro.

² Bruno Cava. “A ditadura perdeu pero no mucho”,

Publicado em Quadrado dos Loucos, 08/04/2014
bit.ly/1vG0f2x

* * *

MAURÍCIOTAPAJÓS
E ALDIR BLANC

QUERELAS DO BRASIL

*O Brazil não conhece o Brasil
O Brazil nunca foi ao Brasil
Tapir, jabuti, liana, alamandra, alialaúde
Piau, ururau, aqui, ataúde
Piá, carioca, porecramecrã
Jobim akarore Jobim-açu
Oh, oh, oh
Pererê, câmara, tororó, olererê
Piriri, ratatá, karatê, olará
O Brazil não merece o Brasil
O Brazil ta matando o Brasil
Jereba, saci, caandrades
Cunhãs, ariranha, aranha
Sertões, Guimarães, bachianas, águas
E Marionaíma, ariraribóia,
Na aura das mãos do Jobim-açu
Oh, oh, oh
Jererê, sarará, cururu, olerê
Blabláblá, bafafá, sururu, olará
Do Brasil, SoS ao Brasil
Do Brasil, SoS ao Brasil
Do Brasil, SoS ao Brasil
Tinhorão, urutu, sucuri
O Jobim, sabiá, bem-te-vi
Cabuçu, Cordovil, Cachambi, olerê
Madureira, Olaria e Bangu, Olará
Cascadura, Água Santa, Acari, Olerê
Ipanema e Nova Iguaçu, Olará
Do Brasil, SoS ao Brasil
Do Brasil, SoS ao Brasil*

* * *

CARTA DE NÃO PARTICIPAÇÃO

Carta de não participação imersiva aqui por uma tentativa de preferir não lá

Beatriz Lemos

Tem artista na Maré?

BEATRIZ LEMOS

CARTA DE NÃO PARTICIPAÇÃO IMERSIVA AQUI POR UMA TENTATIVA DE PREFERIR NÃO LÁ

Na semana de encontro do projeto Vocabulário Político para Processos Estéticos fui convidada para realizar uma fala na Casa Daros. A Casa Daros é uma instituição sediada no Rio de Janeiro desde 2007, pertencente à Coleção Daros Latinamerica, com sede na Suíça, que por sua vez pertence à Fundação Daros¹. A Coleção da Fundação Daros é uma coleção voltada para arte contemporânea na América Latina e que no Rio de Janeiro vem atuando com o foco em programas de arte e educação, seminários e exposições a partir da própria coleção. Apesar do vínculo genealógico da Casa com sua Fundação-mãe, parece que há intenção de omitir este dado, sendo a instituição sediada no Brasil, sempre correspondida apenas à Coleção Daros Latinamerica.

O convite feito pela Casa Daros para que eu participasse de uma conversa tratava-se de uma apresentação sobre a revista Elástica, publicação que edito ao lado dos artistas Thais Medeiros e Rafael Adorján, na ocasião do Seminário Arte em circuito: publicações de arte no Brasil, coordenado pela artista e teórica Katia Maciel. Elástica surgiu em 2010 e se encontra na terceira edição. Sua linha editorial busca o alargamento — elasticidade — dos interesses do meio de artes visuais e propõe diálogos entre diversas áreas a partir de colaborações de artistas e teóricos.

¹ <http://www.casadaros.net>

É publicada pela editora Multifoco, porém a parceria se restringe a acordo apenas na impressão, sendo a editoração, projeto gráfico e produção por vias independentes e não remuneradas.

O encontro Arte em circuitos foi inédito no Brasil até então, logrando o atravessamento de iniciativas editoriais independentes, institucionais, comerciais e de artistas, contemplando um panorama nacional histórico e atual. A convergência de datas entre essa fala e o projeto do Vocabulário (acontecendo naquela semana no Capacete) que inicialmente não se apresentava como dificuldade dado à flexibilidade presencial que tais compromissos exigiam, foi crucial para o aprofundamento de questões que vinham me atravessando, mas subtraiu meu foco e presença do processo imersivo pedido pelo Vocabulário.

Até aquele momento, véspera de minha fala na Casa Daros, eu nada sabia (assim como, acredito que muitos latino-americanos não tenham conhecimento) do envolvimento da Fundação Daros — mais precisamente de seu presidente, o magnata suíço Stephan Schmidheiny —, em grandes desastres ambientais pelo mundo e da origem de sua fortuna familiar fundada em anos de extração e produção de amianto em cerca de 40 países em 4 continentes. Não somente desastres ambientais, como mortes e danos irreversíveis à saúde de milhares de pessoas, desenca-

dearam processos em instâncias internacionais, como o “Juicio de Turin”, mas que devido a lógica financeira de mundo (que privilegia o lucro e não o respeito à vida), são silenciados ou abafados pela grande mídia, principalmente em contextos latino-americanos, onde, não por acaso, a Fundação Daros dedica sua pesquisa educacional. Para completar a rede sistêmica de sarcasmos do capital a mesma família ergue em 1994 a Avina, conhecida fundação de fomento às iniciativas para o meio ambiente, cujo principal objetivo é contribuir para promoção do desenvolvimento sustentável na América Latina.¹

O seminário de publicações não pretendia nem endereçava trabalhar a trama do império do amianto diretamente, porém, não pude deixar de atentar para os limítrofes pessoais em nossa atuação — seja artista ou curador — e as ligações relacionais que estabelecemos a cada trabalho.

O QUE É INEGOCIÁVEL PARA VOCÊ?

O amianto foi um mineral condenado por seu grau de periculosidade já no final do século 19, sendo esse dado omitido em quase todo século posterior. Segundo pesquisas econômicas é

¹ Algumas referências em periódicos virtuais:
— Tribunal condena barão do amianto a 18 anos de prisão: “Um hino à vida” [Viomundo, bit.ly/1pCRKUp]
— El juicio de Turin contra los magnates del asbesto [Revista El Observador, bit.ly/1t7Y0og]

visto como símbolo da modernidade industrial, pois projetou a atual divisão global do trabalho, se tornando um precursor do capitalismo sem fronteiras (ver texto de Guillermo Villamizar: Daros Latinoamericana: memórias de un legado peligroso).² Vínculos econômicos questionáveis parecem ser o ponto frágil de muitas instituições de arte e cultura em todo mundo. No Brasil grandes instituições como Inhotim, Itaú Cultural, Museu da Vale e MAR – Museu de Arte do Rio, para citar como exemplos de repercussão, são alvos de críticas e, em alguns casos, de ações ativistas de boicote ou denúncia.

Quando *Bartleby*, o personagem escrivão do conto do escritor Herman Melville, apenas “prefere não” (dando indício ao fazer determinada função), em 1853, acredito que sintetiza muito do que consiste a dinâmica de trabalho e relações com que lidamos hoje na arte.³ O “preferiria não” como resposta às encruzilhadas políticas propostas corriqueiramente por nosso meio profissional me veio, não por acaso,

através de interlocuções com colegas como Pedro França, Graziela Kunsch e Kamilla Nunes, sincronamente, semanas antes do episódio em relato, e com Yuri firmeza, no momento de escrita desta carta. Em seu texto original, *Bartleby* não menciona o verbo (preferiria não fazer), o que indetermina o que ele rechaça. A potência de sua sentença enquanto função-limite se dá, de acordo com Deleuze, no aniquilamento do referencial na linguagem — com o outro, com algo —, desestabilizando, assim, os parâmetros do interlocutor. Ou seja, a força do personagem, é a força da atitude do tolo, que quebra códigos de padrão, mas sem quaisquer esclarecimentos, apenas tem a decisão de não participar de negociações dessa natureza.

Contudo, tal posicionamento de ausência se difere de uma negativa-afirmativa como por exemplo, no trabalho de Graziela Kunsch “Sem título (prefiro não fazer)”, em ocasião da exposição *Caos e Efeito*, no Itaú Cultural, São Paulo, com curadoria de Fernando Cocchiarale e Pedro França (2011). A artista recorre à sentença de Melville, expondo-a como sua obra, em um nítido movimento que indica sua insatisfação de estar presente. Neste caso, o “preferiria não”, encontra sua reportagem de ação (o fazer e, neste caso, o estar presente), facilitando ao público identificar o endereçamento da crítica sem precisar ter conhecimento do histórico do trabalho. Assim, mesmo tendo a ação sido suscitada pelo não pagamento dos

2 Villamizar, Guillermo. Daros Latinoamericana: memórias de un legado peligroso. [Esferapublica.org, 3/12/2012, miud.in/1FJ3]

3 Melville, Herman. *Bartleby, o Escrivão*. Novela do escritor norte-americano Melville (1819–1891). A história apareceu pela primeira vez, anonimamente, na revista americana Putnam's Magazine, dividida em duas partes. A primeira parte foi publicada em Novembro de 1853, e concluída na publicação em Dezembro do mesmo ano. A novela foi relançada no livro *The Piazza Tales* em 1856 com pequenas alterações. (Wikipedia)

artistas participantes, sendo a exposição a pretensão de uma vasta “catalogação” da jovem produção contemporânea nacional, o sutil gesto de Kunsch se alarga e faz incidir sua crítica seja à instituição, à curadoria, ou às estruturas de poder, legitimação e remuneração empregadas na arte.

Em tempos onde a radicalidade pode cair em contradição, pois o sistema do capital se retroalimenta de todas as instâncias da vida (os modos de ser, as escolhas profissionais, a alimentação, o vestuário, a moradia, os meios de transportes, a educação, a saúde a política, etc), o NÃO e o SIM trocam de lado a cada novo trabalho/convite e (parece que) tudo pode ser relativizado. A verdade está mais no olhar do que naquilo que é olhado. Preferir é escolher. Mas não estamos acostumados a fazer passar a escolha necessariamente por negação. Entender que os vínculos do dinheiro que financia a arte em todo mundo são comprometidos diretamente com a perpetuação das desigualdades sociais faz de questionamentos sobre limites individuais e coletivos mantras de sobrevivência para os que ainda se incomodam. Ou seja, o SIM nunca deve ser absoluto e o NÃO sempre atento à coerência.

Em convergência, eu já vinha refletindo sobre meu real desejo de um modelo de revista, o qual não se aproxima da ideia escrita de periódico de arte que dê

conta das ansiedades do meio, tanto de conteúdo quanto de permanência. Ou seja, a Elástica participar em um “evento institucional de arte” não me parecia algo congruente. Afinal — como já tínhamos perguntado na primeira edição da nossa revista — para que mais uma revista de arte?)

Deste modo, tendo como contexto e argumento os três temas levantados pela revista ao longo de história de suas edições (1. Pra que mais uma revista de arte?, 2. Sustentabilidade, 3. Invisível) propus para o corpo editorial da Elástica uma ação de “invisibilidade” através da leitura de uma carta que entrelaçava a indagação de porque existir enquanto revista, as escolhas de mundo que se pode fazer e o invisível como a decisão de não estar presente. Essa opção se daria eticamente, óbvio, por divergências políticas que ultrapassavam o fato do seminário.

Este encadeamento de fatos se deu em menos de dois dias antes da fala na Daros e durante os primeiros dias do Vocabulário. Para mim, tempo suficiente para tomada de posicionamento e decisão de invisibilidade. Para meus companheiros de revista, era um tempo curto para amadurecimento de ideias. Ou seja, a “ausência” como ação não aconteceu devido à incompatibilidade de opinião entre os editores.

Reproduzido aqui, por isso, trechos da carta-invisível que não se fez visível então:

“A pergunta lançada na primeira edição da Revista Elástica retorna gerando outras dúvidas de posicionamento: Como não ter uma visibilidade óbvia (ou regular) no meio? Como tornar visível, para além da presença da revista, questões discutidas através dela? O quanto de elasticidade pode haver na ideia de revista? E por fim, como tornar o invisível a presença de uma questão?”

Ser uma revista independente nos dá total liberdade de uma constante auto avaliação e reformulação de projeto, o que está intrinsecamente envolvido com nossos princípios e limites. Neste momento, estar com vocês desta forma, compreende o desejo de uma revista como algo que reverbere para além do formato publicação, que atravesse o pensamento em arte, tendo responsabilidade nas escolhas. E assim, acreditamos estar de total acordo com o que projetamos como conceito propulsor para Elástica.

O devir invisível não significa não existência ou a deficiência de visão. Seu prefixo IN já indica a existência de uma visão de dentro. Ou seja, ao deparar-se com as invisibilidades o meio é modificado — ou no mínimo friccionado.

A visibilidade das coisas nos dá o parâmetro do que é real ou não. Contudo, se propomos a invisibilidade presencial como resposta ao convite para este seminário é porque acreditamos que o invisível se torna visível quando é nominado.”

Assim, estive presente em persona, preferindo antes não. Ciente que a autonomia do coletivo não é individualizada, a carta foi lida e contextualizada tendo como apoio os meus interesses na edição de uma revista de arte:

“Esta carta foi escrita pensando na possibilidade de não estar presente fisicamente em um contexto como este, institucional, privado, legitimador, pois nossa maior premissa é como elevar ao máximo a ideia de elástico, pensar em proposições enquanto revista não sendo o que se entende a priori como revista. Este lugar estranho é onde almejamos chegar. Contudo, nos damos conta, todo momento, que trilhar um caminho não usual nem sempre é fácil, prático ou rápido. Pensamos sim em realizar uma ação de invisibilidade que suscitasse questionamento para o que está visível, retornando a pergunta: para que mais uma revista de arte? Esta não era somente uma pergunta existencial. Queríamos com ela repensar nossas próprias necessidades, enquanto editores, de atravessamentos e discurso no campo da arte.

O que é descrito aqui vem de encontro ao lugar onde gostaríamos de chegar, quase como uma utopia editorial de extrapolar a própria ideia de independência como revista. Sabemos o que queremos como proposta, porém reconhecemos a dificuldade de alinhar desejo e prática, por uma série de negociações, imprevistos ou impedimentos internos ou externos.

Como o próprio o nome diz — *Elástica* — surgiu da vontade de elasticidade do termo arte. Queríamos um lugar onde pudéssemos reunir além da crítica, textos mais livres, também informativos, resenhas, poemas, pensamentos soltos ao lado de trabalhos de artistas, proposições, roteiros ou receitas. Que reunisse a instituição, a galeria, a academia, a rua e a fazenda. Enfim, uma curadoria, em seu sentido de rede de associações, como publicação (...)"

Esta carta tenta reunir dois assuntos:

1. Prefiro não fazer

2. Por que editar uma revista de arte?

*Assim, me pareceu coerente que pudéssemos “esticar” a *Elástica* para estar aqui (Vocabulário) / lá (Casa Daros) invisíveis, estar num devir além-do-não de *Bartleby*, que não somente sinaliza, mas se responsabiliza por um desacordo com o modo de funcionamento econômico da Fundação Daros, considerando seu envolvimento com a produção de amianto que reconhecemos como anti-ética.*

Pela série de compromissos que eu já cumpriria naquela semana, pela realização/participação no seminário na Casa Daros e pela semana de imersão do Vocabulário percebo que fiquei um tanto “entre os espaços”, o que não necessariamente configurou uma ausência no Vocabulário, contudo me trouxeram uma sensação de “não imersão”. Foram essas as relações e confrontações que configuraram minha semana durante aquele período de oficina interna proposta pelo Vocabulário, me parecendo pertinente trazê-las para cá.

* * *

TEM ARTISTA NA MARÉ?¹

(v1) *Na Maré acaba que depois de um certo tempo, você mesmo não morando na Maré acaba sendo da Maré. A Maré depois que você começa acessar umas coisas parece que ela te toma, né!?*

Tem uma situação interessante, vou citar uma coisa que acho que tem a ver. Foi criado um projeto na Maré que tem essa ideia de criar trânsito, criar troca, aprendizagem...

Chegaram os curadores e apresentaram o projeto da exposição: todos os artistas já estão aqui, os nomes e tal. Então perguntei: quantos são da Maré? Nenhum, mas não tem ninguém da Maré? Eu era sempre o chato né, não tem nenhum da Maré? Não não tem nenhum da Maré. Mas porque que não tem nenhum da Maré? Parece que ouviram falar que na Maré não tem artista. “Na Maré não tem artista?”

Na Maré existe o Imagens do Povo², que é um projeto de fotografia do Observatório de Favelas³, uma agência de formação. As pessoas trabalham por ali já que muitos se mantêm de trabalhar com fotografia através dessa agência, e este é um espaço onde as pessoas também buscam fazer arte, né, cada um na sua forma.

Enfim, com essa a gente bateu na tecla. “Tem que ter, tem que ter, tem que ter (um artista da Maré).” E emperraram dizendo que tinha uma verba limitada, que não sei que, não sei qual. Com a insistência abriram espaço para um “artista convidado”. “Artistas convidados” éramos nós que morávamos lá? Falei “Porra, vou escrever alguma coisa pra ser um convidado aonde eu moro?” E, aí foi legal, foi interessante né. Eu escrevi com a ajuda de alguns amigos.

A minha ideia era fazer fotos de pessoas que moravam lá e que eram significativas praquele local. Que eram “vultos locais”, pessoas que eram conhecidas de alguma forma e botar essas pessoas na rua, a imagem delas na rua. A minha ideia era essa, que era pra mim o fato que eu estava comunicando com quem me interessava, que eram os que tavam ali que moravam ali. Ou seja eu achava que eu tinha de fazer aquela coisa ali falar com as pessoas dali também.

A exposição teve algumas ações. Tinha umas lonas eu não lembro qual a artista que concebeu, era tão alto que não dava pra ver... Foi uma coisa meio doida, umas lonas que acabavam virando um filtro aí passava uma projeção, eu sinceramente acho que não funcionou muito bem. Tinha um que era bem interessante que era um letreiro que passava ao vivo, acho, em tempo real as cotações da bolsa, aquela

1 Transcrito a partir de conversa na oficina interna no Capacete em Abril 2014.

2 imagensdopovo.org.br

3 observatoriodefavelas.org.br

porrada de numero passando. Só que era um negócio pequeno, assim... E eu “que porra é essa”? Aí um cara passou e falou assim “Essa porra é da bolsa cara! Da bolsa, nunca viu não? Na televisão, fica passando essa porra aí. Tinha umas relações legais assim...

(v2) Isso era na rua?

(v1) Era na rua em frente ao Redes. Tinha poucos trabalhos na rua, e eu lembro que quando eu falei pra fazer na rua, que eu queria fazer na rua, não tinha nenhum que eu lembrasse. A gente teve ideia de fazer as fotos em tamanho natural. Pensei assim: vou fotografar pessoas no local onde eu vou botar a foto em tamanho natural, então as fotos são gigantes 1m80 e tal. Ficavam no lugar onde tinham sido tiradas, então ficava uma coisa meio metalinguística aquela pessoa ali. De longe não se sabia se era o cara mesmo que tava ali, chegava perto e olhava... Uma foto era o Bira, um cadeirante e fotógrafo, no lugar onde ele sempre fica na esquina, e outra era uma mulata assim dessas mulatas, né!? Era uma passista negra que tava sempre por ali, as pessoas conheciam, a foto era a mulher lindona assim parada... Só que ela tava numa foto no Piscinão de Ramos que é um lugar que o pessoal da Nova Holanda não vai, então eu queria também gerar uma coisa assim: “Onde é que essa mulher tá?” Um lugar bonito, ninguém sabia onde era, só quem era na Maré também.

Então eu falava com o de fora, e queria falar com o de dentro também, mas ficava uma coisa meio maluca, que era o que eu via ali pô,... “O que que tá acontecendo?” E ninguém sabia o que tava acontecendo, que a exposição estava acontecendo... As pessoas recebiam os panfletos, e se perguntavam “O que é isso? Onde é?”

E o pessoal comentava: “Ah é lá em tal lugar.” Enfim, teve essa luta em que fui eu que, tipo, o único que furou ali a barreira. Depois disso dizem que sempre vai ter um da Maré, e tal...

(v3) Virou cota?

(v1) É, a gente conseguiu, mas toda cota é na base da porrada. Tem gente que fala que não tem que ter cota, mas se não se forçar não vai ter cota. mas ai fica mea culpa as vezes, eu nao vou abrir essa questão com o espaço, então tudo é muito complexo...

* * *

CAVALO

Poema do Cavalo

Daniela Mattos

Cavalo | diagrama

Vocabulário de quatro patas

Cristina Ribas

Cavalgar em La Borde

Felix Guattari

Antolhos

Várias fontes

DANIELA MATTOS

POEMA DO CAVALO

com força cavalgar e gentil

o olhar do cavalo

bebe o ar e o faz atravessar fluxos

come e mastiga, senta na língua o que irá digerir com todo o corpo

*lambe os fragmentos que seu desejo lhe mostra, transforma-os fazendo esfarelar
na boca*

CRISTINA RIBAS

CAVALO / DIAGRAMA
VOCABULINÁRIO DE QUATRO PATAS

Escreva mais / diagrame / rasure

tirar o cavalo da chuva /

tirar os antolhos do cavalo /

índio a cavalo /

cavalo de umbanda /

cavalo de tróia /

resistência /

cara de cavalo /

mineirinho /

cecília meireles e hélio oiticica /

ano do cavalo /

cavalaria /

montar no cavalo /

índio aponta flecha para policial a cavalo /

prefiro o cheiro do estábulo ao cheiro do povo /

figueiredo /

cavalo atropela pessoas na manifestação #resisteisidoro /

pessoas acariciam cavalo do policial /

cavalgar em la borde /

cavalaria /

juliana dorneles /

vocabulário de quatro patas /

conceito a galope /

montar na ideia /

cavalo dado não se olha os dentes /

caiu do cavalo /

FELIX GUATTARI

CAVALGAR EM LA BORDE¹

(...) Nessa mesma via de compreensão polifônica e heterogenética da subjetividade, encontramos o exame de aspectos etológicos e ecológicos. Daniel Stern, em The Impersonal World of the Infant, explorou notavelmente as formações subjetivas pré-verbais da criança. Ele mostra que não se trata absolutamente de “fases”, no sentido freudiano, mas de níveis de subjetivação que se manterão paralelos ao longo da vida. Renuncia, assim, ao caráter superestimado da psicogênese dos complexos freudianos e que foram apresentados como “universais” estruturais da subjetividade. Por outro lado, valoriza o caráter trans-subjetivo, desde o início, das experiências precoces da criança, que não dissociam o sentimento de si do sentimento do outro. Uma dialética entre os “afetos partilháveis” e os “afetos não-partilháveis estrutura, assim, as fases emergentes da subjetividade. Subjetividade em estado nascente que não cessamos de encontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora, no sentimento amoroso...

¹ Fonte: Felix Guattari. *Caomose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2006. (p. 16-18)

A ecologia social e a ecologia mental encontraram lugares de exploração privilegiados nas experiências de Psicoterapia Institucional. Penso evidentemente na Clínica de La Borde, onde trabalho há muito tempo, e onde tudo foi preparado para que os doentes psicóticos vivam em um clima de atividade e de responsabilidade, não apenas com objetivo de desenvolver um ambiente de comunicação, mas também para criar instâncias locais de subjetivação coletiva. Não se trata simplesmente, portanto, de uma remodelagem da subjetividade dos pacientes, tal como preexistia à crise psicótica, mas de uma produção sui generis. Por exemplo, certos doentes psicóticos de origem agrícola, de meio pobre, serão levados a praticar artes plásticas, teatro, vídeo, música, etc quando esses eram antes Universos que lhes escapavam completamente.

Em contrapartida, burocratas e intelectuais se sentirão atraídos por um trabalho material, na cozinha, no jardim, na cerâmica, no clube hípico. O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos

de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas,⁶ que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar.

Assim se operam transplantes de transferência que não procedem a partir de dimensões “já existentes” da subjetividade, cristalizadas em complexos estruturais, mas que procedem de uma criação e que, por esse motivo, seriam antes da alçada de uma espécie de paradigma estético. Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas da palheta que lhe dispõe. Em um tal contexto, percebe-se que os componentes os mais heterogêneos podem concorrer para a evolução positiva de um doente: as relações com o espaço arquitetônico, as relações econômicas, a co-gestão entre o doente e os responsáveis pelos diferentes vetores de tratamento, a apreensão de todas as ocasiões de abertura para o exterior, a exploração processual das “singularidades” dos acontecimentos, enfim tudo aquilo que pode contribuir para a criação de uma relação autêntica com o outro. A cada um desses componentes da instituição de tratamento corresponde uma prática necessária. Em outros termos, não se está mais diante de uma subjetividade dada como um em si, mas face a processos de autonomização, ou de autopoiese, em um sentido um pouco desviado do que Francisco Varela dá a esse termo. (...)

ver DES // DOBRAMENTO / S



Ju saltando

* * *

A autora da foto não pediu autorização para fotografar.

Passarela 7, Avenida Brasil, entre Maré e Bonsucesso, Rio de Janeiro, Abril de 2014.

Foto: Cristina Ribas



“[...] coloquem em uma área fechada cavalos com antolhos reguláveis: o coeficiente de transversalidade será justamente o ajuste dos antolhos. Imagina-se que se forem ajustados de modo a tornar os cavalos completamente cegos, se produzirá um certo encontro traumático. À medida que se for abrindo os antolhos, pode-se imaginar que a circulação se realize de modo mais harmonioso. [...] de maneira que os homens se comportem uns em relação aos outros do ponto de vista afetivo.”

Félix Guattari, “Transversalidade”, em *Revolução Molecular*, 1981, p. 96. Citado por Ricardo Basbaum em “Em torno do ‘vírus de grupo’”, artigo publicado na revista *Lugar Comum* 30, Rio de Janeiro, Universidade Nômade e UFRJ, 2012.



N&A [View on Instagram](#) · 3h
Polícia montada atira a antifaçetas em Maimó noticiasyanarquias.blogspot.com/2014/08/polici...
[policebrasil.com.br/2014/08/19/](#)

↳ Reply ↳ Retweet ↳ Favorite

Flag media



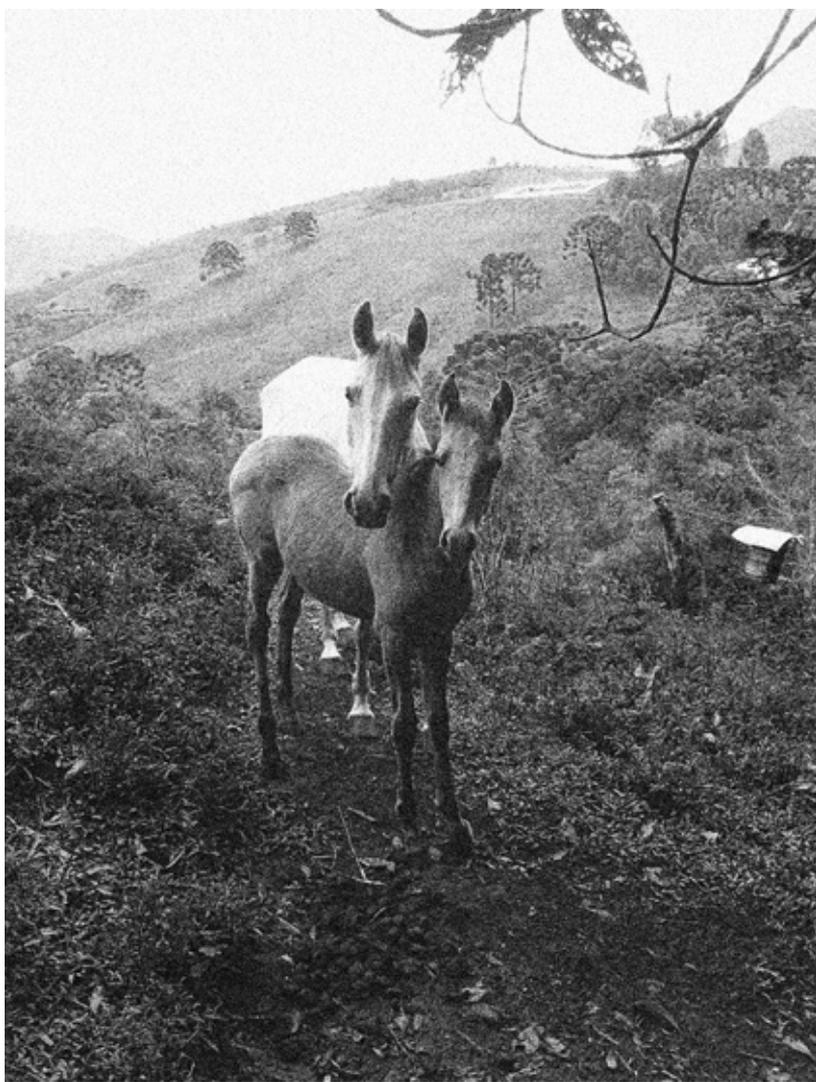
Menino em cima de seu cavalo branco em frente à cavalaria do Exército, antes da Ocupação Militar do complexo da MARÉ, Rio de Janeiro, 2014



Cavalo sendo acariciado em Nothing Hill Carnival, London, 2014.
Foto: Cristina Ribas



Hélène Delmonte com seus cavalos mãe e filha na sua casa, Uranita Serena e Terra



Uranita Serena e Terra



Ju e o Laranja



Ato Unificado “Copa pra quem?”, organizado pelo Comitê Popular da Copa, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, e a Articulação dos Povos Indígenas (APIB)

Brasília, 27 de maio de 2014.

Foto: Mídia Ninja

COMPLEXIDADE

Complexidade

Cristina Ribas

(parêntesis de Anamalia Ribas)

Cartografias da Ditadura

Tiago Régis

CRISTINA RIBAS

((PARÊNTESIS DE ANAMALIA RIBAS)))

COMPLEXIDADE

“Quem diz a verdade? Esta não é mais a questão, mas sim a de saber como e em que condições pode melhor aflorar a pragmática dos acontecimentos incorporais que recomporão o mundo, reinstaurarão uma complexidade processual.”

Félix Guattari, Caosmose: um novo paradigma estético, 1992

“Todos aqui devem ter tido a experiência — eu, pelo menos, a tenho frequentemente — do contraste entre a descoberta da complexidade, da riqueza, da diferenciação que se pode ter entre numa experiência onírica e a pobreza de meios que se tem ao despertar, quando se tenta expressar essa produção onírica pela rememoração, pela escrita ou pelo desenho. Aqui, eu me permitiria questionar toda referência à indiferenciação, toda referência às mitologias espontaneístas: toda vez que conseguimos agenciar dispositivos de expressão que

escapam ao despotismo do sistema das significações dominantes, que escapam à articulação de todas as sintaxizações dominantes, estamos justamente lidando com maquinismos altamente elaborados.” **Félix Guattari e Suely Rolnik,**

Micropolíticas: cartografias do desejo, 1986

Complexidade. (...) 3 Psicol Experiência em que se encontrem unidos elementos de espécies diversas. 4 Em psicanálise, grupo de ideias impregnadas de força emotiva, as quais produzem atividades inconscientes. **Dicionário**

Michaelis

“Apenas a intersecção do finito e do infinito, no ponto de negociação entre complexidade e caos, será possível desenroscar graus de complexidade mais altos dos que o capitalismo financeiro é capaz de gerenciar e elaborar.” **Franco**

Bifo Berardi, The Uprising: on poetry and finance, 2012

Por onde entrar? Num vocabulário de vozes, numa produção de sentidos, num rizoma de textos? Pode ser que nem percebamos uma transição, e de repente já estamos dentro. A coisa é perceber que vamos entrando — que já somos — parte de um bom pedaço dessas vozes. A coisa é perceber como é que vamos entrando — como é que já somos — um bom pedaço dessas vozes. Folheamos procurando um pouco de identificação, mas também um pouco de acaso ou de enfrentamento a uma coisa que dominamos, um conceito que nos toca, uma prática que apelidamos. Por vezes percebemos um contraste, visto que as vozes falam de um jeito que não concordamos, não daquela maneira, então nos despojamos daquilo. Identificamos um regime de falas que não nos interessa. Nesses casos a porta de saída é mais fácil do que a expectativa da entrada.

Talvez nem no primeiro modelo da adesão completa, nem no segundo da separação por regimes, os vocabulários não tenham limites precisos, e trabalhem abrindo zonas, expondo zonas de contaminação e criando intervenções nos nossos vocabulários. Os vocabulários partilham de um espaço feito de complexidade. Esta é, então, uma maneira de pensar a complexidade.

COMPLEXO DO SELF

Olha isso. Eu digo. Olha esse “Complexo do Self”. Bureau D’Études¹ é uma dupla de artistas-cartógrafos-diagramadores. No diagrama do Complexo do Self vemos vários duplos nominados ao lado da representação de cabeças-tronco gordinhas, tipo João-bobo (vou chamá-los de João-bobo). O duplo Administrativo, o duplo Econômico, o duplo Eletromagnético, o duplo Biológico, o duplo Psicológico, o duplo Semiótico, o duplo Metafísico. Duas alteridades são sinalizadas em Joãos-bobo em branco: alteridade Metafísica e alteridade Biológica. Nas pontas de cada percurso que parte das cabeças-tronco estão formas exagonais que expõe os diversos números que serializam as pessoas no mundo contemporâneo, e portanto, nos identificam. Número de identidade social, número do carro, número do sistema de saúde, número do telefone, número do consumidor (o cartão do banco), número do cartão de compras do supermercado, entre outros. Tarjas pretas indicam os complexos aos quais aqueles processos pertencem: complexo industrial da mídia, complexo industrial da produção de comida, complexo industrial da justiça, complexo industrial das roupas, entre outros. De que se trata? De um diagrama de um sujeito abstrato (((Aqui não está claro

1 <http://bureaudetudes.org/>

para mim o uso do abstrato ??? Porque abstrato, visto que ele é tão multifacetado, ele é tão multi que ao mesmo tempo não é. Pois não é em si. Ele só é na relação, com os fluxos, com o outro, com o duplo. Abstrato no sentido de que algo que não se identifica???)*), dos fluxos materiais e virtuais que atravessam sua existência, desde um “eu aceito viver com roupas”, “eu uso alguma planta nuclear para produzir energia” a “eu produzo uma criança”. O “Eu” expressa as muitas vozes num sujeito hipotético que assume diversos estados e verdades* (((Não caberia colocar aqui também: assume papéis e valores?))). *É quase como se não houvesse um sujeito, visto que não está congelado* (((É um sujeito multifacetado, não é sujeito em/de si, ele é assujeitado...))). *Ele está sempre relacionado aos seus diversos duplos. A cartografia explícita que esse “Eu” perpassa diversas definições ou realizações de si. Abaixo do hexágono do duplo Semiótico, por exemplo, se lê “ ‘Eu’ é uma ficção linguística”, e ao lado do duplo Administrativo se lê “ ‘Eu’ é uma produção social”.*

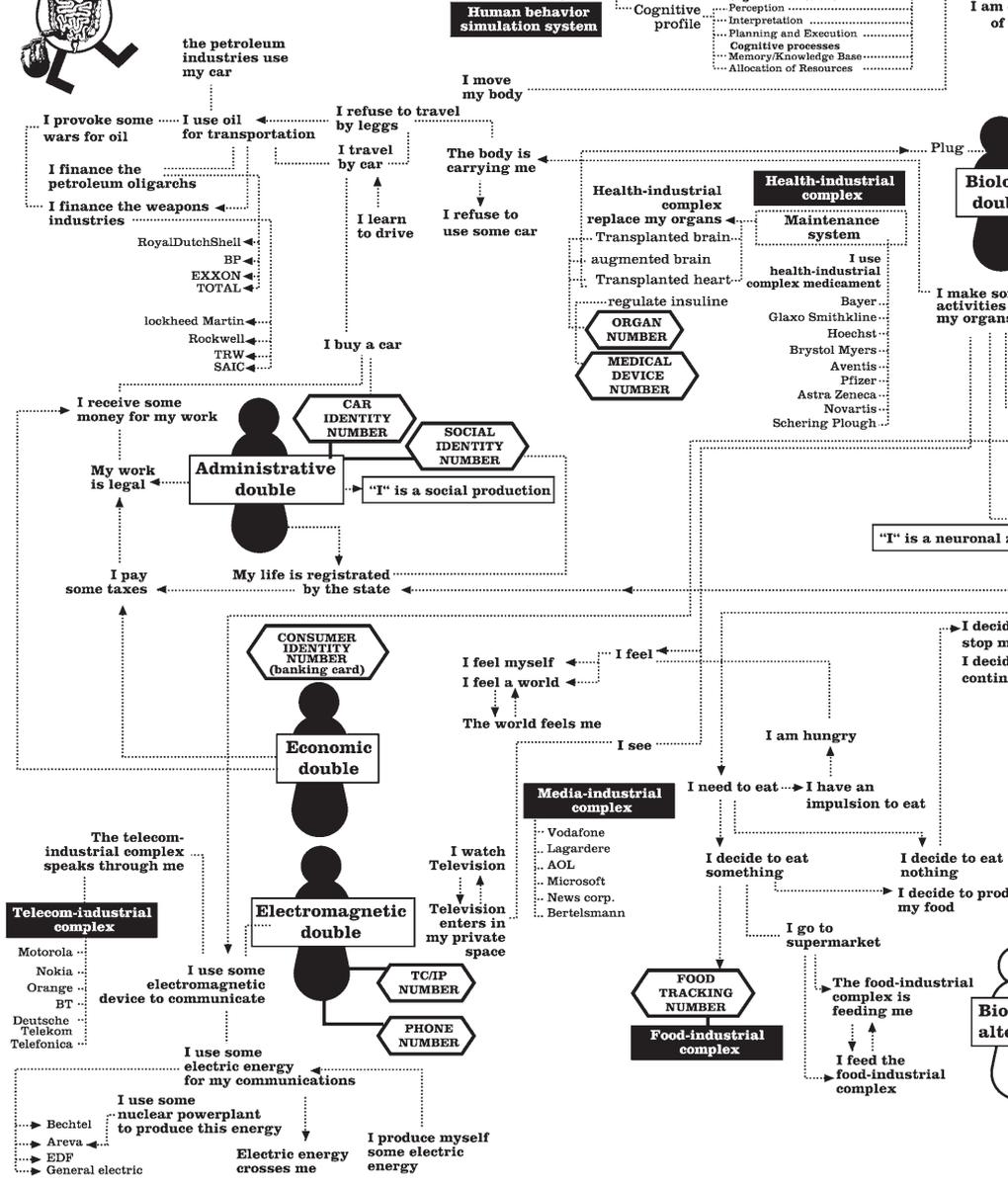
Se é possível que nos reconheçamos eventualmente numa dessas posições,[👁] é possível que criemos também outras linhas e outros processos de subjetivação que multiplicam essa cartografia de um “eu”.[👁] Às vezes podemos perceber que estamos “entre” funções, visto que somos agenciados por dois (ou mesmo mais) movimentos. Esta coisa que acontece entre, que podemos chamar de agenciamento, tanto pode nos colocar em uma situação de imobilidade ou de impasse, ou pode nos fazer ativos. A partir da percepção de fluxos e de agenciamentos, sejam eles mais ou menos autoproduzidos, se produzem “eus-transicionais.” A cartografia Complexo do self coloca em evidência o não isolamento de um indivíduo. Coloca em evidência as significações e as codificações que se imprimem a partir de sua existên-

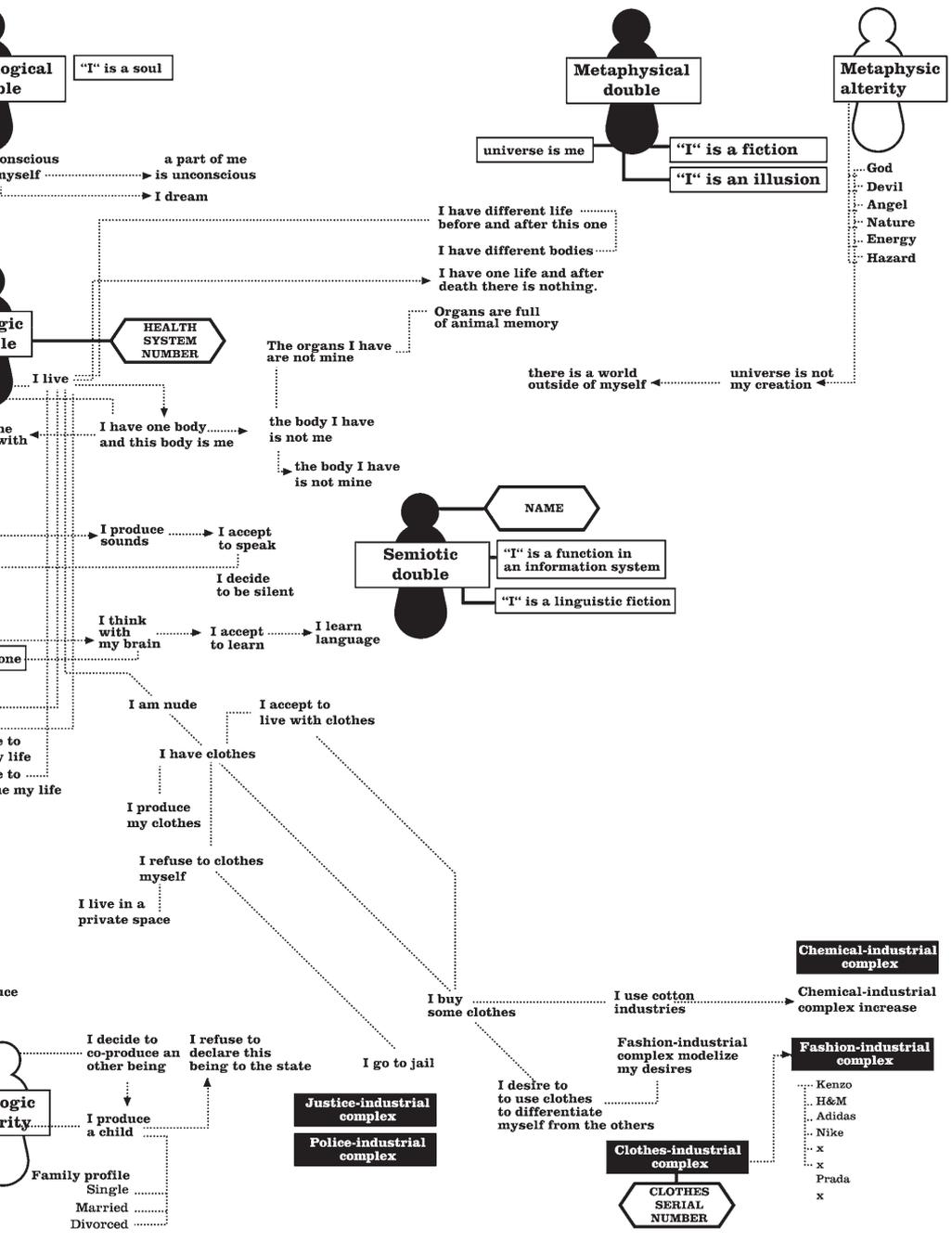
ver TRANSDUÇÃO

ver EXCESSO



Complex of the self (draft)





cia e que se projetam em sua identidade-corpo. Ficamos atentos aos processos sociais, institucionais, econômicos que se produzem a partir de sua vida. Ficamos atentos para o aparato que se constrói ao redor do sujeito (((assujeitado))). Mas também pode ser que olhamos para essa superfície complexa buscando os espaços e as trajetórias de improvisação e singularidade, ou, em como cada um faz uma vida para si, à sua maneira.

ver RADICAIS: DESARQUIVO

Descrevo extensivamente essa cartografia como maneira de ler coletivamente, de ler para meus olhos e para os seus. A cartografia ativa os pontos por onde passa. Descrevo num ímpeto de desarquivo. Faço isso porque, em primeiro lugar, me interessam muito essas imagens de complexidade, pela maneira como mostram ou revelam relações invisíveis (porém ativas) em vários processos materiais e ou subjetivos (((Estas relações/tensões invisíveis são como campos de subjetivação, campos do possível))). Em segundo, ao mesmo tempo que permitem uma leitura que me anima, me sinto no intento de me aproximar delas, visto que “lê-las” se torna tarefa de esforço: meus olhos astigmáticos e minha dislexia migram rapidamente milímetro a milímetro para a informação seguinte, perseguindo as linhas e refazendo a complexa conjunção de nomes, conceitos, símbolos, sentidos, funções. Desejo ler a complexidade na sua totalidade. Ler sem os antolhos de que falou Félix Guattari.

ver CAVALO

O tipo de flickering (vibração) que a cartografia de complexidade quer provocar é o exercício do olhar de não olhar só para uma coisa, mas ao olhar para essa coisa saber que ela é parte de uma multiplicidade de coisas. Como se fosse embaralhar esse próprio texto e redigramá-lo a partir dos conceitos que ele mobiliza, para assim expor os campos em cruzamento nessas ideias sobre complexidade.

SÍMBOLOS CATASTRÓFICOS DO DESENVOLVIMENTO / FORMAS DE RESISTÊNCIA NATIVAS

Copiei essa frase do mapa feito pelo projeto Cartografia Crítica da Amazônia.¹

A prática do mapeamento ou da cartografia (o fazer dos mapas de complexidade) tem se difundido como estratégia, proporcionando ao trabalho coletivo o desenvolvimento de formas de expressão que operam intervenções. Diversos movimentos auto-organizados da sociedade têm feito uso da cartografia para apresentar tanto a complexidade das relações que envolvem suas lutas como para mapear as forças em ação contra as quais resistem. Pela afirmação de que a cartografia não é representação encontramos uma provocação: a cartografia procura produzir efeitos no momento mesmo em que é feita, por isso ela tem o desafio de ser cartografia de intervenção. Ou seja, não representar não é um ato enunciativo, é um princípio da estratégia dessa prática, é colocar a cartografia ela mesma em estado de experimentação junto com as lutas, fazendo uma crítica às representações das lutas sociais e abrindo um espaço de composição. A pesquisa acadêmica não crítica, como exemplo, pode ficar no nível de uma representação e ativar poucas

intervenções, a prática de um artista também. Como ativar, então, a representação, transformando-a em apresentação ou em produção?

Considerando que comecei esse texto falando de um ‘complexo do self’, uma pergunta que podemos fazer à cartografia como ferramenta é: de que maneira a cartografia é provocadora de processos de singularização ao mesmo tempo em que provoca uma análise crítica de um sistema econômico e político que é necessário enfrentar?

A prática da cartografia como construção da complexidade é, sem dúvida, também uma intervenção na forma de acessar e produzir conhecimento, o que pode nos levar a inflexionar a expressão “produção do conhecimento” para uma “prática do conhecimento”, como versão mais radical, mais autonomizante daquela primeira. Assim, faz parte da construção de uma cartografia estabelecer seu objetivo (ou sua função), trabalhar o levantamento dos dados que constitui o conteúdo propriamente dito do mapa a ser criado, e conceber a forma que a cartografia vai tomar. Faz parte da cartografia, portanto, incorporar a investigação ela mesma, visto que ao invés de trabalhar apenas com dados já coletados em pesquisas institucionais ou disponíveis na mídia, a investigação pode ser feita pelos próprios participantes. A cartografia pode então envolver as próprias pessoas a partir das quais a

1 Cartografia crítica da Amazônia. Em: <http://dossie.comumlab.org/>



Edifício Savar, localizado na periferia de Dakha, Bangladesh. Derruiu com mais de 4.000 trabalhadores dentro. 1.129 pessoas morreram. O edifício abrigava dezenas de empresas de fabrico de roupas, todas a serviço de grandes empresas europeias e americanas.

*cartografia acontece e pode ser realizada com informações de ordem mais subjetiva, sendo os dados que a compõe coletados entre aqueles que a realizam, a partir de suas experiências de vida, de seus vocabulários, de suas lutas. Nesse sentido a cartografia procura ser constitutiva do próprio cartógrafo-pesquisador, visto que a cartografia induz uma quebra na dicotomia pesquisador-pesquisado. Podemos centrar aqui, nesse lugar corpo-do-pesquisador(a) a mudança de paradigma que a cartografia vem provocar.*¹

Ao aportar a composição do mundo como complexa, ao assumir a capacidade do desenho das forças de ação, o ‘investigar’ e ‘fazer o mundo’ se colocam então como operações que acontecem juntas. Ou seja, o conhecer e reivindicar do mundo que não passa apenas pela representação dele, mas pela criação dele. O trabalho da complexidade vai contra uma certa preguiça ou certo poder da ciência moderna, que procurava simplificar os processos em sistemas, em modelos (((Eu diria até: modelo que funciona no “colocar à prova”, refazer o que o anterior teria feito, e assim ver se dali algo mais de decifrava... Processo que só fomenta o funcionamento do capital competitivo, comparativo, segregador, produtor de certo/errado, bom/ruim, adequado/inadequado. É um modelo de processo ensino-aprendizado que faliu, não mais se sustenta))). Ao aportar a noção de complexidade abrimos caminho para pensar também a singularidade, desde a individualidade à coletividade. O processo de singularização pode competir ao cartógrafo ele mesmo, assim como àqueles que participam da cartografia, identificados ou não com um processo de grupo. (((Processo de ensino-aprendi-

¹ Dois trabalhos são referência para essa espécie de metodologia que descrevo aqui, um o ‘Manual de Mapeo Colectivo’, 2013, do Iconoclastas (disponível aqui <http://desarquivo.org/node/1679>), e outro o livro ‘Pistas do Método da Cartografia’, 2009, (disponível aqui <http://desarquivo.org/node/1593>).

zado desejante de maior horizontalidade nas relações, estabelece novas formas de relações de poder, visto que procura uma radicalização das redes, é mais democrático, é um processo que abre para o outro, ou para outros processos.)))

Diversas complexidades têm sido cartografadas e diagramadas na atualidade por pesquisadores, nômades, ativistas, artistas, coletivos, agrupamentos efêmeros, entre outros, como maneira de lidar com essa trama/problema. Hoje em dia mapas, cartografias e diagramas, desenhos, planos táticos, se confundem e contam-se uns aos outros nos seus modos expressivos e nos seus modos de fazer. No vocabulário das práticas políticas e estéticas há uma pedagogia crítica que é inerente à construção dos mapas táticos, que é o fazer dos mapas ele mesmo. Dessa maneira trabalham por exemplo o coletivo-dupla Iconoclastas¹ (Argentina), os projetos mobilizados por Pablo de Soto, Mapping the commons², a rede LabsurLab na América Latina, Antena Mutante³ (Colômbia) a própria dupla já citada Bureau D'Études (França), e muitos mais. Pelo trabalho desses grupos vemos como os agenciamentos do capital se expressam na perda dos direitos civis básicos, por exemplo,

1 iconoclastas.net

2 mappingthecommons.net/pt/mondo/

3 antenamutante.net

como no caso das remoções de moradia no Rio de Janeiro, ou por outro lado pela inventividade e pela ressignificação de espaços comuns como no projeto Mapping the Commons, de maneira a fortalecer processos de resistência nos direitos de uso à cidade, resistindo aos processos de revitalização e transformação das cidades em cidades-mercadoria.

CAPITALISMO COGNITIVO

Não sei se a complexidade se opõe à ideia de simplicidade. São regimes diferentes, pode-se dizer. Um nem antecipa o outro. Nem pressupõe. Se temos uma ou mais linhas traçadas em um papel e uma quantidade x de informações conectadas por essas linhas diagramadas, temos uma cartografia que apesar de parecer simples, pode ser de razão complexa. Parece então que uma cartografia ou um diagrama podem ser simples mas tratem de uma complexidade tal que possamos ir lendo nela níveis de imbricação de relações e fluxos, materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, conhecidos e desconhecidos. (((São como vias de mão dupla, vias de ida e vinda, relação de fluxos que não tem direção exata, relação correta, são pragmáticas, elas se cruzam em uma esfera tridimensional, em 3D, provocando que o sujeito se implique de tal forma ao desassossego, ao não dito, não compreendido, não nomeado, e assim procure reinventar conceitos, nomes, para aquilo que surge)))

Há nessa coisa, seja ela simples ou confusa, uma função de complexidade, uma função complexa. Assim é que o dia a dia de nossas vidas é tomado por uma série de ações simples, mas que escondem uma trama deveras complexa...  Olho o boleto impresso termicamente que seguro em minhas mãos ao retirar o extrato do banco, olho o recorte da embalagem do sanduíche que eu comprei, olho para meus sapatos que acredito serem meus, olho o sensor de presença que acende a luz na calçada de noite.

ver ESCREVER

A complexidade pode ser um aparato conceitual para definir o modo de operar da economia na era mais avançada do capitalismo contemporâneo, que se cola aos fluxos vitais, aliando-se à própria produção do desejo. Não por acaso, o trabalho da construção da complexidade surge no momento em que são provocados muitos cruzamentos entre disciplinas, entre campos do saber e, em que o estruturalismo como forma de constituição do mundo precisa ser decomposto, e outras formas mais rizomáticas precisam assumir seu espaço. Assim é proposto, por exemplo, que os micro agenciamentos sejam intervenções, ou atravessamentos, nos macro agenciamentos. Que a molecularidade seja uma força que opera de outra maneira, diferente da majoritária molaridade. A partir de conceitos como esses se deseja re//dimensionar os fluxos vitais, a partir dos agenciamentos maquínicos, libertando-se das formas micro fascistóides, patriarcais, moralizantes, tecnicistas...

Uma das tarefas da cartografia de complexidade na atualidade é ser uma ferramenta que trabalha na decodificação dos fluxos invisíveis do capital, de modo a entender o que é que caracteriza o capital hoje, diferente de antes – antes do trabalho como imaterial, antes do capital como financeiro. Sua

relação com o estado, com o poder representativo, e a forma como isso imprime modos de vida, direitos, exclusões, obrigações, privilégios, etc. Segundo Franco Bifo Berardi, em The Uprising (O Levante), o que muda a partir do final da década de 70 na economia é a relação entre tempo e valor. Ou seja, há uma perda de relação direta, ou material, entre tempo de trabalho e valoração, significando uma mudança na forma de agregar valor ao que é produzido, e da mesma forma ao lucro sobre a produção. A des-relação direta entre tempo de produção e produto (o que não significa o desaparecimento do trabalho por hora!), em que o trabalho já não é de todo físico, muscular ou industrial, aumenta o contraste entre coisas materiais e signo, sendo o signo aquilo que mais se produz na atualidade. O signo adquire mais valor do que a matéria ela mesma. Essa produção Bifo chama de uma produção essencialmente semiótica. Ele pede que pensemos quanto tempo é necessário para produzir uma ideia, um produto, uma inovação. Bifo diz também que o capitalista não se preocupa se está produzindo frangos, livros ou carros. O que é importante para o capitalista é produzir lucro!

Se uma primeira fase do capitalismo seria essa da desracionalização entre a medida e a valoração, a segunda fase,

ou uma fase moderna tardia, para Bifo é uma em que a informação entra com tudo, o que ele chama de “abstração digital”. Nessa fase, há um aumento significativo do intercâmbio produtivo entre “máquinas informacionais” em lugar do e um campo dos corpos, de corpos ou vidas produtivos. Nessa fase tardia ele diz que os corpos estão “cancelados” do campo da comunicação (direta, conjuntiva) e estão separados, ou “conectados” por informação. Nesse ponto ele vê uma reversão maior, ou uma perversão, eu diria.

“No sistema industrial anterior descrito por Marx, a finalidade da produção já era a valorização do capital, através da extração de lucro a partir do trabalho. Mas, de maneira a produzir valor, o capitalista ainda era obrigado a trocar coisas ‘úteis’, ele era ainda obrigado a produzir carros, e livros e pão.

Quando o referente é cancelado, quando o lucro é feito possível pela mera circulação de dinheiro, a produção de carros, livros e pão se torna supérflua. A acumulação de valor abstrato é feita possível pela sujeição de seres humanos ao débito, e através da depredação de recursos existentes. A destruição do mundo real começa com a emancipação da valorização da produção de coisas úteis, e da auto-replicação de valores no campo financeiro. A emancipação do valor do referente leva à destruição do mundo existente. Isso é o que acontece atualmente sob o que se chama de ‘crise financeira’, que não é de maneira alguma uma crise.”

Bifo fala de uma destruição do mundo também no sentido das relações sociais existentes. Ele ressalta que no capitalismo financeiro a violência se torna uma forma de controle. E a violência predatória é então uma que se coloca diretamente no corpo dos trabalhadores e trabalhadoras, não só como reflexo do recrudescimento da democracia — na redução do direito à manifestação por exemplo —, mas também na violência sobre os processos vitais, na segmentarização da vida em detrimento do trabalho, e na perda de relações afetivas comunitárias e na impossibilidade da constituição redes de solidarização.

Então, no caminho do aumento da abstração, da abstração e do endividamento tomando conta dos processos vitais, ele identifica um aumento da informação que leva à produção de menos significado. Ou seja, há uma maior quantidade de signos circulando, mas eles têm menos referentes reais do que nunca. O aumento da circulação e o modo da circulação provocam a eliminação do significado e do sentido, que nos trazem a dúvida recorrente que pode tomar alguns de nós, ao tentarmos deter em nossas mãos o sentido da produtividade do que fazemos, seja na arte ou seja na política, de afinal, o que é que estamos fazendo ao produzir, ao trabalhar?

Assim a cartografia de complexidade pode servir para reverter o trabalho dos signos. Nesse sentido a cartografia pode trabalhar a singularização e a politização dos signos, de maneira a fazer entender o que é que nos toma hoje, em que atmosfera/s vivemos nossos próprios fluxos produtivos, e de que espaços e modos de significação podemos estar querendo escapar, de maneira a apresentá-los, visualizá-los, relacioná-los. Os fluxos invisíveis do capital se colocam presentes em nossas vidas sem se descolar de cada uma de nossas operações cotidianas, ou dos nossos fluxos de desejo. Tomando a complexidade como ferramenta de estudo do capitalismo contemporâneo e ao mesmo tempo de resistência podemos perceber, então, que se o capitalismo avançou e complexificou as linhas, migrações, passagens, sobreco-dificando e co-produzindo a vida, é inerente à própria vida uma tal rizomática que é, por sua vez, perseguida e significada pelo capitalismo.

É algo que nos coloca de volta na cartografia Complexo do Self, da dupla Bureau D'Études, por exemplo — que já realizou inúmeras outras cartografias dos fluxos econômicos e de significação correntes no capitalismo contemporâneo. No Brasil o projeto Proprietários do Brasil¹ tem uma empreitada semelhante, abrindo as contas de grandes empresas brasileiras e de seus fluxos econômicos.

¹ proprietariosdobrasil.org.br

Há algo presente desses fluxos na pasta de dentes que eu uso pela manhã, no café que eu tomo para trabalhar, no emprego que eu não tenho, no transporte que eu uso, na reunião que eu fiz enquanto almoçava, no valor que cobro pelo meu trabalho, no cinema que eu não vou (porque não tenho tempo, ou porque não tenho dinheiro), no livro que eu compro, nos livros editados por amigos em uma pequena editora, na distribuidora de livros que entrega meu livro em casa, no candidato no qual eu voto, na empresa que o financiou, na água engarrafada que eu tomo, na água que falta na torneira, no travesseiro hipoalergênico sobre o qual descanso minha cabeça à noite...

Parece que hoje se torna difícil colocar em diagramas separados por um lado como são, como se expressam os fluxos vitais, e por outro como são, como se expressam os fluxos do capital e do estado. O estado se torna o instrumento regulador de uma “aplicação” contratada com o sistema produtivo — a aplicação de um sistema de produção em nossas vidas, não da democracia, mas de instrumentos de controle. Essa confusão/questão pode ser exemplificada em como o agenciamento do desejo nos processos criativos na atualidade é re-significado pela forma de valoração da economia criativa, como novo agenciamento social produtivo da criação. O que diferencia a economia criativa da criação ela mesma???

REPRESENTAÇÃO, APRESENTAÇÃO E CRIAÇÃO DE MUNDO

Uma das principais posições que a cartografia pretende discutir é quem e como detém ferramentas de representação do mundo, pensando que é a vida que segue à frente, e as forças e os fluxos do capital que vem perseguindo a primeira...

É importante ressaltar que quando dizemos representação estamos já em um regime específico. Será esse um regime que se alavanca na manutenção do poder? Podemos pensar naquele mapa do mundo clássico dos tempos da escola, e depois naquele outro, distorcido, que procura a representação “real” do território. Para a cartografia crítica não há neutralidade, e portanto representar ou apresentar um território dependem de uma certa ética da apresentação como criação de mundo, como operação cognitiva.

Qualquer mapa não é subjugação, contudo, ao mundo da representação. A representação ela mesma como ferramenta de produção de verdade torna-se a p r e s e n t a ç ã o na busca de representações do território-mundo que insurgem das lutas urbanas, das lutas rurais dos movimentos camponeses e das lutas dos territórios indígenas. A defesa da terra, expressa na representação/apresentação do território torna-se uma questão crucial na

atualidade, visto que a remarcção de terra no caso indígena é a garantia da manutenção do direito de permanência na sua própria terra, lugar que conhecem com seus corpos e seus rituais, e que lhes é deveras constitutivo.

CLÍNICA E TRANSDISCIPLINARIDADE

Num dos caminhos para pensar a complexidade Eduardo Passos¹ aborda a relação entre complexidade, a transdisciplinariedade e a produção de subjetividade. A produção de subjetividade é toda uma trama de conceitos proposta a partir de diversos campos do saber e também a partir do que se conhece por filosofia da diferença, tendo surgido da mistura entre formas de pensar que extravasam os estudos da psiquiatria e da psicologia, e que se contaminam de biologismos e de formas de afetar moleculares. Como conceito, pensa o sujeito como construção constante (não cumulativa), não rígida, mas como corpo-no-mundo. Por isso ao invés de falar de ‘sujeito’ isolado pensa sujeitos nos processos de subjetivação, uma complexa rede constitutiva que sempre ultrapassa a unidade dos indivíduos. Por isso há uma ênfase na noção de processo,

¹ Eduardo Passos. Complexidade, transdisciplinariedade e produção de subjetividade. Em: www.slab.uff.br/index.php/producao/8-textos/46-eduardopassostextos

porque os processos de subjetivação são forjados no arranjo de forças (((E de encontros e desencontros))).

A complexidade da qual fala Passos é um aporte contemporâneo da ciência que é diferente da redutibilidade da ciência moderna, e portanto da compreensão mesma de sujeito. “A história natural da natureza desenha complexidades”, ele escreve. A transdisciplinaridade é, por sua vez, a proposta de pensar a ação de saberes variados, que nos força a atravessar planos desconhecidos.

Para abordar a complexidade Passos estabelece um pensamento que se produz no atravessamento de disciplinas e não no interior delas. Trabalhando a partir do campo da psicologia social, Passos propõe uma ‘clínica transdisciplinar’, que propõe discutir contra a noção de problema que sugere à busca de soluções, tomando a criação de problemas como um método da clínica. Associando duas modalidades cognitivas {ciência+inteligência} e {filosofia+intuição} o que pode surgir nesse modelo como clínica que pensa processo é, então, não a solução de problemas, mas a desmontagem deles e também a invenção de novos problemas. A clínica assim está ligada a uma capacidade de criação, que não é referente às sistematizações produzidas pela psicanálise, ainda que não se distancie dos seus estudos, mas

procura inventar novos pontos de vista (e de vida...) ((Idéia de clínica do/no social, a clínica que transpassa os espaços privados, que atravessa no subjetivo e vai além, no individual, uma clínica que traduz a subjetividade da cultura, que está naquele indivíduo, uma clínica compreende um sujeito inserido em uma relação micro e macropolítica, e que ativa o sujeito para a busca de seus devires, de seus processos enquanto sujeito desejante... Clínica que provoca desconforto, desconstrução...para uma reinvenção. Neste sentido não é uma clínica somente de respostas, que procura amenizar angústias ou desencontros, ela provoca com que este desencontro traga à luz/consciência os atos do sujeito enquanto processos de subjetivação, em que ele/ela não é vítima, é ator/atriz.))

Isso me faz lembrar de um texto de Félix Guattari em que ele narra a sua relação com um paciente, em que ele sugere ao paciente que deixe de viver na casa dos pais para experimentar novas relações sociais, libertando-se das relações familiares que o aprisionavam... Guattari ressalta que essa sugestão e a coleta de dinheiro para que ele pudesse financiar alguns meses em sua nova casa escapavam muito dos limites éticos da relação terapeuta-paciente. É um episódio singular...

A clínica transdisciplinar, à sua maneira, provoca novas complexificações, novos caminhos para as identidades, em seus processos de diferenciação e acoplamento, ou de composição social. Desenha

mapas invisíveis, mapas de invenção.

SINGULAR / COMUM

Volto para aquela minha pergunta formulada anteriormente: de que maneira a cartografia é provocadora de processos de singularização ao mesmo tempo em que provoca uma análise crítica de um sistema econômico e político que é necessário enfrentar? Me parece que essa pergunta pode ser pensada em uma dobra, ou em um encontro: na relação singularidade e comum, sendo a primeira a capacidade de criação de caminhos autônomos, e a segunda a capacidade desses caminhos de serem a construção de um comum, que extravasa a individualidade (por isso processo de subjetivação) e endereça um espaço de produtividade maior, de uma ética comum. Ainda que pareça que a complexidade está centrada na percepção dos processos que envolvem a unidade de um sujeito, suas subjetivações, seus movimentos, seus pontos de vista, podemos pensar a cartografia de complexidade como uma ferramenta social. Ou será uma cartografia que se apropria de uma “psiquiatria materialista” — que se trata de uma dimensão de análise do desejo, de seus movimentos, considerando que eles são produzidos socialmente, e portanto não isoláveis no sujeito (retirando-o da dicotomia de sujeito ou culpado...), mas comuns, ordinários...

Em uma perspectiva, podemos pensar que a capacidade de se mover no mundo vem pelo conhecimento do mundo, assim sendo, uma pessoa só se moveria por aqueles territórios que já conhece. Portanto, uma pessoa só se moveria pela capacidade de pertencer às significações já correntes (falar uma língua, por exemplo). Pois bem, mas ninguém fala uma língua sem inventá-la, ao menos um pouquinho.

Os vocabulários, a língua e a linguagem podem ser instrumento reguladores dos processos de significação, mas na cartografia das complexidades provamos como elas também podem ser esgarçadas no processo de criação e na política. A língua e a linguagem são constituídas também por elementos extra-linguísticos e por elementos extra-cognitivos, ou seja, elas interagem com e também excedem os vocabulários.

As (des)medidas de mundo, entre o finito e infinito no singular-comum, parecem ser uma expressão das bordas não rígidas da língua e da linguagem. Inventamos nossas expressões, mudamos aquelas que não nos cabem, recuperamos termos de outros espaços. Na perspectiva da singularidade, operar a construção de uma cartografia de complexidade pode ser, portanto, inventar novos caminhos para si, como tenho argumentado ao longo desse texto. Na perspectiva da singularidade---comum, parece que não nos movemos apenas por

territórios que conhecemos plenamente, nem apenas por territórios que conseguimos representar. Acredito que nos movemos por territórios que nos deixam deveras inseguros, (((Territórios estes que estão inseridos no nosso ser, que estão nas ferramentas do olhar e do ver, mas que são poucos utilizados, mas quando acionados entram em funcionamento. São territórios que fizeram parte da construção de nosso self, mas que foram deixados à revelia, pois nunca foram "solicitados"..., territórios de infinito conhecimento))) visto que sabemos que nosso traçado vai constituindo imprevistos, e dessa forma é provável que vamos produzindo peças inacabadas, protótipos, pistas, rascunhos, diagramas, o que eu chamaria agora de exercícios de singularização cognitivos e semióticos na complexidade do mundo.

Na perspectiva da singularidade, operar a construção de uma cartografia de complexidade pode ser, portanto, inventar novos caminhos para si, como tenho argumentado ao longo desse texto. Na perspectiva do comum, a cartografia da complexidade deseja ir provocando bifurcações, no sentido de provocar encontros, de provocar atrito às representações do mundo, e de provocar outros mundos. Na perspectiva do comum a produção de uma cartografia de complexidade é a construção de signos junto da construção de mundos, em que não estamos isolados ou imersos num caos (possivelmente imobilizador),

mas em que nos “ordenamos” singularmente no caos ou tomamos parte em diversas complexidades. Nos movemos por ali, e por aqui, e por ali... Cartografia produzida a partir de vários pontos de vida diferentes. A construção do comum, contudo, não é um todo homogêneo,

mas um todo diverso, repleto de singularidades. O comum é a própria construção de alternativas, alternativas que se desenvolvem junto da vida, dos caminhos da vida, da ética das lutas, da construção de territórios e sentidos não fixados, pois multiplicam mais as linhas das cartografias dadas, e apagam, ao mesmo tempo, outras linhas. 

ver SAIR

Evidente que algo complexo pode ser difícil. Evidente... A complexidade é expressão que me faz pensar nas equações de química que eu não conseguia resolver. Assim sendo, pensar a composição do mundo no plano de uma complexidade me faz assumir — claro — que é difícil é se mover no mundo! Mas que, por outro lado, não há nada de mais prazeroso do que quando nos movemos junto de alguém... E, ao inventar caminhos, inventar idiomas.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Félix Guattari e Suely Rolnik (1986) *Micropolítica — Cartografias Do Desejo*, Petrópolis: Vozes

Félix Guattari (1992) *Caosmose: Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34.

Franco Bifo Berardi. (2012) *The uprising: on poetry and finance*. Los Angeles/London: Semiotext(e)/MIT Press.

Tania Maria Fonseca Galli e Luiz Arthur Costa. *Da Diver-*

sidade: Uma Definição do Conceito de Subjetividade. Em: *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology* - 2008, Vol. 42, Num. 3 pp. 513-519.

* * *

TIAGO RÉGIS

<< CARTOGRAFIAS DA DITADURA >>
CARTOGRAFIASDADITADURA.ORG.BR

toda saudade é a presença
da ausência de alguém
de algum lugar
de algo enfim

gilberto gil

A memória é uma ilha de edição, uma vez disse Waly Salomão. Com o auxílio deste maquinário, procede-se a uma edição não-linear, múltiplas operações: inserts, cortes, rearranjos, dentre outros mais.

Oportuno e bastante precioso o ensinamento do poeta, dado o contexto das “descomemorações” do cinquentenário do golpe de 1964¹. Levando em consideração, portanto, a memória como uma dimensão fundamental para a reconstrução da história de períodos autoritários, emerge em fins de 2013 na cena política fluminense um trabalho de mapeamento de lugares de memória relacionados tanto à resistência quanto à repressão no estado

1 O golpe de 1964 mergulhou o país em uma ditadura de caráter civil, empresarial e militar que só terminou formalmente em 1985.

intitulado Cartografias da Ditadura². Trata-se de uma proposta de construção coletiva e colaborativa, de caráter permanente e processual, de uma plataforma virtual aberta às contribuições de pesquisadores, ativistas, ex-presos políticos, bem como de qualquer pessoa que tenha interesse ou informações pertinentes à temática em pauta.

Ao entender as memórias como objeto de conflitos e lutas, nas quais os participantes envolvidos neste campo de disputas estão permanentemente elaborando novos sentidos, esta ação objetiva contribuir para um processo de memorialização no estado do Rio de Janeiro, evidenciando a luta dos movimentos sociais pela disputa concreta e simbólica dos espaços da cidade. A proposta é rerepresentar a memória de maneira que seja reconhecida a necessidade de mudança no

2 Cartografias da Ditadura é uma ação do projeto de pesquisa e intervenção no campo temático Memória, Verdade e Justiça [Projeto MVJ] executado pelo ISER, organização de direitos humanos sediada na cidade do Rio de Janeiro. A princípio [fins de 2013 e início de 2014] foram realizados alguns encontros presenciais de interlocução com parceiros para formulação conceitual e tecnológica da plataforma. Em 26 de março de 2014 foi realizada uma mesa de debate que marcou o lançamento da plataforma. Desde então, a equipe responsável tem realizado algumas intervenções [parcerias com grupos/pessoas para produção de conteúdo + oficina em escola + concessão de entrevistas + participação em atividade da Campanha Ocupa DOPS >> ver mais sobre a campanha aqui <<http://ocupa-dops.blogspot.com.br/>>] para difusão desta ação cartográfica. Para contatos com a equipe, escrever para cartografiasdaditadura@iser.org.br

âmbito das políticas públicas, bem como colocar em pauta os diferentes motivos que temos para recordar.

*

Tendo em vista a produção cartográfica como uma ferramenta de estratégica importância para a disputa de territórios, a ação Cartografias da Ditadura tem por escopo fazer com que o mapa deixe de ser apenas um registro gráfico de representação para se transformar em um espaço de expressão de experiências coletivas, de encontros e trocas. O intuito aqui é sobrepor outras informações e grifar outros significados no mapa para assim possibilitar a produção de outras camadas de sentido. Interferir neste mapa é refazer uma outra cidade, a qual passa a não ter mais sua história escrita no mapa de contornos bem delineados.

Evidenciando cartograficamente as práticas da repressão ditatorial, bem como os atos de resistência àquele regime, esboça-se, aos poucos, o mapa de um Rio de Janeiro que desmancha a pálida imagética construída pelos discursos hegemônicos de poder. Trata-se de produzir outros sentidos acerca de lugares do passado ainda hoje muito presentes através do trabalho da memória, o qual se dá no imbricamento das biografias individuais e da história coletiva.

Reunindo os mais diversos materiais produzidos no campo temático Memória, Verdade e Justiça, esta cartografia pretende se constituir como uma ferramenta de valor pedagógico que objetiva fomentar a conexão entre as lutas e as violações do passado e do presente, bem como transmitir para as gerações de hoje e para as próximas o absurdo da violência institucional.

Considerando essa vertente coletiva de produção de conhecimento, Cartografias da Ditadura quer afirmar, como disse o crítico literário suíço Jean Starobinski em um texto concebido como discurso de agradecimento pelo Prêmio Europeu do Ensaio Charles Veillon de 1982, o “vivo interesse que sentimos diante de determinado objeto do passado, para confrontá-lo com nosso presente, no qual não estamos sozinhos, no qual não queremos ficar sozinhos.”. Afirmando, sobretudo, que as ausências deliberadamente soterradas e esquecidas da memória oficial se fazem mais do que nunca presentes!

* * *

[REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS]

- SALOMÃO, Waly. *Poesia total*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- STAROBINSKI, Jean. *É possível definir o ensaio?* Tradução de André Telles.
- Revista Serrote, Rio de Janeiro, n. 10, p. 43-61, mar. 2012.

CONSPIRAÇÃO

Conspiração
André Mesquita

ANDRÉ MESQUITA CONSPIRAÇÃO

Em grupo,

*arquitetam juntos as
tramas secretas do
mundo. Lançam murmú-
rios na rede. Desenham
associações obscuras.
Jogam com complôs e
boatos. Teorias conspira-
tórias passam por regimes
de elucubração coletiva,
mistificações, sinais de
paranóia, estados de
cinismo. É possível
revelar estruturas de
poder autoritário, de
controle ou de governança
sem basear-se em especu-
lações, falsos testemunhos
e opiniões delirantes?
Conspirações trabalham
com incertezas, desvios e*

¹ Inclua nesse espaço nomes de corporações ou organizações em conluio com atores influentes formando alianças ocultas e sigilosas.

falhas de informação. Algo está sempre escondido. Tentam provar aquilo que não sabemos, ou aquilo que deveríamos saber. As provas se encaixam? Que pedaços de histórias podem juntas nos mostrar a verdade?

Instituições burocráticas e militares do Estado são responsáveis por manter, reservar e classificar como segredos conhecimentos “ameaçadores”. O “poder concentrado do segredo” é algo que Elias Canetti apontou como característico dos regimes ditatoriais.² Hoje, nos governos ditos “democráticos”, organismos normativos, agências de segurança e sistemas de vigilância usam informações confidenciais para

² CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

controlar e dominar nações. Tudo o que uma teoria da conspiração quer é não explicar, mas produzir suspeitas para construir suas “verdades”. A ansiedade de querer conhecer o que não se sabe, de procurar enxergar o que está escondido nas sombras, ou até mesmo diante de nossos olhos, aponta para uma busca incessante pela transparência.

A ideia de transparência sobre um segredo que precisa ser trazido à público só evidencia o paradoxo de dizer que tudo está claro quando, na verdade, existe algo a ser resguardado. Somos tomados pela incerteza de não saber a verdade que se esconde por trás das cortinas, pois quanto mais se esconde, mais inegável torna-se a prova de que a informação é administra-

da e regulada. Evocar a “presença da ausência”, como fizeram as madres da Praça de Maio para comprovar as torturas e os desaparecimentos durante a última ditadura militar na Argentina, ou a recente pergunta “onde está o Amarildo?”, nos convocam publicamente a pensar que nem sempre a verdade que se encoberta pode ser enterrada por intimidações e sintomas de amnésia.

Teorias conspiratórias nunca são transparentes e lógicas. Para seus perpetradores, sempre existirá algo a mais no mundo que precisa ser provado.

A desconfiança cresce. A intriga torna-se ilimitada. Expor um segredo não nos mostra a presença de um mundo “clandestino” ou um poder “paralelo” agindo em concomitância com o real. Ao invés disso, tal exposição enfatiza que esse mundo e esse poder atuam dentro de um espaço de disputa onde as nossas relações sociais cotidianas são construí-

das. O que mais falta à conspiração são pistas de suas teses e um sentido claro de suas ligações. Como provar associações sem cair nas falácias e armações da grande imprensa, ou nos memes disparados nas redes sociais? Criminalizar movimentos pode passar pelo viés conspiratório da acusação sem provas concretas.

É da natureza conspiratória falsear ou limitar informações. A internet é um grande repositório de teorias conspiratórias exóticas e fantasiosas, com páginas cheias de detalhes

sobre o governo totalitário dos illuminati, sobre a presença de extraterrestres entre nós, sobre os segredos da morte de líderes políticos e religiosos, ou sobre o perigo de um controle mundial pelos fundamentalistas religiosos e grupos extremistas. Fatos, profecias e evidências confusas querem provar a verdade que não sabemos. Na rede, tudo parece estar sendo revelado, dando-nos a falsa sensação de que agora sabemos o que antes não conhecíamos. No entanto, o aumento da quantidade de informação circulando



na web não significa maior clareza de entendimento.

No início dos anos 1980, Fredric Jameson¹ já havia apontado em sua crítica ao pós-modernismo a urgência de se produzir uma “estética de mapeamento cognitivo” como algo que nos ajudasse a cartografar os processos de integração global. Jameson também se referiu à necessidade de produzir uma arte política que conseguisse representar o espaço transnacional do capitalismo para que pudéssemos entender os nossos posicionamentos individuais, ajudando-nos a recuperar a capacidade de agir e lutar, então neutralizada pela nossa confusão espacial e social. Quase trinta anos depois, uma pergunta ainda deve ser feita: podemos articular a totalidade de um sistema social sem cair em uma análise conspiratória?

Para Jameson, a conspiração tenta representar algo que não pode ser representável por meio de uma analogia do mundo real, simplificando estruturas de poder e distorcendo sistemas sociais.

O fato de hoje tudo nos parecer conectado não significa que conseguimos desvendar a rede completa de uma trama.

** * **

¹ Fredric. Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Ática, 1996

DAVI MARCOS

*Pequeno ajuntamento de postagens/pensamentos
sobre um pedaço de realidade*

Davi Marcos

DAVI MARCOS

PEQUENO AJUNTAMENTO DE POSTAGENS/PENSAMENTOS SOBRE UM PEDAÇO DE REALIDADE

*(Seleção de escritas de Davi no seu
perfil facebook entre 2013 e 2014)*

*No jornal diz que será um soldado
do exército para cada 55 moradores da
Maré, mas não diz quantos médicos,
quantos educadores, quantos dias de
coleta de lixo, quantas novas vagas de
emprego...a lei do fuzil do Estado não
difere muito da lei do fuzil do bandido.*

EUS...

*A vida é dura, não se pode esmorecer...
A chapa é quente, não pode dar mole...
Aquilo que não aprendemos nos engole...*

*Pobre, porrada
Rico, empreitada
Copa furada
De tudo ou nada
Tudo pra quem?
Retira de alguém/ninguém
Suas naves vem
Pára tudo, torcida, amém*

*Esmo além do real
A esmo, nós, foi mal
Soldados contra nós
É nós
Somos nós
Contra nós
Vítimas e algoz
Em nome deles, por eles*

*Com nosso dinheiro
Nosso suor
Nosso sangue
E tudo ao redor
Nada mais nos pertence
Força de trabalho, corpo
ou a vida que se vende
Ninguém (se) entende?*

*Não dou conta da
realidade, reinvento cada
ponto que puder...*

ESTALANDO

*Toda hora tem, gritou o “menó”
Vai vem frenético, se liga, aqui ó
Fogos, estalando, um chicote novo, eminência fatal para o povo
Chapa quente, gato preto, corre pro beco
Rápido, languido, quando corre quase não toca o chão
Parece vapor, tem carga nova, difícil botar a mão
Alma ainda correndo, após o estampido, ecoa o sangue no ouvido
Dizem que tava no veneno, era ainda menino, pouco mais de 12
Talvez o artigo, também o calibre que o acertou, em sua última pose
Na linha do jornal era um gerente, mais um, menos um, pra muita gente
Na favela onde morava, um menino da boca e na realidade uma criança
Que depositara seu sonho, sua esperança, com toda confiança
“Lado certo da vida errada” era assim que via, que vivia, essa era a parada, dia a dia
Na sua curta estrada que a falta fia
A fila anda...pra boca e a barriga “não ficar vazia”
Estalando de novo, estalando, de novo...estalando!!!*

*Aumentou tudo no Rio,
principalmente o nível do
caos, seria por acaso?*

RETROVISOR

*Por ventura seja agraciado
Por aguardada mudança de lado
Não te esqueças da origem
Que sujou teu rosto de fuligem
Pois as maquiagens não poderão ocultar
O que pra sempre dentro d'alma estará
Raiz que em momento crítico te afetará
Que em luzes diversas não se apagará
Pois sem tais bases de ser
Jamais seguiria um simples entender
Efêmero, és
Sorte ou revés
Eterna é a mudança
Em tempo, ser sempre criança
No vento, esperança dança
A vida não permite fiança*

BOM DIA FAVELA

*Quando se entra na
favela, de verdade, ela
nunca mais sai de dentro
do ser, a favela fica e de
alguma forma se mani-
festará n'alma. Favela
não é um espaço, é uma
vibração.*

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

*No proscênio, tem um gênio
E seus desejos realizados
Transformam todos em errados
Muitos são enterrados
Silvos, uns mortos e outros vivos*

*As vias de fato
Assim como gato e rato
Minha alma/poesia dói
Fico num só desconstrói
Quem dera fosse herói*

*Os meios para os fins
São tipo assim
Balas, gases, bombas
Menos marfins e mais trombas
Não d'água, mágoa*

*São valas aos infernos abertos
É sangue de Marias, Josés, DGs e Adalbertos
É bonde e não gangue
Nosso espetáculo de sociedade
Só não é mais absurdo que nossa realidade*

*Se foi por acidente, não sabemos
Mas o preço de qualquer coisa pagaremos
Com a moeda dos lamentos, desde de 22 de Abril de 1500
Invasão maior ainda não se viu
Mandaram os putos pra puta que pariu, olha o que disso tudo surgiu*

*Transgrido quando
incomodo o conservador,
mas vou além quando
faço o mesmo com a
vanguarda.*

UM POUCO DA PRESSÃO DO LADO DE CÁ

No caminho, vi muitas pessoas aderindo ao “vamos vencer na vida de qualquer jeito” muitos viraram ladrões, traficantes, estelionatários e tantos outros viraram policiais. Um dia no RocK in Rio em 2001, fui abordado por dois policiais na beira da rua, onde tinha um matagal que as pessoas estavam usando como banheiro, quando me perguntaram o que estava fazendo ali, respondi enquanto subia o fecho-ecler da calça, que estava criando uma alternativa para a falta de banheiros públicos, um deles, o mais velho, me chamou de engraçadinho, o outro, bem mais jovem, veio me revistar, ele gaguejava ao falar comigo. Olhei por baixo das sombras do boné da PM e reconheci o policial que me revistava, no impulso o chamei pelo apelido que sempre o usava na rua de Olaria: Gaguinho?

Levei um tapão na cara, aos berros de “tá maluco, seu filho da puta?”

O policial mais velho já mandava me esculachar, daí segurei meus cabelos, que eram grandes na época, fiz um rabo de cavalo, assim o policial mais novo pode ver melhor o meu rosto, ao me reconhecer me abraçou, chorou e pediu desculpas, ao final ainda chorando ele disse que a pressão que sofriam era muito grande. O policial mais velho, com cara de decepcionado disse para parar com aquela cena e que só faltava nos dois nos beijarmos, o Leandro me colocou para dentro do show e vi os últimos minutos do Red Hot Chili Peppers, nunca mais o vi, agora vejo em jornais, matou a namorada.

O VULTO OU A VOLTA

O vulto volta
A volta vulto
O vulto deu a volta
A volta deu o vulto
Vulto e volta
Volta e vulto
Vulta
Volto
Voluta
O vulto ou a volta?
O vulto é a volta
A volta é o vulto
Volta
Vulto
Volta
Vulto
Volta...

Temos mais em comum do que se pode aceitar

Sabe aquele policial que está ali?

Hã...?

Também é pobre.

Quem dá ordem para a polícia cumprir?

Violência é uma questão de classe.

A multidão que lincha o fugitivo, é pobre.

O moleque que furta o cordão de forma violenta, é pobre

O ladrão que usa uma faca, é pobre

O assaltante que segura a pistola, é pobre

O bandido que segura o fuzil, é pobre

O policial que segura o fuzil, é pobre

O soldado do exército que segura o fuzil, é pobre

O segurança privado que segura o 38, é pobre

O guarda municipal que segura a arma de choque e o porrete, é pobre

A multidão que reage de forma violenta, é pobre

Quem lucra com a violência?

A quem o pobre serve através da violência?

Devemos ser violentos?

AMOR É ARMA

HOLOSORTES

Circo e cerco, armados

Senhoras e senhores, acuados

Desejando a paz, o fim da guerra

Vivendo o clima de invasão da terra

São homens e não alienígenas

Branços, negros e indígenas

Fluxo de vídeo em tempo real?

Reality Show, sensacional...

Aqui larga o aço, é pão escaço

Nesse circo, é nós o palhaço

Família relatou sobre adolescente levado pelo exército na Nova Holanda agora, as mulheres estavam com os rostos e olhos vermelhos, disseram que era por causa do gás de pimenta.

—Os soldados do exército que estão na Maré são tão novos quanto os moleques do tráfico e tem o mesmo perfil, em maioria negros e de classe popular.

—Sobre uma matéria do jornal O Dia:

A mídia descobriu uma nova comunidade na Maré, estava lá há 30 anos e nessa levada ressaltou essa frase, que pra mim é exemplo do que faz o bolsa família :

“Desempregada desde que descobriu que estava com Aids, há oito anos, Ana sustenta os filhos com apenas R\$ 290 que recebe do Bolsa Família. As crianças, de 17, 8 e 5 anos, estão matriculadas na escola. Todos dormem em um único colchão, achado na rua.”

Matéria <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-04-05/mclaren-uma-localidade-na-mare-onde-falta-tudo.html>

CA MINHA
MINHA ARTE
MARTE MINHA
LE VINHA
CAL MINHA
AD VENTO
DE TALHOS
NOS MALHOS
DA CALMA
AD QUERIDA
ARTE MINHA
MINHA VIDA

DES// DOBRAMENTO /S

des//dobramento/s
Daniela Mattos
Cecilia Cotrim

bulário||estético||político
Cecilia Cotrim

DANIELA MATTOS
CECÍLIA COTRIM

DES//DOBRAMENTO/S

(ecos de silêncio dos des//do-
bramento/s na escrita)



dar conta de si, cuidar-se, escutar-se

ver as horas passando onde quer que se esteja e ainda assim conseguir pensar além, mais adiante do que ainda está por fazer, mais para lá do que nossa biologia ou nossa biografia nos impõe

entender quando o que se anseia não é mais horas no espaço do dia, é mais humanidade, mais alegria como prova dos nove, mais espaços de troca e lugares de encontros que não se reduzam a responder demandas, que possam reverberar como acontecimentos

desviar o quanto possível das subjetividades que precisam responder a tudo de um modo estabelecido, normatizado, estanque (mas enfrentá-las se for necessário)

conseguir ainda assim operar cortes reais, mesmo que como micro-poros, nas múltiplas máquinas de moer gente que precisamos enfrentar no cotidiano, que nos anestesiaram e estancam nossas forças de criação pois excluem o desejo, quase o apaga dos nossos corpos

permitir-se desdobrar o silêncio, fazê-lo ecoar em nossos vazios e deixá-los tornarem-se plenos, aceitá-los em sua dificuldade e sua potência, quando podemos perceber que o copo está vazio, mas ao mesmo tempo cheio de ar

arejar o espaço do pensamento, desafiá-lo, cartografá-lo considerando a potência performática da vida e de seus nós (cortá-los quanto górdios) preparando o terreno para mudanças

os projetos // processos abordados no vocabol são desdobrantes: irrompem provocando giros, saltos: são processos críticos progressivos: caldos de redução arte // política.

as proposições nascem e crescem nelas mesmas e noutras, escreve hélio oiticica em 'as possibilidades do crelazer'. é por aí que pretendemos pensar o movimento provocado pelo termo desdobramento..... [seguir os desdobramentos em ho é como ir dos meandros das cosmococas aos parangolés, e daí a orgramurbana.... a apocalipopótese, a cães de caça,,,,,, deslizar de projeto cajú a mitos vadios, em lances de retomada crítica//

desdobramentos são micro-processos ao longo dos quais surgem, e são reduzidos, diferentes feixes de questões.... daí, configuram-se outras regiões... em ritmo, temperatura, pressão, [clima?], cor, tato, olfato, paladar, múltiplos perceptos e afetos....

"oh, psychodélie!" — exclama gilles deleuze, a uma dada altura de Lógica do sentido. vamos tentar desdobrar estas notas a partir de experiências com a fagulha que se inscreve, se escreve.... uma espécie de marca vocabo-política, mas também uma partitura de ação, deflagrando novas páginas e comportamentos. [desejamos algo como o trecho torrencial de waly salomão, ao descrever os movimentos de ho, em desvio, com a bateria da mangueira, pelas bordas do mam, na opinião 65:

o 'amigo da onça' apareceu para bagunçar o coreto: hélio oiticica, sôfrego e ágil, com sua



legião de hunos. ele estava programado mas não daquela forma bárbara que chegou, trazendo não apenas seus parangolés, mas conduzindo um cortejo que mais parecia uma congada feéria com suas tendas, estandartes e capas. que falta de boas maneiras! [...] uma evidente atividade de subversão de valores e comportamentos. barrados no baile. impedidos de entrar. hélio, bravo no revertério, disparava seu fornido arsenal de palavões: —merda! otários! racismo! crioulo não entra nesta porra! etc., etc., etc...¹

¹ waly salomão, hélio oiticica, qual é o parangolé? p. 59.

nossa proposta é pensar numa redução entre os anos rebeldes da contra=cultura e esse início do terceiro milênio, segundo o ritmo da montagem/sampleagem que basbaum retomou em conversa durante a residência do vocab=pol na glória, [vivência voltada a desdobrar radicaixs-etc [vocábulo desdobrando-se uns nos outros, uns antes/depois/ dentro dos outros, como no pensamento performativo da bitola, deflagrado pela louira git=mar. ou palavras e carne em atrito com a cidade, como no love de juliana=cavaleira.]

geléia adversa=adversa geléia: a dupla condensação, em estado de oposição, participa do contexto específico de um diagrama de basbaum, de 2008. relacionam-se em tensão, entre as três tríades que aparecem à oeste do plano, vizinhas:

parece que tais tríades trazem alguns pontos importantes para a nossa discussão: focaremos em: transatravessamento, adversa geléia, artista-etc. estes 3 termos podem

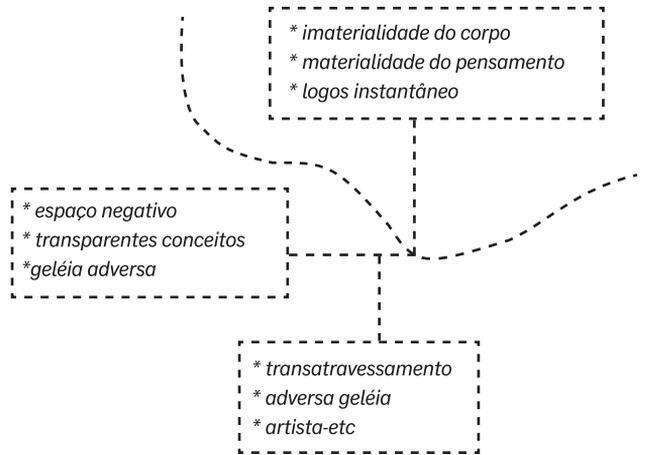
funcionar como detonadores, lançando a discussão, e o desejo, sobre certas estratégias artísticas contemporâneas que, ao lado das outras tríades, formam essa estranha região [estranha e complexa]: a zona de interseção proposta pelo vocab=pol..... vocabulário político para processos estéticos, provocando dobras críticas ao articular duas expressões-clichê, de ho e torquato [da adversidade vivemos, e geléia geral, respectivamente], o diagrama faz vibrar – aí nessa região – diferentes fases do circuito de arte carioca..... numa dessas fases,

maldita!, desdobrar é como deflagrar, e se diz assim – diretamente da coluna de torquato¹:

o aterro, do saçuão ao mar mais pensar agindo: orgramurbana: a quase corporalidade da significação.....

*** * ***

¹ "sobre orgramurbana. como uma carta para hélio oiticica", Luis Otávio Pimentel invadindo geléia geral, em 9 de dezembro de 1971.



CECÍLIA COTRIM

BULÁRIO//ESTÉTICO//POLÍTICO¹

em torno da MUJICA

- PROJETOS//PROCESSOS [cecilia cotrim + tatiana grinberg - conversa em fevereiro de 2014]
- PROCESSOS COLETIVOS [ricardo basbaum - diagrama arte & vida]
- ALIMENTO AMPLIADO [jorge mena barreto]
- CONVERSAS [ricardo basbaum]
- DESARQUIVO [cristina ribas]
- HIDROSOLIDARIEDADE [rés-do-chão]
- ARTEdeSOUVIDA [rés-do-chão]
- NBP [ricardo basbaum]
- ARTISTA-ETC [ricardo basbaum]
- ARTISTA // [rés-do-chão]
- EDITORA PRESSA [graziela kunsch]
- CORPO DATIVO [empreza]
- CONSTRUÇÃO DO COMUM [antonio negri]



1 Listagem elaborada por Cecília Cotrim para seu editorial da Revista Periódico Permanente (número 5), do Fórum Permanente. Cecília apresentou essa listagem como parte de sua pesquisa/proposição para o Vocabulário político.



MUJICA MACAPOARA

— primeiras compras:

4 k de farinha de mandioca amarela, fina, do pará

chicória da amazônia

jambu da amazônia

4 litros de tucupi da amazônia



TATIANA ROQUE

DIAGRAMA

“O diagrama é este formigamento de gestos virtuais: apontar, fechar, prolongar, estriar o contínuo. Uma simples linha, um pedaço de flecha e o diagrama salta por cima das figuras e constrange a criar novos indivíduos. O diagrama ignora de modo soberbo todas as velhas oposições abstrato-concreto, local-global, real-possível. Ele guarda como reserva a plenitude e todos os segredos dos fundos e dos horizontes”.

Gilles Châtelet, Les Enjeux du Mobile

Como inventar uma política autônoma, novas formas de organização, práticas capazes de manter uma assimetria, como condição para uma política anti-capitalista?

Uma máquina expressiva, criação de signos que resistam à divisão entre significante e significado, entre expressão e conteúdo. Uma gramática, mas também uma semântica corporal das lutas.

Cada enunciado se relaciona a uma situação micropolítica específica, que não conhecemos sem mergulhar na

situação na qual o enunciado se produz. A escolha das palavras não é anódina, nem seu significado. A diagramática é uma recusa de rebater a enunciação sobre os enunciados, em um mundo povoado de palavras de ordem.

E opor à axiomática do capital é escapar de seus mecanismos de articulação, de mediação, de tradução de códigos. Sempre houve códigos, mas agora é preciso que todos se equivalham.

As minorias também são codificadas, apropriadas por identidades fixas, e podem se tornar reféns dos mecanismos de captura. Para Deleuze, há duas

maneiras pelas quais o capitalismo codifica as formações sociais, e que são interiorizadas pelas minorias: o corte nacional/extranacional, que torna toda minoria composta de estrangeiros, ainda que estrangeiros de dentro; o corte individual/coletivo. A minoria se constitui na impossibilidade de interiorizar essa última divisão, pois tudo que parece emergir do individual (familiar, conjugal, psíquico) se liga a outras questões nada individuais (étnicas, raciais, sexuais, estéticas), com uma relevância que é imediatamente coletiva e social.

Uma das maneiras pelas quais o capitalismo codifica as formações sociais, para integrá-las em sua própria dinâmica, é a da comunitarização, ou seja, o isolamento produzido pela fixação de uma identidade. O que leva alguns grupos a enxergarem suas reivindicações como parte da esfera interna, como problemas que só concernem àquela comunidade, o que estamos chamando de problemas nacionais. Pode-se até tolerar a dimensão coletiva e política das questões que preocupam uma minoria, contanto que ele não se conecte a outras minorias, a coordenadas internacionais, transversais, ou seja a lutas estrangeiras.

Por isso, não dá pra combater o cinismo capitalista entrando no gueto, falando uma língua particular. Por outro lado, também não mobilizamos

nenhuma força subjetiva renunciando à singularidade de cada grupo social. É sim, usando muito do gueto, de sua sensibilidade e seu dialetos próprios, mas para conectá-los, conjugá-los a outras lutas. Assim, podemos inventar um devir autônomo imprevisível, que passa por conexões transversais entre atores diferentes, lutas transnacionais. Talvez possamos falar de uma nova internacional.

Os momentos de maior potência dos movimentos são aqueles em que diferentes lutas se encontraram, produzindo mobilizações imprevisíveis.

Precisamos urgente de novos parâmetros para avaliar, de modo imanente, a efetividade das lutas e das organizações desse ponto de vista. Que se liga aos modos de existência que elas propõem, seu estilo, os problemas que coloca, as reivindicações que traz e seu potencial de conexão. O critério dessa avaliação é a aptidão que a gente tem para se articular com outras lutas, conectar nossos problemas com os problemas de outros, ainda que muito distintos do ponto de vista das identidades. Falar outra língua. Nunca só a nossa.

Tal é a função de uma política diagramática: operar por relações transversais entre problemas distintos e se opor à automação dos axiomas capitalistas.

** * **

ESCREVER

Escrever
Cristina Ribas

escrita
Daniela Mattos

7 minutos do streaming de RionaRua
7 de Setembro de 2013
Transcrição Luiza Cilente e Sara Uchoa
Narração de Clara Medeiros

De quem é a ordem?
Rio, 20/06/2013
Transcrição de Luiza Cilente

CRISTINA RIBAS

ESCREVER

PRIMEIRO

Escrever me alegra. (Suely Rolnik)

Escrever me assusta. Eu diria também, assim como disse Suely que a alegra. E também me alegra, claro. Mas me assusta. Escrever complexifica, expõe, radicaliza, nomadiza linhas de pensamento. Sensação e pensamento. Pensamento e impressão. Expressão. A escrita é assustadora.

Quando digo da escrita, essa que assusta, digo da escrita como ato primário, como tradução humanotécnica, como capacidade de cognição. Como quando desenhava sem desenhar por 40 segundos uma natureza morta (e nem natureza, nem morta) sobre o papel branco, com lápis. Escrever como ato primário é trabalhar numa fidelização das linhas-pensamento, das suas linhas de vôo, do pensamento a nu, da sua diagramática.

Escrever é um ato que se descola desse corpo, que provoca uma separação, ou uma tradução. Para uns está mais perto (escrita mais perto da noção de si). Para outros está mais longe (escrita como ato árduo, de algo que não se consolida como prática de si).

É belo também quando Suely Rolnik diz que há uma cartografia. Me refiro ao texto “Pensamento, corpo, devir” (1993). Ela fala da relação entre a escrita e uma cartografia do pensamento, que o pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria prima são as marcas (aquilo que provoca mudanças na nossa compreensão de si, de um “eu sou assim”, afetado por marcas desviantes de si que trazem o “outro em nós”...) e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos

criando, trazendo figuras de um devir. Ela diz também que é na escrita que o pensamento rende o mais que pode, visto que ela convoca o trabalho do pensamento, e lhe traz maior acuidade e consistência. Ela diz que escrever tem o poder de ampliar a escuta e suas reverberações, pois escrever é traçar um devir. Ao escrever colocamos as marcas em estado de proliferação. É nesse ponto que ela diz: escrever me alegra.

Essa escrita também provoca, ainda que seja desviante, uma consignação, uma conjugação de mundo.

SEGUNDO

*A escrita, doutra maneira, está em códigos. Em algoritmos¹. Em data bases. There is a form of writing in each and cada coisa. Uma escrita como codificação. Como segredo. Construída por sistemas, ou construtora de sistemas de escrita. Por trás de cada dígito, um cálculo algorítmico, de combinações, e de números. Essa escrita, essa aqui que se lê, é transcrição pura. Porque existe o escrever em código que permitir escrever em letras. Há uma mecanização ou uma automação da escrita, senão, ela não se faz. Outrossim, de um lado avesso, a escrita é toda uma elipse. Ela esconde e revela, revela assim como essa que se transcreve nos seus olhos: uma **COMPLEXIDADE**. *

A escrita passa pelo legível, e portan-

1 Algoritmo: combinações ou cálculos numéricos que inscrevem operações funcionais.

to, também pelo ilegível. A escrita impregna pela presença dessa palavra de poder metafísico as tantas suas formas. Há um trabalho de fundo da escrita. Há um trabalho de produção de verdade, como disse, Peter Pál Pélbart: “a verdade da relação, não a relatividade do verdadeiro.” Essa escrita seria aquela que chamo agora de escrita política. Escrita impregnada da construção de uma verdade que sabe da sua temporalidade.

*Por isso penso agora numa escrita-streaming, de puro fluxo, de passagem, de pura atualização. Nas escritas feitas pelo agregador digital *Agrega Lá*,² nos diversos grupos de mídia livre que surgiram, como o *Coletivo Mariachi*,³ o *RionaRua*⁴ e a *Mídia Ninja*.⁵ Há diferença em como cada grupo se organiza, e há processos de apropriação e reapropriação das escritas-streaming também. O streaming, para aqueles que estranham a sua presença aqui na entrada da escrita, é a passagem, como um fluxo aberto, de uma informação-vídeo ou áudio ao vivo pela trama da web... São escritas em formas algorítmicas, pixeladas ou chiadas, que são feitas a*

2 agrega.la. Portal de coletivos de mídia, grande parte surgiu no ciclo das manifestações a partir de Junho 2013. A Nova Democracia, Carranca, CMI, Coletivo Mariachi, Comitê Popular, Linha de Frente Audiovisual, Maré Vive, MIC, Ninja, Ocupa Alemão, Ocupa Câmara Rio, Ocupa Copa, Ocupa Rio, Olhar Independente, Projeção, Rio na Rua, Vinhetando, Vírus Planetário, Voz das Ruas.

3 [youtube.com/user/coletivomariachi](https://www.youtube.com/user/coletivomariachi)

4 rionarua.org

5 ninja.oximity.com/org/NINJA-1

partir de muitos pontos de vista diferentes, que dão vazão aos protestos do BRASIL | BRASIU | BRAZIS, ⁶ multiplicando a sobrecodificação da informação da grande mídia e suas narrativas limitadas. Essas escritas se relacionam diretamente com o movimento, são o movimento ele mesmo, e não uma representação dele, tal como já aconteceu na Praça Tahrir no Egito, no Parque Gezi e na Praça Taksim em Istambul, na Praça do Sol em Madrid.

Algumas escritas se perdem no fluxo ao vivo que as sustenta, outras são recapturadas e constróem ferramentas de proteção, como as muitas câmeras de um mesmo evento que revelam, a nu, que se uma bomba saiu da mão de um homem, ele não era, definitivamente, aquele homem que a justiça ou a polícia acusaram. A forma como a mídia construiu o caso do acidente que teve por consequência a morte de Santiago Andrade, o cinegrafista da Band, levou à prisão de Caio Silva e Fábio Raposo, ainda presos. A Rede Globo trabalhou junto com a Polícia construindo a criminalização de ambos, tentando associar o estouro de um rojão ao então Deputado Estadual Marcelo Freixo e o movimento Black Bloc. O que se provou uma grande farsa, também porque o advogado inicialmente arranjado para os acusados, Jonas Tadeu, era o mesmo advogado de um miliciano da Baixada Fluminense — Natalino Guimarães, preso em 2008. Jonas Tadeu abandonou o caso. #liberdadeaparatosospresospolíticos

A escrita como movimento, que é fluxo puro, é também a escrita que incorpora o

#hashtag os encadeamentos da escrita @twitter. São as cartografias reais dos sms cruzando a Espanha e construindo o 15M. São as leituras diagnósticas dos fluxos de informação, sintomatológicas de tomadas de posição sociais, como aquelas visualizadas por softwares e codificadas por Fabio Malini e seus alunos na UFES⁶. Tais escritas-signo de tom ágil e virtual, são escritas muitas vezes dessubjetivadas, que viajam e informam, que sobretudo convocam (essa é sua verdade), convocam subir um assunto, um evento, uma luta, no trend. São escritas políticas de uma verdade absurda, monstruosa. Expostas em chocante escala continental... Significam doutro lado, e voltam ao emissor, e transmitem-se a outros. Escritas que provocam, escritas que informam, escritas que transportam, escritas que se perdem.

((a Sementeira num carrinho de supermercado)) (((o Rio na Rua e a narração de voz forte da voz da Clara))) ((descrever essa iniciativa)) (((O radio como escrita))) (((O streaming-escrita))) (((a reapropriação da escrita na Midia Ninja))) (((o arquipélago de escritas))) (((a propriedade das escritas)))

TERCEIRO

A escrita, de alguma maneira, é a crença desse vocabulário. Escrita que é feita tanto de algoritmos legíveis e de imagens algorítmicas. A escrita é solicitada nesse projeto como processo estético, processo no qual nos envolvemos a codificar nossas ideias, mas não sem pensá-las, sem

6 labic.net

DANIELA MATTOS

escrita

*a escrita (a arte),
enquanto produção de muitas forças sem nome
é sempre
tomada de posição,*

*para fazer esta escolha é preciso
colocar-se em risco
e produzir
encontros que fazem vazar algo
que resiste
(re)existe
não deixa minar as forças vitais*

*o mar de mudanças que estão redor
sem volta
galopa desejante
abre novos modos de vida e invenção*

*seja poema
(uma partitura a nu do pensamento)*

*performance
(presente radical que cola o aqui da escrita ao aí da leitura)*

ou qualquer outra possibilidade de respiro micropolítico e performativo

*rasgos no clichê
ou a sua repetição
para formar vocábulos heterogêneos e comuns
como sopros*

Outono de 2014

* * *

TRANSCRIÇÃO
LUIZA CILENTE E SARA UCHOA
NARRAÇÃO DE
CLARA MEDEIROS
07/09/2013¹

**7 MINUTOS DO STREAMING DE
RIONARUA**

**MANIFESTAÇÃO NA RUA PINHEIRO
MACHADO NAS IMEDIAÇÕES DO
PALÁCIO GUANABARA, NO RIO DE
JANEIRO**

(Ela) mostra dois cachorros grandes com um dos manifestantes, o rapaz comenta que parecem cachorros da PM. Multidão grita:

/ Vem, vem, vem pra cá também!

(Ela) comenta sobre o cordão de isolamento feito pelos policiais. Pessoas começam a passar por debaixo do viaduto em direção a Laranjeiras. Alguns passam com casacos e panos no rosto como se tivessem se protegendo do gás lacrimogêneo.

/ O pessoal começa a se movimentar aqui, chamando a galera — ‘vem pra cá também!’ É um pedaço que não tem cordão. O pessoal está passando aos

1 Na noite de 7 de Setembro de 2013, 79 manifestantes foram presos no Rio de Janeiro sem qualquer causa específica para a prisão. A mídia tratou os protestos como “confronto” com a Polícia Militar. Relatos e registros em vídeo comprovam que a Polícia começava bombardeios de gás lacrimogêneo sem qualquer necessidade, no intuito de intimidar os manifestantes.

poucos pra cá, por debaixo do viaduto... O pessoal passa direto pelo grupo do choque que estava ali na frente fechando o acesso ao túnel e agora vai passando calmamente por debaixo do viaduto para seguir pela rua da Laranjeiras.

Multidão grita

/ No balancê, balancê, escuta o que eu vou te dizer, Eike Batista, vai se foder! E Leva o Cabral com você!

(Ela) câmera filma três policiais do Choque enfileirados atrás de escudos. Um manifestante fala para eles

/ A ditadura acabou faz alguns anos!

Começa a repressão. Ouve-se um estrondo e a (ela) câmera alerta

/ Começou.

Um sinal de alarme provavelmente de um carro começa a apitar. Se escuta mais estrondo de bombas. (Ela) câmera sai correndo, nesse momento só filma o chão.

/ Desculpa pessoal o ruído que tá dando ai no audio, eu tô acostumada a fazer o streaming com outro aparelho que o audio é pior, então tinha que ficar mais perto, é a memória da distancia da mão... Começou! Eles estão lá em cima atirando aqui em baixo?

/ Sim, estão lá em cima.

/ Estão atirando do viaduto aqui pra baixo.

Pausa, ou silêncio ou espreita... Se escuta som de um helicóptero. Algumas

peessoas passam com os braços para o alto.

/ Pessoal aqui passando com braços pro alto. Eles não se mexeram [sobre os policiais] com o gás do lado deles! Eles não se mexeram. Bom gente, o cheiro de gás tá forte, eu tô longe e tá forte mesmo assim. Rapaz aqui do lado, do [Batalhão do] Choque fala — ‘ihhhhh, olha o gáááááááá’. O Choque tá tranquilo.

(Ela) deixa de filmar os policiais.

*/ Vou tentar encontrar minha equipe. Um membro da minha equipe segue tomando tiro, toda vez que tem.... Tá muito forte aqui o gás. Tem uns advogados aqui o IDDH** [Instituto de Defensores de Direitos Humanos]. Os PM's passam aqui com olho lacrimejando, nariz coçando. A informação que a gente teve é que não teve nenhum tipo de confronto para esse ataque agora, foi um ataque gratuito mesmo da polícia. Policiais aqui com olho ardendo. Não dá para passar gente, o gás tá muito forte. Em cima do viaduto já tá liberado, não tem mais ninguém lá em cima. Mais gás ali à esquerda... Pois é, quem tá ali...se aqui tá forte pra dedéu, lá...*

Filma algumas dúzias de manifestantes se afastando do gás. Um carro passa pela avenida bloqueada pelo protesto. O som de helicóptero e estrondos de bombas continuam.

/ Base, eu tô aqui na esquina da

[Rua das] Laranjeiras com a [Rua] Pereira da Silva. Choque acaba de mandar mais umas bombas ali na entrada do túnel. Tá muito forte aqui, tá muito forte o gás. Você não sente mais a fumaça no ar, mas sente queimando o olho. Eu tô de máscara e sinto queimar a língua. Mais um barulho de bomba vindo na direção ali da entrada do túnel. PM passando mal aqui [se referindo ao gás lacrimogênio]. Tá difícil até de falar, tô queimando a língua. Tô sem vinagre, tô sem nada comigo hoje.

Ouve-se barulho forte de helicóptero. Algumas pessoas passam, já bem dispersas e a câmera comenta que todos estão lacrimejando, coçando o rosto. Se escuta uma breve sirene. Um senhor passa.

/ População aqui tá todo mundo lacrimejando, com a mão no rosto. Tem um senhor, três mulheres e um homem, que não parecem estar participando da manifestação, sofrendo bastante com o gás que vai se espalhando pelo ar. A informação que temos é que a galera está encurralada na entrada do túnel Santa Barbara, deve ser a galera que está levando bomba agora. A gente está aqui na esquina da rua das Laranjeiras com a [rua] Pinheiro Machado. As bombas foram principalmente ali no viaduto e aqui ainda está bem forte os efeitos do gás lacrimogêneo. Tem um PM aqui ao lado informando a popula-

ção que é melhor seguir pela rua das Laranjeiras, sentido túnel Rebouças, do que voltar.

(Ela) segue filmando a rua bloqueada para passagem de carros. Som de helicóptero constante.

/ Gás está um pouco mais leve aqui, tá ventando um pouco. Base vou sair da esquina onde estava. Estou tentando me aproximar pra ver a situação da galera que está encurralada na entrada do Santa Bárbara.¹ Tem mais grupo de pessoas que estavam passando na rua do que manifestante, manifestante deu uma dispersada grande aqui. Tem pouca gente.

Som de helicóptero aumenta.

/ O gás já está um pouco mais leve, está ventando um pouco. Tô saindo da esquina onde estava para tentar me aproximar para ver a situação da galera que estava encurralada na entrada do túnel Santa Barbara. Tem aqui mais cidadão passando do que manifestantes, manifestantes deram uma dispersada grande aqui. Tem pouca gente, mas eu tô aproveitando um grupo aqui... [ela caminha em direção ao túnel]. Vocês me desculpem, mas não vou lá sozinha não. Ali na frente, dá para ver daqui um grupo enorme de policiais. Tem gente vindo aqui para me acompanhar, porque na hora da confusão dispersou de forma

muito aleatória. Eu estava com um grupo maior daí eu fiquei sozinha.

Em baixo do viaduto, rua vazia, passa um midialivrista com capacete azul, correndo, sozinho. Desaparece. Rua permanece vazia.

** * **

¹ Instituto de Defensores de Direitos Humanos:
ddh.org.br

TRANSCRIÇÃO DE LUIZA CILENTE

DE QUEM É A ORDEM?

RIO, 20/06/2013

(WHO'S ORDER? — BRAZIL PROTESTS)

Transcrição de um trecho do vídeo “De quem é a ordem? — Rio, 20/06/2013 (Who's order? — Brazil Protests)” <http://youtu.be/A87MctF-f-M>

Multidão grita “Não ... Vai ter Copaaaa!, Não... Vai ter Copaaaa!” e depois “Amanhã vai ser maior!”. Na Avenida Presidente Vargas lotada, alguns caminham com a bandeira do Brasil, outros com máscara hospitalar pra se proteger do gás. Sirenes e bombas na Avenida Presidente Vargas. Alguns manifestantes correndo das bombas. Corta. Mesmo lugar com luzes apagadas. Logo depois uma cena mostra policiais enquanto manifestantes falam “Atiraram aqui”. Um rapaz aponta “Ali óooo!!” “Caralho! Vamos embora!” Uma bomba estoura em frente à câmera. Meninas se escondem do gás enquanto passa o Batalhão do Choque da Polícia Militar. Um rapaz segura uma placa de sinalização “Praça da República”. Dezenas de policiais passam em motos na Avenida Presidente Vargas já vazia. Policiais do Bope caminham e dizem para os poucos manifestantes que ali estão: “Parabéns”, ao que respondem “Pra vocês também”. Indianara Alves Siqueira (ativista transexual) grita: “É nosso dinheiro que paga o salário de vocês! Covardes! Entendeu, é dinheiro público, é do povo!” Alguém sai correndo tentando escapar de uma bala de borracha. Alguém grita “Bravo policial!” e uma bomba de gás é lançada do outro lado da rua. Ouve-se um estrondo. Helicópteros. Começa a pegar fogo na calçada a frente.

Policiais vão em direção a um manifestante desarmado que faz sinais com as mãos para que parem. Um policial vai até ele e o empurra. Logo atrás mais uma bomba de gás estoura. Um policial grita “BOPE, direção à Candelária”. Manifestantes gritam insultos para os policiais. Uma menina com a cara pintada enrolada com a bandeira do Brasil fala em tom revoltado e nervoso pra câmera: “Ele falou pra mim se eu queria mais uma bomba porque eu falei pra ele que aqui só tem gente do bem e a polícia chegou aqui jogando bomba e aí me perguntou se eu queria mais uma, olha que legal, essa é a polícia, essa é a polícia que a gente tem. A gente vem aqui protestar e ele me pergunta se eu quero mais uma bomba!” Corta pra um manifestante tendo a mochila revistada pela polícia. O policial está gritando com ele: “Cala a boca, estamos só te revistando!” E jogam alguma coisa da sua mochila no chão. Ele fala “Por favor alguém filma isso!” e olha pra câmera e diz “Olha isso!” indignado. O policial pede pro câmera se afastar mas diz que pode filmar. Eles devolvem a mochila. Ele lamenta por sua máscara e pergunta se pode levar o vinagre que está no chão. Um policial diz que é inflamável. Ele questiona: “Inflamável? É crime andar com vinagre?”. Ele insiste “Isso é crime mesmo, eu só quero entender!”. O policial diz para o “cidadão” seguir

o seu caminho. Ele sai perguntando se pode falar se retirando ou se perdeu esse direito. O câmera se aproxima dele, outro rapaz fala que é o único país onde a polícia ainda é militar. O rapaz que foi reprimido diz: “A ONU mesmo já falou: chega de polícia militar nesse país! Chega! Isso não é mais ditadura eu não fiz nada!”. Em uma esquina próxima policiais lançam bombas em manifestantes que estão no calçadão da Presidente Vargas. Duas meninas pintadas de verde e amarelo que estão atrás de paredes na esquina gritam indignadas “Vocês não podem fazer isso não! Que absurdo!” e saem assustadas. Depois que sai do cerco dos policiais a manifestante grita para eles: “Vai tomar no cú!” Enquanto o policial se aproxima como que pra tirar satisfação com arma em punho ela, desarmada pergunta, “Você acha isso certo?”. Outro policial segue ao seu lado dizendo “Calma! Ela quer isso.” Um policial diz: “A gente só está tentando estabelecer a ordem.” Policiais apontam pra algum lugar. Passa o caveirão. Alguém comenta: “É o legado da Copa”.

** * **

ANDRÉ MESQUITA

ESCUA

Em Rhythmanalysis (1992), Henri Lefebvre situa a figura do “ritmanalista” como alguém atento não apenas à informação, mas dedicado a ouvir o mundo com todos os seus ruídos, as coisas sem significado, os vazios e os silêncios. Primeiro, o ritmanalista mergulha na escuta interna de seu corpo (a respiração, o coração, os músculos e os membros). Depois, percebe os ritmos externos – odores também marcam ritmos. O corpo do ritmanalista, diz Lefebvre, é um metrônomo.¹

O ritmanalista solicita todos os seus sentidos. Ele baseia sua respiração, a circulação de seu sangue, as batidas de seu coração e a pronúncia de seu discurso como pontos de referência. Sem privilegiar qualquer uma dessas sensações, criadas por ele na percepção dos ritmos em detrimento de outros. Ele pensa com seu corpo, não de forma abstrata, mas na temporalidade vivida.

O ritmanalista não se coloca em posição superior, ou como produtor de uma disciplina especializada. Ao contrário, todas as pessoas produzem seus próprios ritmos integrando o interior e o exterior, chegando ao concreto por meio da EXPERIÊNCIA^{👁️}. O corpo que dança, o corpo que se movimenta pela rua, o corpo que luta, o corpo que colide com outro corpo. Todos esses corpos criam ritmos, são focos de experiência e de sons: a escuta e a execução de diferentes PARTITURAS.^{👁️}

ver ESCRITA

¹ LEFEBVRE, Henri. Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life. New York: Continuum, 2004. p. 21.

As pessoas deveriam ouvir mais as outras pessoas. Artistas deveriam escutar mais. Artistas falam em “diálogo com um público mais amplo”, mas até que ponto suas respostas já não estão prontas? Artistas falam em colaborar com a comunidade, mas quantas vezes a voz do outro é diminuída ou não considerada? Projetos colaborativos propõem-se a trocar ideias e experiências, a produzir discursos através das diferenças. Um espaço de convívio mútuo não garante um lugar democrático onde os conflitos são apagados – como propõe o modismo de um conceito como “estética relacional”, atrelado ao confinamento do mundo da arte e da cultura empresarial em atividades com a inclusão do “outro social”. Esse tipo de prática domestica situações de encontro para encenar “micro-utopias” falsamente democráticas e exploradas no espaço protegido das instituições. Quando a própria voz da colaboração com a comunidade não é ouvida ou abafada, o “outro” transforma-se em “coadjuvante” e o artista/coletivo passa a valorizar apenas a sua própria agenda de interesses, êxitos e méritos. Sem aumentar a sua capacidade de escuta coletiva, o artista pode assumir um papel paternalista de falar em nome do outro considerado “desprivilegiado”. Ou realizar uma forma de “turismo”, para o qual uma comunidade serve como um lugar que precisa ser “melhorado” por suas ações – o artista/coletivo age como um Robin Hood às avessas. Escutar requer um momento crítico de abertura, de não-ação como aprendizado, produzindo consensos mas também dissonâncias¹. Ouvidos em tensão. O processo é a soma de diferentes ritmos e pulsações.

* * *

1 ULTRA-RED. Five Protocols for Organized Listening, 2012. Disponível em: <http://www.ultrared.org/uploads/2012-Five_Protocols.pdf>.

(OFICINA ALDEIA GENTIL, DIA 1)

(CAOS-COMPLEXIDADE-ESCUA)

(v1) *Queria trazer um pouco pra nós aqui as noções de caos e complexidade. O que é um possível caos das coisas, e o que é uma complexidade que a gente possa construir. Pensando que há uma relação entre caos e complexidade, podemos propor uma complexidade temporal, fragmentária, que funciona como uma imagem protótipa, que abre o contexto de uma situação com a qual queremos lidar, por exemplo. Não quero totalizar a definição da complexidade como sendo complexa por si e impossível de criar uma entrada. Quando eu falo complexidade eu quero me endereçar a uma coisa mais possivelmente material, real, que é no nosso caso aqui um assunto comum, o terreno comum das manifestações no Brasil que se intensificam a partir de Maio/Junho de 2013. A ideia de complexidade poderia servir de um modo se a gente quisesse dar conta da maior quantidade de assuntos e temas e expressões que surgem no contexto das manifestações, é óbvio que a gente não vai (conseguir) fazer isso, a gente não aqui nesse pouco tempo/espço. Proponho que a gente pense aqui a questão da complexidade como sendo assim um arranjo, um arranjo temporal em que algumas coisas se articulam e que a gente pode visualizar o que é*

que tá acontecendo a partir de pontos de vista diferentes em um mesmo contexto. Uma maneira de operar que não pretende totalizar o assunto, mas por meio da qual conseguimos visualizar alguns pontos que identificamos como centrais, e seus contrapontos. Assim podemos, num primeiro momento, trazer alguns pontos que nos parecem importantes abordar no aspecto das manifestações no Brasil como um momento importante de produção estético-política; e num segundo momento partir para uma conversa que coloca em tensão os pontos que foram trazidos, relacionando assuntos, sujeitos, relatos, perspectivas. Isso é, construindo uma COMPLEXIDADE^o.

Para construir uma complexidade a partir de um coletivo temporal, contingente, eu vejo o exercício de trabalho coletivo como sendo um exercício de escuta. A escuta pode ser pensada como uma ferramenta que qualifica os intercâmbios, nos processos coletivos, sociais, comunicativos e etc. Há vários modos de pensar e praticar a escuta, e todos dependem, claro, da capacidade auditiva e da atenção relacionadas. Um deles que pode ser interessante de trazer aqui é a noção de escuta como sendo uma escuta atenta que permite que ...eu... por alguns segundos, ...eu... meio que esqueça um pouco das minhas certezas e me deixe permear um pouco

por aquilo que está sendo trazido pela ...outra pessoa... . Então a escuta seria em uma instância o exercício de um escuta não preconceituosa, sem julgamentos, seria uma escuta desmontada de pré-concepções, que aceita o que vem sendo dito, e que claro, mientras tanto analisa, ...não que eu vá abraçar imediatamente o que o outro está me dizendo, claro, mas pelo menos eu esteja num estado de latência um pouquinho mais aberto que me deixa ouvir mais do que eu pudesse estar ouvindo.

(v2) Mas é possível isso?

(v1) É isso que estou dizendo, não quer dizer agente vá se incorporar ao modo de vida do outro, é só escuta. No sentido de que o ouvido tá aberto e de que há uma escuta, uma escuta da diferença. Repensar a escuta pode servir para quebrar a ideia da escuta como algo natural, algo que acontece mesmo que eu não queira, a ideia de que “meu ouvido tá sempre aberto”. Pode servir para incorporar a observação da operação cognitiva da escuta, pensar o processo de análise ou da atenção que vem junto com a escuta. Porque a gente tem filtros, que estão sempre operando quando a gente tá escutando tudo ao redor. E esses filtros são nossa garantia ética também, claro, que provocam distinções naquilo que estamos ouvindo. Acredito que nossa escuta fica ainda mais “armada” quando a gente está numa situação pública, de

construção do conhecimento, uma reunião política, coletiva, sei lá, numa palestra por exemplo, numa conversa de um determinado assunto, em uma reunião de movimentos com modos de operar e referências diferentes. A gente até usa o termo “policiando” (!!) para pensar em como estamos “policiando discursos”, para descrever essa condição da atenção!

(v3) Se antecipando...

(v1) Antecipando... o discurso do outro. Que pode ser em vários sentidos, né?

(v2) Mas ao mesmo tempo também você está ali com algumas lacunas abertas que você quer preencher. Então eu acho que até quando você descobre um termo, às vezes é porque você tem questões ao redor dele. Imagina, você tá precisando acessar melhor alguma questão mas você não tem um termo, daí você ouve “gentrificação”, ufa!, entrou né! Tipo, preencheu aquilo que você andava ao redor. E você já começa a usar. Vejo que é muito isso assim. E ao mesmo tempo você também rejeita, no sentido de que você pode rejeitar um vocabulário que já é, já não expande mais nada. Tipo tem discursos que já não movem mais coisa alguma e as pessoas persistem nele porque meio que elas se sustentam assim.

(v1) É que a subjetividade se constrói muito pelos discursos, né. “Eu sou assim, eu penso assim. Eu me movo assim no mundo...”

(v4) *Não necessariamente da mesma forma o tempo inteiro...*

(v1) *Não, não. Claro... às vezes a gente percebe uma mudança de posição, e isso é bem interessante. É até uma escuta de si, será?*

Com essa coisa da escuta, de escuta da diferença tem mais dois pontos. Um que eu tava trazendo pra gente pensar era essa noção de pontos de vista diferentes. Na nossa oficina seria a gente pelo menos passear por isso, passear pelas nossas conversas, percebendo o que é que a gente pode aprender. Então antes de pensar em incorporar o discurso do outro, há algo na sua fala e na sua experiência que pode nos ensinar algo, será?... Se bem que aqui a gente tá num processo super curtinho assim, são dois dias de oficina, né. Na oficina da semana passada, que foi de uma semana, foram acontecendo várias coisas interessantes que mostravam que a gente tava um pouco mais permeável um ao outro. e que havia possibilidade de estar pensando algumas possibilidades assim. E nem tanto de um-para-um, tipo “eu aprendi aquilo com ele/ela pra mim”, mas de criação juntos... Então outro aspecto da escuta, que tem a ver com essa escuta que vai além da escuta como coisa natural e dada, e que podemos seguir conversando é a escuta de elementos não discursivos, que estão além da literalidade do que vem sendo dito.

E essa é mais complicada por que ela depende de um misto de atenção e análise do que não está sendo dito verbalmente, mas do que o corpo fala e de outras matérias de expressão, que também não precisam ser julgadas, mas que compõe aquele corpo falante, que compõe o que está sendo dito. A escuta parece incorporar então um outro tipo de sensibilidade, que se mistura com uma colaboração, com uma criação, com a participação em um corpo mais coletivo. A partir dessa escuta mais atenta e mais sensível outras criações e colaborações parecem ser possíveis.

* * *

ESTRATÉGIA

Estratégia
Júlia Ruiz

JULIA RUIZ

ESTRATÉGIA

Eficácia e acúmulo, mas não só. Pensamento, inteligências de luta, conhecimento a cavalo entre o futuro e o presente, entre o desejo e mundo: medir distâncias, calcular possibilidades, prioridades e objetivos. Sacar — a duras penas — das múltiplas tensões da vida, o metal precioso dos objetivos e prioridades.

A palavra estratégia é difundida em seus usos militares pela obra de Karl von Clausewitz (1780–1831), que Lenin gostava de citar. De fato, é depois da Revolução Russa que o conceito militar de estratégia começa a figurar em manuais programas políticos como uma categoria específica, que diz respeito à luta revolucionária pela tomada do poder. Na segunda metade do século XX, embora ganhe tom subversivo nos contextos das lutas sociais na América Latina, a estratégia parece se desgastar, como faca que perde o corte, na medida em que seu uso prolifera nos mais diferentes campos da organização social e da ação coletiva

— dos partidos e sindicatos às ONGs; principalmente em sua apropriação pelo mundo empresarial e pelo marketing publicitário.

Em busca de outras novas formas de fazer política, chegamos a detestá-la: a estratégia torna-se sinônimo de um ponto de vista único, da centralização, do direcionismo, do “de cima para baixo”, do silenciamento de todo o resto. Pelas repetidas vezes em que vimos nossas melhores intenções apropriadas pelas máquinas infernais do autoritarismo e da mercantilização, preferimos muitas vezes esquecê-la, evitá-la. Depositamos nossas esperanças na proliferação espontânea das diferenças em vez de nos metermos (de novo?) a arquitetar hierarquias. Deixamos para depois, ou para outrem, a indelicada tarefa de traçar rotas — acreditamos assim evitar o perigo das lâminas afiadas.

Mas a estratégia está sempre lá. O cálculo, o corte, a manipulação das relações de força estão em operação

onde quer que haja um sujeito de querer e de poder. Antes de estar referida a algum objetivo, a estratégia é o gesto que postula um lugar “próprio”: esse “nós” ou esse “aqui” separado do resto do mundo. É a definição desse “próprio”, ainda que transitória, que possibilita a ideia de manipular relações com aliados, alvos e ameaças “externos”: amigos, inimigos, concorrentes e colaboradores ocasionais, públicos, objetos e objetivos.

A estratégia nesse sentido está presente em todo processo criativo: não é apenas uma relação entre a ação e um objetivo a ser conquistado, mas um gesto pelo qual efeitos de totalidade são produzidos na experiência individual e coletiva. A possibilidade de que um conjunto de eventos, ou mesmo uma intenção colaborativa entre diferentes sujeitos, possa ganhar um nome próprio é impensável sem este gesto que circunscreve um espaço político. Mesmo riscada do dicionário, a estratégia segue operando em qualquer coisa, processo, coletivo etc — que esteja se constituindo como lugar de onde projetar visões, mensagens, análises, imagens, propostas, campanhas, acusações, conspirações, inspirações etc.

Frequentemente, com um pé atrás diante de tudo que pretende organizar o mundo a partir de um lugar de querer e poder, preferimos imaginar a nós mesmos como dotados de uma criatividade sempre

móvel, como nômades, como seres intersticiais. É um problema que a estratégia — como vocábulo político — caia em desuso entre “nós”. Por que precisamos deste “nós”, “nosso” problema é esse. Mesmo quando se trata de “espaços abertos” e “processos horizontais”, que querem ser diferentes dos modelos frustrantes da organização política moderna, uma proposição política coletiva é sempre enunciada como um lugar de saber, querer e poder, como um lugar de onde se espera manipular relações de força.

A horizontalidade e a abertura concebidas como modelos de organização, em que estaria abolida a manipulação de relações de poder, podem também favorecer o ocultamento da separação entre aqueles que formulam e traçam as rotas e aqueles que as seguem. É preciso lembrar que o capitalismo neo-liberal ou pós-moderno é ele mesmo construído sobre redes não hierárquicas e opera dentro dessa lógica. Mas um “espaço horizontal”, em seu sentido político, pode ser também um jeito de descrever uma experiência de renovação de laços, em que a intensa contaminação se confunde com a “esperança de um mundo diferente”; um momento experimentado como uma espécie de ‘grau zero’ da política, em que todo mundo se encontra em um mesmo nível de ação.

A esperança, expectativa, euforia, o sentimento de confiança e mesmo de frustração vividos e compartilhados nesses momentos cumprem um papel

crucial na produção dos “nossos” lugares comuns. Essas sensações e conflitos nos lembram que todas as relações, inclusive as ditas “horizontais”, não são dadas ou mágicas, mas sempre construídas.

Lembram o quanto de nós precisamos investir para criar um espaço político aberto, porque um espaço aberto precisa ser aberto por alguém — exige as dores e delícias de um querer e de um gesto de poder.

A estratégia tem a ver precisamente com o envolvimento no trabalho prático de cortes, separações e reduções implicadas na produção do espaço comum: mesmo a menor das decisões, como sabemos, é no final uma decisão política. O grau zero da política não está na recusa das escolhas estratégicas, mas na experiência comunal de imersão nessas escolhas, nesses exercícios de engajamento pleno, corporal e afetivo com o poder, com as tomadas de decisão e suas consequências, onde se originam nossas maiores frustrações, mas também o prazer e a esperança que tornam as experiências políticas inesquecíveis e irreversíveis.

** * **

ETNOEMPODERAMENTO

Etnoempoderamento
Jeferson Andrade

JEFERSON ANDRADE

ETNOEMPODERAMENTO

ETNO-

(grego *éthnos*, -eos, grupo de pessoas que vive em conjunto, povo) elemento de composição. Expressa a noção de povo ou de etnia (ex.: etnode-senvolvimento).

EMPODERAR

Significa em geral a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais.¹

Durante o processo de convivência na residência Capecete, no bairro da Glória, onde diversos termos foram colados a prova, num redemoinho de exercício semântico para a criação de um “vocabulário político para processos estéticos”. É claro que em situações como essas nada é simplesmente, do almoço até a última palavra pronunciada, nós devoramo-nos uns aos outros numa espécie de fagia coletiva. E como alimentar tem capacidades de empoderar, seja o corpo ou a mente, o que me deixava mais interessado era como empoderar a postura? Quais elementos tornam a existência uma potencialidade?

Uma caminhada inicial no complexo de favelas da Maré me trouxe alguns pontos importantes sobre uma análise das potencialidades. Numa conversa despreziosa com o Sr. Olympio no centro comunitário do Parque Maré. Entre palavra perdidas e olhares distantes, entendi que a memória senil e fragmentada possui características específicas para a indicação da produção de desejo, o que coloca o Sr. Olympio não somente no lugar da velhice, mas da desmemória como fronteira. Sentado sobre uma cadeira de rodas, um rosto enrugado, sem alguns dentes, ele me conta sobre muitas vidas em paralelo às minhas perguntas sobre a intervenção militar na Maré. Seu sonhos com viagens longas, a lugares desérticos. Num outro ponto equidistante vejo uma placa:

¹ dicionarioinformal.com.br

Escrevo seu nome em um Grão de Arroz

A fim de produzir uma metodologia para uma pesquisa sobre as subjetividades em situação de poesia, desenvolvi por meio de rolés pessoais, uma estrutura para experimentação do diário de campo ampliado, propondo uma análise fragmentada por epifanias da minha desmemória. É importante imaginar o texto a seguir como um percurso, onde coexistem diversos personagens que cruzam os meus caminhos pela cidade, através de um destrinchamento analítico de dados adquiridos nos rolés para evidenciar a proposta de etnoemporamento como equação não linear de causa e efeito de uma endocência .

RACHADURAS E SABOTAGENS

Deitei na cama estreita, meu quarto é simples, só uma cama e um criado-mudo. Sempre achei interessante conviver com a decadência. No meu quarto existem duas rachaduras, uma bem no centro que já esta se expandindo para mostrar melhor o osso do teto. É meio circular, vai se apoderando como uma mancha. A segunda é fina e sinuosa, serpenteia pelo espaço quase invisível.

Rachaduras são feitas por trepidações, desgaste natural da estrutura. Aparecem na primeira camada como linhas, protuberâncias, como um corpo que envelhece e se cansa. Daí a primeira camada que é só massa e tinta começam a sair, dando lugar ao osso (cimento). Como de costume, a qualquer sinal de

decadência, os donos do lugar iniciam uma reforma.

Trepidar significa pequeno abalo, como a terra que está sempre em constante movimento, o que torna possível a existência da poeira, é em seu conteúdo vestígios de um ruir das estruturas. Rachaduras vão aumentando com o tempo, pois acumulam tempo.

No meu quarto as rachaduras vivem, expandem-se. Eu cultivo-as para que todos possam entender a não-reforma, a relação às vezes triste do fim reflexivo da estrutura.

O Fracassado
Eu fracasso todos os dias
Fracasso como amigo
Fracasso como amante
Fracasso militante
Como nação

*Eu desejei o melhor que podia haver em mim
Mas ninguém ira chorar pela minha vértebra
Fracassei como ícone.
Fracassei como torcida.
Os meus gritos aqui fracassam.*

*Outro dia perdi algumas pessoas.
Fracassei com elas.
Seja pelo meu intento, seja pela minha frustração.
É difícil desejar no outro tudo aquilo que dói em você*

*O fracassado é orgulhoso,
Luta pelo outro fracassado.
Caminha delirante consumindo felicidade na lata.
Bate no outro fracassado, querendo bater em si.
Sabotador natural, sempre auxilia no fracasso.
Para que vencer? Para que trabalho?
No fracasso o avanço esta no que desejo e não no que devo.*

*O fracasso tem um papel importante a cumprir.
Fracasso no texto que não rima que não encanta.
Fracasso como política de auto-reconhecimento.
No trópicos o fracasso nos une.*

DEVIR PASSARINHO

A aproximação com os povos ditos índios não pareceu muito difícil, todos estão num momento de unir forças, seja de que lado for. Houve relatos muito fortes sobre a perseguição indígena pelos ruralistas. Há também um esforço político para a conquista da juventude e um chamado para os ancestrais perdidos no mundo urbano. O aprendiz de Pajé Ache, criou um curso, chamado Cosmologia da Floresta, que envolve um reconhecimento simbólico da fogueira como lugar central da discussão política e história oral. Há muitos rituais com falas e discussão política da terra ancestral, junto ao que Ache chama de beijo do beija-flor, que são pequenas doses de ayáwaskha¹ e em alguns momentos cheirar o rapé para ajudar na limpeza.

As cenas eram incríveis, pois no meio da discussão alguns vomitavam e se sentiam bem com isso, pois se assemelhava a vomitar toda porcaria ideológica ocidental na qual estamos imersos. Ache acredita que só haverá mudança no trato com a população indígena através de trocas interculturais com auxílio da atitude performática para ritualizar a política e torná-la parte de nossa existência.

1 ayáwaskha: 'cipó do morto' ou 'cipó do espírito'; de aya, 'morto, defunto, espírito'; e waska, 'cipó'; também chamada hoasca, daime, iagê ou mariri. Fonte: Wikipedia

Agora, de fato, com essas experiências, tenho a idéia mais clara de como pensar a estrada como um trato à terra ancestral, criar com o que temos uma conexão tribalizante. Ritualizar por uma nova política.

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

PRAÇAS E ENCRUZAS

DG -1²

Hoje o dia acordou cinza, fui pego por uma angústia que eu nem mesmo sabia identificar. Mas como não se angustiar pelo vazio que existe entre eu e a vítima. Nunca gostei da noção de vítima ou vitimização, os pretos

2 DG era um ator e cantor morador do complexo Pavão-Pavãozinho. Ele foi torturado e assassinado por policiais da UPP do Pavão Pavãozinho nos dias em que estávamos reunidos no projeto do Vocabulário. "DG - 1" dialoga com as camisetas de futebol que foram produzidas pelos diversos movimentos do #Nãovaiter-Copa.

também têm direito ao erro, à preguiça, à raiva. Digo como preto e suburbano, daqueles que vivem na beira entre o abismo e o Brasil, para aqueles que possam entender que em toda alma de um negro existe um pouco de desterro. O exílio para além dos golpes, sobrevivendo à vertigem colonial de um povo que nunca desembarcou. A deriva negra, tão solitária e triste, sem língua, sem voz, corpo transeunte de uso expropriado, alimenta um sonho ancestral. A condição negra, a condição favelada, negar o outro para negar a si mesmo. Cordeiros de Nanã, descendente de homens livres, de sorrisos sinceros, um princípio de esperança no deserto.

**Obá de
pé sobre
o seu cavalo**

BANANA MON AMOUR

Todos são problemas histórico. A questão social deve ser levar em consideração manobras econômicas e sociais, mas racismo parte de um problema de etnocentrismo. O que seria dos povos outros se o ocidente tivesse acolhido a subjetividade como princípio de existência? É uma pergunta que não chega a ser uma utopia, mas um posicionamento crítico para pensar novas formas de lidar com o mundo.

O Mundo não tem um problema de evolucionismo, mas sim de imagem. Ninguém estuda de fato Darwinismo, mas se conforta com imagens abstratas de ancestrais primatas, seqüenciados pedagogicamente num linha evolutiva que nunca existiu. Como o equívoco dos Índios serem Indianos e Negros, expõe-se um elo perdido da humanidade branca.

Alicerces de um ponto de vista míope de homens cansados de si mesmos pela descoberta do outro. Alterações de um ego cada vez maior, cada vez mais só. Pensamos num tempo linear, cronometramos nossa vida, fazemos aniversário numa contagem sempre apocalíptica.

A única política vigente para as humanidades de alteridade é uma participação econômica numa cosmologia capitalista de produtos de

*consumo cada vez mais contaminados pelo cinismo
escravocrata de países que lutam por um lugar na
economia mundial, transformando os degredados
desmemoriados dos trópicos numa fábrica de
auto-eliminação. Operações absurdas de planeja-
mentos celulares de campos de extermínio, cons-
trução de perímetros não abolidos, venda de uma
liberdade de existência falseada pela participação
infantilizada, militarização de corpos livres,
banana eu como com aveia e mel, muito mel!*

“O Brasil é uma república federativa cheia de
árvores e de gente dizendo adeus.”
(Oswald de Andrade)

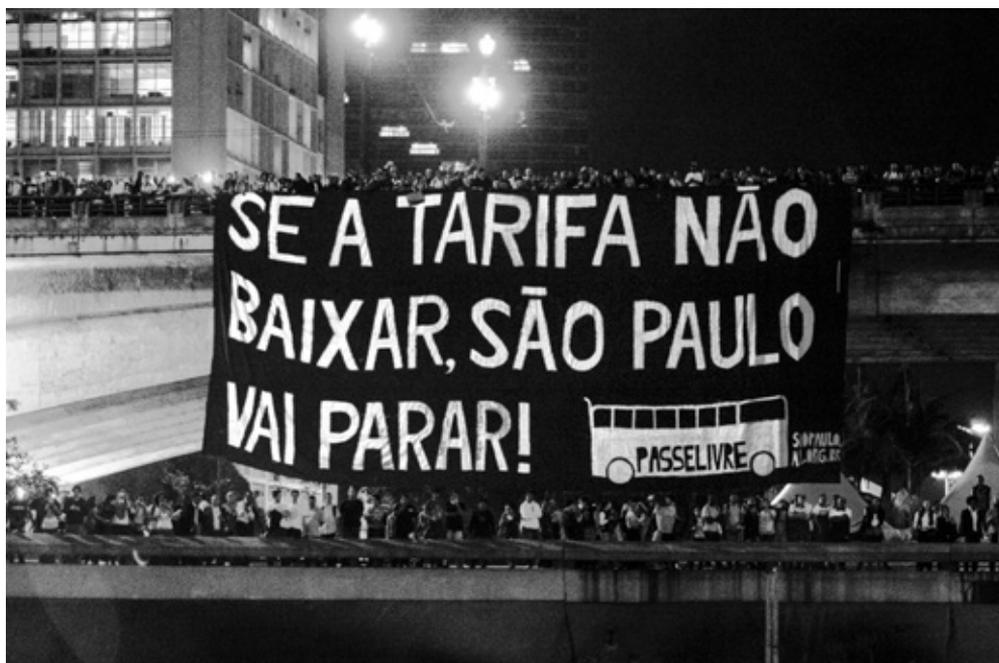
EVENTO

Evento

Rodrigo Nunes
Graziela Kunsch

Excerto de email sobre reunião no
Complexo do Alemão

Bruno Cava



EVENTO *No dia 6 de junho de 2013 o Movimento Passe Livre bloqueou a Av. 23 de Maio com uma barricada de catracas de papel pegando fogo. Ao fundo, do alto do Viaduto do Chá ao Vale do Anhangabaú, o movimento posicionou uma enorme bandeira com a frase “SE A TARIFA NÃO BAIXAR SÃO PAULO VAI PARAR”.*

À direita estava o prédio da prefeitura de São Paulo. No dia seguinte esta cena foi capa do jornal Folha de S. Paulo, em uma imagem do fotógrafo Nelson Antoine. Aqui estamos publicando outra imagem, de autoria desconhecida, que mostra o bandeirão. (Graziela Kunsch)

RODRIGO NUNES

EVENTO

*Evento é um conceito-chave da filosofia contemporânea que atravessa, diretamente com este nome ou operativo sob outras formas, a obra de pensadores tão distintos quanto Heidegger, Whitehead, Bachelard, Althusser, Foucault, Deleuze, Simondon, Derrida, Badiou e Rancière — mas que poderíamos fazer remontar ainda mais longe, ao *occursus* (encontro) de Spinoza, à *occasione* (ocasião) de Maquiavel ou à *plaga e ictus* (colisão) de Lucrecio. Sua importância e ubiquidade provém da quantidade de funções que é chamado a cumprir: dar conta da emergência do novo e de sua possibilidade; instituir uma ruptura com a causalidade, a temporalidade e a historicidade lineares; fazer a novidade passar nem do lado do sujeito, nem do lado do objeto, mas ao mesmo tempo entre os dois, constituindo-os; com isso, promover a temporalização*

do transcendental, que deixa de ser uma estrutura estática para se tornar transformável (e, paradoxalmente, transformável desde o empírico); assegurar o primado da prática sobre o pensamento e a teoria, da formação sobre a forma, da individuação sobre o indivíduo, da contingência sobre a necessidade, num registro, contudo, de impessoalidade: o evento (nos) acontece mais que nós o fazemos acontecer.

Jacques Derrida propôs uma distinção entre “futuro” e “por-vir”: enquanto o primeiro é aquilo que podemos, desde o presente, projetar como esperado ou previsível, o segundo se refere ao inesperado, ao imprevisível, aquilo que chega inopinadamente, que nada nos fazia aguardar ou antever. Num certo sentido, o verdadeiro evento é aquele que cria seus próprios

anteriores. É apenas retrospectivamente, à luz de sua eclosão, que se pode descobrir os sinais que anunciavam sua possibilidade, os materiais dos quais ele seria feito. Mas essa possibilidade só aparece a posteriori, porque o evento, justamente, é uma ruptura, um excesso por sobre a linearidade, por sobre o mecanicismo. Ele nos pega de surpresa, ainda que não venha do nada.

Eventos têm uma estrutura complexa. O mesmo evento acontece em diferentes níveis e, de certa maneira, mais de uma vez; é simultaneamente uma descontinuidade concentrada num ponto e um processo que se desenrola no tempo, um “eventar” contínuo. Para cada evento, haverá várias camadas de causalidade distintas, em escalas temporais diferentes, com maior ou menor extensão e alcance (um conjunto de problemas estruturais de longa data, uma série de frustrações coletivas, um histórico recente de humilhações pessoais...). Mas aqueles que estão sujeitos a estas causas ainda estão, num primeiro momento, operando dentro de um espaço pré-estabelecido de possibilidades que restringe o que é imaginável, as ações que se pode pensar tomar. Algo ferve sob a superfície, mas não encontra escape. De súbito, porém, uma pequena mudança, uma causa nova e talvez aparentemente irrelevante, pode condensar as diferentes camadas causais num só ponto; a partir daí, um limiar virtual foi cruzado. A situação se enche de novos potenciais,

há uma mudança de sensibilidade: o estado atual de coisas tornou-se intolerável. De certa maneira, o evento já aconteceu: o que era impensável perde a estranheza, o inimaginável passa a ser concebível, o impossível agora é possível.

Este é o evento como “puro devir”, uma transformação virtual abstraída ou subtraída de estados de coisas atuais. Mas o evento não é apenas puro devir, ele também é um devir alguma outra coisa. À “mutação virtual” do puro devir se segue uma “mutação atualizante”, por meio da qual o deslocamento da sensibilidade vai ganhando forma, vai tomando corpo: novas palavras, atos, condutas, a inscrição atual e perceptível de transformações virtuais e sensíveis. Por meio desta atualização, o evento se comunica, agindo sobre o mundo a seu redor de forma a alterá-lo. Pode ser que apenas algumas pessoas tivessem inicialmente cruzado aquele limiar; mas uma vez que esta transformação as tenha tornado alguma outra coisa, a potência transformadora poderá ser comunicada e compartilhada. É assim que o evento, que já acontecera uma primeira vez numa mutação virtual, e uma segunda vez em novas individuações, pode acontecer muito mais vezes à medida em que se propaga.

O evento é o momento em que se registra, de maneira inequívoca, que uma transformação dos corpos, das sensibilidades, das palavras e dos desejos ocorreu. É também por isso que ele gera, naqueles

que afeta, um sentimento de transformação irreversível — de que o tempo se divide em um “antes” e um “depois”. Não que tudo mudou, mas que alguma coisa mudou, jogando luz nova sobre tudo mais e criando possibilidades antes inexistentes. Dessa forma, o evento gera uma divisão, mais ou menos consciente, entre aqueles que estão em sua vizinhança, entre um “nós” e um “eles”: aqueles para quem algo de incontornável se produziu, e aqueles que acreditam que nada mudou, que negam que algo tenha mudado, ou que admitem a mudança, mas buscam confundir ou reprimir o seu significado.

* * *

BRUNO CAVA

EXCERTO DE EMAIL SOBRE REUNIÃO NO OCUPA ALEMÃO¹

bloco pacificador / tanta diversidade / fala de um dos ativistas / presença dos evangélicos / evangélicos militantes / galera do Alemão / galera da Maré / menor chance / a brutalidade assassina do tráfico / sem farda / com farda / que autonomia / redes antagonistas / projeto de cidade / facções armadas / mercado capitalista / trabalhar no comum

* * *

¹ Excerto editado a partir de um email enviado para uma lista, em Agosto de 2013. Complexo do Alemão é um conjunto de favelas no Rio de Janeiro.

CRISTINA RIBAS

EXCESSO

São muitas anotações. São anotações que vão caindo pelas bordas do papel. Dos papéis colados na parede. Das ideias que se repetem, e que só na repetição com conjunções temporais tomam consistência. Aprendem umas com as outras, as ideias, e vão me avisando desse eu constituído entre elas. Processual, incompleto, excessivo. Esse eu constituído entre elas nem é um eu, é um intento de mergulho no excesso, no puro excesso que as concatena, as ideias, os eventos, as anotações. Intento intensivo. Sentido.

Produzimos por excesso. Por um fluxo aberto, ar-atmosférico, que vai elencando e anotando e sobrepondo e repetindo. E diferindo as coisas, o tudo mais, os restos. Vida é coisa em excesso, vida é coisa que só existe por meio de um excesso.

Não excesso como coisa secretada, expelida do aperto de outra coisa, estruturada. Não tanto resto, como em Jean Baudrillard, quando fala de um resto secretado por uma máquina¹. Sobre o excesso, que ele chama de resto, ele diz: “É sobre esse resto que a máquina social se relança e encontra uma nova energia.”

¹ Jean Baudrillard, “O resto”, *Em Simulacros e simulação* (1981) Lisboa: Antropos

Entre o excesso que eu quero falar o resto de Baudrillard pode não haver, portanto, muito desencontro.

Mas e que restos são esses? Perseguidos pela máquina social, produtiva? Na dinâmica que persegue as sobras, as minorias, a pequena gente, a mulher a parir (depois de espremida no saguão do hospital, provavelmente, ela tem que voltar a trabalhar num curtíssimo espaço de tempo), os restos seriam também aquilo tudo que pode ser novamente quantificado e reformatado na ordem de uma normalidade. Baudrillard de novo: “o resíduo pode ser à dimensão total do real. Quando um sistema absorveu tudo, quando se adicionou tudo, quando não resta nada, a soma toda reverte para o resto e torna-se resto.” Mas pode ser que hoje já nem haja mais resto, diz ele, “pelo fato de se estar em toda a parte.”

Nesse sentido o resto se torna o próprio excesso. O resto pode então reverter. (Reversibilidade que faz rir.) E o excesso, assim como esse outro resto, pode ser que se faça na lógica da produção desejante, de um produzir que não pode passar pelo medir. Da efetuação de um desejo, de um produzir que se faz ele mesmo pelo desejo desmedido.

O excesso é então aquela parte sempre acometida de um não, de um escape. De já se foi. 

O excesso é assim acometido de outros sim. O excesso é assim autonomização pura da ficção, artificialidade pura, coisa secreta ela mesma (por si própria, para si própria), nem deixa rastros? Natureza pura do movimento, natureza pura de um fazer. Gozo incessante, manutenção do gozo, testosterona, cheiro de gente.

O excesso talvez não tenha estrutura, e tudo e qualquer coisa que se faça seja só coisa expressa pelos excessos. Excessos contudo disponíveis às neuroses, às medidas, às apropriações, fazendo que o mundo seja puro excesso, ao mesmo tempo que seja o mundo puro excesso medido, regulamentado, registrado, cortado, apropriado.

O excesso duvida da determinação que vem de fora, fazendo dela coisa cabisbaixa. Do que fazemos sabe o excesso de uma certa soberania, mas também de uma extrema vulgaridade. O excesso que deriva parece nos cercar. Ou será que somos, na verdade, feitos vulgares do excesso?

Há uma incongruência em arriscar dizer que há excessos improdutivos, visto que só há excessos produtivos, que são eles mesmos a coisa toda a fazer virar a atenção. A sintetização do excesso é nada mais que a natureza do controle, fazendo do controle uma estratégia estúpida que vem para codificar ou trilhar o que está se movimentando. Mas é que para mostrar o excesso, sem que sejamos engolidos por ele, precisamos do fragmento. Me parece que fragmentos produtivos são aqueles que carregam a intensidade do excesso em si, sem começo, e sem fim. Excesso como puro meio.

O excesso é, então, uma espécie de sublime, um sem bordas, espaçoso, meio em descontrole, ao mesmo tempo pura ficção, e natureza pura

* * *

EXPERIÊNCIA

Experiência
Breno Silva

BRENO SILVA

EXPERIÊNCIA

Uma questão de não saber. Limitações de linguagens. Bocas espumantes. De um visco que engasga e engrossa quanto mais se quer dizer. Transbordamentos. Não se confunde com a interioridade do acúmulo vivido nem tampouco se contenta com as definições em geral. A experiência é avessa à representação. Olhos virados. Apontados entre o fora e o interior num grau de coincidência com o sol escaldante. Olhos fritos. Riscos de aparição. Lâmpadas neons no escuro forçando as vistas. Intuições vagas. Disposição ao perigo numa travessia perigosa. Aderências elétricas epidérmicas. Já estava ali, mas não se sabia da situação. Coincidia com disposições desenquadradas. Quando se menos espera, abalos. Deslizamentos dos rostos por insurreição das montanhas sobre a domesticação daquelas

*esculturas modelos em Rushmore. Perder a cabeça. Acontecimentos silenciosos. Ceder sem querer. Uma avalanche em achatamento temporal. Fervilham outros. Alterações em movimento. As insubordinações de outrora assumem tantas formas movediças. Intensidades lançando a garantia do sujeito ao limite de sua exterioridade. Violências elementares. Fora de si, uma coincidência com vários outros, inclusive com aqueles que o dilaceram. Desprendimentos. **RADICAL LIVRE: ALTER.**  Em alteração, uma estranha “comunidade” emerge da fervilha. Tentativa frágil de se agarrar na avalanche. A paisagem já era. As ações, as pessoas, seres diversos, objetos, fluxos de pensamentos e desejos, inomináveis, dançam sem coreografia. Num instante fulgurante, a vida nas diferenças em excessos de presentes*

atualizando sua nudez. Furos à brasa na realidade. Aberrações à vista. Derivam arranjos de sociabilidades improváveis. Escapes para rearranjos políticos obscuros? Dobras entre línguas úmidas. Gostosas aberturas. Para quem experimenta, tais arranjos até fazem algum sentido em expressão poética. Tudo mais simples que essa escrita. Sensações de tufões. Horror e maravilhamento. Enterrando o sublime. Uma comunicação fraca sibila ao redor. Algo não identificado, porém, risível. Comunicação da experiência. Para quem viu de fora, escutou ou leu depois, aquilo parecia um êxtase inexplicável, algo imperceptível, um escândalo. Um mistério instantâneo. Pregnâncias. Um fio tênue de duração cindindo para outras experiências.



FORENSE CAPENGA

*Pensando o capenga forensicamente
(em voz alta e sotaqueada)*

Raphi Soifer

RAPHI SOIFER

PENSANDO O CAPENGA FORENSICAMENTE (EM VOZ ALTA E SOTAQUEADA)

(conversa entre Raphi Soifer e Linguagem forense: a língua portuguesa aplicada à linguagem do foro de Edmundo Dantès Nascimento)

A linguagem socializa e racionaliza o pensamento.

o que é capenga é pensado e socialmente inserido, mas não consegue se racionalizar. o capenga age sobre o pensamento de uma maneira um pouco torta; desracionaliza, enselvagereia.

A linguagem literária tem 4 qualidades essenciais:

concisão

clareza

precisão

pureza

o capenga não sabe lidar precisa ou puramente, não busca clareza e nem concisão; na real, nem sabe que devia estar buscando. mesmo assim, é efetivo, acaba funcionando (mais ou menos). mas ele não apenas funciona, ele existe, se enuncia na própria falta dessas qualidades essenciais, se mostrando possível.

o capenga sabe mais: sabe que toda qualidade que se diz essencial é capenga por si só, guarda algo torto na sua base, no cerne da sua proposta de ser definitiva. uma tortura, porque articular uma linguagem que se diz forense requer excluir tantas outras cuja efetividade reside no afeto, requer expulsar tantas gírias queridas e acertações poéticas tidas como erradas. se a língua forense racionaliza, o capenga sente. e toca, e atinge.

O verbo ATINGIR é transitivo direto, isto é, rege objeto direto — sem a preposição A — no sentido físico de “tocar”, “chegar a”, “alcançar”, ou noutro de “compreender”, “perceber”, “dizer a respeito”.

se é que exista uma linguagem forense para explicar o capenga, ela é a gambiarra, que consegue atingir o

pensamento sem se socializar, sem exatidão, mas sempre funcionando. e aqui sou eu na maior gambiarria, atingindo a cidade sem clareza nem concisão e sem a preposição A. eu mergulho estrangeiristicamente no rio de janeiro. eu me situo por aqui, funciono, alcance com um toque capenga.

voltando de uma primavera fria na gringolândia de onde venho, atinjo o rio de janeiro com toda a força do meu estrangeirismo. alguns dias depois, a polícia “pacificadora” do morro dos macacos consegue atingir um menino de 8 anos com uma bala na cabeça. mesmo acostumado com esse tipo de notícia (algumas semanas antes, logo depois de invadir a maré, militares mataram uma criança de 4 anos e uma avó de 67 em poucos dias) sinto-me mais pessoalmente atingido pelo acontecimento no morro dos macacos. conheço algumas crianças de lá, que descem de vez em quando para jogar capoeira com o grupo onde eu treino (capengamente e sem nenhum equilíbrio). não sei responder, não faço nada diretamente sobre o acontecimento além de escrever algumas poucas linhas que não mostro para ninguém.

a violência também é capenga, mas nem por isso deixa de ser eficaz. o forense responde tentando enquadrar a violência dentro de um regime claro, conciso, puro e preciso. por isso mesmo,

o forense é violento por si só: representa uma invasão definitiva e decisiva à base de palavras quase inevitáveis.

É impossível rejeitar uma palavra estrangeiro; quando vem denominando um objeto novo, uma invenção, uma idéia. Neste caso, o recomendável é apertuguesar a palavra, como temos feitos com boné, turismo, uísque, Nova Iorque, etc.

o estrangeirismo que persiste sendo falado também é eficaz e tão essencial, quase inevitável, que não pode ser substituído. dizem que não dá para traduzir a palavra “saudades”. nem a palavra “capenga”, e nem “gambiarra”.

não é o caso de eu me sentir à vontade aqui por achar o brasil um país capenga, mas talvez seja por eu não ter que essencializar ou traduzir o que eu tenho de capenga. talvez seja que minha vontade venha por eu sentir uma permissividade de ser uma figura capenga por aqui. talvez eu estaria meio torto em qualquer lugar, mas é bom saber que o que eu mais tenho de capenga seriam justamente meus estrangeirismos: meu sotaque, modo de andar, uma certa falta de esperteza (ou talvez de malandragem).

sou gambiarrista, ou de repente gambiarreiro, e constantemente capenga. (o capenga forense seria tanto o protocolo de prorrogação do meu visto de estudante quanto as minhas constantes tentativas de

convencer novos conhecidos que eu sou de Brasília, ou do Acre). o estrangeirismo sempre será uma gambiarra, uma identidade bricolada que, na falta de uma ferramenta mais oficialmente estruturada e capaz, serve para juntar línguas, pensamentos identitários e ritmos de se conduzir no mundo.

(eu soube por facebook que a melhor tradução entre 2 línguas é o beijo. e de fato, não me lembro de alguma vez ter gostado de um beijo forense.)

A crase representa essa construção:

a – preposição – palavra invariável

a – artigo feminino – palavra invariável

a crase se encontra quase presa, pré-determinada pela construção de relações entre palavras invariáveis.

a crase só consegue fugir desta inevitabilidade através do estrangeirismo, que nem no próprio nome do Edmundo Dantès Nascimento.

ou seja, a crase só se liberta da preposição A, só consegue atingir diretamente quando sai das determinações invariáveis para se jogar em colocações minimamente exóticas e potencialmente capengas.

(ou seja, o capenga propõe sempre alguma saída.)

* * *

Linguagem forense: a língua portuguesa aplicada à linguagem do foro de Edmundo Dantès Nascimento: revisão Ana Maria de Noronha Nascimento. 10 ed. atual e ampl., 7ª tiragem. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 3, 15, 32, 113.

GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Grupo de educação popular
André Basséres

ANDRÉ BASSÉRES

GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR

*Esse texto nasce de um problema, na mais forte acepção desta palavra: como força que vem de fora, me põe em movimento e me faz pensar. Uma questão que sempre me acompanha, que enquanto educador (ou alguém que se pretende educador), nunca posso deixar de colocar. Este problema que me move, esta inquietação que é a minha, imagino, deve aparecer de diferentes formas, com inúmeros nomes, a todos aqueles que vivenciam o espaço pedagógico na qualidade de “professor”, buscando com isso fazer das suas vidas e do seu ofício uma experiência de libertação, de aumento de potência, transformação de si, dos seus alunos, e do mundo. Esse problema, portanto, creio eu, é **comum**, comum ao menos a todos aqueles comprometidos com uma educação para a vida, para a liberdade, para a **transformação da realidade** (atividade que me parece intrínseca a todos aqueles comprometidos com a vida, em qualquer espaço, em qualquer ocupação).*

De toda forma, trago aqui este “problema comum” na singularidade da minha experiência com ele. Este texto é uma pequena expressão de como eu sinto, vivo e penso a educação, e sobre também como penso e construo em conjunto com outros — não a resposta ao problema (insolúvel, devo dizer) — mas sentidos possíveis, aberturas conquistadas, rachaduras nas velhas muralhas claustrofóbicas que constroem a vida, buscando apequena-la, sufocando resistências e diferenças. Não pretendo escrever um artigo acadêmico, ou algum tipo de “projeto” já acabado acerca de uma educação que seria a ideal. Trata-se aqui apenas do desenvolvimento

de uma questão, uma breve narrativa acerca de algumas experiências, movida a partir de angústias, mas plena também de profundas alegrias.

Nomeemos, portanto, o problema: como pensar a educação como instrumento de libertação? Como fazer da educação um processo de emancipação comum a mim, ao outro engajado nesta relação comigo (o aluno, o colega), ao mundo? O problema, podemos colocar dessa maneira, embora o nome seja o que menos importa: como fazer educação popular?

Não é uma questão nem um pouco fácil de responder. No Brasil, talvez, seja ainda mais difícil que em outras partes, onde todos os poderes estabelecidos, todas as relações institucionais, parecem conspirar contra qualquer experiência minimamente transformadora de educação. Por aqui (não sei se é tão diferente assim em outras partes, mas enfim...), o sistema educacional é de uma perversidade absoluta, por que ele se constitui enquanto ferramenta fundamental na clivagem entre aqueles que irão se manter em confortáveis posições de privilégio e a vasta maioria relegada ao subemprego e ao desemprego; uma ferramenta racista, dura, onde qualquer princípio de uma suposta “igualdade” é destruído desde a creche. A distinção entre escolas públicas e as caras escolas privadas corresponde quase que perfeitamente à distinção entre as posições sociais que serão futuramente desempenhadas pelos respectivos “públicos”.

Nossa educação traduz um elitismo quase estamental, onde a subordinação de um sujeito a uma vida de opressão e trabalho precarizado é assegurado desde a primeira infância; o mesmo valendo para aqueles que serão os seus senhores.

Mas o problema, entretanto, no seu cerne, naquilo que ele tem de mais íntimo, não é em sua natureza brasileiro, não se resume às agruras que se vive na educação aqui, nos salários baixos, carreira desvalorizada, péssimas condições de trabalho para os professores e alunos, etc.

O problema, realmente, não é mesmo só esse, por que o problema é anterior, é mais profundo, constitutivo da própria noção de educação como entendida contemporaneamente: ele é antes de tudo a própria escola.

É um problema que se faz sentir no corpo e na alma de qualquer educador que se queira libertário, que se queira um elemento de composição e fortalecimento com os seus alunos, ao invés de guarda castrador, juiz e sacerdote dos “limites”. A pergunta que o problema suscita é imediata: para que foi feita a escola? Qual o seu sentido? O que se pretendia quando a universalização do ensino se tornou palavra de ordem nos centros do nascente capitalismo (ali, por detrás “das boas intenções”, dos “nobres ideais”), para depois ser exportado mundo afora? Que tipo de estratégia nascia ali, com que finalidade, apontando para que tipo de sujeito?

Todos estamos, é claro, cansados de saber a resposta (duvido que um único

professor não a reconheça, mesmo que não queira pensar sobre isso, ou antes, abrace a sua “missão civilizadora”): o propósito sempre foi a formação como formatação. A construção de vidas adaptadas, conformadas a uma nova organização econômica, política, social: corpos dóceis, disciplinados (sinto calafrios ao lembrar que todos somos professores de “disciplinas”), prontos e preparados para uma nova realidade produtiva, um novo tipo de trabalho (que é antes um novo tipo de trabalhador), em suma, para as exigências agora impostas pelo Capital (em uma realidade que transcende a diferença entre classes, mesmo que sua estrutura fosse sempre adaptada a distinções classistas). Escola, hospital, fábrica, hospício, reformatório, e, aquele que constitui o modelo privilegiado, o paradigma dos demais: prisão. Eis as instituições disciplinares, e a sua finalidade nunca pôde ser outra que aquela de formar vidas para o capitalismo, nem mais nem menos.

O mundo, claro, mudou. E é necessário reconhecer que, se ainda há essa escola disciplinar, se ela ainda persiste em muitos de seus elementos (e é um fato que persiste), ela também vem sendo paulatinamente criticada, desconstruída, reformulada. De fato, o velho capitalismo fabril, monolítico, vertical (como os buracos de uma toupeira), tem dado lugar a formas bem mais sutis de dominação, a relações até certo ponto flexíveis, sinuosas (como os caminhos de uma serpente),

a relações de poder e práticas discursivas que vêm transformando inteiramente os velhos campos institucionais que antes se colocavam unicamente como espaços de adestramento dos corpos, como produção de subjetividades passivas e prontas para um trabalho mecanizado, repetitivo.

Neste novo mundo que traduz um capitalismo modificado (e, portanto, pleno de novos sentidos e novas exigências), a educação é muitas vezes apresentada como já “liberta” de suas velhas amarras, suas constrições, suas jaulas. Seu íntimo parentesco com a prisão produz hoje horror (quer a ironia da história que os bons sentimentos de hoje muitas vezes não reconheçam os de ontem). Os grandes “reformadores” do discurso pedagógico contemporâneo vieram “libertar” a todos da escola-prisão. Assim como os grandes heróis da reforma psiquiátrica na Europa do final do XVIII, vêm ao nosso auxílio pedagogos, neurocientistas, psicólogos, psicopedagogos, e uma miríade de novos especialistas (que incluem, por mais pitoresco que isso possa parecer, economistas, administradores — até mesmo o Banco Mundial, vejam vocês, se tornou autoridade em educação). Graças a eles recebemos as boas novas: “não temam mais, viemos salvar os alunos de um ensino tirânico e opressivo; viemos também reformular a administração escolar, tornando-a eficiente, dinâmica, baseada em coeficientes de produtividade, trazemos conosco a modernidade para

a sala de aula!” Ao menos nas escolas particulares por aqui, trazem também na bagagem seus smartboards — quadros interativos — e outros gadgets. Tecnologia de ponta: a grande facilitadora do processo de “ensino-aprendizagem” contemporâneo.

Em grande medida, esta “revolução” pedagógica se assenta em dois princípios (me refiro, é claro, aos “saberes” que têm sido apropriados de maneira hegemônica na educação brasileira, principalmente na pública, mas também na privada, e não a todo e qualquer esforço pedagógico; como queremos argumentar, este é um campo — como sempre — em disputa): a administração de uma escola deve se assemelhar cada vez mais a uma gestão empresarial, e o mais aterrorizante é que isso deve ocorrer mesmo em seus aspectos estritamente pedagógicos, na própria aula, na própria relação direta entre professor-aluno, libertando o aluno da “opressão” do modelo fabril, prisional, que, de certa forma, os professores ainda representam (não à toa, o ensino à distância ganha cada vez mais força: o professor é, neste modelo, cada vez mais dispensável).

Entretanto, salvar os alunos não é apenas modificar a estrutura escolar, e mesmo a forma como os professores dão aula (ou se eles dão aula de todo), introduzindo mecanismos de “eficiência corporativa”. É preciso realmente salvá-los! E, como o louco “resgatado” por Pinel e

Esquirol dentre inúmeras figuras que infestavam os sanatórios do século XVIII, os “reformadores” de hoje vêm resgatar a criança doente da confusão indistinta que antes se fazia (a criança doente se separa das outras “anômalas”: as desobedientes, as preguiçosas, as agressivas, as mal-educadas, etc.).

Transtorno Desafiador Opositor; Transtorno de Déficit de Atenção (com ou sem Hiperatividade); etc.: muitas são as doenças que “assolam as crianças”, e muitos (e caros) são os remédios para tratá-las. Hoje, cada vez mais, substitui-se a condenação moral sobre a conduta do jovem por uma avaliação psiquiátrica e neurológica. Nada a ser “punido”, mas sim “tratado”. O que se vê é uma verdadeira epidemia de medicalização da infância, assustadora mesmo que não entremos na penosa discussão sobre se tais “patologias” possuem uma “existência em si”, ou se elas são o outro lado do mesmo saber médico que as “descobre”.

Esses dois recortes pedagógicos que busquei desenhar (de maneira por demais genérica, esquemática e pessimista, é bem verdade), todavia, de forma alguma se excluem mutuamente, como se houvesse uma ruptura cronológica e hoje nada restasse da escola “clássica”. Muito pelo contrário: nas escolas do Rio de Janeiro o que se vê é a mais perfeita fusão desses distintos “modelos” de educação: temos uma secretaria de educação que avalia seus alunos e professores através de

índices de produtividade (claramente tomados de empréstimo do modelo empresarial) medidas em provas regulares e outros mecanismos (interferindo diretamente no salário desses professores), mas que coloca, ao mesmo tempo, policiais na porta dos colégios para “cuidar da segurança”; temos uma educação que medicaliza seus alunos por “transtornos de aprendizagem”, mas sem jamais pôr realmente em questão a sala de aula, a quantidade de alunos em uma aula, a obrigatoriedade da presença, as notas, medidas punitivas, etc. Está lá todo o velho arsenal da escola “tradicional” que faz com que seja corriqueiro encontrar jovens na escola que a reconhecem claramente como a velha prisão, mas com nova roupagem.

E o professor libertário, não libertador, que compreende a educação como um processo coletivo, que não está separado (e nem pode se separar) das demais condições do mundo em que vivemos, deve procurar seu caminho nesta densa floresta de espinhos, entre o martelo da escola disciplinar conservadora e os mecanismos “modernos” de gerência da vida (até mesmo do ponto de vista da química cerebral), postos em prática pelos discursos “flexíveis” da lógica empresarial. É um caminho obviamente difícil, mas é o caminho da educação popular.

A crítica mais poderosa que se pode (e que sempre se pôde) fazer à escola e à educação é que elas estavam (como ainda estão, sem desconsiderar as novas relações de poder em jogo) a serviço da produção de um mundo desigual, doente, opressivo; a serviço da produção de subjetividades apaziguadas, submissas, prontas para um mundo de subordinação e exploração, cultivando as “competências e habilidades” necessárias para desempenhar suas futuras “funções sociais”. Buscar uma educação que liberte é, antes de mais nada, se despojar da indumentária da educação (tão presente na educação de hoje como foi na de outrora); é esvaziar os lugares instituídos de poder (em primeiro lugar, é claro, na sala de aula); é buscar um caminho com os alunos, abandonar a pretensão despótica de lhes “educar” (o que não significa que não haja transmissão de conhecimento, é claro que há, mas sempre numa via de mão dupla, de troca e de respeito pelas diferenças e vivências de cada um). É Paulo Freire sim, em cada palavra, mesmo que ele também, tragédia da história (ninguém é dono do seu próprio pensamento) seja apropriado pelos “reformadores escolares” que querem mudar tudo para não mudar nada. É, por mais que a palavra seja um clichê, uma atividade que se faz com amor, com entrega

e disposição de se ver desprovido de um papel central e preenchido de autoridade. Por isso a educação popular, libertária, é uma militância, constante, feita dentro desses espaços a que chamamos “escolas” e fora deles.

E o bonito quando se faz essa educação com amor, essa militância pela liberdade na (e através da) educação, é que dificilmente se fica sozinho. A diferença busca a diferença: surgem sempre aqueles que também se indignam com as correntes, todas elas, da educação, há sempre aqueles a quem dar o braço, e seguir experimentando uma educação que não seja “dona da verdade”, que não opte por reforçar simplesmente saberes instituídos, em detrimento de toda uma infinidade de experiências, de discursos, de práticas. Uma educação que não busque perpetuar relações de poder institucionalizadas (sancionadas por aqueles saberes), que busque um espaço de trocas horizontal. Um espaço onde, nessa vivência, alunos se misturem com professores, suas figuras se diluem e se combinam, e onde, em uma assembleia na qual assuntos que são do interesse de todos são discutidos (desde questões práticas sobre aulas, até demandas da comunidade local), se torne difícil distinguir quem “chegou ali como professor e quem chegou ali como aluno”.

Aqui no Rio existem (como em qualquer grande cidade, imagino) alguns grupos que se engajam particularmente nessa luta. Um deles é o GEP, Grupo de Educação Popular, do qual faço parte.

Somos educadores populares (ou antes, buscamos a educação popular em nosso trabalho), agimos dentro das escolas públicas da cidade e fora delas, em diferentes experiências comunitárias. O grupo começou há sete anos, com um pré-vestibular popular no morro da Providência, após as “forças militares” que, naquela época, garantiam a “pacificação” da favela (como hoje fazem as UPPs) sequestrarem três jovens e os entregarem a uma facção criminosa rival daquela que controlava o tráfico de drogas no morro e na região. Os jovens foram barbaramente torturados e mortos.

O grupo inicial, muito deles militantes oriundos do movimento sem-teto no centro do Rio (que contava com algumas fortes ocupações, como a Quilombo das Guerreiras, a Zumbi dos Palmares, a Machado de Assis e a Chiquinha Gonzaga — única dessas que não foi removida pelo Estado), decidiu construir um projeto de educação popular que pudesse ir além da sala de aula, além do trabalho importante de tentar garantir o acesso de jovens negros e pobres à universidade, um dos espaços mais

excludentes da sociedade brasileira. O que se buscou desde o começo foi um forte engajamento nas lutas e demandas não apenas da Providência, mas de uma das regiões do Rio que se tornou um dos alvos prioritários desse capitalismo predatório e selvagem ao extremo que o Estado e a iniciativa privada vêm experimentando no Rio: a região portuária. Um processo de violência que não se iniciou com a morte dos três rapazes, mas que certamente vem experimentando um recrudescimento da brutalidade somente proporcional à ganância dos investidores (à medida que a região vem se valorizando cada vez mais no mercado). Inúmeros despejos aconteceram nos últimos anos, comunidades inteiras arrasadas para dar lugar à especulação imobiliária, como a ocupação Quilombo das Guerreiras, despejada no começo do ano após meses de verdadeiro terror imposto pelo Estado.

Apesar do aumento da repressão e da violência estatal na região, o grupo cresceu e hoje somos muitos: educadores, alunos dos projetos que desenvolvemos (de modo absolutamente autônomo e independente), estudantes universitários, alunos de escolas públicas de diversas partes do Rio. Além de trabalhadores da região e militantes com outras experiências de luta. Na Providência, o pré-vestibular continua e um curso de alfabetização de adultos já funciona há vários anos. Buscamos estar presentes nos espaços comuns, e ajudar a fomentá-los, como assembleias populares

da região e também de atos coletivos que combatem às inúmeras arbitrariedades que acontecem ali todos os dias. Hoje também atuamos fortemente como parte do apoio da ocupação Chiquinha Gonzaga, com oficinas para as crianças do prédio e outras atividades que ajudamos a organizar com pessoas da ocupação e de fora. Mais recentemente, nasceu um braço do GEP na Uerj e no morro da Mangueira, com, entre outras atividades que buscam cruzar a esmagadora fronteira que divide esses dois espaços na realidade tão próximos fisicamente (favela e universidade), um novo curso de alfabetização de adultos. Também atuamos em diversas escolas públicas do Estado, e no sindicato dos professores (SEPE), tendo uma presença forte nas lutas dessa categoria, em especial, nas últimas duas greves. O GEP educação pública une professores que pensam um novo modelo pedagógico e que lutam cotidianamente pelas melhorias materiais das escolas públicas, com os próprios alunos, aqueles que mais sentem a opressão dessa “negligência” e desse “projeto de educação” sobre as suas vidas.

O que faz deste um belo processo de educação popular é exatamente o fato de conjugarmos a crítica ao que normalmente entendemos como educação (e a construção de sua alternativa) com a luta popular, cotidiana, entendendo que o processo coletivo da educação deve, ao mesmo tempo em que se reinventa, apontar para uma transformação de mundo.

São, na realidade, atividades análogas (ou mesmo, dois aspectos da mesma atividade), pois reinventar o que se entende como “relações de ensino-aprendizado” é já produzir uma singularidade no mundo, e todas as vivências e lutas das quais participamos são já um profundo processo de aprendizagem. Daí a inexistência de uma distância real entre o trabalho que muitos de nós fazem em escolas (em sala de aula e fora dela, mas ainda vinculados à escola pública, como nas greves e atos) e o trabalho comunitário que fazemos cotidianamente em espaços vivos e cheios de vida, de experiências belas e trágicas, de lutas e violências de uma brutalidade que não podem ser expressas por meio de palavras, como as ocupações e as favelas da Providência e Mangueira.

A própria educação popular é quebrar os muros da escola (mesmo quando não podemos fazê-lo fisicamente); é já um gesto de libertação. E a própria luta comunitária, cotidiana, é um intenso processo pedagógico de formação para a transformação, é educação no sentido mais pleno e poderoso que essa palavra pode assumir: troca, composição, afeto, construção coletiva. É já, na luta para mudar o mundo, a criação de um outro mundo, em cada uma daquelas relações, em cada pequena experiência: na rua ou na sala de aula, é emergir outro e apontando para outro mundo.

Talvez seja por aí (menos do que nas “justificativas oficiais”) que devemos buscar a real explicação para a pesada e inclemente perseguição do Estado, que recentemente emitiu ordens de prisão preventiva (por sermos “perigosos demais” para aguardar o julgamento em liberdade) contra sete militantes do grupo, além de outras dezesseis pessoas de outros grupos. Se estamos “a solto” nas ruas, nos nossos trabalhos, nas nossas vidas, é apenas graças a um Habeas Corpus emitido por uma instância superior do judiciário, não sem antes termos de passar (como os outros perseguidos políticos) duas semanas presos ou foragidos, sob a alegação (sem nem uma única evidência concreta que incrimine os acusados) de “promovermos atos de violência nas manifestações” de Junho e dos meses subsequentes.

A acusação, de tão absurda e dramática, me faz lembrar o rótulo de “terrorista”, preferido pela ditadura militar para se referir àqueles que a combatiam. Atuamos com educação popular em espaços absolutamente abandonados pelo poder público (abandonados de políticas públicas, que fique claro, de nenhuma maneira abandonados das relações de poder e violência sistemática de todas as formas do capitalismo contemporâneo: aponto a prática fascista de pintar em casas da Providência a sigla da Secretaria Municipal de Habitação seguida de um número: a maneira pela qual a prefeitura achou por

bem informar centenas de famílias que suas casas seriam derrubadas). Buscamos, pela educação e trabalho cotidiano, construir relações libertárias e potentes, compondo forças com os gestos de resistência que encontramos pelo caminho, gestos (ou melhor, gritos) que devem ser sufocados, vidas que devem ser esmagadas. E por que lutamos com eles, sem querer levar nada, nem salvar ninguém, sem almejar cargos públicos, nem verbas públicas ou privadas; por que queremos apenas juntar nossa voz às deles nesse grito, não nos podem perdoar. Paciência. A vida segue, e a repressão que estamos vivendo é ainda ínfima quando comparada com a violência reservada aos moradores de favela, aos pobres, às “classes perigosas”. A luta continua e o aprendizado também.

Concluo mencionando um trabalho que estamos fazendo, por nenhum motivo especial a não ser o de acha-lo bonito e de pensar que ali já acontece uma experiência de educação popular que vale divulgar: o trabalho que o apoio da Chiquinha Gonzaga (e muitos de nós do GEP estamos lá) tem feito na ocupação. Ali, vem nascendo nesta mesma semana em que escrevo essas linhas, um novo e potente espaço para uma educação popular, libertária, uma educação para transformação.

Estamos angariando recursos e, braços dados, fazendo mutirões para reformar e reestruturar um amplo galpão que jazia abandonado

há anos. Lá iremos continuar atividades que já vêm acontecendo e criar novas possibilidades. E elas são inúmeras: a alegria é sonhar com o que pode ser feito, com as múltiplas experiências horizontais, coletivas, companheiras, de educação que poderão nascer ali.

Mas certamente esse já querido espaço nasce sob bons auspícios: sua primeira atividade, no seu salão ainda vazio, sua estrutura ainda precária, foi uma oficina de Teatro do Oprimido para educadores populares.

* * *

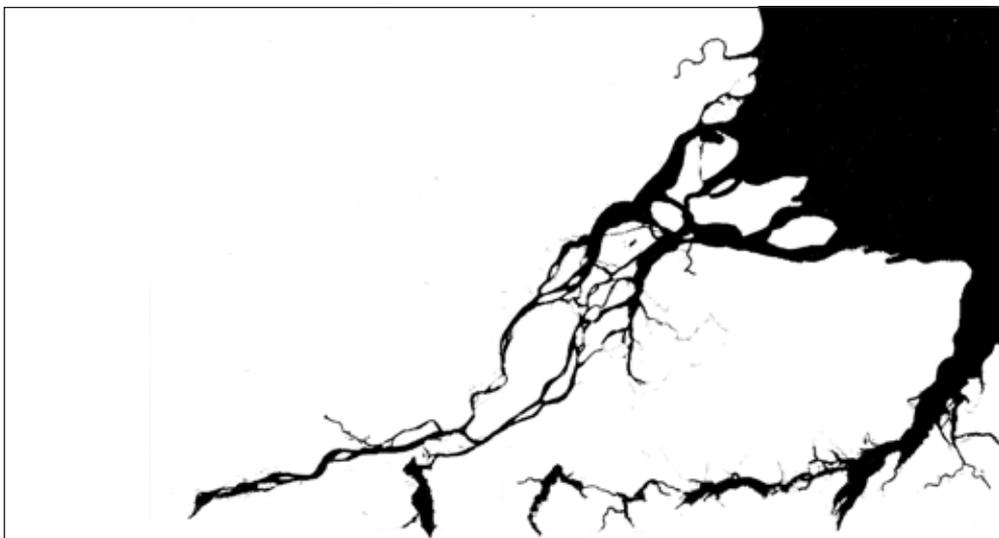
HIDROSOLIDARIEDADE

Hidrosolidariedade
Giseli Vasconcelos

GISELIVASCONCELOS

HIDROSOLIDARIEDADE

Neol. 1) *Solidariedade solúvel*: a) Oportunidade de sistematizar as ações realizadas e apresentar o resultado daquilo que pensamos e executamos b) Processo de colaborações e associações entre artistas ou agitadores culturais c) Encontros d) Parcerias e) Envolvimento.¹



Delta do Amazonas Localizado no extremo norte do país, entre os estados do Pará e Amapá, o delta recebe águas de centenas de rios menores transbordando o Rio Amazonas em direção ao oceano Atlântico. É nessa desembocadura que se encontra o fenômeno da POROROCA (o tupi “poro’rog” = ‘estrondar’), quando as águas oceânicas se elevam e invadem a foz do rio num confronto que promove o surgimento de grandes ondas, mais evidente nas mudanças de fase da lua, principalmente Lua Cheia e Nova.

¹ *Hidrosolidariedade* faz parte do glossário sugerido para o projeto de pesquisa [Nu]-: aparelho: Relatos sobre coletivos, arte e colaboração baseado em entrevistas e ações envolvendo agitadores da rede aparelho, em Belém do Pará. A definição é proposta por Bruna Suelen, em sua tese de mestrado em artes na Universidade Federal do Pará.

A SOLIDARIEDADE SOLÚVEL

A produção da rede [aparelho] -: aconteceu entre encontros que por vezes chamamos de reuniões e que transbordavam em ações de rua. Para cada ação proposta se constituía uma pequena rede de relações afetivas que se relacionavam às redes maiores, através dos meios digitais ou não, como: associação de bairro, terreiros, botecos, rádios comunitárias, listas de discussão e quilombos. Ao longo do tempo, espalhados entre tantos esporos, fomos coletivizando pela cidade debates em torno da liberdade de criação, expressão e ação como direito comum e público. Os assuntos amplificados discorreram sobre a pirataria, economia informal, a autonomia na produção artística e cultural e principalmente, cultura livre. Num devir

*impregnado pelo mote “o que ocorrer...”, experimentávamos uma composição poética política que tentava reunir fragmentos de tudo e todos entre textos, resenhas, música, vinhetas, entrevistas e cineclubismo de maneira fluida e atemporal. Estávamos na intercessão com os nascidos e crescidos ao Norte e entre viajantes, convivendo nesse tempo-espaco de comunhão em meio ao Delta do Amazonas — esse imenso grandes lábios molhados pelos rios Amazonas e Tocantins-Araguaia. Durante todo o tempo em que estivemos juntos, a **hidrosolidariedade** foi incorporada de modo orgânico à nossa fala, entre notas e trocas de e-mails sem muito se preocupar com as origens ou contextualização do termo.*

HÁ-BRAÇOS

*Arthur Leandro que traz do Rés-do-chão o conceito de **hidrosolidariedade** para dentro do [aparelho]-:. Em maio de 2009, respondendo a uma entrevista proposta por Denis Burgierman e encaminhada para a lista de discussão CORO, Arthur sinaliza exatamente quando o termo se incorpora às nossas ações:*

Re: [CORO] Re: entrevista coletiva com um coletivo de coletivos - pergunta 1
<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/corocoletivo/conversations/messages/11280>

Date: Fri, 1 May 2009

Por que "coletivo"? O que esse tipo de organização permite que o trabalho individual ou os grupos tradicionais – empresa, cooperativa, ong – não permitem? Enfim, o que vocês querem com esse negócio de coletivo, diabos?

Eu vejo diferenças entre hierarquia e liderança, mas a identificação das lideranças pelas relações sociais que nos circundam — e não conseguem nos circunscrever na hierarquia de poder..., como desejam —, faz com que nos identifiquem com palavras como ‘coordenador’, ‘chefe’, ‘manda-chuva’... Nós resolvemos por aqui com a auto-identificação como ‘agitadores’..., adjetivo também usado pelos que nos olham ‘de fora’, mas com a multiplicidade de interpretação que nos interessa.

daí o ‘agitador chefe’ vai depender muito de qual é o universo e de onde vem a identificação, por exemplo, no micro-universo do campus do Guamá da UFPA... Para a faculdade artes o chefe sou eu, mas nos bloco de ciências humanas já foram Luis e Angelo e hoje talvez seja a Bruna... No micro universo das culturas afro-amazônidas: nas comunidades de terreiro sou eu..., no hip-hop é a Yá Maré ou Perna, e no tec nobrega é a Giseli... Na comunicação comunitária é o Angelo, pros artistas de rua é o Rodrigo, na ilha de Colares e na baía do sol é o Fernando,

pro pessoal das cênicas talvez já seja o Pedro... e por aí vai... é rede de relações... quem é o coordenador/chefe?

pra mim interessam as trocas, eu também atuo em outros coletivos e/ou grupos de outras cidades onde morei, como o Urucum em Macapá; e em outras formas de des-organização como o Rés do Chão, no RJ, ou em grupos virtuais como este coro que diverge tanto que nem faz coro.... Daí aqui na rede [aparelho]-: sou eu que trago do Rés o conceito da hidrosolidariedade.... E nossa primeira ação realmente coletiva e colaborativa se chamava “Potoca free-style, ou cineclube hidrosolidário, ou projeção de filmes para Yemanjá no dia 2 de fevereiro, ou esperando um novo nome pra batizar...”; também sou eu quem impregna a rede de informações das artes visuais..., mas eu não sabia (ou não sei) nada de só-fi-tu-ér livre, e aprendo muito disso com a proximidade com a Yá Maré, como de edição de som com o Angelo, de Mônadas com a Bruna e por aí vai, é rede de relações....



Oxum Orixá feminino que reina o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia sobre a água doce dos rios.

ELEMENTOS DE UM RIO

fluência, afluência, confluência, leito, margem, montante, nascente, foz.

Com o passar do tempo, na tentativa em rescrever esses processos, percebemos um conjunto de significações potentes por detrás desse vocábulo que vai muito além da nossa micropolítica: a palavra desvela intrinsecamente nosso comportamento grupal, tribal e tropical-amazônico carregados de uma alegoria fundada num horizonte plano, infinito e líquido — somos sinônimos de água procedente de

qualquer secreção corporal (o suor, as lágrimas, a baba...), do suco das frutas, do líquido que escorre das árvores, da bebedeira e do rastros espumantes das embarcações. A palavra também simbolicamente remete nossa história entre hidrovias, furos e recortes de rios, elaborados por gente em civilizações provavelmente antes da descoberta da América. E ainda, esses fluxos de passagem, relatados entre tantas viagens, desvelaram um imaginário de olhares mais de longe que de perto exauridos entre agonia e empatia.

PROPOSTA DE COM-VIVER

Em 2005, Arthur Leandro apresenta os Reslatim, uma série de relatos de viagem que culminaram nos registros de um ritual-de-passage durante sua residência ao sul da França. Estávamos trabalhando juntos na seleção de parte desse diário (compartilhado pela lista de discussão do Rés-do-chão) para a publicação Digitofagia¹. Os Reslatim expõem caprichosamente a tensão de uma experiência individual de um amazônida diante da adversidade e desentendimento travados noutra cultura. O norte hemisférico, pautado na homogeneização de valores e comunicação padronizando conduta, sentimento, imaginação e linguagem.

O autor contrariado com o comportamento europeu, se desdobra por vezes na reflexão sobre o uso comum da expressão “desolee” (o que no português diríamos “sinto” e no inglês é o equivalente ao “sorry”) para discorrer sobre um modo coletivo ausente de solidariedade para com o outro:

“O desolee é um vazio semântico, é o contrário de guerra que lança a palavra e seu significado ao encontro de novas circunstâncias, vejo o desolees como a atitude da muralha de comunicação. é muralha do eu para com a comunidade com que se com-vive.”

Diante da nossa compreensão amazônida, o outro é afluente de vida. O outro é o que corre ao teu lado, atravessa e trespassa e cruza, como um rio. Nossos redários se formam por fruição, experimentando um curso de água, e desvendando as tecnologias possíveis como fora a canoa para a cabanagem e o regatão, para o jornal e televisão. E assim também, como na pororoca, a sobrevivência é um encontro estrondoso de movimento brusco que provoca na diversidade, as ideias, os desentendimentos, as redescobertas e outras linguagens.

1 ROSAS, Ricardo; VASCONCELOS, Giseli (Org.). *Net_Cultura 1.0: Digitofagia*. São Paulo: Radical Livros, 2006.



PARÁ = RIO GRANDE

Do Brasil, sentinela do Norte.

Nesse diário de memórias, carregado de um comportamento tropical-úmido percebemos o clamor por trocas solidárias, fluidas e frouxas desmensurável, quase análogo ao nascimento de um rio buscando seu curso:

(...) e talvez eu seja muito radical, mas quero continuar a viver na hidrosolidariedade e na hidrogenerosidade que faz a gente trabalhar junto por um projeto coletivo que ninguém sabe o que é. como a liberdade, mas que tem a participação de toda comunidade, com liberdade. Juntos!!!

Portanto, esse relacionar-se íntimo presente nessa terra do meio tropical, espelha-se num tempo que pára com as chuvas, que segue entre o aguaceiro penetrando nos solos para assim encontrar espaços vazios entres brechas e furos até chegar a um outro corpo d'água. E como num movimento solidário, um rio maior precisa se hidratar recebendo águas de rios menores, e então estes se tornam seus afluentes num fluir que compartilha o que não fica, que vai e escorre.

ESSE RIO É MINHA RUA

A imagem que se tem a respeito da Amazônia é formada por um imaginário por vezes edênico e satânico representada arbitrariamente por quem a olha de fora. Esta representação perpetuada pelas mídias, também mimetiza esse imaginário entre os fatos, denominando como único o que é diverso, e impondo uma identidade única a uma pluralidade de culturas, de naturezas e de sociedades.

A imaginação que normalmente se tem da região é, quase sempre, “mais uma imagem SOBRE a região do que DA região” como produto resultante de um contexto marcado por relações de poder. De uma geografia diversa, da nascente do extenso Rio Amazonas até a sua foz, a visão que temos do extremo norte é um rio de horizonte-infinito de onde muito de nossa poesia se referencia. De Belém vive-se conflitos de uma cidade cosmopolita que não sabe se é uma pequena metrópole ou uma grande província. Belém é um constelário de ilhas que representam 69% da superfície da cidade, nasceu por assim dizer sob o signo insular. É uma cidade portuária que recebe pessoas de todo o mundo sendo um ponto de partida de riquezas ancestrais. É onde o arcaico e moderno coabitam o mesmo espaço, a vanguarda e retaguarda com-vivem, o sagrado e o profano não se separam.

DI-VERSOS

“Quanto a este mundo de águas é o que não se imagina. A gente pode ler toda a literatura provocada por ele e ver todas as fotografias que ele revelou, se não viu, não pode perceber o que é.”¹

Enquanto reunia notas para este verbete deparei-me com um pequeno artigo “um grau ao sul”² de Maria Christina Cardoso Ribas que rememora a carta de Mário de Andrade encaminhada a Manoel Bandeira datada em junho de 1927. Esta carta denominada deliciosamente “Por esse mundo de águas” discorre sobre desejo sexual e arrebatamento em torno de suas experiências em Belém do Pará. Ela faz parte de uma série de registros entre fotografias, cartas e notas que Mário de Andrade manteve durante sua viagem à Amazônia, que dizia ser um diário despretenso do que foi a viagem mais importante na vida do autor.

Neste relato que Mário denominou de “O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega!” se percebe numa espécie de adesão à civilização tropical, descoberta sentimental intelectual de sua interpretação de um Brasil numa concepção

1 ANDRADE, Mario de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1958.

2 Ribas, M. C. C. *Manuel Bandeira: a poética do entrelugar*. Tese de Doutorado em Teoria Literária. Biblioteca UFRJ. 1997.

plural de civilização mais sincrética que sintética. A viagem começa no início de maio e termina em meados de agosto de 1927. Já nos 10 primeiros dias o autor anuncia o espanto do seu olhar europeizado diante da desmesura e singularidade do mundo amazônico:

“Há uma espécie de sensação fincada da insuficiência, da sarapintarão que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjinho que ainda tenho dentro de mim (...).”

A experiência de viagem de Mário de Andrade na região mesmo que curta for fundamental para sua meditação sobre uma civilização tropical.

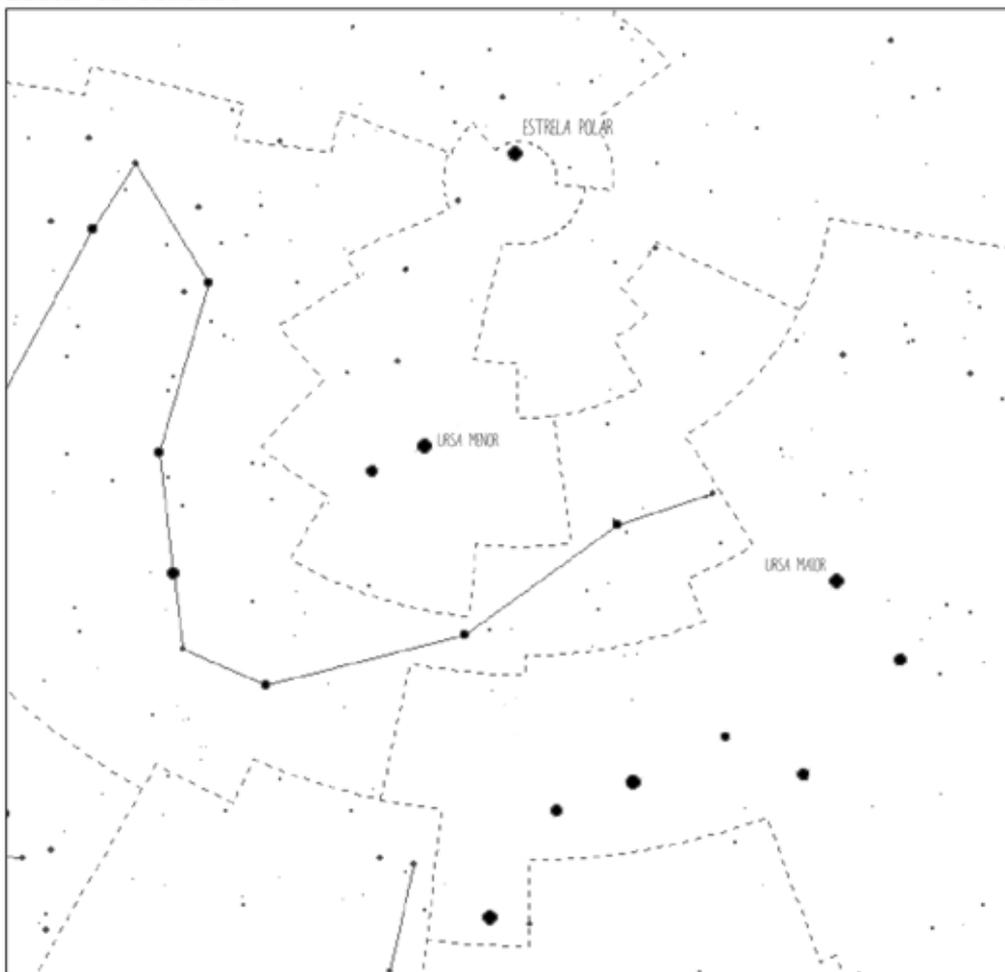
É durante esta viagem que o autor complementa as notas para versão de Macunaíma (redigido um ano antes mas totalmente aberto para inserções e colagem, lançado no ano seguinte), esboça a narrativa Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma, além de experimentar a fotografia moderna.

Assim como nos Reslatim, as cartas e notas de Mário sobre a Amazônia sempre marcam de modo contumaz e por vezes irônico a ótica europeia tecnicista, marcada pela hegemonia de um pensamento sintético e científico. Mesmo em tempo espaço diferentes, dum campo de visão deslocado (um amazônida na Europa versus um paulista europeu na Amazônia), esses

relatos vem carregados de uma tensão que misturam a paisagem com estados afetivos que direcionam a escrita e o pensamento, propondo quase uma oração mental que nos ajuda a seguir profundamente sobre esse horizonte fluido.

*Discorrer sobre um vocábulo que confirma-nos em ação é trazer à margem um traslado de raízes e rotas que nos representam traduzindo signos e significados que nos semeiam. A **hidrosolidariedade** não deixa de ser uma utopia amazônica — quando pretendemos seguir um caminho solidário, frouxo e volúvel seguindo a natureza do comportamento das águas, desconsiderando o contágio e a assimilação como caminho único de civilização em direção ao progresso, sucesso e desenvolvimento. A **hidrosolidariedade** é a intenção — quando muitos juntos se dispõem como fluidos — correndo como a água, vagando a trocar experiências e conteúdos por uma re-produção, distribuição e reciclagem de tudo, aos VIVOS.*

LIGUE OS PONTOS:



Ursa Maior “Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o saci... Não é não! Saci inda pára neste mundo espalhando fogueira e traçando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.”

(Macunaíma — Capítulo XVII: Ursa Maior)

HUMOR

Humor
Geo Abreu

Carnavandalirismo
Isabela Ferreira

GEO ABREU

HUMOR

Dentro do processo das chamadas “Jornadas de junho” acontecidas desde junho de 2013, brotou das ruas, como escape lírico à truculência da polícia o humor, numa mistura de sagacidade com a criação de fatos mais estranhos que a ficção.

A memética dos acontecimentos acumulou uma produção de fôlego cujos locais de desagüe inicial tenham sido facebook/ tumblr/twitter,  transpondo conteúdos políticos por meio de piadas curtas, com núcleos que se transformam e perpetuam (as memes), multiplicando-se à medida que o afastamento do caso

gerador não prejudique o entendimento da piada, de tal forma que seu uso se expanda e seja incorporado na linguagem cotidiana das redes sociais.

A criação das memes (sim, neste texto memes são entes femininos, porque férteis) partiam da curadoria de episódios exemplares com a intenção de assinalar o descabimento da inversão de valores, como num dos mais famosos casos, a depredação de uma loja da rede de roupas Toulon, cujos manequins foram vandalizados pela população. Fato que a mídia corporativa transformou num quadro de horror,

ver ESCREVER

rídico e doloroso, quando ao entrevistar o dono da rede, este se pôs a chorar pelos bonecos e sua perda inestimável. A partir deste vídeo, a roda memética se pôs a girar e a inteligência coletiva produziu algumas respostas correlatas: uma missa de sétimo dia pela morte dos manequins; um prêmio pelas performances em protestos, cujos símbolos/estatuetas eram os ditos bonecos, e no rastro disso, uma intimação formal para que o jornalista/humorista/ativista Rafael Puetter/Rafucko prestasse esclarecimentos sobre a acusação de furto de um destes objetos.

O próprio termo “vandalizar” passou por uma transformação nestes dias, ampliando seu raio de uso e englobando não só as atitudes irresponsáveis de alguns cidadãos com “a coisa pública”, mas também as irresponsabilidades da classe política e da polícia no trato com os manifestantes, e o próprio

discurso oficial criado neste contexto para legitimar a violência e a criação de verdades.

A partir de determinado momento, com a lei antiterrorismo em vias de efetivação e o terrorismo de estado crescente, provocando o esvaziamento das ruas, o humor criou soluções para manter o movimento e escapar da repressão. O casamento de dona baratinha é um desses casos: quando manifestantes apareceram para protestar durante o casamento da filha de um dos maiores empresários do ramo dos transportes no Rio de Janeiro, atrapalhando a festa e dando nomes a um dos agentes envolvidos na crise dos 0,20 centavos, o aumento nas passagens de ônibus que deu início às jornadas de protestos.

Daí à criação de coletivos de artistas, tanto envolvidos com a transmissão ao vivo dos protestos (Rio Na Rua, Mídia Ninja) quanto de intervenção urbana

(Projetação, Vinhetando), quanto de criação de intervenções não violentas (Atelier de Dissidências Criativas), várias ações tomaram corpo e a cidade foi se organizando, transformando um movimento acusado de confuso e sem pautas definidas em um laboratório vivo de criação ferramentas sutis, cujas forças estejam no momento concentradas num esforço coletivo anti-copa. Forças que se expressam através de frases projetadas em muros, carimbos em notas de dinheiro, hackeamento de álbum de figurinhas, atos cujos traços são difíceis de rastrear e culpabilizar, espalhando a mensagem de descontentamento, conquistando mais e mais pessoas que estavam dispersas dentro da crise de representatividade política, bem como talentos obscurecidos no limbo do precariado cognitivo, e afirmando que aqui, nas cidades, “dois papos não se cria e nem faz história”.

** * **

ISABEL FERREIRA
CARNAVANDALIRISMO

O Carnaval faz dos nossos corpos território político.

Carnavandalirismo na rua é a política explodindo sua audácia imaginativa. Com seu feitiço socioerótico coletivo, o carnavandalirismo traz entusiasmo aos movimentos rebeldes, transborda as mentes, os corpos e os espaços da arte, e os leva às ruas.

No Carnavandalirismo, a ironia e o humor substituem a testosterona desestruturando a hipermasculinidade das táticas de confronto tradicionais. O corpo, a música e a dança se convertem, desta maneira, em ferramentas poderosas de desarticulação da violência policial e midiática.

O Carnaval de resistência surge do movimento fluido que pensa e atua em redes e que leva a criatividade e o prazer para à política. Rejeita as hierarquias sociais, a divisão entre atores e espectadores, confunde os gêneros, insiste na participação total e no seu caos criativo imprevisível e nos enfrenta com tudo aquilo que a sociedade de bem precisa controlar.

O Carnavandalirismo ocupa às ruas porque o rebolado é nosso e a cidade também!

NOTA:

Carnavandalirismo é um projeto que parte do Atelier de Dissidências Criativas.

QUE É O ATELIER DE DISSIDÊNCIAS CRIATIVAS?

É um espaço para a criação de materiais diversos para o ativismo criativo: material gráfico, sonoro, vídeo, contra-publicitário, traquitanas, máquinas, roupas, performances, etc.

Todas as quinta-feiras, na CASA NUVEM¹ um espaço coletivo, para experimentar, praticar e espalhar o tesão de fazer e pensar política. Lugar de convergência, de troca de ideias, de mistura de cada um de nós, e dos vários coletivos artistas e movimentos sociais da cidade. Experimentar um arte que REAL-liza, que busca a criação de realidades concretas, que constrói no aqui e no agora, que se alimenta e alimenta os movimentos sociais, que propõe outros tipos de dissidência fugindo dos clássicos rituais de protesto.

Referência:

Tomando notas al caminar (sobre cómo romperle el corazón al Imperio) John Jordan (2005), uma tradução muito livre de um extrato do texto Notes Whilst Walking on "How to Break the Heart of Empire" de John Jordan. Texto disponível em cpp.panoramafestival.com/tomando-notas-al-caminar-john-jordan/

* * *

¹ Localizada na Lapa, no Rio de Janeiro.
<https://www.facebook.com/pages/Carnavandalirizaçao/437962096346098>

Imagens a seguir:
Ações realizadas por integrantes ou passantes do/no Atelier de Dissidências Criativas no Ciclo das Manifestações de Junho. Todas as imagens são do Atelier, e foram realizadas no Rio de Janeiro (2013-2014).







INFRAESTRUTURA

Infraestrutura
{Maternidade | paternidade |
economia do cuidado | trabalho}

Cristina Ribas
((parêntesis de Barbara Lito))

Justiceiras do Capivari
Steffania Paola

CRISTINA RIBAS
((PARÊNTESIS DE BARBARA LITO))

INFRAESTRUTURA **{MATERNIDADE / PATERNIDADE / ECONOMIA DO** **CUIDADO / TRABALHO}**

“Estamos dispostos a fazer algo pelas futuras gerações? Então resolvamos nossa dor infantil e coloquemos nosso corpo a disposição dos que são crianças hoje.” **Laura Gutman**

A maternidade desacelera o mundo. Ensina ele que só há uma economia: a economia do cuidado.

*Acordo num dia sem saber, que horas são?
A contagem é do estômago pequeno daquele serzinho iluminado que ao lado me diz, tenho fome, ou é que foi perturbada por um sonho de monstro, de coruja noturna como já me disse uma vez. A hora é também equação: contagem das horas de sono, se é hora de acordar mesmo, ou se é hora de ficar, fazer estender o sono, aumentar a preguiça cair em sonho novamente. Acordar, posso tentar só eu, posso, preciso trabalhar (aquele tanto de coisas acumulado, a demanda constante), e arrisco 20 minutos nessa manhã silenciosa, quase segredo, só minha. 20 minutos às vezes me dão tempo para entrar, de novo, na trama do irresolúvel (do que foi deixado na noite anterior, arquivos abertos,*

anotações esparsas). Ela acorda logo depois de mim, vem caminhando pessoa pequena, choraminga, mama no peito. Estamos juntas, colo e chamego. A contagem da hora enquanto olho para ela segue projetiva, planejando o dia por vir. Dia de quê? Dia de trabalho, dia de creche, dia de entrar na linha do tempo de fora, de um tempo grande e irresponsável com a nossa temporalidade pequena. *I n t e r r o m p e r*. Arriscar cortar e acelerar esse tempo da pessoa pequena, que não sabe das razões, e as quais lhe explico. É hora disso, de creche e de trabalho, de meias e de roupas, qual é o clima lá fora, de fazer caber o que se precisa na mochila, de conferir as coisas todas na bolsa, se há bilhete da creche, é fraldas que pedem. Preparar o café, alimentar, conversas, rimos juntas, nem sempre dá tempo. Não estamos sós, o pai está junto, dividimos tarefas, criamos um sistema. Temos, afinal, nossa **ESTRATÉGIA** (temos?). As manhãs são organizadas num tempo conciso, e tempo de despedida: deixo-a no portãozinho de sua sala catterpillar, abandonada saio eu para meu playground da vida adulta, vida essa a ser reinventada.

Eu sou daquelas que se permitiu estranhar ao máximo na gravidez, deslocar e ouvir as sensações de um corpo hormonoturbinado, hipersexualizado, e ao mesmo tempo que sensível e frágil, forte e mutante... E me permiti continuar, da maneira como a própria biologia do corpo continua, um estado de mutabilidade que se estende após parir, percebendo incorporar-se em todo espaço atmosférico da casa a mudança molecular da chegada de uma nova pessoa. Como é que o mundo a recebe? Eu e seu pai acendemos a atenção extrema na sua dimensão pequena, na sua delicadeza e imprevisibilidade, uma atenção que é sobretudo i n t u i ç ã o. Com isso adentramos também a comunidade-de-todas-as-cores de pais e mães que se

constitui ao nosso redor, e da qual passamos a ser como membros natos, aprendizes e consultores de amigos que vão entrando naquela mesma sensibilidade do mundo, eles também tiveram bebê. Na dimensão pequena e misteriosa, silenciosa e sem linguagem (são grunidos) daquele corpo e realidade pequenos, de potência molecular, o que vai ficando estranho, mesmo, são as relações de um “mundo adulto”. Contrastam as tarefas, as responsabilidades (?), os compromissos, os conteúdos. Saltam aos olhos os sistemas de valoração, comunicação e significação que criamos. Com a chegada de uma filha, de um filho, o mundo que reproduzimos nos percalços da vida como naturalidade primeira (ainda que cada um na sua cartografia particular), é subitamente freado, cortado, interrompido.

*((... Essa semana que entra o Davi faz 38 semanas. Já tem o mesmo TEMPO do lado de fora que passou do lado de dentro. A questão do tempo é muito doída, porque eu não sinto que desacelerou... Eu me sinto teletransportada mesmo pra uma outra temporalidade, específica dessa nossa diáde. Claro que a Hannah já tá maiorzinha, e a gente acaba tendo que fazer um rehab pra voltar pro tempo da vida da onde a gente foi radicalmente arrancada quando nasce a cria. Mas tenho a impressão de que nunca vou conseguir voltar com o CORPO todo...)) *Algumas questões, dúvidas e enfrentamentos aparecem. Algumas que assumimos, e outras que não assumimos (para si ou para os outros ao nosso redor). A direção de nossos movimentos no mundo anda tão concentrada nos fazeres do TRABALHO [👁] que viver com a filha e cuidá-la contrasta imediatamente com o que quer que tenhamos hoje por trabalho, visto que, num crescente, o trabalho se mistura ao tempo da vida. Trabalho imaterial, trabalho precário. Quando digo “trabalho” digo uma mistura de trabalho com militância, um tipo de produtividade que toma conta dos nossos dias, noites,**

afetos, emoções, e que gera renda, mas que muitas vezes também não gera renda. Quando falamos em trabalho hoje em dia necessariamente falamos em precariedade, visto que o emprego formal está em franca derrocada, e muitas vezes os contratos temporários, na verdade, se fazem valer da não regulação trabalhista, sem a garantia de muitos direitos, ou seja, na precariedade. Então aqui devemos levar em conta — para equacionar com os pensamentos sobre cuidado que seguem no texto — sob quais condições trabalhamos, se somos auto empregados, se temos emprego, se somos bem remunerados, se esperamos um aumento, se tememos a demissão, se criamos uma instituição!

Quero embarcar aqui brevemente em duas questões ligadas a trabalho x cuidado. A primeira questão a perda da autonomia do tempo, ou de um tipo de tempo (tempo produtivo?), e a politização do trabalho doméstico; a segunda a perda da certeza, de algumas convicções em relação ao que se faz (relacionadas mais ou menos à noção de trabalho, militância, etc). No final faço um ensejo de como podemos pensar no cuidado dos adultos eles mesmos, aqueles que tiveram filhos, e como pensar na participação dessa assunção nos nossos vocabulários cotidianos, e na reprodução de nós mesmos, de nós mesmos mais ou menos como movimento.

A PERDA DO TEMPO, OU A IDEIA DE...

Embarcando na primeira questão: a dúvida se coloca assim: se tomar conta da filha toma meu tempo, como não opor a filha ao trabalho (aquilo que eu faço para ganhar dinheiro) visto que preciso seguir trabalhando? Essa oposição é simples demais, contudo, sobretudo porque ela separa em duas dinâmicas o trabalho e a vida com a filha. A inversão dessa oposição é exatamente a raiz da mudança... Visto que o tempo do cuidado da

filha pode ser intensivamente lento, prazeroso e imprevisível, posso pensar então que o tempo, no cuidado, é mais de ordem subjetiva. (É porque o tempo é lento que essa entrada-vocábulo s a i demasiado devagar?) E o tempo da produtividade do trabalho seria aquele que eu posso controlar? Mais objetivo? Será?

Ou a questão será colocar o tempo na perspectiva de sua produção?

Ou seja, o tempo atomizado da criança sempre vai contrastar e empurrar a ideia de produtividade requerida pelo tempo do capital, tempo esse que por sua vez, ao requerer uma implicação da vida num tempo produtivo, ele mesmo atomizado, por sua vez, com a precariedade das condições de trabalho e pelas novas condições do trabalho imaterial que se torna toda uma questão de tempos descontínuos em cooperações virtuais. Cruzamentos... Ramificações... Desvios... Impossibilidades?

((... Nem sei se eu vou ter TEMPO de te responder como eu gostaria. Acabei de conseguir colocar o tourinho pra dormir (depois de 1h e 30), que agora resiste resiste, quer ganhar o mundo. Uma das primeiras impressões que tive foi que o Davi era um marcador temporal implacável, trazendo ele pra esse tempo cotidiano capitalista. Mas ele relativiza esse tempo o tempo todo, porque simultaneamente me leva pra eras e eras ancestrais (primitivas, genealógicas, genéticas...)) e de salto eu já estou no futuro.

Nesse primeiro ano, me pego vendo fotos antigas dos meus avós, tios, pais, minhas e de meus primos, e vejo o quanto de vida a nossa linhagem já caminhou, até chegar no Davi, que carrega com ele coisas deles (e dos bisos, tataravós, etc) que eu desconheço. E pisco, ele já está com 8 meses, engatinhando, ontem mesmo tava com cólica, chorando... E começo a sentir nostalgia dele como tá agora. Agora sinto saudade dele como tá agora, porque não é possível frear esse tempo com ele, que às vezes passa arrastado, mas é implacavelmente veloz, que é próprio do espaço de maternar. Centrífugo e centrípeto. Tempo de átimo e não de cronos...))

... E O TRABALHO DOMÉSTICO

Essa questão do tempo traz consigo outra: a possibilidade de que uma remuneração — o fragmentário e temporalizado salário-maternidade, o salário social ou renda mínima, ou a bolsa família por exemplo — seja o reconhecimento da função social do cuidar, o que se chama mundialmente de “trabalho doméstico.” A remuneração é um aspecto político da economia do cuidado, imprescindível numa realidade contemporânea em que o cuidado ainda não tem o espaço devido junto aos fluxos econômicos da sociedade.

Essa remuneração não dá conta, contudo, e talvez nunca vai dar, de aquietar a questão da percepção e da produção do tempo no cuidado. Me refiro aqui não tanto ao cuidado como profissão, o trabalho feito pelos cuidadores, mas à percepção

do cuidado como ocupação primeira dos pais e mães, nas relações familiares. Será que receber algum tipo de remuneração (uma licença maternidade, por exemplo) acomoda de alguma maneira, por um tempo, o conflito que uma mãe e um pai podem passar, ao liberar seu tempo (de trabalho) para a rotina de intuição e cuidado?

Observando o aspecto subjetivo do tempo do cuidado, cada mãe e cada pai tem que encontrar a maneira suave como a passagem de um a outro se dá (do cuidado ao trabalho), a transição de cuidadores primários de seus filhos para (voltarem a ser) trabalhadores num mercado (ainda que precário) de trabalho. Há diferenças nessas temporalidades, e elas dependem também da situação econômica de cada configuração familiar.

((... (pausa pra dar de mamar) Toda vez que eu tô acoplada no Davi, ou ele em mim, especialmente quando fico com o corpo ali e a cabeça nas trocentas outras coisas do tempo cronológico ordinário, eu escuto a voz que ele ainda não tem me dizendo: "vem mamãe, se entrega aqui comigo, olha como é gostoso e quentinho aqui, fica aqui, aqui e agora." ... Voltei a pensar no corpo. Nessa temporalidade outra da existência infante que em três meses cronológicos tem um corpo que dobra de tamanho (nunca mais nosso corpo passa por isso, olha só a Alice aí). Não é à toa que esse momento é muito aflitivo para as recém paridas, ainda com

vestígios da temporalidade ordinária nesse corpo materno ainda deformado. Esse: "vem pro átimo que eu quero mamar, mamar e crescer, mamar sem pensar no amanhã, no ontem, ai que delícia". ... E esse discurso patriarcal, que separa a temporalidade trazida pela criança do corpo da mãe e do mundo ordinário, de onde ele vem? porque? pra que serve? ... (Ai, tenho que fazer a mochila do Davi pra sair, tomar banho, separar a comida, etc) ...))

Então há a licença maternidade, e quando há, o trabalho doméstico remunerado regulamentados diferentemente em cada país (ou ausentes, no caso do segundo, no Brasil), e há também o trabalho "de rua"? O trabalho como instrumento/ferramenta de sociabilidade e participação em redes, relações, contratos, vínculos...

Mundialmente o cuidado é atividade relegada às mulheres, na grande maioria dos casos. Seja o cuidado dentro de relações parentais e familiares ou o cuidado como trabalho (cuidadores, enfermeirxs, professorxs, cuidadorxs de crianças...). (Lá em casa é um pouco diferente..., ou seja viemos construindo uma relação em que o cuidar é tarefa amorosa de ambos, pai e mãe, mas isso é outro parêntese.)

O cuidado, a criação dos filhos, foi politizada enquanto trabalho por lutas feministas que apontaram: se o capitalismo se beneficia desse cuidado, dessa procriação e consequente criação, visto

que eles serão também “força-trabalho”, o cuidado das filhas e dos filhos é também trabalho, porém não remunerado!

Das lutas feministas por uma valoração social do cuidado surgem as demandas por uma remuneração direta, estatal e por benefícios por se ter filhos, e ponto. Aqui gostaria de separar o benefício da licença maternidade (depende no Brasil de contribuições já feitas à previdência social) por um (projeto de) salário social (não deveria depender de contribuições já feitas)¹ ou ainda do benefício por filho. Na Inglaterra por exemplo o benefício por filho se chama “child care credit”, e pode ser recebido até 18 anos de idade. O benefício se destina à provisão de bens que a criança demande na sua pequena existência, até sua puberdade e adolescência, comida, fraldas, roupas, remédios, lazeres, ...

No Brasil o Bolsa Família foi criado com o objetivo de beneficiar famílias abaixo do nível de pobreza e em nível de pobreza, cuja renda familiar não ultrapasse os R\$ 154,00 por pessoa, provendo recursos mínimos para garantir a alimentação dessas famílias.² A contrapartida é que todas as crianças da família em idade escolar devam estar

¹ Tramita no Congresso Nacional brasileiro um projeto de lei para a Renda Mínima, um salário social.

² O programa Bolsa Família existe no Brasil há dez anos. Hoje em dia cerca de 20,6 bilhões (0,5% do PIB) de reais são pagos a 14,1 milhões de famílias (o Ministério do Desenvolvimento Social estima o benefício direto de cerca de 50 milhões de pessoas).

matriculadas e frequentando escola, recebam vacinação, tenham acompanhamento médico até 7 anos de idade, não trabalhem, e no caso de grávidas que façam acompanhamento pré-natal.

Ainda que uma perspectiva feminista não seja muito conferida aos benefícios do Bolsa Família, acredito que o programa deva ser compreendido também na perspectiva da luta das mulheres (e dos cuidadores), visto que é um benefício que incrementa a renda da família para cuidar dos seus filhos. Segundo pesquisas recentes, o programa tem caráter emancipatório para muitas delas, que se sentem encorajadas a se libertarem da trama familiar, quando poderiam estar presas em relações que já não querem (muitas mulheres se divorciam, por exemplo), e são estimuladas a cuidarem mais de si. Ou seja, nos casos em que o homem representa a fonte de renda financeira primária, o incremento do Bolsa Família encoraja as mulheres a tomarem o rumo de suas vidas, quando antes poderiam depender da confusa relação amorosa misturada à dependência econômica.³ Em outras situações, em que o homem já não está mais em casa complementando renda (porque muitos se separam e vivem sozinhos, sem a responsabilidade de cuidar das filhas e dos filhos) as

³ Entrevista com Walkiria Leão Rego, que publicou um livro junto a Alesandro Pinzani sobre o Bolsa Família (“Vozes do Bolsa família”, 2013)

mulheres também são beneficiadas pelo recurso, mas o valor do benefício não remunera, de nenhuma maneira, o tempo do cuidado dedicado por elas no crescimento dos filhos, visto que é um valor extremamente baixo, e não configura uma renda mínima.

A maternidade nos seus começos, é assistida, para aquelas que tem emprego formal, por uma curta licença maternidade de quatro meses. (O pai tem licença de uma semana!) Esse seria o tempo para cuidar de nossos filhos, sem trabalhar, e preparar-se para a dolorosa transição de terceirizar o cuidado! Os quatro meses, por sua vez, não fecham com os seis meses de amamentação exclusiva recomendados pelo Ministério da Saúde. O que não faz muito sentido... Mas muitas mulheres conseguem negociar isso com seus empregadores, e ficam mais tempo em casa. Mas muitas, muitas mudam de planos... E colocam em questão o modelo anterior de trabalho que tinham.

(... Fiquei pensando também na questão do corpo nesse jogo, que é o espaço onde ele é jogado. Logo que a gente começou a passar os perrengues de cólica (acho que bem antes até, quando tava contraindo, antes de parir, e tive que ficar de repouso) eu me liguei que a dor trazia o corpo pra esse agora infinito. Lembrei da Laura Gutman nesse livro "Amor o dominación, los estragos del patriarcado". ...Não sei bem se o trabalho não está englobado numa estratégia maior de dominação dos

corpos, que evita mesmo o contato íntimo entre pais e filhos (e velhos moribundos, e doentes, e loucos). Evita a presença deles no espaço cotidiano. Segrega. Fico pensando naquelas imagens antigas, algumas até recentes, das mães trabalhando com seus filhos pendurados, de boa, lavando, colhendo, plantando, aboiando... Acho que o corpo desvitalizado e congelado, moldado para um trabalho cada vez mais estático (no corpo, não na cabeça) é incompatível com a potência de vida de uma criança. Taí as milhões de vistas da galinha pintadinha comemorando não sei quantas crianças quietinhas.¹ O trabalho estático no corpo, mas não na mente, também é incompatível com essa temporalidade átmica da criança, sem passado nem futuro. pra gente é muito difícil morar nesse eterno agora. ...))

Ora, sabemos que a falta de benefício para o cuidado ou a precária remuneração é reflexo de uma série de modos culturais arraigados e naturalizados, que se baseiam na divisão dos tipos de trabalho que homens e mulheres fazem (e o salários diferentes que recebem), na crença da naturalidade do cuidado como coisa feminina. Esse ponto é um dos mais importantes para as lutas pela legalização do aborto, visto que socialmente o cuidado é entendido como uma continuidade inquestionável do ato de gestar e parir. Quantas de nós já abortaram ou evitaram ter filhos pelo temor de não conseguir

¹ <http://vilamamifera.com/mamiferas/a-galinha-pintadinha-e-a-crianca-quietinha/>

coniliar o cuidado com o trabalho? Pelo medo de não conseguir ou por não conseguir mesmo ter condições financeiras de cuidar de uma criança? Por temer reproduzir a sociedade machista enquanto tal em que o cuidado está relegado determinantemente às mulheres, e que portanto deixa a mulher em condições de trabalho menos favoráveis? Aliás: quantos abortos mal sucedidos são necessários para mudar as condições sociais do abortar? Para legalizar o aborto?

Silvia Federici, feminista italiana conta como as feministas dos anos 70 apreenderam que compreender o “trabalho reprodutivo” no regime da exploração (o capitalismo acumula também em cima disso) permitiu o reconhecimento de uma luta comum das mulheres:

“Uma vez vimos que ao invés de reproduzir vida nós estávamos expandindo a acumulação capitalista e começamos a definir trabalho reprodutivo como trabalho para o capital, nós também abrimos a possibilidade de um processo de recomposição entre as mulheres.”²

O cuidado reconhecido como um trabalho, como uma ocupação que serve à sua maneira à COMPLEXIDADE[👁] de um sistema de produção/reprodução, acaba se tornando o terreno de luta, usando as palavras de Federici, e esse terreno de luta se estende às vidas daqueles que cuidamos. Ela pergunta:

² Silvia Federici, *Precarious Labor: A Feminist Viewpoint*.

como lutar sem entrar em conflito com aqueles que amamos? (Falarei disso mais adiante.)

A PERDA DO SENTIDO. HAVIA UM ANTES?

A outra coisa que pega que é: faz sentido? Fazer as coisas da maneira como se fazia?

Desde o começo eu resisti em não colocar a filha de um lado (a vida com ela, o cuidado), e o trabalho. Isso quer dizer que quando eu pensava em trabalho eu pensava em algum tipo de movimento, de fazer, que, menos do que pudesse incluí-la, pudesse se fazer com ela. Ou seja, em que ela estivesse presente, conferindo sentido àquilo. Mas não sabia bem o que nem como... Organizar uma residência-projeto para artistas-etc com filhos? Talvez...

É claro que quando se começa a questionar isso, se está questionando o que é que entendemos por trabalho e com o que é que nos comprometemos em um mundo capitalista-produtivista em que cada vez mais o produzir toma espaço. Então arrisco uma definição que expressa, na verdade, a raiz precária da minha experiência de trabalho: qualquer atividade que traga remuneração, não necessariamente que se tenha como profissão, que construa um comprometimento com algo que é ligado ao que se compreende como trabalho em si, mas que se conecta numa linhagem de

ações e regularidades, que mantém aceso um certo vínculo, seja com as instituições com as quais nos associamos, as parcerias, a participação na atualidade de um debate, os discursos e posições que adotamos. Pois bem, na mudança de sentido das coisas, é essa ideia de regularidade que se quebra quando um filho ou filha nasce (ou mais de um!). Essa é definitivamente uma quebra no sentido de um fazer que poderia estar muitas vezes automatizado, tecnicizado, dessubjetivado. Vou deixar umas perguntas soltas, sobre o sentido do trabalho: para quem e para o quê eu trabalhava? o que eu fazia? como me mexia antes?; ou com que velocidade, com que dedicação, com que efetividade, com quanto de mim?...

A noção de continuidade é quebrada pois a temporalidade do filho é caoticamente outra, e isso reflete os sentidos que ela ou ele forçosamente vem sacudir. Cada um ou uma de nós percebe isso distintamente, claro. Para quem se conhece de um jeito, a quebra vem destituir uma série de convicções. Acredito que essa quebra acontece porque o que aparece é intuição como a chave do cuidado. A intuição como um tipo de escuta, um cuidar com, que requer tempo para entender modos e ritmos... Um imensamente-cuidado, essa aproximação-atenção e fusão quase-orgânica e por vezes quase-estrangeira que

descobrimos quase-inata em nós, que tiramos da caixola, da cartola, que vestimos quando seguramos a filha no colo, quando sentimos seu cheiro que ativa nossos hormônios mamários. Para outros essa quebra não acontece tão claramente, e a filha ou filho entra mais rapidamente na composição de um mundo mais perto eu diria de um “como era, como eu fazia”. Ou é que aquela zona de atravessamento gravídico eu diria, de intensidades hormonais, dura menos e é enquadrada também na temporalidade da produção. (Ai!) Cada uma de nós vive uma configuração diferente, ora similar, de retorno ao ritmo de trabalho depois de parir.

A filha o filho ao desprogramarem o sentido das coisas, pedindo intuição e cuidado, demandam também o descobrir, o inventar, o brincar, ... virar ao avesso, sujar, desfazer, rimar, mimar, molhar, montar, desmontar, destruir... E olhar bem bem de perto. Estressar ou intensificar o tempo do cuidado me parece que é parte da resistência ao nivelamento de nossas ações num tempo único e produtivista, é parte da pluralização dos tempos, e da recomposição, ou de uma inclusão, como diz Federici, na luta por uma libertação das amarras do mundo pré-concebido da produtividade do capital do qual as filhas e os filhos não precisam automaticamente fazer parte... Um arco

grande, mas vamos lá.

((...E sim, acho que isso tudo tem muito a ver com o cuidado. E acho que trazer tudo isso de volta pro corpo, prum corpo hiperafetado e atravessado pela temporalidade infante é sim revolucionário. A micro-revolução que eu escolhi me engajar. ... No Mignolo¹ que eu te mandei, a simples existência infante já é por si só uma desobediência epistêmica radical.))

...uma desobediência epistêmica radical

INDIVIDUALIDADE E REPRODUÇÃO DO MOVIMENTO

Voltando ao relato da minha experiência, nos primeiros tempos em que a coisa foi pegando, em que já não podia procrastinar o fato de que estava na hora de trabalhar (de recuperar algo dessas linhas de continuidade, de vínculo, que nunca se perderam, mas que definitivamente se enfraqueceram, era hora de fazer dinheiro) eu produzia uma espécie de estresse incontrolável. O estresse vinha de tentar evitar a sensação de negar, por não poder estar com a filha por ter que trabalhar, como se eu tivesse negando ela mesma... O estresse e o sofrimento que surgiu teve que assumir uma individualidade necessária. Afinal, na interrupção de um modo de ser em vias de recomposição nessa transmutação para uma

mãe-que-trabalha ficamos pescando sapo, comendo mosca, movendo-se sem saber por onde. Aqui apareceu para mim algo importante: a recomposição da individualidade faz parte da maternidade/paternidade, visto que não é um abandono da filha, e é o cuidado em si de si, que tampouco é diretamente um “voltar ao que se era” (como eu resisto a essa imagem!).

Exemplo disso: em Londres a artista Andrea Francke transformou, como parte de seu trabalho final de Mestrado, a galeria da faculdade de artes em uma creche. Um espaço aberto portanto aos pais e às crianças. Queria eu que essa creche seguisse disponível, como espaço de pesquisa e de produção, em que potencialmente pudessemos compartilhar nossas questões maternais? (E materiais!) Preocupação: ainda que radical a proposta, eu não poderia, por exemplo ancorar naquela vivência a produção do que me cabe agora, minha responsabilidade, minha auto-exploração, minha “contribuição ao conhecimento”, meu doutorado. Eles dependem de um certo isolamento, e dessa ressignificação-recomposição em curso.

Hannah. Eu só escrevo porque ela está longe de mim, na creche, outro lado da rua (ou ali dormindo, sono bom de criança a crescer). Se escrevo junto com ela escrevo outro texto. Fazemos desenhos e desenhos, bolinhas, pontinhos,

¹ Walter D. Mignolo. Desobediência epistêmica. A opção decolonial e o significado da identidade em política.

persequimos linhas, e around e around. Se faço carinho, ela já completa com pernas e braços, e boca, se não tiver. E cabelos, como dizcabêêêlo!

Quando escrevo, escrevo junto com ela aqui, como parte da minha realidade, claro. Quero escrever junto com ela, com ela em mim, mas temo que escrevo para o mundo adulto, esse mundo estranho, esse mundo cuja seriedade me faz rir. A filha vem de um hiperíntimo, um hiperjunto, e ajuda a estranhar o mundo, com o qual copulo depois; mundo com o qual me identifico, e que também desejo. Voltando àquela recomposição, percebo que o cuidado, portanto, não é só com a filha, mas com a mãe e o pai nessa nova passagem de mundo, com o mundo que se recompõe. Da mãe se fala bastante da depressão pós-parto, esse mistério que não está nas calçadas, que é calcado aos espaços íntimos, e ao indizível, visto que se torna indecifrável se não assumimos a dimensão mágica e espiritual da maternidade. Mas e depois, como cuidamos uns dos outros, pais, mães, crianças? Seguimos... A economia do cuidado na luz do dia se torna um diagrama a puxar linhas e linhas de subjetivação, friccionando superfícies de singularidade, abrindo companheirismos num comum (aquela comunidade imprevisível de pais e mães, e avós, e tios, e cuidadores, claro).

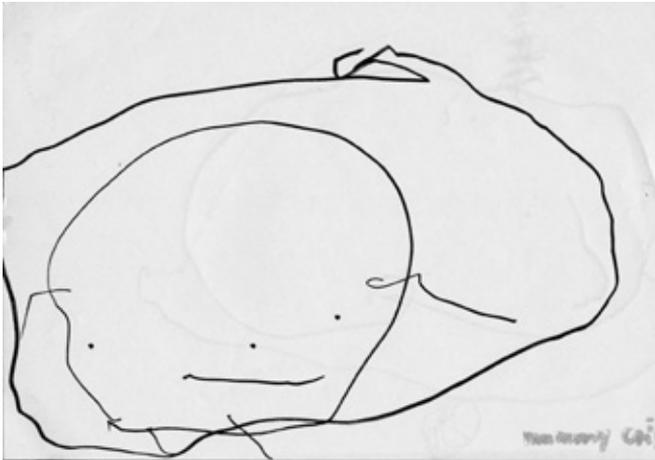
A gravidez, assim como a maternidade e a paternidade são, afinal, coisas ordinárias.

O comum, por sua vez, não pode ser o comum só-dos-que-tem-filho. Como informar, como passar, como recompor o mundo dos-que-tem-filho com o mundo dos-que-não-tem? Será que é dessa maneira que o problema se coloca? Ou é mais como fala Federici, uma capacidade de colocar em linhas de libertação e composição social um modo de reprodução social (todo movimento precisa encontrar a maneira de se reproduzir, diz ela). Politizar a maternidade e a paternidade, nesse sentido, é um trabalho vocabular, depende de muita conversa, depende de muita troca. Depende de abrir frentes com o mundos alheios vizinhos, as outras forma de copular e de familiar, de lesbicar, de prostituir e de multiplicar. Depende de fazer cuidar, de fazer pensar no cuidar. Mas como? Num estado de mundo em que tudo se acelera, não sei se é possível não se posicionar e dizer, olha, a temporalidade aqui é outra. E não só tempo linear (como dito antes, para que não sejamos escravos da produtividade), mas a produção do tempo e a função ou a significação da produção ela mesma. A filha muda molecularmente o mundo porque ela está junto também nessa nova forma de ver o mundo, ela é processo estético, estetizante, ela desacelera a produtividade de um por fazer, e repolizita outras urgências. Quando se diz que é tempo de cuidado, é tempo de endereçar (e soltar) uma produção do mundo.

*Um chamado a recompor a estética de um mundo
(político, sobretudo), do que faz parte fazer/trazer
esse texto para cá: vocabular, brincar, vocavulvar,
vocavular.*

*Vou buscá-la no final da tarde na creche. Meu corpo
atravessado pelas leituras, pelos mundos que me
desvelam e me desconstroem, fica meio desconcertado.
Acho que vivemos como pais uma constante reintegra-
ção e desintegração da identidade... Na porosidade dos
movimentos adultos que me constituem, o movimento
de ir buscá-la acopla e desacopla pedaços sem nunca
dar tempo de lavar tim tim por tim tim cada anotação
feita. O dia faz-se fragmentado. O corpo também.
E de alguma maneira essa emoção de tê-la silencia
tantos outros atravessamentos! Já não me importo.
Descortina-se de novo o mundo adulto... Encontro seu
corpo pequeno e aparentemente frágil, ora mais feliz
e suado, ora mais saudoso e manhoso. Ela me leva para
o buraco do coelho (coisa que encontramos no gramado
ao lado do jardim da creche). Enfia o pé no buraco.
Eu evito não dizer o que me vem logo à boca: “cuidado
com a cabeça do coelho!”, ela, afinal, não teme pisar
nele ou numa minhoca. Ali mora a touperia, ela diz.
Ela quer ver a toupeira! I wanna see the mole! E sorri.*

*Vou buscá-la no movimento integratório puzzle like que
não consegue complementar uma coisa e outra, mas que
vai me encontrando de novo com ela no caminho — eu me
encontrando comigo e com ela —, diante de outras crianças,
cuidores, pais. A filha puxa um fio terra-coração, e devires,
e devires... Quantas das minhas inseguranças, das minhas
dúvidas incompletas silenciam não porque perdem o
sentido por completo, mas porque ganham outra configu-
ração no cuidado que ela me traz, como parte da suavida-
de mesma de sua pequena existência?*



Referências:

Federici, Silvia. *Precarious Labor: A Feminist Viewpoint* (2008). *Variant e The Journal of Aesthetics and Protest*. http://www.variant.org.uk/37_38texts/Variant37.html#L9

Federici, Silvia. *Feminism And the Politics of the Commons*. (2010) TheCommoner.org

Hirata, Helena; Laborie, Françoise; le Doaré, Hélène; Senotier, Danièle. (org.) *Dicionário Crítico do Feminismo*. (2009)



La Célula Armada de Putas Históricas. Primer comunicado de la Célula Armada de Putas Históricas

vimeo.com/91641696
diagonalperiodico.net/andalucia/23274-la-brigada-informacion-como-mortadelo-y-filemon.html

Precarias a La Deriva. A la deriva por los circuitos de la precariedad femenina. (2003) Madrid: Traficantes de Sueños

SOF – *Sempreviva Organização Feminista, Cuidado, Trabalho e Autonomia das Mulheres* (2010). *Cadernos Semprevida*.

* * *



STEFFANIA PAOLA
JUSTICEIRAS DO CAPIVARI

(CAPIVARI,
DISTRITO DE DUQUE DE CAXIAS,
BAIXADA FLUMINENSE,
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO
DE JANEIRO, 1998)

Priscila Silva, de 8 anos, desaparece a caminho da escola. Apesar dos apelos constantes da família para que a polícia procurasse pela criança, nada é feito. O pai de Priscila resolve então recorrer a Dona Ilda, liderança comunitária e antiga moradora do bairro.

“Fui procurar sozinha no mato... nos brejo... no caminho que ela passava pra vim aqui pra estudar... aí acabei achando ela morta no mato, já decompondo a menininha pequena, magrinha. Peguei a menina lá no meio do matagal e trouxe para a rua e aí chamei a polícia pra levar o corpo e chamei a imprensa toda.”

Priscila foi violentada sexualmente e depois assassinada.

Após esse caso, Dona Ilda resolve reunir mulheres para capinar ruas e roçar os matagais próximos ao colégio, acreditando que essas ações poderiam dificultar a ação de potenciais estupra- dores. Surge então as chamadas “Justiceiras do Capivari”, lideradas por Dona Ilda, que depois passou a ser chamada também de Ilda Furação ou Ilda do

Facão, e com a missão de proteger as mulheres do Capivari dos constantes casos de violência da região.

**JUSTIÇAMENTO CONTRA O
OPRESSOR/ JUSTIÇAMENTO COMO
ESTRATÉGIA DE DEFESA
CAPIVARI, 1999:**

Milene Souza de 8 anos é violentada e morta também a caminho do colégio.

Com a morte de Milene, o grupo muda a sua forma de ação e reúne mais mulheres. De 5, o grupo passa a contar com 20 mulheres, e assume uma postura mais dura. Daquele momento em diante, as Justiceiras passam a andar armadas com faca, facão, foice, espada e pedaços de pau. Queimam mato, abrem caminhos e vigiam a região.

“Se acontece alguma coisa a gente logo aparece. Uma liga pra outra, reúne, junta tudo, foice, machado, enxada e vai atrás, prende, tortura e até mata. Eles pergunta se mata eu falo que mata. Só não falo quem e quanto já matamo. O trabalho das Justiceiras depois foi esse: levar criança pra escola, limpar o matagal. Agora não que está tudo calmo e a gente não tá vendo nada porque é férias nos colégio. Mas tá voltando e quando volta você pode vim aqui e vai ver duas, três mulher nesses mato limpando mas elas tão mais mesmo é vigiando as criança e vendo se tem estranho na área.”

A nova forma de ação, no entanto, funcionava mais como uma estratégia para intimidar potenciais estupradores e homens que espancavam mulheres, do que como possibilidade real de uso das armas. Dona Ilda acreditava que para chamar a atenção tanto do povo da região, quanto da imprensa e do Estado, era necessário criar uma imagem das Justiceiras.

“Se eu apareço normal na imprensa igual você tá me vendo, preta, 1,60 m, quem vai ligar? Agora armada com a foice e o facão e vestida de roupa diferente, dá Ibope. [...] de verdade no início eu tava revoltada e queria matar mesmo, mas depois que a gente resolveu tudo eu esfriei o sangue e voltei ter a ideia de andar certo para não perder o nosso direito. De verdade matar... eu não vejo como sujar a mão com sangue de bandido. Deus fez, Deus leva.”

Do surgimento do grupo em diante, a região do Capivari sofre mudanças na sua dinâmica, muitas delas provocadas por Dona Ilda e as Justiceiras. O número de casos de violência contra a mulher cai substancialmente no período de atuação do grupo. O delegado da 60ª DP, de Campos Elíseos, revelou que antes de 1998 os casos de violência sexual e assassinatos de crianças e mulheres em Capivari eram pelos menos dois a cada mês e que entre 1998 e 2004 os casos baixaram praticamente para zero.

Além das armas, todas as Justiceiras andavam com lenços cobrindo o rosto, sendo Dona Ilda a mulher mais conhecida do grupo. Em razão dessa exposição, ela acaba sofrendo, a princípio sozinha, as consequências do seu protagonismo.

Com o crescimento demográfico do Capivari, novas pessoas ocupam o bairro e o tráfico de drogas começa a atuar na região. Apesar de Dona Ilda manter uma relação amistosa com os novos ocupantes — “Eu por exemplo não sou amiga nem inimiga” — a disputa territorial se torna inevitável.

Quando tentou proteger o que ela chamava de “sua gente inocente” do “envolvimento com as drogas”, e impedir a ação dos traficantes nas ruas próximas ao colégio, Dona Ilda recebeu sua primeira ameaça de morte, feita por outra mulher, a traficante Merinália de Oliveira, a “Índia”, que dominava o tráfico na favela “Vai quem quer”.

CAPIVARI, FEVEREIRO DE 2005:

Maria de Jesus, de 73 anos, desaparecida.

Dona Ilda sai em busca do seu corpo e o encontra em um matagal. Mais tarde, é sabido que Maria de Jesus foi morta por um traficante que lhe devia dinheiro e, ao ser cobrado, ele a matou. O caso é relatado à Polícia e a partir de então Dona Ilda passa a ser vista pelo tráfico como delatora.



**CAPIVARI, 9 DE MARÇO DE
2005:**

Dona Ilda do Prado Lameu, 58 anos, é assassinada no portão de casa com 5 tiros.

O grupo das Justiceiras do Capivari se desfaz. Muitas mulheres do grupo e também parentes de Dona Ilda fogem do Capivari temendo represálias.

**Conheci a história das Justiceiras do Capivari através de uma das integrantes do coletivo PaguFunk, um grupo autônomo de mulheres funkeiras que transmite através da cultura funk uma mensagem feminista sobre o cotidiano das mulheres nas favelas e periferias. Depois iniciei uma pesquisa pessoal sobre grupos de resistência formados por mulheres. Nesse processo (em curso) conheci o trabalho do Linderval, pesquisador que estudou profundamente líderes comunitários e líderes comunitárias da Baixada Fluminense. Todas as falas citadas no meu texto foram retiradas de entrevistas que ele fez com Dona Ilda e que foram publicadas no artigo abaixo indicado. As pesquisas de Linderval foram também a principal fonte para a escrita do meu texto.*

MONTEIRO, Linderval Augusto.

"A trajetória de Ilda do Prado Lameu: dinamismo popular e cidadania em uma periferia do Rio de Janeiro". Disponível em: <https://e.sarava.org/donailda>.

Curta-metragem sobre "As Justiceiras do Capivari": Disponível em: <http://youtu.be/49pUMIPABBY>.

PaguFunk: Disponível em: <https://soundcloud.com/pagufunk>.

* * *

LUGAR

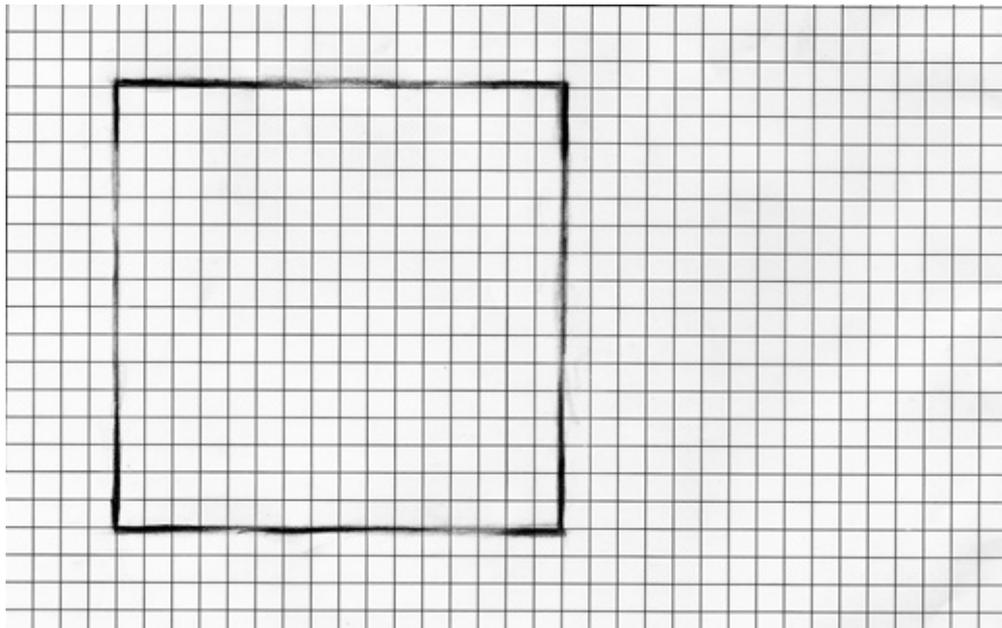
Lugar
Inês Nin

INÊS NIN

LUGAR

1. se existe alto e baixo, direito e esquerdo, frente e verso, existe um lugar. 2. se onde havia uma coisa e existe agora uma outra, existe um lugar. 3. se há um corpo, há um lugar. 4. se cada corpo está situado em um lugar próprio, existe um lugar.

[sim, aristóteles. recorrer às bases, mesmo que as sobrescreva depois.]



artefato. povo construído. lugar errante.

de imensidão só lhe restam as botas, de tantas viagens por aí que gastas as lembranças fico, paro com o intuito de me recompor.

imaginar um terreno que não seja matéria de composição mas desastre, atraso, atalhos mesmos que furtivos só guardo em memória. as técnicas de sobrevivência variam tanto. o lido com os lugares, o tratamento, o embate cotidiano e as danças.

é de madeira o chão, telhado inclinado, construído com as próprias mãos. prever o mínimo de interferência no ambiente, de verdade. floresta quando penetra a casa e transforma ela mesma em um labiríntico desafio que traz conforto, diverte. põe para secar ao sol o que sobrou de antemão, enche de água o que se quer cultivar. observa.

para os estoicos, o problema do lugar está ligado ao problema do movimento. um lugar é concebido pela transição dos corpos que por ele passam. tal como em aristóteles.

()

delimitações. um lugar é um intervalo? uma posição.

territorialistas dirão, este é o meu lugar. distinção por entraves, catracas, limites desenvolvidos arbitrariamente, gerando a noção de propriedade. lugar tem dono?

diria a terra. um pedaço de terra, um lugar. matéria pura, compreendida em consonância com o que há em volta. música. estrutura, movimentos sistêmicos que cumprem rotas em variação, caminhos, danos, elevação. cíclicas voltagens, antes mesmo de construir.

do limite surge o referencial. talvez, de um terreno preciso. para ele são

traçadas rotas, mapas, são criados mitos, memórias. formam-se famílias, redes e articulações organizadas por sistemas de parentesco, continuidades. talvez então isso: ao invés de cercas, noções de assimilação em grupo. contiguidades, modos de fazer e habitar.

um dia, emitem um protocolo, pisam em qualquer noção de hábito, mesmo cuidados. alheios são aqueles, os que não decidem os rumos do lugar. montantes outorgam demolição do terreno, inventam de substituir as construções. dizem: “é a modernidade!”. despropositadas ferraduras, racham o chão.

os sem medo, enfrentam. “é por uma noção de pertencimento, pelo direito que chutam a pontapés. e onde construir, então?” umas vidas. uns sossegos. uns hábitos, que elétricos, flutuam. atravessam paredes, rompem territórios, emanando flores por onde passam.



* * *

MANIFESTAÇÕES

travesti
Inês Nin

Manifestações do ciclo de Junho, repressão na favela e ditadura

Davi Marcos

INÊS NIN

TRAVESTI

travesti é amor. aqui, outros nomes, uma apropriação. mídia travesti de asinhas de fora, se faz amiga, quer assaltar as máscaras de multidão. violência de estado corrompeu nossas ruas. contação de alertas, gente no chão: pensamento difuso, escreve-se para fagocitar os termos, desentranhar os caminhos por entre as nervuras do acontecimento.

derivaceleste:

saber emaranhar os acasos nas estranhas lágrimas provocadas pelos anteriores.

o medo, a sede, a luta e o sossego se contaminam uns aos outros até não existirem mais.

não há permutas, marmotas, percepções inertes ou qualquer outro sentido além daquele visível, ainda que tão turvo, paspalho:

serão neves, tudo ao inverso. ou talvez não, coisadura. não serão fascistas a nos buscar nas casas, senhora no batente, senhor na multidão (infame ilógica inerte que perdura). enxame de refugiados na tijuca,

naquela rua perto do estádio, encurralados no próprio quintal de casa. ninguém entende o assunto em voga, há tanta confusão.

de voz em voz uns tentam pintar as cores todas de verde e amarelo, as janelas de inferno, as lutas de brincadeira e então desvalorizam o todo, a própria multidão. em processos, recessos e mistérios, porque são muitos e mil-ações.

não tem jeito de cessar o grito porque vem de longe, de muitos, muitos anos, adormecido que estava nos pulmões de tantos, expelido enfim por aqueles que puderam se manter vivos de alguma forma. e não é caso de impeachment, sem surto. isso é tudo lorota turva, e muito simples, um caso de apropriação:

(explicaremos primeiro a oposição)

reacionário (adj.) é aquele que é contrário a quaisquer mudanças (sociais e/ou políticas); que se opõe à democracia; antidemocrático. sinônimos: antidemocrático, antiliberal, retrógrado e ultraconservador.

(nada como um be-a-bá das curvas)

tampouco nos iludamos com o liberal (s.m.), isto é, aquele que é partidário da liberdade em matéria política ou econômica. no plano econômico, é um perspicaz enganador, astuto defensor das desigualdades e do dinheiro no bolso dos indivíduos (sic) de bem.

nenhum deles representa um perímetro maior que o próprio umbigo. talvez, e digo sem muita convicção, sejam capazes de estender algum apreço a familiares e uns poucos semelhantes, pelo puro louvor conferido à família e a propriedade, ambas instituições tão intimamente conectadas. compartilham regras, egoísmos e convenções.

campo minado! acabaram nossos montes, direi. poderia ser – a crise já se estende por tanto tempo que mal é possível morar na cidade, e então lembramos de tantos problemas interestaduais e tão mais antigos: a polícia militar.

(militar é um órgão capaz de eliminar todos os outros, e, por isso mesmo, deve ter sua existência sumariamente questionada)

e então os bondes, as cores. os trios elétricos que se não estivessem cercados de tantos policiais (e nunca entenderemos tantos policiais) seriam carnavalescos, polivalentes quaisquer-uns com tanto orgulho de enfim existir. sua manifestação nada mais é que uma afirmação da própria existência. decidem ter voz. depois de tanto tempo que não se

sabe ao certo de crença forçada velada em crer num sistema de números, morfemas, eixos temáticos e não se sabe ao certo e nunca em quem votar – requisito infame de uma política de delegações.

hannah arendt diz que quando há autoridade, não há ação política: o poder de agir, nesse caso, é outorgado ao governante ou pequeno grupo que governa. pois então expliquemos, para fazer frente os confusos, gente que confunde totalitarismo com revolução (soa surpreendente, mas vive-se num mundo de disfarces, e nem é tão nova a ideia)

desacredita no sistema em ritmo contagiante de alienação // os espaços abertos são ricos em propostas e experimentos // há aqueles (e são muitos) que procuram lideranças/ desejam lideranças/querem depor o lugar // me pergunto se precisamos de lideranças em qualquer lugar // o plural é importante // não se trata de verde e amarelo // bandeiras vermelhas representam grandes articulações coletivas por direitos sociais, nunca se esqueça disso // mídia golpista, que termo sensacional // veja, minhas máscaras foram usadas por outrem // ela foi às ruas e não sabia porquê // os discursos mudaram e continuou seguindo a marcha // mudaram o rumo e alguém ficou?

aqueles que pintam de branco são aqueles mesmos que desejarão elimi-

nar todos os que não puderem se vestir da mesma cor.

você quer ser eliminado? ou espera obter uma fatia do bolo?

política de recortes, de cartas marcadas, de confusão. publicidade, política de imagens, vote no cara legal! os códigos binários e seus comandantes esperam somente respostas de sim-ou-não, são surdos de formação. no ministério das cartas altas, há interfaces e intermeios, ideias que protegem outras, surtações sim, mas muita blindagem, tanto de gentes quanto de informação. as curvas se contaminam, se misturam, não existe pureza no sistema: política de disputas, muita gana, fica um lembrete: a política é dura, mas é negociação. é perigo quando não se definem os temas, fica azul de imensidão

(sabe, aquele que preenche as arestas, cega no horizonte e se deixa engolir no sifão)

baderna é nossa aliada mais vasta, sim, *posto que: vândalos são os policiais e seus mandantes. mas se nos chamam todos vândalos, se inserem vândalos entre nós, se vandalismo é a última moda da passeata multicolor da esquina, se qualquer passante é um vândalo em potencial, se o opressor é quem tem razão, se dão vazão às armas, tratam rua de cartazes como batalha campal, em suma, se nos bloqueiam, e atacam, seja nas ruas, em casa, em todo lugar, se não pode tanta*

coisa, se a fifa pode, se os donos podem, se a tevê pode, se o jornal quer vencer a sua mãe do nosso vandalismo, então sim, somos todos vândalos, vândalos venceremos, vândalismo vão de caminhar na rua, correr do gás, cair no chão..

curioso notar que as bandeiras do começo eram pelo pleno direito de circular – de andar! pois se cortam as pernas e cobram caro pelas próteses, cobrem tudo de cimento e aqui só passa carro blindado!

que espaço é esse forjado sobre tanta argamassa de minérios e gente que veio porque acredita que precisa trabalhar, que não come se não tiver sangue pra derramar, massa de manobra e ahhh.

faltam dores cores palavras pra dizer o porque dos tormentos, a coisa é tudo menos plana, vigente mas cheia dos interstícios estelares e sem muitas rotas de fuga (antes houvesse – a rota maior pede uma passagem de volta, pagamento no cartão, endividamento)

roda de chão sem voltagem, rebobina tudo, eu não quero levar porrada de policial.

acordar com helicóptero, quintal de casa como campo de batalha.

celebridades felizes na televisão, todos canarinhos.

esporte é travestimento de exploração.

DAVI MARCOS

**MANIFESTAÇÕES
DO CICLO DE JUNHO,
REPRESSÃO NA FAVELA
E DITADURA¹**

Eu quero frisar uma coisa, o interessante de junho, e de tudo o que aconteceu aqui no Rio, mas não só no Rio, no Brasil, é que aproximou um pouco a visão entre o povo da favela e os manifestantes que não são da favela. Porque antes falava-se assim “Porra o pessoal da favela tacou fogo no ônibus! Bardeneiros! Por isso que a policia vai lá e dá tiro.” “Mataram o pessoal.” “Mas é bandido, tava uma droguinha ali.” “Mas ó, tinha uma arma lá, esse cara não era boa pessoa.” Então depois que começa a ver isso na rua, que pegaram o cara da classe média, botaram um motolov ali dentro da mochila e falaram “Vem cá, tá preso!”, e ao mesmo tempo o pessoal filmar

isso, e ver que tá tudo descontrolado, e depois de tomar tiro de borracha na cara, enfim né?!... Me lembra uma coisa... Um dia não lembro, eu tava no Observatório de Favelas trabalhando e teve uma manifestação em Bonsucesso. A manifestação foi escorraçada porque era no subúrbio, né?! Os moleques apanhavam pra cacete, era tiro de verdade, e os moleques vieram roubando, os moleques vieram vandalizando. Os moleques foram roubando e voltando pra Nova Holanda. E aí nisso um polícia veio atrás dando tiro e porrada, e não sei quê. E aí eu saí, porque eu tava ali no Observatório de Favelas, eu vi aquilo. Aí fui e peguei a máquina e fui fotografar.

Eu consegui fazer uma foto que foi da bomba que explodiu no meu pé.

1 Trecho transcrito e editado a partir da conversa da oficina interna em Abril de 2014



Eles tacaram bomba dentro do Observatório, porque eles sabiam que era dali que podia sair alguma resistência de mostrar algo pra fora e eu tentava sair porque eu já tava acostumado (com bomba). Eu já fui anarquista, já fui punk, já fui ativista, fui black bloc antes de existir black bloc. E aí eu fui, botei a camisa no rosto e fui pra fora, mas eu não conseguia.

Eles tacaram uma bomba que muitas pessoas não conheciam ainda, que era de pimenta, né?! Que é muito forte. Depois disso foi tranquilo [para muita gente, receber mais gás ou bomba de pimenta]. A gente ficou lá dentro, a gente ficou isolado no Observatório. Não conseguia sair de jeito nenhum porque parece que eles continuaram a tacar bomba. A gente não conseguia abrir o portão pra sair. A única foto que eu consegui fazer e que eu botei no facebook espalhou, viralizou. E aí alguém mandou uma ordem, e aí a policia parou, deu um tempo e a gente conseguiu sair. O pessoal do Bradesco, lá da Redes [que é algumas ruas mais para dentro na Nova Holanda] também

conseguiu sair. Só que aí olha a estratégia [da polícia] que a gente não tinha percebido: a gente saiu desesperado pra casa. Aí acabou a única possibilidade de resistência que tinha. Então, depois disso teve uma chacina. O único veículo de comunicação tava ali que era interno, a única possibilidade de comunicação que tava ali era a gente, a gente não podia mais, a gente foi pra casa também. Porque também a gente se encontra na mesma situação. Ah eu não tô na favela pô, e eu quero sair da Vila Cruzeiro, por exemplo. Porque não dá, como é que eu vou estudar? Esses dias tava tentando estudar pra faculdade, era domingo meio dia, e tava tendo tiroteio domingo meio dia! Então, até pra você ter uma reação é difícil, né?!... Porque, de que lugar que você consegue organizar alguma coisa? Enfim, então assim, o importante disso tudo é ver como a gente tá muito mais próximo do que distante, né?! E como a gente pode se distanciar mais ou se aproximar de várias formas. Acho que não só tando indo lá dentro [da Maré], mas acho que ir é importante também. E agora tá tendo uma ditadura lá sim, levaram os jovens, levam os jovens. Nunca teve um ponto final essa ditadura. Eu acho que, enfim, pode ficar pior de novo. Acho que o grande medo da classe média e da classe média alta é que volte a ser como era, porque podem perder de novo o controle [sobre suas vidas].

MANIFESTO AFETIVISTA

Manifesto afetivista
Brian Holmes

BRIAN HOLMES

MANIFESTO AFETIVISTA ¹

No século XX, a arte foi julgada de acordo com o estado existente do meio. O que importava era o tipo de ruptura que fazia, os elementos formais e inespereados que surgiam, a maneira como eram deslocadas as convenções de gênero ou da tradição. A recompensa final do processo de avaliação foi um novo sentido do que a arte podia ser, um novo campo de possibilidades para a estética. Hoje tudo isto mudou definitivamente.

O pano de fundo no qual a arte agora se apresenta é um estado particular da sociedade. O que uma instalação, uma performance, um conceito ou uma imagem mediada podem fazer é marcar uma mudança possível ou real das leis, costumes, medidas, noções de civilidade ou dispositivos técnicos e organizacionais que definem como devemos nos comportar e como podemos nos relacionar com o outro num determinado momento e lugar.

¹ "Tradução de Tradução de Luciane Briotto. Texto originalmente traduzido para o site do Composições Políticas, publicado em cpp.panoramafestival.com

O que procuramos na arte é uma maneira diferente de viver, uma oportunidade nova de coexistência.

E como acontece essa oportunidade? A expressão desata o afeto, e o afeto é o que nos move. A presença, a gestualização e a fala transformam a qualidade do contato entre as pessoas, podendo as afastar e/ou unir, e as técnicas expressivas da arte podem multiplicar essas transformações em mil possibilidades, pelos caminhos da mente e dos sentidos. Um evento artístico não necessita um julgamento objetivo. Você sabe que ele aconteceu quando graças ao eco que produz agregamos algo a mais à nossa existência. O ativismo artístico é um afetivismo, ele expande territórios. Esses territórios são ocupados pela partilha de uma dupla diferença: a divisão do eu privado, onde cada pessoa foi anteriormente colocada, e da ordem social que impõe esse tipo particular de privacidade ou privação.

Quando um território de possibilidades emerge ele muda o mapa social, como uma avalanche, uma inundação ou

um vulcão fazem na natureza. A maneira mais fácil da sociedade para proteger a sua forma atual de existência é a negação simples, fingindo que a mudança nunca aconteceu: e isto realmente funciona na paisagem das mentalidades. Um território afetivo desaparece se não for elaborado, construído, modulado, diferenciado e prolongado por novas descobertas e conjunções. Não adianta defender esses territórios, e até mesmo acreditar neles é apenas um simples começo. O que eles precisam urgentemente é serem desenvolvidos, com formas, ritmos, invenções, discursos, práticas, estilos, tecnologias — em suma, com os códigos culturais. Um território emergente é apenas tão bom quanto os códigos que o sustentam.

Cada movimento social, cada mudança na geografia do coração e da revolução no equilíbrio dos sentidos precisa de sua estética, sua gramática, sua ciência e sua legalidade. O que significa que cada novo território tem necessidade de artistas, técnicos, intelectuais, universidades. Porém o problema é que os órgãos especializados existentes são fortalezas que se defendem contra outras fortalezas.

O ativismo tem de enfrentar obstáculos reais: a guerra, a pobreza, opressão racial e de classes, fascismo rasteiro, neoliberalismo venenoso. Assim sendo, o que nós enfrentamos não são apenas os soldados com armas, mas também com o

capital cognitivo: a sociedade do conhecimento é uma ordem terrivelmente complexa. O mais impressionante do ponto de vista afetivo é a natureza zumbi desta sociedade, seu retorno ao piloto automático, sua governança cibernética.

Uma Sociedade neoliberal é densamente regulada, fortemente sobrecodificada. Uma vez que os sistemas de controle são feitos por disciplinas com acesso estritamente calibrado para outras disciplinas, a origem de qualquer esforço nos campos do conhecimento tem que ser extradisciplinar. Começa fora da hierarquia de disciplinas e se movimenta através dela transversalmente, ganhando estilo, conteúdo, competência e vigor discursivo ao longo do caminho. Crítica extradisciplinar é o processo pelo qual as idéias afetivamente carregadas — ou artes conceituais — se tornam essenciais para a mudança social. É de vital importância manter a ligação entre a idéia infinitamente comunicável e a performance isoladamente incorporada.

A sociedade mundial é o teatro de arte afetivista, o cenário onde ele aparece e o circuito onde se produz significado. E como podemos definir essa sociedade em termos existenciais? Em primeiro lugar, está claro que uma sociedade globalizada já existe, com as comunicações globais, redes de transporte, sistemas de ensino aferido, tecnologias padronizadas, instalações de consumo franqueadas, finanças internacionais, direito comercial

e moda midiática. Essa camada de experiência é extensa, porém fina; só pode reivindicar parte do mundo vivo(ou real) . Para se envolver com arte afetivista, para criticá-la e recriá-la, temos que saber não apenas onde os novos territórios de sensibilidade emergem — em que local, em que geografia histórica — mas também em que escala. A existência na sociedade mundial é experimental, ou se torna estética, como um jogo entre escalas.

Em adição ao global, existe uma escala regional ou continental, baseada na agregação de populações em blocos econômicos. Pode se ver isso claramente na Europa, mas também na América do Sul e do Norte, no Oriente Médio e na rede do Leste Asiático.

Não nos enganemos, já existem afetos nesta escala, e movimentos sociais e novas formas de usar o gesto e a linguagem, e muito mais que por vir no futuro. Depois, há a escala nacional, aparentemente familiar, a escala com os conjuntos mais ricos de instituições e os mais profundos legados históricos, onde os teatros da representação em massa são esmagadoramente estabelecidos e afundados em uma fantasmagórica inércia . Mas a escala nacional no século XXI também está em um estado febril de alerta vermelho contínuo, hotwired em excesso e por vezes até mesmo capaz de ressonância com o radicalmente novo. Depois vem a escala territorial, considerada

por muito tempo a mais humana: a escala de mobilidades diárias, a cidade, a paisagem rural, onde estão as dimensões arquetípicas da sensibilidade. Esta é a morada de expressão popular, das artes plásticas tradicionais, do espaço público e da natureza tendo uma igual presença com a humanidade: a escala onde a subjetividade primeiro se expande para encontrar o desconhecido.

E assim, finalmente atingimos a escala da intimidade, da pele, dos batimentos cardíacos e sentimentos compartilhados, a escala que vai de famílias e amantes a pessoas juntas em um canto da rua, em uma sauna, uma sala de estar ou um café. Parece que a intimidade é irremediavelmente sobrecarregada em nosso tempo, sobrecarregada com dados e vigilância e sedução, esmagada com a influência determinante de todas as outras escalas. Porém a intimidade ainda é uma força imprevisível, um espaço de gestação, e portanto, uma fonte de gesto, a mola biológica onde os afetos se nutrem. Só nós podemos atravessar todas as escalas, tornando nos “outro” ao longo do caminho. Da cama dos amantes para o abraço selvagem da multidão ao toque alienígena de redes, pode ser que a intimidade e suas expressões artísticas serão o que surpreenderá o século XXI.

* * *

MARÉ

Tem favela?

Davi Marcos

CARTILHA para | MANIFESTO contra

Breno Silva

Jeferson Andrade

Lucas Rodrigues

Lucas Sargentelli

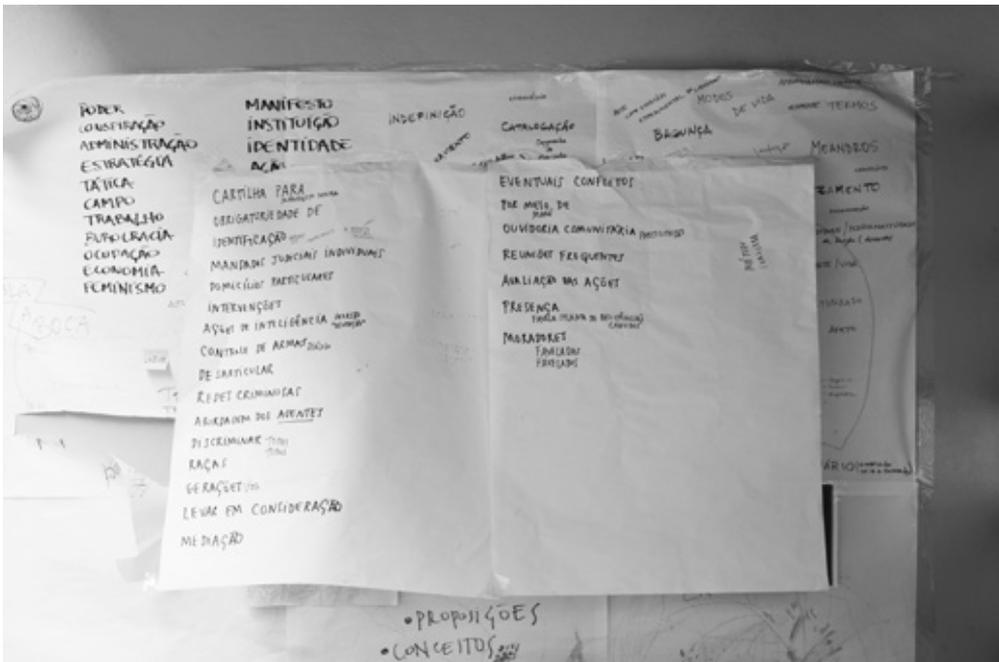
Colaborou Graziela Kunsch

Eu sou da Maré

Josinaldo Medeiros

Sobre o ataque midiático e militar ao Complexo da Maré e ao Movimento

Pedro Mendes



Cartilha para | manifesto contra

DAVI MARCOS

TEM FAVELA?¹

Eu tava em Santa Teresa procurando uma casa pra alugar, aí subí lá. E tal não sei o quê... Tudo caro prá cacete, aí não da né?! Aí fudeu! Vou voltar pra casa! Aí desci e encontrei um monte de artista que eu conheço, né? Descendo, comecei a conversar com as pessoas no ônibus, acho que era mais uma ansiedade por não ter conseguido uma casa lá, tava naquele processo de precisar encontrar urgente. Pô de repente alguém me fala de alguma casa em algum lugar aqui no ônibus, e aí comecei a conversar com uns caras. Os caras diziam: não porque a ditadura, a ditadura era uma merda! (... Não sei o quê...) Esbravejando... Aí eu tó só ouvindo, tô ouvindo na minha quieto né?! É difícil, né?! Os caras: Não é um absurdo? Uma criança viu o pai ser sequestrado, sabe quem era essa criança? Era eu, eu vi, sequestraram meu pai, levaram, só voltou um mês depois. (... Não sei que...) Falei porra, nas favelas tá acontecendo isso de vez em quando já ouviu falar? Os caras: Não? Tem?! Tem, na favela? Inclusive vão botar o exército lá porque tá demais. O cara: Tem que botar o exército mesmo porque tá incontrolável, tem que botar mesmo. Eu falei Mas porra tu não é contra o exército cara?

Os caras: Não, mas tem que botar. E o cara é artista. O cara: Não, mas tem que botar porque tá incontrolável, tá um absurdo a gente não consegue ir na rua... Então quando é na casa da gente, né? dói, mas quando é na do outro a gente até acha que não, é importante! Então tem muito isso. A gente às vezes também tem uma carga de preconceito tanto de quem tá dentro da favela quanto de quem tá fora. Naquela situação eu também não falei mais nada, porque não tinha muito o que falar, só deixei aquela sementinha ali. Olha que visão, também, vou lá levar a sementinha... São as verdades que a gente tem que lidar, eu fui embora e pior que o cara continuou esbravejando que tinha mesmo que botar o exército. Que eu tava defendendo bandido e tal...

* * *

¹ Trecho transcrito e editado a partir da conversa da oficina interna em Abril de 2014

BRENO SILVA, JEFERSON ANDRADE, LUCAS RODRIGUES,
LUCAS SARGENTELLI. COLABOROU GRAZIELA KUNSCH.

CARTILHA PARA / MANIFESTO CONTRA

Formulário regulador definido em uma reunião/Declaração pública dos motivos e ou razões que justificam certos atos ou fundamentam certos direitos.

OBRIGATORIEDADE DE

As ordens são:

IDENTIFICAÇÃO

A entrada dos carros de filmagem que produzem panorâmicas de 360° na horizontal e 290° na vertical, preparados com até 18 câmeras, se dá por tímidas idas e vindas da avenida expressa principal que acompanha toda a extensão da favela. Não há um corte motivado por razão técnica como ‘as ruas são demasiadamente estreitas a partir dali’, mas sim um corte abrupto que cria um ponto arbitrário sem justificativa de localização aparente.

Iron Man (soldado anônimo)

X9 (mascarado)

Pé de Banha (fonte)

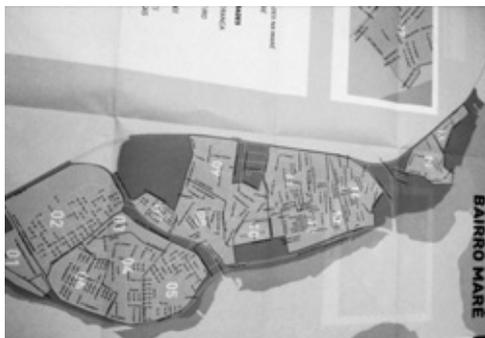
Capitão Brasil

Um sorriso tímido, meio atrasado, numa bike linda.

Usar ou não usar capacetes nas motos?

Uso do guia da Maré pelas forças policiais e militares

Algumas pessoas, antes do blur nos rostos.



MANDADOS JUDICIAIS INDIVIDUAIS



DOMICÍLIOS PARTICULARES

Arrombamentos de casa com frequência. Uma média de 30 domicílios por operação. Os chaveiros contam histórias. Chave mestra e penetração forçada. Existe um prejuízo, já se ganha muito pouco por aqui.



INTERVENÇÕES

Algo que vem de fora para atuar temporariamente dentro. Crack, cocaína e maco-nha (uma voz fala pelos becos). Desfile de armas do exército. Caráter episódico. O golpe militar de 1964 inicialmente se pretendeu uma intervenção, mas pela sua continuidade se tornou um regime.



AÇÕES DE INTELIGÊNCIA

Assembleia é reunião. / Comer por um real no Restaurante João Goulart



CONTROLE DE ARMAS

Se alguém estiver armado, a ordem é de morte. / Só o exercito manipula armas. / Erotismo falocentrico por postura inoperante.

DESARTICULAR

Tráfego de bicicletas. Dissolver barreiras. Novas faixas para pedestres. Novas modalidades para existência.



REDES CRIMINOSAS

Tráfego de informação. Cooperação.

ABORDAGEM DOS AGENTES

A ordem é do general.

Ausência de culpa. Com ouvidos atentos.

Caminhar em silêncio

DISCRIMINAR

Selecionar o perímetro de ação. Decantação por arbitrariedade. Abordagem ostensiva na Nova Holanda. Raiz comum que demonstra a inseparabilidade de dois problemas: excluir, subjugar, expulsar, isentar, impor/ diferenciar, distinguir, discernir, classificar, criar listas.



RAÇAS

Etnoempoderamento. Marco operacional das relações.

Falas dispersas.

GERAÇÕES

Reativo, impulsivo: são todos novinhos. Normatização das festas na comunidade.

LEVAR EM CONSIDERAÇÃO

Entre eu e a viela existe o funk.

Situação som por transitividade livre de existir.

Luta pela afirmação do direito à cidade. A Praia de Inhaúma

REUNIÕES FREQUENTES

Praia ou morro?



AVALIAÇÃO DAS AÇÕES

Empilhar caixotes como se empilha corpos.

Constrangimento daquele que sofre intervenção.

Intervenção como marco opressor.

Escrevo seu nome num grão de arroz



PRESENÇA

Cnidocolus phyllacanthus (Favela): planta de vegetação nativa da caatinga do cerrado brasileiro, que historicamente teve seu nome dado às ocupações nos morros cariocas no início do sec. XX por ex-soldados que lutaram na campanha contra Canudos.

Os espinhos da favela provocam inflamações dolorosas.

Recaídas dos soldados em outras disposições.

A Maré é um complexo. Movimento dos fluidos por influências lunares e solares. A favela, uma planta resistente para nomear uma forma de insurreição urbana.

No mais, fica acordado que o não cumprimento deste termo acarretará uma possível avaliação negativa para eventos futuros de responsabilidade desses organizadores, sem contar que a estes também poderão ser imputadas responsabilidades nas esferas Civil, Administrativa e Criminal, conforme as Legislações em Vigor.

MORADORES

O chaveiro

O homem de cadeira de rodas

Garotos no contra-uso do corpo

Vendedora de xampu natural

Senhora simpática da Igreja

Homens fumando na esquina

Um rapaz procura por Even

O vocábulo ‘Maré’ é aqui proposto a partir de um exercício de extração e destaque de palavras encontradas no ‘Protocolo para a ação das forças de segurança’, uma cartilha recentemente divulgada na internet e em jornais.

O protocolo, que serve como guia de ajuste e controle das operações policiais no Complexo da Maré, foi criado em três de abril de 2014 a partir do encontro entre líderes de ONGs que atuam na região, moradores, e o secretário de segurança do Rio de Janeiro, José Maria Beltrame. A reunião se deu logo após a entrada e ‘ocupação’ das forças de segurança nacional do exercito na favela. Nele os representantes da comunidade exigem a identificação dos agentes de segurança; o uso rigoroso de mandados judiciais para ingresso em domicílios particulares; a priorização de ações de inteligência e de desarticulação em lugar de ações armadas; que não haja discriminação racial ou geracional; a mediação de eventuais conflitos por meio de ouvidoria comunitária e o monitoramento quinzenal das ações com participação dos moradores. Nesse contexto, um grupo de moradores divergentes do modo como a reunião foi agendada e conduzida criou um documento chamado ‘Manifesto contra a invasão militar nas favelas da Maré’, onde clamam por um Não à ‘ocupação’ militar da Maré e de qualquer território popular!

O protocolo para pode ser lido na integra em

redesdamare.org.br

O manifesto contra pode ser lido em

marevive.wordpress.com

As forças de segurança deveriam permanecer na Maré até o fim do campeonato mundial de futebol em julho de 2014. Chega o fim de novembro e a ocupação militar continua, sem previsão de término.

Durante visitas a Maré usamos a lista decorrente do protocolo como guia para uma atualização de suas questões simultânea a uma conversa no grupo do Vocabulário. O fundo operacional desse encontro foi o debate da política de segurança hoje na cidade do Rio. O que apresentamos aqui são pistas inconclusivas, registro ético regulador das nossas próprias incursões. O meio para isso foi o terreno instável da experiência, do lugar e das narrativas e fabulações, que funcionaram como um laboratório de escuta muito específico.

* * *



*“Casinhas”, fotografia
Cristina Ribas, 2009*

JOSINALDO MEDEIROS

EU SOU DA MARÉ

Eu sou da Maré. Nascido na Maré. Sou ponto turístico. Eu não falo o português correto, meus amigos são a corja da sociedade e nenhum deles possui peito de aço. Embora alguns deles tenham armas calibre 88 prontos pra morrer e estejam participando de uma guerra que já dura muito tempo.

Eu tenho pés, pernas, braços, peito e coração.

E ainda tenho que sorrir quando enfrento a multidão. Também sinto saudades, tais como da Joana que morreu após um tiro matar sua única filha chamada Esperança.

Vento e poeira, modo reflexivo. A favela não dorme, é calada, sufocada. Faroeste dos aflitos, veste a farda e tira a fralda, sem querer fui engajado, sem querer me humilharam. E ninguém sabe, e ninguém viu. É o preço que se paga pra não matarem a puta que me pariu.

Todos de preto, usam gandola, burucutu, faca na boca, revólver 38, coturno, algemas descartáveis, munições especiais e 6 carregadores de pistolas,

fuzil 7,62 mm, coldres táticos, um bastão retrátil e estão prontos pra guerrear... Pássaro blindado. Dinossauros do futuro. Mosca morta sem pensar.

Ouçõ tudo pelo telefone celular e a midiahipocrisia insiste em enfatizar que a favela é violenta, foda-se quem mora lá. Me dá um ódio. Me dê um ópio!

Fundo do poço. Quase morro. Comercial.

Tum-tum-tum! Pá! Pum! Pá! Pum! Bláaaa! Bláaaa!

Denunciar? Nem pensar, isso é cultura popular. Então deixa os hõmi entrar, pacificar, esculachar e depois virar heróri?! Melhor se demitir, aqui bandido somos nós.

Gentes do morro, tudo enlatado. Nome vulgo, raça do caralho. Os ditos massa. Guerra covarde, terceiro mundo e ainda dizem que é evolução. Tudo é questão de pá e enxada.

Nem Fome Zero, nem Bolsa Família o que me deram foi meia dúzia de balas perdidas. Meu santo forte é de madeira, nem se mexe pra não dar bandeira. Dinheiro curto, trabalho incerto.

E o povo grita, suplica, tenta se organizar. A repressão bate na porta. Mas prometemos que não vamos recuar. Resistiremos. Tipo Romênia. Tipo Colômbia. E que caíam por terra todos os dominadores deste tempo! Por um complexo da Maré livre!

Porque a guerra é armada, a luta conceitual e a batalha não está perdida!

*Chega de guerra na Maré quero voltar pro Cabaré!
Mas quem vai me ouvir? Digam aí.*

E ó, avisa pra geral: aqui é o cria do Pinheiro!

** * **

LÁ VEM TUDO QUE VOCÊ NÃO ESPERAVA.
TUDO QUE VOCE ESTAVA OCUPADO, DEMAIS
PARA PERCEBER CHEGANDO. TUDO QUE A TUA
ARROGANCIA ENCOBRIU COM UMA CAPA DE
DISTRACAO, DEIXANDO PASSAR POR DEBAIXO
DO TEU NARIZ UMA VERDADE HA MUITO
TEMPO EXISTENTE, MAS HA POUCO TEMPO
APARENTE. LA VEM A VERSAO CONVERSIVEL
3.0, SERIE LIMITADA, DA RUINA DO TEU
REINADO. LA VEM A TORMENTA, O FURACAO E
O MAREMOTO QUE VAI DESTELHAR TEU
ORGULHO CEGO, DELETAR TEU CONFORTO
PERENE DE OPRESSOR E DONO DA VERDADE.
LA VEM A DUVIDA QUE VAI TE FAZER
PERGUNTAR QUEM TU ERAS, JA QUE ESSA
RESPOSTA SE FOI HA MUITO TEMPO, JUNTO
COM A TUA DIGNIDADE. EU SEI QUEM EU SOU.
EU SOU TUDO QUE VOCE IGNOROU. TUDO
QUE ELES NAO QUEREM QUE VOCE VEJA. EU
SOU O NEGRO, O POBRE, A MULHER, O GAY, O
DEFICIENTE, O EXCLUÍDO, A VITIMA DO
BULLYING, DO CRIME, DA IMPUNIDADE. EU
SOU O EXPLORADO, SOU O CORACAO
PARTIDO, O FALIDO, O DESEMPREGADO E O
FUDIDO. EU SOU A MARE VIVA, E NAO HA
NADA QUE VOCE POSSA FAZER PARA ME
PARAR. EU SOU UM, E NOS SOMOS MUITOS.

Poesia de Carlos Chagas
facebook.com/Marevive

PEDRO MENDES

SOBRE O ATAQUE MIDIÁTICO E MILITAR AO COMPLEXO DA MARÉ E AO MOVIMENTO

27 de junho de 2013 às 18:17

Só numa cidade como o Rio de Janeiro, com uma estrutura de poder midiático-militar (e escravocrata) como a que temos aqui é possível pensar em acontecimentos como o de ontem no Complexo da Maré. Um trabalhador leva quatro tiros na cabeça — não um, nem dois — e fala-se em ‘balas perdidas’ (?!); várias pessoas morrem com sinais de execução (inclusive facadas, segundo depoimentos de moradores) e a imprensa, ou pelo menos parte dela fala em confronto “entre traficantes e a polícia”.

Ora, que haja traficantes envolvidos no assassinato do policial (quando o primeiro morador já havia sido assassinado, é bom que se diga) é possível conceber, que se reduza essa chacina, esse verdadeiro massacre a um confronto definido e isolável entre os traficantes e policiais é um ESCÂNDALO!; só tornado possível por essa comunhão macabra entre o governo do estado, a mídia monopolista e uma parcela da opinião pública.

É preciso que se diga que o que ocorreu ontem foi antecipado (e mesmo anunciado) pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, sr. Sérgio Cabral, há uma semana (cf. reportagem abaixo) atrás, e o sentido do recado foi claro: manifestações em favelas (ou envolvendo moradores de favelas) não serão toleradas, custe o que custar.

De outra parte, a operação só se torna completa com a cobertura criminosa e cúmplice da imprensa — apavorada com o crescimento do movimento, considerado incontrolável e mesmo imprevisível — sempre disponível para dar legitimidade a chacinas e massacres como esse e garantir que a estrutura básica da sociedade brasileira não mude, a mesma que vem sendo frontalmente contestada pelo movimento.

Que ninguém se engane: a violência brutal com que o Estado e a mídia tentam esconjurar uma possível união do movimento com a favela — como se essa união já não estivesse plenamente em curso — dá a dimensão do medo e do ódio que as recentes manifestações tem desencadeado no bloco do poder.

Mas ontem as máscaras caíram definitivamente: a violência que tanto alarma as elites é, na verdade, a possibilidade de que a violência que ela destina cotidianamente aos pobres dessa cidade e desse país possa, em algum momento se voltar contra ela. E o movimento já percebeu isso. Ontem ele amadureceu um pouco mais.

* * *

ANNICK KLEIZEN MUDEZ UM BODYBUILDER¹

Rio de Janeiro no auge do verão: assim que o verão escaldante dissipou um pouco, a praia de Ipanema se torna um espetáculo de esportes. Homens musculosos e muito poucas mulheres se juntam ao redor de barras de metal ao longo do boulevard, tomam turnos para puxar e empurrar seus corpos, flexionando seus braços esculpido na luz da tarde. Eu os observo, observo seu esforço. Exercitam-se aparentemente sem esforço, admiram uns aos outros, ajudam e animam-se. E enquanto grande parte disso acontece em silêncio, apenas com algumas palavras para acompanhar os gestos, um texto salta na minha cabeça. Após tentar — e falhar — muitas vezes, Kathy Acker finalmente conseguiu escrever sobre sua prática de bodybuilding², algo que ela praticou apaixonadamente por muitos anos, coisa que pode

parecer muito estranha se compararmos com seus outros trabalhos como escritora. Ela escreve:

“Imagine que você está num país estrangeiro. Considerando que você estará nesse lugar por algum tempo, você está tentando aprender essa língua. Ao ponto de começar a aprender essa língua, um pouco antes de ter começado a entender tudo, você começa a esquecer a sua própria. Em uma situação de estrangeirismo você se encontra sem língua.

É aqui, é na geografia da não-língua, no espaço negativo, que eu posso começar a descrever bodybuilding.”³

No Rio este texto ressoa fortemente em mim. Eu estou continuamente em situação de perda de palavras com meu confortável inglês, com meu holandês nativo. Com apenas um entendimento muito básico de português, e as nuances desse lugar, eu falo menos e observo mais. Eu observo mãos e rostos, o movimento dos olhos. Eu procuro por pistas em línguas mais sutis do que as línguas faladas.

1 Tradução ou transdução do inglês por Cristina Ribas.

2 Bodybuilding pode ser traduzido por fisioculturismo. Como a palavra na sua versão em inglês tem sentido bastante direto — desenho do corpo — resolvi deixar como no original ao longo do texto, e também considerando que ela é parte do vocabulário das malhações... (N.T.)

3 Kathy Acker, parágrafo “A Language Which is Speechless” (Uma língua que é muda), citação encontrada em “Against Ordinary Language: The Language of the Body” Em: Arthur and Marilouise Kroker (eds) (1993) *The Last Sex: feminism and outlaw bodies*, New York: St Martin's Press

Acker continua e escreve sobre o processo de bodybuilding: a quebra controlada de um tecido muscular, por exercitá-lo até que ele falhe, e então ele pode crescer mais ainda. Para chegar lá você deve encontrar a linha tênue entre exaurir os músculos e destruí-los completamente. E esse conhecimento, essa sensibilidade, só pode ser compreendida na prática: observando atentamente quanto seu corpo pode suportar, como você pode forçar um pouco mais. Não é um conhecimento que possa ser articulado verbalmente, mas um conhecimento muito preciso. E mesmo que comece como conhecimento do corpo de uma pessoa e a maneira como ela age, ele não é orientado apenas para esse corpo, ou essa pessoa. Olhando para os outros o bodybuilder sabe o que eles estão fazendo, pode sintonizar com sua contagem, dar um pequeno empurrão de suporte que eles possam precisar. Para aqueles com prática em bodybuilding, a língua que se usa nas academias é complexa tal como qualquer outra.

•

Na minha volta para a Europa eu leio sobre o polvo que percebe e pensa através do toque de seus oito tentáculos.¹ Cada um dos braços contém uma parte do cérebro; então a sensação é análoga ao pensamento. Ou mais: cada tentáculo pensa e sente independentemente, ao mesmo tempo em que é parte dessa larga constelação do cefalópode. Essa imagem do polvo é desenhada como uma metáfora para a maneira como a arte pode nos fazer imaginar uma percepção multi-dimensional para além da língua. Enquanto nosso cérebro, ao menos o que compreendemos disso, é centralizado, nossos sentidos definitivamente não o são. Nós temos nossos próprios tentáculos receptivos.

1 Chus Martinez, "The Octopus in Love" (O polvo apaixonado), e-flux journal # 55, May 2014, www.e-flux.com/journals

Na minha mente os atletas e o polvo se juntam a outra imagem: metrônomos. Henri Lefebvre propôs o corpo como um metrônomo como a ferramenta primária do ritmanalista²: se ouvirmos nossos próprios corpos e aprendermos a sintonizá-lo com o ritmo dos outros, dos objetos e dos fenômenos imateriais, podemos encontrar maneiras de se relacionar com eles. Da perspectiva do ritmo podemos nos tornar hábeis a pensar e falar sobre pedras, florestas e uma revolta social em um mesmo plano.

OS AMANTES

Num encontro no interior da França: a artista e bailarina Valentina Desideri me pede para pensar em uma questão — pessoal, política, ou ambas. Ela me passa uma pequena pilha de livros de poesia e eu abro um deles na sorte. Ela então me passa um baralho de tarot, e eu pego uma carta e viro. Os amantes. Eu observo o desenho na carta, ao passo que ela lê para mim o poema, eu leio o poema em voz alta, e ela também interpreta a carta. Em uma leitura aproximada de ambos, tentamos relacionar a carta com o poema, através da lente da minha questão. E, ao passo que tentamos encontrar o sentido nessas coisas sem relação, partes de uma conversa anterior atravessam: sobre a mágica da linguagem, sobre nomear coisas para que elas existam, sobre renomear para mudá-las. Valentina concebe exercícios para subverter as linguagens por meio das quais estamos acostumados a falar. Sua Terapia Política se move fluentemente entre os registros discursivo, energético, perceptivo e simbólico. Estivemos praticando isso por um certo tempo e cada exercício me faz ficar atenta às rotas restritas que minha mente tem. Cada exercício me faz querer ir um pouco mais longe, para quebrar a minha razão, sem

² Henri Lefebvre, *Éléments de rythmanalyse: Introduction à la connaissance des rythmes*, Paris: Éditions Syllepse, 1992

destruí-la completamente ou sem perder todo o sentido. Com o exercício estamos treinando nossa linguagem para que ela possa alargar-se.

Os amantes desenhados no baralho Rider-Waite-Smith que a Valentina usa — um homem e uma mulher — estão em pé, nus, ao lado de um anjo e do sol. Duas árvores e a montanha fazem o plano de fundo. Primeiro ficamos presas na explicação comum da carta: dos amantes unindo diferenças, de desejos e de tentações. Mas olhando para a mesma imagem novamente, outro detalhe chama nossa atenção: o homem está olhando para a mulher, mas seus olhos estão direcionados para cima. De amor como um símbolo ou como um estado, nossa conversa muda para o amor como um ato de curiosidade.

No amor a percepção muda. Amar coloca lentes de aumento em todos os sentidos. Pequenos gestos se transformam em palavras, olhos falam, a pele se torna porosa e o toque conta histórias. Você fala menos e observa mais. À medida que você deixa de lado a linguagem que segura você num todo, um outro se abre, uma linguagem em processos de troca. “Nenhum amor é benigno, visto que pode e acaba por engajar a totalidade de um ser”.¹ O amor rompe. No amor a linguagem quebra.²

1 Etel Adnan, “The Cost for Love We Are Not Willing to Pay / Der Preis der Liebe, den wir nicht zahlen wollen”, dOCUMENTA (13) 100 Notes — 100 Thoughts / 100 Notizen — 100 Gedanken N°006, Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2011

2 O texto, escrito originalmente em inglês, usa a palavra ‘linguagem’ para falar de ‘língua’, no sentido de idioma. Isso não significa que de algum modo o texto de Annick não esteja também falando de linguagem. Nesse bloco de parágrafos em que Annick fala do trabalho de Valentina a autora me parece referir-se mais à noção ampla de linguagem, que concerne também o uso de uma língua em específico, por isso traduzo nesse conjunto de parágrafos para ‘linguagem’ e não língua.(N.T.)

LÍNGUA QUEBRANDO: UM ALFABETO DE CRISTAL

Outra imagem: a artista Snejanka Mihaylova desenvolveu diversos sistemas de escrita para línguas em estado de transformação, uma delas baseada na forma simétrica do crescimento de um cristal:

“O sistema de escrita é gerado a partir da forma simétrica do crescimento em quatro pontos cardinais que constróem uma forma geométrica cristalina básica. Ainda que ela tenha perfeição aparente, cristais são marcados com falhas — separações, apartamentos, rupturas — e são essas imperfeições que permitem que eles cresçam: uma brecha na superfície do núcleo de um cristal forma uma margem na qual moléculas podem imediatamente somar-se”³

Numa analogia com o crescimento dos cristais e esse alfabeto em constante mudança, a língua é muito menos estável que as régras de gramática gostariam que nós acreditássemos. A língua que procura por significado sempre cresce das fendas no que já existe. Além disso, qualquer texto, assim como qualquer conversa, acontece em muitos mais níveis do que apenas no nível das palavras.  Ele muda e se move. A língua não oferece um chão seguro. No lugar disso, você deve encontrar pistas, observar, sentir os arredores e colocar todas as peças juntas de maneira a encontrar o sentido que possa rearranjar ou evaporar assim que apareça; momentaneamente recuperando uma estabilidade nas palavras, que caem novamente em um gesto inesperado. Com a língua, não mais fixada, isso se torna um movimento e um exercício. Ou, talvez, dois exercícios em paralelo: um exercício ao falar assim como um exercício ao escutar. Qualquer conversa, assim como qualquer texto, é um ato de cumplicidade.

ver ESCUTA

³ Snejanka Mihaylova, “Theatre of Thought”. Sofia: Critique & Humanism Publishing House, 2011. O sistema de escrita Cristal foi desenvolvido em colaboração com Phil Baber

RUÍDO

A língua é uma pele. Eu fricciono minha língua contra outra. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou os dedos nas pontas das minhas palavras.¹ Amantes encantados estão distraídos porém são atentos auscultadores. Enquanto você deriva pelas palavras que seu amor fala, você ouve também o ritmo e a agudeza de sua voz, se engaja no movimento de uma mão, segue seus olhos e lê as histórias por entre as linhas. Escutando com muitos sentidos, seu cérebro se dispersa em todo o seu corpo. Enquanto a língua cai por terra, escutar se torna um ato múltiplo.

Quando escutar se torna um ato múltiplo, uma pluralidade começa a se abrir. Mudanças, gestos, frases bem formadas, discursos especializados, sotaques, palavras que escondem outras, ruído. Qualquer língua rígida ou autoritária dará lugar a uma multiplicidade de vozes, ao sintonizar e ao exercitar a língua através da maneira que ouvimos. Fale menos e observe mais. Então ouvimos as muitas outras línguas que estão perpassando, e a areia movediça de suas partículas — então um vocabulário de 250 palavras poderá abrir uma complexidade  e uma extrema riqueza², regras de gramática podem dar lugar a novos sentidos e um escudo opressor poderá ser quebrado pelo toque.

ver COMPLEXIDADE

1 Roland Barthes, "Talking", in: *A Lover's Discourse: Fragments*, London: Random House 2002. Data da publicação do original em francês: 1977.

2 Email, 16 de Abril 2014, GMT+02:00

Cristina Ribas para Annick Kleizen:

"Não está sendo nada fácil, e acho que amanhã a gente vai ver as pessoas que estão acampando em frente à Prefeitura (expulsos da Telerj, ou da Oi). Eles ainda estão lá. E nós estamos dizendo o que? Para quem? Com quantas palavras? Uma de nós na oficina disse 'aquelas pessoas, da Telerj, elas tem um vocabulário de 250 palavras!' O que elas dizem? Como elas dizem? Podemos falar com elas? Claro que sim, e temos que... É um momento muito delicado no qual a cidade maravilhosa está desaparecendo na luta dessas pessoas.

MULHERES: VIOLÊNCIA

Pos pornô feminismo
Juliana Dorneles

Violentas
Juliana Dorneles

Dizemos
Beatriz Preciado

*

Ricardo Ruiz

JULIANA DORNELLES

PÓS PORNO E FEMINISMO

Pós pornô e feminismo. Houve um tempo em que a pornografia foi banida do vocabulário feminista (e a indústria da prostituição, sujeição, e reiteração da mulher como objeto sexual — era única e exclusivamente para o prazer masculino). Se a pornografia era feita por homens e para homens, só podia ser algo nefasto para as mulheres. A pornografia mantinha o padrão sexista e o projeto machista de esculhambação da mulher. Pronto. Dado o veredito, restava trancar a pornografia na cadeia e deixar tudo

que tinha a ver com esse feminino fetiche condenado a pagar suas penas.

Bom, mas nem todas as feministas enxergavam as coisas assim. Não dava para condenar a pornografia, pois ela tem mulheres; e mulheres que nem sempre são aquelas servas submissas. São mulheres vorazes, que se sabem fazer desejadas... O pornô é grande fonte do imaginário sobre o desejo (tanto masculino quanto feminino), e tem um papel fundamental na vida sexual das pessoas. Dá pra condenar a sedução e luxúria da mulher?

Algumas ativistas e atrizes pornôs, como a pornô star americana Annie Sprinkle, estavam cientes de que o desejo gosta mesmo é de desejar, e que as pernas estão abertas para o fluxo sangüíneo das atitudes divertidas. Assim, o pro sex feminismo criou suas regras, suas stars e seus próprios fetiches. O pós pornô é uma atitude, sim, a partir da constatação da colonização do imaginário sexual pelos padrões da dominação masculina. Se existe uma representação colonizada

da sexualidade que não favorece a alegria e o imaginário das mulheres, a alternativa para isso não é acabar com isso; é fazer o pornô que se gosta — criar outros imaginários, dar chance de estabelecer outros mundos para a sexualidade (tanto feminina quanto masculina).

Então há histórias quentes, inversão dos papéis, performances violentas (pornoterrorismo), cenas de mutilação, sexo hardcore entre mulheres, crossdressing, sexualidade queer e tantas outras cenas que surgem para encantar, chocar, ou divertir, mirando a invasão da nossa cultura sexual.

Sim, se trata de uma outra cultura sexual, na qual fronteiras bem estabelecidas homem-mulher podem ser borradas, onde o desejo está cada vez mais múltiplo; e cada vez encontrando mais fontes de ampliação, nas quais nem mais os órgãos genitais são uma fronteira. A excitação está na

imagem, mas no que a imagem remete. Gozar pode ser uma experiência mais ampla, pode incluir a natureza, pode incluir um corpo andrógino e machucado, pode incluir carros (J. G. Ballard) ou paisagens sonoras. Tudo é sexo, mais escancarado ou menos, criando suas alianças e derivas em imagens, performances, relacionamentos; sexualidade como criação artística.

Pornô: vertente crítica-criativa; que remete a uma crise da sexualidade normativa; e uma necessidade de encontrar novos corpos e imagens para outros corpos e mundos. Sua violência e virulência, alguns abordam, poderia ser lida como a violência necessária para a escuta daquilo que até então (até a irrupção deste ato estrondoso/performático) não existia no imaginário do mundo. Violência do grito que quebra as taças de cristal. Faz alguma coisa girar. Quebra padrões do imaginário — quebra que nem sempre

acontece sem dor.

Violentas são as esperas, as crenças, a condenação ao otimismo do triunfo, a prisão no armário fundo do eu.

Uma bofetada é bem mais importante do que dez lições, compreende-se muito mais rápido, sobretudo quando é uma mãozinha macia da mulher que nos dá a lição.

Severino/Gregório.

A Vênus das Peles

* * *

JULIANA DORNELES

VIOLENTAS

Este vocábulo poderia ser também poderosas, escandalosas e incômodas.

Palavra de ostentação do poder.

Mas fiquemos com violentas.

Porque existe um escândalo violento do poder. Mesmo nos velados, a portas fechadas, por trás dos muros. Nem sempre as coisas precisam se dar a ver para serem escandalosas. E se a primeira vista qualificar a violência como escandalosa poderia parecer um juízo comum (que ruim que é ser brabo, furioso, violento); veremos como, na operação inversa, este escândalo está diretamente ligado à força da violência.

Existe uma força na violência, uma energia. A que quebra um osso e a que quebra um padrão. O que salva a violência é que ela é um limite, um esgotamento, um desabafo. Tem nela um sem palavras, são atos, manifesto daquilo que é insuportável. E se faz entender assim, na marra. Parece feio ou estranho, machuca. Mas é ela lá gritando como Rosalyn no deserto (a personagem de Marylin Monroe no filme “Os Desajustados”, 1960, de Arthur Miller): youtu.be/gXHhy4c4UZw

Sim, falamos dessa violência que irrompe, do incontrollável e incômodo; ao mesmo tempo completamente necessário. Faz alguma coisa mexer, um escândalo da raiva que realiza e

expressa, criando uma brecha no espaço-tempo repressor e omissivo.

É um tipo mulher de poder: a violência uterina, tão sedutora quanto avessa à razão. Escândalo do poder feminino.

Pensemos neste filme e nesta cena específica. São três homens — a possessão masculina (dinheiro, força física, audácia). Violência primária como modo de lidar com o selvagem. E a mulher, corpo todo compaixão e angústia, incômodo. Onde não há mais palavras possíveis, advém o urro das entranhas. Longe, num solo assistido por estes três homens mortos, Rosalyn lança uma maldição. O grito onde não há mais negociação possível. Elas são todas loucas, diz o mais triste deles.

Loucas, furiosas, e poderosas; de palavras ingratas aos concílios e conciliações. Um poder da fúria emerge contra a própria violência, se diria. Um levante das entranhas em estado de miséria, dissecadas pela angústia das restrições (impostas ou auto impostas). Levante da arma do corpo berrante, o insuportável. Que madeixas poderiam ficar no lugar? Se o selvagem da natureza é domesticado e transformado em carne morta de cavalo, aparece uma mulher que instiga a horda masculina pelos instintos (reprodução! Reprodução!) e ganha a cumplicidade dos audaciosos.

É o terceiro homem — do tipo que não gosta de ver a carne morta, pois admira seus adversários.

Que forças loucas e sensuais são necessárias para fazer sair o torpor do estabelecido. O incômodo.

É a violência crua e contratual de algumas práticas masoquistas; é a violência cruel do sádico, para colocar algo em movimento. Tudo sempre ligado a uma boa dose de sedução. A crueza é muito mais misteriosamente sedutora; ao contrário da maquiagem, que envaidece o jogo do poder.

A esses cabem os arregaços, de boca aberta, entrante. Mas também na boca fechada, miudeza, não se regram essas partes. Lugares sem senão, pouco acolhedores do consolo do eu. Um desfazer, numa espécie de geração açoitada na carne, violenta, vivificada pelas cicatrizes cravadas no lugar das angústias malvadas, pequenizantes, solícitas por restrição. De pequenices nos enche o pesadelo de restrições. De apavorados imploramos um perdão que já bem sabemos não existe. E por que se insiste?

Violentas são as esperas, as esperanças, as crenças, o otimismo do triunfo, da condenação da prisão no armário escuro do indivíduo. Violento é o sentimento de idiotice. Seja lá por que trevas for. E de noite dormido ia para o colchão de molas soltas que pertencia ao: vovô, papai, mamãe, professor, chefe, proprietário, todos cheios de respeitáveis.

Mas a carne viva não se apequena. Tem nela um corpo do exposto, atuado. Esse sim da fantasia, do se engrajar de um teatro erótico, angustiado, cômico tal como a morte comendo o cu da insensatez.

E lá no longe se viam cinzas, enchamadas, proclamadas de autonomia no céu, visitantes mais próxima de Deus. Vai lá a cinza, anaeróbica, virótica, realidade sem ar. Daí começamos a balbuciar, a boca solta, osso quebrado cambaleante, sem firmeza qualquer, se minhocando, sem se colunar. Matéria de dentes frouxos que morde um suspiro — se vai; gargareja uma canção ...oh como fui besta, pra que cantar se o som não se propaga sem ar?

Os afetos de domínio tem queixo duro, mas não há nada que se necessite dominar.

Nunca se precisa de calma, se precisa de volatilidade.

** * **

BEATRIZ PRECIADO
NÓS DIZEMOS REVOLUÇÃO

“ (...) Falamos uma outra linguagem. Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem controlar a periferia. Nós dizemos mestiçar a cidade. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multi-espécies. Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos. Nós dizemos montemos nos cavalos para fugir juntos do abatedouro global. Eles dizem poder. Nós dizemos potência. Eles dizem integração. Nós dizemos código aberto. Eles dizem homem-mulher, Branco-Negro, humano-animal, homossexual-heterossexual, Israel-Palestina. Nós dizemos você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais...”

<http://www.uninomade.org/nos-dizemos-revolucao/>

* * *

RICARDO RUIZ

*

*apelar pra linguagem
em época extrema:
concordância daqui pra
frente só no genero
feminino.*

* * *

MURO

Muro

Lucas Rodrigues

Muro

Juliana Dorneles











JULIANA DORNELES

MURO

E sobre o Muro...

Existe esse território do irreconcilável. Onde no muro bate a cabeça. Muro branco, esse liso que marca sua presença sem marcas. Então, não sem força, começa-se a cavar uns buracos. Buracos negros, na terminologia de Deleuze & Guattari. Buracos negros, das passagens dos afetos. E um bloco de cimento nunca é duro demais. “Sempre que possível, converse com um saco de cimento. Na vida, devemos dar ouvido a algo que um dia será concreto.”

Quando as duplas passam a ser duos. Encontradas nos momentos dessa conversão que é ambas.

O muro que esconde o escândalo, que cobre a visão, que impõe limite. O mesmo muro que é painel e tela, pronto para ser mensagem.

Um dos obstáculos mais utilizados em competições hípicas se chama “Muro”. É a imitação de um muro de tijolos, e parece muito sólido. Só que não. O cavalo facilmente derruba e/ou passa por sobre o Muro.

Aqui, o vídeo de uma amazona batendo o recorde de salto ao Muro em estilo amazona (montada de lado) — ignore-se a música de fundo:

<http://youtu.be/szeRobRvK8I>

* * *

PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA

Praça de bolso do ciclista
Margit Leisner



**RUA SÃO FRANCISCO NÚMERO 0
ESQUINA COM A PRESIDENTE FARIA**

*A Praça de Bolso do Ciclista
está plantada
no centro de Curitiba
ela é a mais recente
dentre as conquistas públicas que vem sendo
viabilizadas
através da Ciclo Iguaçu
Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu*

*A iniciativa
estabelece diálogo com o poder público
a partir do eixo hidrográfico conhecido
como
BACIA do Alto Iguaçu
ela integra
em uma área habitacional única
as comunidades do centro e da região metropolitana da cidade*

*É nesse contexto que avançam
desde 2011
as ações da Ciclo Iguaçu
a produzir
políticas efetivas de respeito à ciclistas e pedestres*

O projeto surgiu a cerca de dois anos. No ano passado, foi incluído no Plano Cicloviário da cidade. O pontapé inicial foi a pintura na parede do prédio adjacente à praça, feita pela artista suíça Mona Caron durante o Fórum Mundial da Bicicleta realizado pela Ciclotguaçu no começo deste ano de 2014.





ONDE ELA FICA?

*algumas pessoas descobriram
um terreno abandonado no centro da cidade
entraram em contato com as autoridades
solicitaram as matrículas do terreno*

*e
após alguns meses
obtiveram a informação de que o terreno era público
coisa que nem a prefeitura sabia*

*em seguida reivindicaram
que o terreno fosse cedido para a construção de uma praça pública*

*e
como os iniciadores de todo o processo são ciclistas
da*

*Associação Alto Iguaçu
que fica hospedada*

*na
Bicicletaria Cultural*

*logo em frente ao terreno a praça ganhou o nome
de*

Praça de Bolso do Ciclista

O PODER PÚBLICO ENTRA NO PROCESSO

*Tá
mas ter um terreno baldio não significa ter uma praça
é preciso reunir os materiais de construção,
a mão de obra,
ter um projeto arquitetônico
nessa hora o pessoal
ativou-se a Prefeitura e solicitou-se ajuda das Secretarias
para levar adiante o projeto*

*Uma reunião com o presidente do IPPUC¹
e
com os secretários de Obras e de Meio Ambiente aconteceu em março
e
ficou acordado que as Secretarias disponibilizariam material construtivo
e
equipamentos urbanos
e que o IPPUC daria apoio institucional para a realização da obra, mas
(sempre há um porém)
por conta da proximidade da Copa
e
por questões orçamentárias
não haveria mão de obra para a construção*



¹ O IPPUC é o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, criado em 1965 com o objetivo de dar acompanhamento ao Plano Diretor Para a Cidade de Curitiba.

E QUEM VAI ARREGAÇAR AS MANGAS?

*Os ciclistas da Alto Iguaçu
prontificaram-se
a
projetar
e
construir a praça*

*Com esforços próprios organizaram reuniões
e
convocaram pessoas interessadas em participar
arquitetos, paisagistas, artesãos, engenheiros, professores,
diversas pessoas da comunidade integraram
e
discutiram o projeto
que
finalmente no dia 24 de maio ficou pronto e aprovado*



E QUEM É PAU PRA TODA OBRA?

*Você, eu e todo mundo que queira participar
a próxima fase é a que vai precisar mesmo de toda a colaboração possível
durante todo o mês de maio e junho
acontecerão mutirões para a construção da praça
a Prefeitura vai ceder o material
e
os trabalhos de terraplenagem no terreno
mas o trabalho de construir será cidadão e voluntário
todos aqueles
que quiserem tomar parte na construção desse espaço público
estão convidados
não importa se você tem, ou não, habilidades especiais
o que importa é participar
a cidade que a gente quer é a cidade que a gente faz
voluntários tocam
as obras de construção e atividades culturais na praça
decidindo em conjunto os rumos do espaço
o método de construção coletiva
em simultaneidade com as oficinas de mosaico
petipave, super adobe, arte urbana e construção civil
faz com que*

a

*Praça de Bolso do Ciclista
se defina como lugar e também como prática*



*** * ***

LAURA LIMA CONVERSANDO COM ALGUNS DE NÓS

RHR¹

Laura *Então, eu falo, faço uma apresentação? Eu geralmente não preparo nada, gosto do fluxo das conversas. Eu gosto muito de ouvir, porque já tem aquele cotidiano de ir fazendo as coisas, já pensado, por isso ouvir e fluir é bom. Pois então, essa coisa do vocabulário é uma coisa pra mim que funciona bastante, como um exercício constante. Curiosamente agora, para publicar um livro, eu evitei publicar o vocabulário, porque esse vocabulário sempre se renova, e o uso é bastante importante, acho que não seria bom engessá-lo, o vocabulário continuou aberto e o livro também, de certa maneira, para haver outros livros, eu estou viva, né? Vou soltando aos poucos certas coisas, tem outras que eu já uso há bastante tempo e tal... E também já tive o exercício de criar uma espécie de vocabulário/glossário em algumas situações*

quando convivi com pessoas em processos mais coletivos e etc. Uma das questões desta convivência era a de, justamente, ir criando um glossário, porque a gente partia de um certo zero, com aspas, que era chamado de hífen. Esse processo coletivo era o RhR, um organismo que eu comecei, onde este rrrrr, cada um falava de um jeito.



1 *Transcrição a partir da conversa na oficina interna em Abril de 2014

Começou como Representativo hífen Representativo que são as primeiras letras, RhR, e falado torna-se um som gutural rrrrhrrr... Mas bem, aí eu já estou me adiantando um pouco porque essa coisa da palavra, dos termos, pra mim, é bem importante.

“Você” [Cristina] falou ontem [na rodada de apresentações na oficina interna] “É, tem a Laura, que mexe com essa coisa da performance...” Na verdade eu não uso essa palavra, todo mundo já sabe (...) Tem muita coisa para falar... Tem primeiro essa coisa de começar a produzir imagens com pessoas...

(...) Eu fiz faculdade de filosofia, e paralelamente comecei a conviver com uma série de artistas e o Parque Lage, o que foi um exercício de criatura da linguagem muito importante. Quando eu resolvo trabalhar com a presença de pessoas nas minhas obras, eu tinha certeza que aquela construção que eu fazia — mesmo que tangenciasse a ideia de performance — não era e não podia responder a uma coisa que eu já entendia como uma escola efetiva, a escola de performance e tal. Eu tô colocando coisas que são muito complicadas, valeria conversas mais longas etc sobre o tema. Bom, então eu começo a produzir uma coisa negando alguns termos e começo a criar um glossário interno pra poder falar um pouco sobre aquele processo de linguagem que eu tava lidando. Inclusive porque, imagina a minha

situação de uma reles artista jovem e sem “uso”, inventando trabalhar com pessoas e enfrentando um legado muito importante da Lygia (Clark) e do Hélio (Oiticica). As leituras dos outros partiam muito daquele ponto clark oiticiquiano, sobrecarregando o que eu na verdade tava querendo construir. Claro que eu poderia dialogar com aquilo sem necessariamente dizer que eu estava respondendo àquilo, e pra mim era uma confusão grande a confusão das pessoas. Pensei assim: “Eu acho que vou começar a ter termos específicos.” Quando digo isso, eu tô falando principalmente da ideia de pensar a significação das coisas e a questão do vocabulário como uma coisa importante, numa dilatação constante de aproximar e diferenciar-se e todos os diapasões que aí estão.

Depois que eu fiz vários exercícios (e algumas exposições), criando uma coisa com uma filosofia intrínseca na minha cabeça e tal, que era o Homem=carne/Mulher=carne, pensei: estou numa redoma de significados que é a arte... Com esta sensação, um certo dia, resolvi chamar um monte de amigos, que chamaram outros amigos etc pra uma noite/conversa na minha casa. Pessoas que se conheciam apareceram, conhecidos de vocês e tal, e começaram a trazer outras pessoas. Tinha até um cara da Maré que apareceu lá, o Ruben que vinha uniformizado da Maré até minha casa em pleno calor de 40ª, era uma

figura. *Aí eu chego e falo: olha eu quero iniciar uma coisa que eu não quero que se comprometa com a idéia de obra de arte nem com a coisa de arte. Quer dizer, como é que eu posso fazer um exercício, doando aquilo que eu entendo, o meu saber, ou pelo menos exercitando com certo instrumental, certo viés, um tipo de estudo digamos ... mesmo que seja um lance meio capenga filosófico? A pergunta era direcionada a todos. Então as pessoas diziam: mas cê tá falando de quê afinal de contas?... era o primeiro dia de esboçar as ideias, e de fato, eu não fazia a menor ideia do que tava falando, a única coisa que eu gostaria de pensar é o seguinte (...). *Aí eu comecei a doar coisas. Eu imagino que a gente pode chamar isso de Representativo e [hífen] Representativo, por exemplo, sugeri. Se a gente for mapear algo que acontece entre duas estruturas (a fórmula mais simples), ou duas existências que se tocam, existe sempre um ruído de significação. Quer dizer, o que que é isso? O que tava claro pra mim, era que eu não queria criar um coletivo como o que as pessoas entendiam na época... mas não fazia a menor idéia o quê...**

A gente começou a se reunir constantemente e aquilo foi criando uma certa explosão de conversas e coisas. A gente escolhia lugares por exemplo para se encontrar, ia muito em aeroportos. (...) Eu comecei com uma certa doação, uma certa organização burocrática,

eu era administradora até então. Eu reunia esse material que as pessoas traziam ou catalogava termos que apareciam dessas conversas ou dessas situações que realizávamos. Também não sei se o termo é situação.

A gente fez/tem um glossário, tenho aqui 8 panfletinhos. Esse aqui é super histórico, vocês podem pegar. É um glossário que a gente fez nessa época em que o RhR começou a existir, e é o seguinte, é uma coisa sem objetivo nem plano específico, não tem função. Os lugares que as pessoas iam eram paradas militares, aeroportos, zonas geográficas extremas. Elas começaram a trazer isso como ruídos de uma situação de ritual, por exemplo, jantares mudos — a gente geralmente se reunia lá em casa e ficava horas sem falar nada, só comia, todo mundo quieto sem falar nada.

v1 *Tem mais desse material? / v2* *A gente pode xerocar? / Laura* *Eu tenho mais alguns, tem um bolinho “assim” lá em casa. Inclusive esse lugar de imprimir foi o Helmut que me deu na época, no começo dos anos 2000, tanto que dá para ver que é a mesma estética [dos folhetos do Capacete na época], era super barato. / v1* *Posso pegar um então?*

Laura *Pode, pode pegar. Eu vou publicar isso agora [livro no prelo]. A gente deu um jeito de publicar essa história.*

Esse organismo teve outros administradores, o Arthur Leandro numa certa época no Pará, por exemplo. Geralmente

quando a gente publicava coisas em livros de arte era assim: “Arthur Leandro a serviço do RhR”, “Laura Lima a serviço do RhR”. Mas a gente perdia muito porque deixava as coisas “abertas”, por não ficar explicando.

E no exercício [do RhR] você começava a falar com certos termos e começava a aplicá-los, por exemplo, no Organismo, você não usava uniforme, você portava uniforme. Existia uma bandeira que um membro fez que era dura, então parecia que ela tava flanando, mas era uma bandeira imóvel, em “movimento parado”. Você usava isso constantemente, por exemplo, os uniformes eram corruptíveis, então, poderiam ser algumas pessoas fazendo, outras depois iam modificando. Eu simplesmente fiquei 3 anos organizando esse material e parei. Aí acho que o Arthur foi pro Pará, foi ser administrador lá, o Ducha fez alguma coisa não sei aonde, cada um foi fazendo o que entendia daquilo, a sua própria administração. Foi um exercício bastante interessante... As pessoas tendem a falar: e aquela sua obra? Quando eu fiz esse panfleto pra organizar um pouco esses termos [há uma lingueta para se ‘inscrever’] apareceram pessoas que se inscreveram. Eu tô falando de 1999, 2000, quando não tinha muita internet, não tinha uma rede social. Então as pessoas tinham de se inscrever. Já tava começando o e-mail, e a gente tinha um jeito de construir um site que nunca deu certo — não sabia-

mos nem como manipulava esse tipo de ferramenta.

Eu cataloguei uns 60 membros, integrantes mais constantes. Inclusive de países diferentes. Tinham integrantes em outros países que depois também foram administradores em outros lugares etc. Um cara de um museu, o Reina Sofia [em Madrid], veio ao Brasil na época. Ainda era época do Fax e você viajava mesmo, porque não tinha essa coisa de fazer skype, etc. Ele falou — eu queria muito fazer uma exposição desse seu planeta, ele chamou assim, e eu respondi, “mas de jeito nenhum, isso não é arte!” Ele começou a fazer trocas a partir dali e acabou sendo integrante, começou a ir nas reuniões, convidou algumas pessoas pra ir lá, e a gente organizou esse negócio aqui [folheto em português e espanhol]. Agora se vocês notarem tem uma tradução em espanhol que era uma tradução que não pôde ser corrigida pelos espanhóis, porque a adaptação da língua também era uma coisa, então era cheia de erros, propositais, então a gente passava isso pros espanhóis. Não podia corrigir o panfleto. Quer dizer, são tantos detalhes a coisa do RhR que exigiria um tempo pra sentar, e debruçar e trazer esses termos todos que eram termos de um exercício muito bom. E uma das coisas, por exemplo, que a gente usava era a ideia do atravessamento que outras pessoas também pensavam, o Basbaum também com trans-atravessamento na

época, por exemplo. Era uma coisa muito importante (...). Eu ouvi você falando da questão dessa experiência do coletivo, o atravessamento que a gente colocava falava exatamente isso, de você até poder conviver num processo coletivo contanto que você pudesse criar supostamente uma ramificação, uma capilaridade donde as idéias vinham, para que não se perdessem justamente a origem de cada uma. É um processo difícil e pode até virar um processo ficcional né. Então por exemplo, eu falei um negócio, aí a Cris disse ‘não sei o quê’, mas a Cris vem dessa experiência lá na Inglaterra agora, e você lá em São Paulo tem outra experiência com o negócio das passagens, e então se cria esse termo. (...) A gente começava a criar essas capilaridades que eram muito mais instigantes sem criar um bloco de uma coisa não autoral. A gente entendia que isso era um exercício já interessante.

Funcionava assim: Arthur Leandro a serviço do RhR, de repente ligava e falava assim: amanhã tem parada militar, eu tô indo com o meu uniforme, entendeu? Quem quiser aparecer lá. Então ia aquele bando de gente de uniforme, andando a la Flávio de Carvalho pelas laterais etc, ou como podia. E com a bandeira! Aquilo ficava mais ou menos contado, registrado, ou alguém anotava. Aí eu ia lá, corria, anotava as coisas. (...) Foi um processo delicioso de criatura de glossário.

Tem essa coisa do vazio, do fracasso, da corrupção, são coisas muito importantes. Você também desarticula uma idéia de dar certo. As pessoas dizem o RhR tá por ai não sei o quê, não o RhR nunca foi pra dar certo né, pra continuar e ser algo. (...)

v1 Sabe dizer os anos do RhR? / **Laura**

Ele existia pelas insígnias, que mudavam, e elas caracterizam o tempo do RhR. Então tem não sei talvez 50, 55 meios diferentes mas ele começa em 99, o primeiro movimento foi 99.

v2 E quantos integrantes tem?

/ **Laura** Eu cataloguei na época com toda a dificuldade — porque não tinha essa coisa da rede —, 60 que eram mais comuns, que tavam sempre ali, apareciam, mandavam coisas e etc. Na minha época, nesses três anos, mas paralelamente haviam outros administradores.

v1 Você diz que não é arte, mas você chegou a nomear de algum jeito, algum tipo de prática? / **Laura** Eu sempre chamei organismo, na época que eu era essa administradora burocrática. Quer dizer, chegar e realmente escrever algo, pra que não se perca, tantas pulsões de idéias e coisas ou silêncios né, ou lidar com essa coisa do nada. A gente tomava pílulas vazias, cápsulas vazias...

Uns rituais nada duros, por exemplo, os jantares mudos você podia falar, se você quisesse, mas acontece que ninguém falava e aí não tinha sintaxe oral, criava-se outro tipo de linguagem,

de gesto, então você ficava horas mudo.

v1 Seria forçado pensar que foi uma formação pra vocês, processo próximo de educação? / **Laura** Não, eu acho que vale uma série de coisas, você pode agregar ou desarticular digamos assim, desmembrar, tem membro e tem um integrante e desintegrante quer dizer, então são exercícios, você vê que constantemente é um exercício de pensamento entendeu?

/ **v4** Qualifica a noção de organismo, bem legal a definição.

v1 Mas tem uma outra coisa que é curiosa, porque o Capacete também se denominava um organismo, mas totalmente diferente, né, contemporâneo do RhR e atuava de um jeito outro usando a palavra organismo / **Laura** E assim como o Basbaum usava o trans-atravesamento e a gente usava o atravessamento na época, com atravessadores, aqueles que portavam uniforme, aqueles que não portavam uniforme...

v1 E a roupa, você quer mostrar? / **Laura** Tenho aqui umas imagens de algumas viagens, etc.

v3 Eu lembro que causava uns ruídos assim...os atravessamentos do RhR. /

Laura Tinham uns documentos, por exemplo, Sebastiana era uma integrante que apareceu, ela não sabia nem ler nem escrever. Tinha o pessoal de artes que ia e ela ia junto, e fazia umas anotações por ela mesma das palestras de arte, então tem aqui o texto dela, a construção dela, que ela anotava sobre as palestras de arte.

Eu relutei muito, bastante, em muitas situações a falar ou colocar isso nas minhas publicações como artista e até que eu consegui furar bastante, consegui controlar, esse era um processo meu que eu achava importante, na minha administração burocrática. Digo falar isso não é um trabalho, não é uma obra de arte, isso é um serviço desse organismo. E é bastante complicado lidar com isso às vezes, é um trabalho árduo...de prestar atenção, mas isso vai se dissolvendo. Por outro lado isso também é contraditório, porque o organismo é pra ir se dissolvendo, então chega um momento que você pode deixar a coisa, você não precisa mais catalogar, agregar, por isso que eu disse que era uma administração burocrática.

v2 O que você está definindo como arte pra dizer que isso não é arte.

/ **Laura** É porque naquele momento eu como administradora achava que a arte é um lugar onde você tem um discurso, além de você ter que fazer uma referência com a questão da história da arte, ela tinha uma redoma pra significação que ao final tinha de ser um 'enfim é arte'. E na verdade eu tava muito mais interessada por esses meandros de uma não-significação, de não-palavras etc. Por isso a ideia de fracasso, esse nada, por exemplo, imaginar que essas pessoas estariam constantemente visitando aeroportos, aeroportos são zonas neutras, já tem uma lei específica ali, mas dependendo do território você tem de sair do aeroporto pra você

entender que está no país. Então, o organismo tinha esses exercícios de significação que passavam por essas situações de rituais, de localização, etc, ou das cápsulas vazias ou os jantares mudos e tal.

Cecilia *Você tocou num ponto que desde ontem tá flexionando, tá mexendo com alguma coisa dentro de mim, e é interessante porque a palavra performance também aparece e aparece sempre como problema, como arte, né?! É como se você fechasse o assunto e fechasse esses meandros, impedisse a significação mais difícil, mais lenta. Eu tava pensando muito sobre isso ontem eu falei de não perder o controle sobre esses termos aqui, sobretudo o estético e o político, na invocação das trocas, ou levar muito a sério como lidar com tudo isso, tenho um receio de fechar no termo, e alguns termos fecham muito rápido, como performance, como arte. Em geral, na minha estratégia, sempre tive uma preocupação muito grande com vocabulário. É uma estratégia que algumas vezes eu usei foi de embolar, deslocar, às vezes trocar de campo, de não estar em nenhum campo. Você falou muito de Oiticica, Oiticica tinha uma coisa de dizer por exemplo, o que eu faço é música, deslocar... aqui entre estética e política eu não sei definir estético, eu não sei o que são processos estéticos, mas a gente talvez trocando com o político, a gente chegue a alguma coisa. Da mesma maneira, performance eu tenho horror, eu não quero*

saber, mas vamos tentar, foi durante anos tentar buscar na área da música, essa tentativa mesmo, então eu acho que o vocabulário quer escapar desses... A gente fica evitando talvez o termo arte por isso... Porque muito rapidamente o termo fecha.

Laura *O cérebro tá muito condicionado a trabalhar em cima de enunciados o tempo todo, então precisa liberar um pouco pra que esse texto seja corrido, por mais que você interrompa a fluidez, as vezes, que são processos também bastante interessantes. / v1 Esse deslocamento ajuda a pensar de outra forma, de repente pensar o que acontece na performance através da ideia de tempo, então a gente vai tateando (...). O vocabulário aqui é um vocabulário vivido que precisa [ser vivo], e por isso a gente tem receios dos termos, eu tenho.*

Laura *Só um comentário, eu só dei algumas dicas, eu falei do processo de construção da palavra, da loucura, da esquizofrenia, não to falando no sentido de romantizar a loucura não; é na construção que você vai ver, enquanto você não sabe exatamente como lidar com aquele tipo de construção ali, que existe uma coisa intrínseca. Eu lembro que quando comecei a fazer meu trabalho, eu propunha a imagem do primeiro ao último dia da exposição... pelo menos, [a questão do tempo], era algo impensado. A coisa do tempo, não tava nem falando o trabalho do tempo num outro sentido, que seria uma outra pesquisa, mas mesmo até o*

exercício mais simples. Essa coisa não cabia, já era estranho, o exercício da minha criatura de arte. Eu via que não funcionava bem e tem toda uma outra coisa... Essas pessoas [nos seus trabalhos] eram colocadas como uma matéria que eu achava muito importante, porque por mais que a gente possa fazer em cima disso uma construção subjetiva, era proposital colocar aquilo como matéria pra justamente partir de um ponto que não uma construção desse self que tinha muito na Lygia [Clark]. Já é uma outra época, a Lygia e o Hélio [Oiticica] tavam num outro momento e eu me sentia num outro momento exatamente, pós-Muro de Berlim e uma série de outras coisas. Coloco assim porque isso tem uma sensação, o artista tem uma outra sensação. São pontos importantes. (...) Mas essa coisa de você [Cecília Cotrim] faz a construção da comida, como é isso? Fiquei curiosa. [segue]

* * *

LAURA
(DES-INTEGRANTE DO RHR)

GLOSSÁRIO RHR

MOVIMENTO 16.

RhR: não há forma exata de pronúncia deste som, leia a palavra RhR a sua maneira.

RhR é um Organismo que tem seu início no Primeiro Movimento. Neste momento, está no Décimo Sexto Movimento¹. Sem objetivo ou função específica e não possuindo hierarquia, é corruptível em sua existência. Conta com integrantes de diferentes nacionalidades e espécies².

Qualquer pessoa, de qualquer nacionalidade, credo ou ideologia é sempre uma potencial integrante do RhR, podendo ser convidada por outros integrantes ou oferecer-se a participação, ou apenas iniciar sua presença sem que isto seja declarado a nenhuma outra pessoa ou site referente ao RhR³.

1 A respeito da contagem de tempo do RhR, utilizamos até o presente Movimento a numeração em algarismos seqüenciados, tais como movimento 1, movimento 2 e assim por diante, supondo que pela corruptibilidade do Organismo haja alteração da forma de contagem ou que a mesma possa se extinguir. Ver sobre Movimento no Glossário RhR.

2 Integrantes homens e animais.

3 Não há como ter plena noção de onde a informação pode alcançar, uma vez publicado na internet e sem nenhuma centralização de poder de informação, o RhR pode alcançar e se transformar e em infinitas possibilidades de existência.

*Porém, para ser um integrante, breve ou longamente, é necessário que porte o Uniforme-Desenho (condição de passagem até o presente Movimento)*⁴.

*O Uniforme-Desenho assim como o todo do Organismo RhR é corruptível em sua existência. Até agora, possui chapéu e manto bidimensional, que cobre o corpo, e pode ser desenhado/cortado por administrante/administrador ou por integrante (em muitos casos, atravessadores/atravessantes que se interessem, também estão aptos a cortar/desenhar o Uniforme-Desenho)*⁵. *Faça seu Uniforme-Desenho a sua maneira.*

*No RhR podemos encontrar pessoas de diversas facções tais quantas, e muito mais, forem as pessoas que dele façam parte*⁶, *por exemplo: provenientes do ensino, da filosofia, das artes, das prendas do lar (emprego doméstico), aposentados, autônomos, médicos, terapeutas, operários, engenheiros, incapazes, advogados, empreendedores imobiliários, do catolicismo, do candomblé,*

*do ateísmo, do agnosticismo, da legalidade ou da ilegalidade no sistema jurídico etc e etc. O RhR não responde a nenhum conteúdo específico ideológico. Muitas vezes presencia a situação de vazio que se instaura através do sistema de condutos burocráticos*⁷. *No RhR já é observado um processo natural de mudanças constantes à medida que o trabalho de relação dos integrantes, administrantes e atravessantes se realiza. A isso se predispõe.*

*Não há no RhR condição partidária nenhuma pré-estabelecida, a volubilidade e a falência são absolutamente plausíveis*⁸. *Com isso rompe-se também o jugo moral. Caso, em momentos RhR, jugos se tornarem presentes, desta forma dá-se a condição já citada de volubilidade e falência, que aqui assume a conceituação de transformação e predisposição que a palavra volubilidade carrega: o fluxo existencial*⁹.

4 Observou-se até agora que a imagem do Uniforme-Desenho ainda permanece como um elo de visualidade e fomentador de ruídos no cotidiano, chamando a atenção para algo que está em transformação. Adiante, não poderemos afirmar que o Uniforme-Desenho (ou como venha a se denominar futuramente) continue a ser presença no Organismo RhR. Não há regras máximas neste Organismo.

5 Isto se verifica até o atual Movimento.

6 Se cada indivíduo faz estruturalmente parte de várias facções, isto quer dizer que isto se enreda em uma progressão geométrica.

7 Esta relacionado ao data base que o site por exemplo se presta. Veja mais sobre este termo no Glossário RhR.

8 A tendência a volubilidade do RhR se observa comumente. Esta é a condição do hífen: a condição da troca existencial. O hífen, que originalmente é a letra 'h' do som/palavra 'RhR' é um fator muitas vezes citado e de grande importância para o Organismo: é a ponte literária, linguística, formal, e principalmente existencial da ligação constante e 'fenomenal' entre Organismo e mundo.

9 Este dado é importante de ser ressaltado, pois revela no RhR a presença de uma não centralização de poder, ou seja, não há como haver julgamentos de ideologias neste Organismo, já que não há vetor algum que se sobreponha a outro.

Os integrantes contribuem para a existência do RhR participando, conversando sobre, administrando o RhR, seja de que maneira for. Portar um Uniforme-Desenho em seu mais simples cotidiano é uma contribuição para o RhR. Escrever um texto citando a palavra/som RhR é uma contribuição para o RhR. Podemos chamar isto também de momentos de administração do RhR. O RhR também pode simplesmente desaparecer por algum tempo, breve ou longo, e ser resgatado em alguma instância adiante. Não é teleológico e não tem nenhum compromisso em vencer ou dar certo. Estas coisas lhe são estranhas, pois partilham de uma racionalidade específica. O RhR existe, e quem sabe, apenas por enquanto.

FICHA DE CONTRIBUIÇÃO E PARTICIPAÇÃO NESTE GLOSSÁRIO:

Além dos inúmeros integrantes que contribuíram com discussões para que este Glossário fosse feito, é preciso ressaltar especialmente a presença de alguns que estão diretamente relacionados a sua feitura: integrante Laura Lima que concebeu e desenvolveu os termos aqui transcritos (Glossário Movimento 3 e Movimento 16), obtendo, no Glossário Movimento 3, a revisão da atravessadora Lúcia Lima. Há termos sugeridos e desenvolvidos pelos integrantes Arthur Leandro e BobN, respectivamente: VISA RhR e ATOCHA. O Glossário Movimento 3 e Movimento 16 foram traduzidos para o inglês, respectivamente, pelos integrantes Zaba Azevedo e Kiko Nazareth. E o Glossário do Movimento 3, para o Espanhol, pelos integrantes Ruben Alonso e Kiko Nazareth.

Vocabulário RhR: concebido inicialmente no Primeiro Movimento. Iniciado, sintática e graficamente, no TERCEIRO MOVIMENTO. As palavras a seguir não se apresentam em ordem alfabética, tampouco numa relação de valor crescente ou decrescente. O vocabulário RhR é apenas uma “aglutinação” modificável, constantemente feito através da observação da terminologia concebida ao longo do processo relacional do RhR.

GLOSSÁRIO MOVIMENTO 16. ORGANISMO RHR.

ORGANISMO: *Esta palavra abrange a questão da Organicidade relativo à existência em si. Tal especificação pode ser variante, contanto que esta semântica evite uma representatividade radical hierárquica. A situação hierárquica não se localiza no RhR, e sim uma situação burocrática de distribuição faccional estrutural presente neste Organismo.*

ESCRITA: *O estilo de texto que tem sido adotado para o Glossário, Documentos, Declarações e etc do Organismo RhR, segue narrativa padronizada já encontrada no cotidiano de civilização em vigência.*

UNIFORME-DESENHO: *apresenta tecido de possibilidades variantes (cor ou textura) e é cortado bidimensionalmente (num mesmo plano). A concepção deste Uniforme é originalmente da facção arte. O Uniforme-Desenho pode ser cortado/desenhado por qualquer integrante a serviço do RhR e/ou atravessador (Ver palavra Integrante e Atravessador a seguir). O corte do Uniforme-Desenho segue um corte correspondente ao corpo, com braços, pescoço e longo comprimento em saia, e está sujeito a mudanças, segundo a própria movimentação de vários integrantes e atravessadores a desenhá-lo. O Uniforme tem a palavra desenho acoplada não só por seu corte bidimensional, mas por que cada integrante faz sua contribuição constante ao RhR*

de acordo com sua facção (ver em palavra Facção abaixo) ou existência; desta forma, a palavra desenho veio da contribuição de Integrante que pertence a facção arte. Tal integrante pensou/concebeu o primeiro Uniforme-Desenho ainda no Primeiro Movimento do RhR.

Extra: Os Uniformes-Desenho também são feitos de acordo com o corpo de coisas ou animais.

BIDIMENSIONALIDADE DO

UNIFORME-DESENHO: *Foi adotada no desenho/corte do Uniforme-Desenho no Movimento 1 por intenção de concepção do integrante criador.*

Esta adoção intencional é relativa a facção do integrante que o criou.

INTEGRANTE: *participantes do RhR que portam o Uniforme-Desenho. Um integrante do RhR pode ser um integrante segundo o tempo de sua intenção _ (nas identidades “solúvel segundo integrante”), mesmo que seja por alguns instantes em que porte o Uniforme-Desenho. Portar o Uniforme-Desenho é uma característica que define, ate então, a condição de integrante _ indivíduos que não portam o Uniforme-Desenho são, de acordo com outra situação, atravessadores. Um integrante do RhR pode não estar portando o Uniforme-Desenho, sendo um integrante, sua condição pode ser de apenas não estar portando o Uniforme-Desenho.*

ADMINISTRADOR: *Este termo apareceu no inicio do RhR e era relativo a uma*

questão não hierárquica, mas baseada em uma burocracia cotidiana no arquivamento de informações do RhR.

Com o passar dos Movimentos, o termo veio a ser dito administrante por possuir o movimento de sua palavra mais relativo ao gerúndio, ao movimento e sem referências pessoais tão categorias que a palavra administrador traz. (veja em ADMINISTRANTE)

ADMINISTRANTE: *Alteração da palavra administrador inicialmente utilizada no RhR. Observou-se que a palavra administrador demonstrava resquício de um “entendimento” hierárquico, apesar de sua intenção ser apenas burocrática. O término diferenciado de administrador para administrante sugere uma perspectiva mais calcada no gerúndio, o tempo de verbo que está acontecendo por determinado período de duração.*

ATRAVESSADOR: *geralmente, nome dado ao indivíduo que recebe/convive com informações cotidianas concernentes ao RhR. Comumente são indivíduos que freqüentaram a então Sede do RhR ou passaram a participar da existência do Organismo. Um potencial integrante sempre. E se um indivíduo é convidado a ser integrante do RhR e pretende não portar o Uniforme-Desenho, pode então passar a ser um atravessador. Depois do Quarto Movimento passou-se a utilizar o termo de atravessante para a denominação atravessador. (veja em ATRAVESSANTE)*

ATRAVESSANTE: *Termo alterado de atravessador. Sua terminação como atravessante e não atravessador, como outrora foi chamado, sugere uma situação temporária mais evidente que o primeiro termo.*

FACÇÃO OU ESPECIALIDADE FACCIONAL: *São as atribuições categoriais das quais integrantes ou instituições que se relacionam com o RhR fazem parte. Por exemplo: um integrante tem em seu registro¹ do RhR a informação de que ele pertence à facção “Ensino”. Todo integrante do RhR sempre faz parte de várias facções, quer dizer, suas incursões na Sociedade, opções ideológicas, religiosas etc.*

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL: *Este termo aparece por haver em alguns países ou estados um integrante que se deslocou e lá transmite informações e gera hífen RhR.*

FOTOS DIDÁTICAS / IMAGENS DIDÁTICAS: *Toda foto ou imagem feita de ou por integrantes do RhR, ou assuntos afins. Geralmente aparecem despreziosamente ou são livremente usadas para algum intuito didático de informação sobre assunto RhR.*

PORTAR O UNIFORME-DESENHO: *Estar com o Uniforme-Desenho no corpo seja de que*

¹ usava-se através de um arquivo RhR, saber, caso o integrante a isso se dispusesse, das facções ou demais dados a que fazia parte o integrante, tal como um arquivamento de informações. Já no presente movimento, isto se torna impossível, visto a própria condição de mudança/volubilidade do Organismo e, por isso, da impossibilidade de armazenamento de suas informações, já que se enredaram na existência a uma velocidade e fato.

maneira for, alterando-o, corrompendo-o, suggestionando-o etc. A forma propõe-se a alteração em qualquer caso de intenção do integrante, por causa de sua volubidade/corruptibilidade.

CONGRATULAÇÕES RhR: *Geralmente utilizado na escrita por carta, bilhetes, emails, recados telefônicos, cumprimentos dos integrantes e situações similares.*

SAUDAÇÕES RhR: *(ver definição acima de “congratulações RhR”).*

INSÍGNIA: *nome inicialmente utilizado para definição da tarja amarrada nos braços e por cima dos Uniformes-Desenhos. Pode vir a ter seu nome modificado segundo estratégia de integrante ou atravessador em administração. A palavra insígnia faz, sem dúvida, referência explícita a condição burocrática e uniformizada de movimentos e instituições sociais históricas de inúmeras categorias. A questão do esvaziamento de objetivo, presente constantemente no RhR, fornece o paradoxo principal na associação da definição insígnia.*

DESENHO DOS MOVIMENTOS E INSÍGNIA: *A insígnia porta este movimento que se modifica sutil e, muitas vezes, subliminarmente. Este desenho/mancha é seu mote principal.*

MOVIMENTOS DA INSÍGNIA COMO MARCADOR DE TEMPO: *O desenho/mancha da insígnia se modifica subliminarmente sem um tempo específico. Um movimento da insígnia pode até durar segundos,*

mesmo que não tenha sido burocraticamente utilizado por situação específica.

BANDEIRA EM MOVIMENTO PARADA: *Simula um movimento fixado de vento em seu tecido. A Bandeira em Movimento Parada é uma bandeira para portar-se em inúmeras ocasiões, segundo intenção da administração e/ou segundo intenção dos integrantes. A idéia de movimento de visualidade tem congeladas as ondas que uma bandeira possui ao mover-se com o vento; o que gera uma sensação de ruído com a movimentação que se implanta da realidade ao seu redor.*

IDENTIDADE RhR² — Integrantes: *Pequeno documento de identificação, fabricado em papel, em administração do RhR. Os integrantes podem possuí-la, podem não possuí-la, vale o mesmo para os atravessadores. A identidade seria uma situação limboide aos integrantes, que se encontram em seu cotidiano sem estar portando o Uniforme-Desenho. Possui características semelhantes a uma identidade qualquer. É uma relação com o RhR que situa o integrante, mostrando sua condição de ligamento e desligamento constantes ao RhR.*

IDENTIDADE RhR: *Atravessador-Atravesante: Esta possibilidade foi cogitada ate o Terceiro Movimento.*

SOLÚVEL SEGUNDO INTEGRANTE: *Frase já impressa na Identidade do RhR que*

² a identidade RhR, como documento em papel, foi feita ate o Terceiro Movimento.

portam os integrantes. Demonstrativo da Solubilidade constante em que se encontram os integrantes e os atravessadores e o próprio RhR.

AGLOMERAÇÃO RhR: *Diz-se do momento em que vários integrantes estão em um mesmo espaço fisicamente ou em comunicação. Diz-se também de coisas próximas que lembram situações de RhR.*

PRIMEIRO MOVIMENTO E ASSIM POR DIANTE: *O movimento da mancha/desenho/insígnia é um não aglutinante e, ao mesmo tempo, acaba assumindo um marcador de tempo do RhR. As documentações dos arquivos, anotações, declarações etc têm suas especificidades temporárias, que são demonstradas pelo marcador de tempo, que é este desenho/mancha. Sabemos de quando é um determinado escrito ou um documento ou uma imagem, observando que Movimento ele possui afixado.*

TRANSLADO FÍSICO: *Esta terminologia pode ser usada quando referente ao uso de transporte: carro, avião, bicicleta, patins, skate, ônibus, metrô ou mesmo construções humanas cíveis, como pontes, estradas, passarelas etc, onde integrantes fazem uso para movimentar-se além das proporções de seus corpos ou atravessarem caminhos construídos neste mesmo sistema civil.*

HÍFEN: *A condição de hífen é a condição existencial do RhR. Seu aparecimento se dá no início das três palavras Representativo hífen Representativo que gerarão o som RhR. Está no meio como a ponte de significação da passagem.*

O termo hífen é sempre colocado no cotidiano do RhR. Parece ser o mais familiar a muitos integrantes, pois, qualquer troca do integrante, seja com um indivíduo, um lugar, uma simbologia, o hífen já se põe existente. É existencial, pois é transporte constante em milhares de vetores, entre qualquer situação RhR e mundo. Não se fala aqui somente de uma troca que incorpora coisas distintas, como um integrante e um transeunte que com ele conversa ou apenas passa sem notá-lo, ou trava-lhe uma relação de fala ou olhar. O hífen é também um circuito momentâneo que produz as trocas por ‘centésimos de segundos’ ou por uma duração longa tal como a idéia de eternidade pode suscitar (apenas para ilustrar uma natureza de existência como figura de linguagem) que sobrevive nestes centésimos como um todo e faz-se conjugar a possibilidade de inúmeros corpos ocuparem vetorialmente o mesmo lugar no espaço.

HÍFEN LINGÜÍSTICO: *Faz-se esta ressalva por causa da intercomunicação entre diferentes. Parte da idéia que ao assumir a tentativa de comunicação, neologismos aparecem, tanto em uma mesma língua, quanto em línguas diferentes. Não há por exemplo, traduções exatas, mas traduções hífenicas ou mesmo o sentido de um termo errado de uma língua para outra, mas tentativas de cruza de idéias.*

HÍFENICO: *Termo que aparece como alteração ou denominação de algo que foi gerado por um hífen.*

ATRAVESSAMENTO: *O atravessamento é uma das palavras que é utilizada no cotidiano do RhR, participando da noção mais específica da própria condição existencial das diferentes facções, pessoas, termos etc, que se cruzam. Corrompimento constante está na predisposição presente da volubilidade e na troca do hífen. É o revigoramento do RhR. Diz-se concernente ao atravessamento que, já partindo de um pressuposto que as coisas não são imaculadas, incólumes, um indivíduo, por exemplo, sendo integrante do RhR e ao mesmo tempo, faccionalmente, pertencendo a um universo como a engenharia, ou a medicina, ou ao nomadismo, seja que processo faccional for, realiza o atravessamento; evidenciando que, faccionalmente, dois corpos ocupam o mesmo lugar no espaço. Este exemplo citado está na condição antropológica concernente às facções ou aplicado no termo hífen. Até o presente Movimento, o termo atravessamento tem sido mais empregado no que se refere aos indivíduos. O atravessador, por exemplo, termo similar referente a um indivíduo, é posto referendando uma pessoa que ao pertencer a uma facção, realiza o atravessamento tendo ou mantendo contato com situações RhR, sem ter se tornado um integrante que porta o Uniforme-Desenho. Mas, um integrante que possui outras facções em sua vida realiza o atravessamento quando, portando o Uniforme-Desenho, vive uma outra facção que não o RhR*

somente. Apesar das explanações sobre o atravessamento conterem maior referência a indivíduos, algumas situações que fujam destas especificações, revigorando a situação hífen e volubilidade, falam da natureza do atravessamento.

DECLARAÇÃO: *Surge em casos de pessoas que tenham acesso a imagens do RhR. Os integrantes do RhR, até o Terceiro Movimento, assinavam declarações, juntamente com os integrantes administradores, comunicando que estavam cientes das imagens enviadas ou mostradas, ou de outras situações que cabiam na questão. Presumia-se a tentativa de haver como questão de data base/arquivo de uma consciência de circulação dos dados do RhR entre administrantes e integrantes. Hoje isto não é mais possível por causa do alcance presente na volubilidade do Organismo.*

SELOS RhR: *Eram utilizados para determinação do tempo quando estavam sendo emitidas declarações, ou em tarjas dos braços, encomendas, correspondências etc, ou qualquer questão do RhR, que esteja sendo passada adiante e leve o desenho que representa a Insígnia/Movimento.*

CÁPSULAS VAZIAS: *Cápsulas de remédios vazias de conteúdo material visível. A concepção do ar é evidentemente visível matericamente; ou o vácuo (Ler também JANTAR MUDO DE SINTAXE ORAL). Estas cápsulas foram utilizadas até décimo movimento com mais frequência entre alguns integrantes. São cápsulas de ar, envoltas por*

padrão de cápsulas feitas por gelatina comum em remédios.

JANTAR MUDO DE SINTAXE ORAL:

Realizado pela primeira vez no Terceiro Movimento na então Sede do RhR. Pode vir a ser realizado, constantemente, segundo sugestão de administrante ou sugestão de integrantes. Caracterizou-se como um jantar onde se sugestiona um não-diálogo pela sintaxe. Os integrantes entram, permanecem e saem mudos. Este encontro, feito apenas uma vez até o Terceiro Movimento, teve intenção de aglutinar a possibilidade de outras vias que não a situação da fala sintática oral, sendo um representativo do vazio constante que permeia o RhR em muitos momentos, assim como a cápsula vazia assume também este momento.

SEDE: *Local onde estão localizadas concentrações de informações sobre o RhR, Uniformes-Desenhos e onde se coloca comumente o trabalho cotidiano do administrante a que a ela se relaciona em ato em suposta “organização”. Também um lugar onde comumente tem havido, desde a fundação da Sede, reuniões de diversas situações. Até o Terceiro Movimento, a Sede foi em um apartamento. Porém passou a haver o esvaziamento da Sede e o desmembramento de um sítio específico de atuação burocrática, para transportar-se, como verifica-se no presente Movimento, neste Site. (ver também em **ESVAZIAMENTO DE SEDE**)*

ESVAZIAMENTO CONSTANTE DE SEDE: *Até o Terceiro Movimento a Sede se localizou em um apartamento, onde ainda existe grande quantidade de informações sobre o RhR. Já está presente no espaço da world wide web em sites na internet e pode-se dizer que no cotidiano de atuação de cada integrante ou atravessador. Isto supõe que o Organismo RhR está em diversos continentes, visto que os integrantes aumentam de número e se interessam em também administrar o RhR. Todo este processo implica em seu esvaziamento, descentralizando e criando novas forças dispersas.*

SEDE VIRTUAL: *Este termo aparece como referência explícita ao uso da internet como espaço de Sede do Organismo, porém esta Sede não parece se concentrar em somente um endereço.*

TARJA: *A tarja é posta geralmente no braço do integrante que está portando o Uniforme-Desenho. Nela está a insígnia com o Movimento correspondente a época em que é usado, pois esta situa o Uniforme no tempo correspondente ao histórico do RhR, situando-o também em sua referência com relação à insígnia.*

CONDUTOS BUROCRÁTICOS: *Os condutos burocráticos são as vias fluidas por onde caminham informações RhR, encontros, ou situação burocrática. Espaços de fluidez de movimento existencial do RhR. Têm a ver com integrantes ou qualquer tipo de momento de comunicação a que o RhR se coloque e se relacione. Os condutos são os caminhos, as estra-*

das de percorrimento do RhR, estradas sempre desimpedidas para que o RhR realize sempre sua volubilidade.

VISTO RhR: *Ato de afixar os Selos (marcação do tempo - insígnia - movimento) correspondentes ao histórico do Organismo RhR, ou declaração RhR etc, ou seja: Selos com os Movimentos da Insígnia que registram algo que perpassa a situação do RhR, como um documento/ declaração, encomendas etc. Os selos, por conterem a mancha da insígnia, também indicarão quando se dá cada especificação. Isto ainda se verifica em alguns momentos de administração do RhR*

FONTE PLANA BORDAL: *Este nome foi dado aos tecidos/planos que fazem o Uniforme-Desenho. A fonte é encontrada em lojas, por exemplo. Pode ser encontrada também em outros lugares, ou mesmo inventada dentro do processo de corruptibilidade do Uniforme-Desenho. É deste plano do tecido que, dobrado em dois, se cortou/desenhou o primeiro Uniforme-Desenho. A expressão bordal é referenciada por causa do envolvimento corporal que o tecido faz e também a própria noção de uniforme em uma sociedade.*

VOLUBILIDADE: *A volubilidade do RhR é uma de suas condições existenciais principais. Volubilidade e hífen. Uma é a predisposição, o outro a forma de troca, a ponte. O RhR sempre é volúvel, mesmo em momentos de aparente impedimento, novos caminhos sempre se travam, novos condutos, novas passagens em contínuos corrompimentos.*

RESPONSABILIDADE: *A responsabilidade é um termo que não se adequa ao RhR no sentido jurídico/social da palavra. O que quer dizer dentro do RhR, que em seu processo burocrático não há o assumir responsabilidades, as responsabilidades aqui referentes são as de qualquer cidadão comum dentro de uma sociedade. Sendo um Organismo sem fins lucrativos em seu sentido descentralizador, vive do atravessamento de trabalho não remunerado ao RhR. [Este fato incluirá a tarefa (nunca obrigatória) de um administrante como apenas a de organizar as informações RhR em seu cotidiano (informações essas sempre acessíveis a todo e qualquer integrante e pessoas interessadas no Organismo, predispostas a serem alteradas por qualquer integrante ou atravessador)]. Não existe relação de dever ou obrigação dentro do Organismo RhR referente ao RhR, integrantes ou administrantes. Nem mesmo a de conduta.*

Toda e qualquer atitude de um integrante é de sua própria e total responsabilidade no sentido jurídico da palavra, como cidadão de uma cidade, país e mundo. O RhR não assume nenhum tipo de responsabilidade concernente a seus integrantes. RhR é apenas um nominativo dado à coletividade de pessoas que por sua própria espontânea intenção/desejo/responsabilidade decidem portar o Uniforme-Desenho em seu cotidiano comum.

* * *

SAIR

Sair
Inês Nin

Partir | Destruir | Expulsar | Vazar
Cristina Ribas

INÊS NIN

SAIR

Inez saiu dizendo que ia comprar um pavio pro lampião

Pode me esperar Mané

Que eu já volto já

Acendi o fogão, botei a água pra esquentar

E fui pro portão

Só pra ver Inez chegar

Anoiteceu e ela não voltou

Fui pra rua feito louco

Pra saber o que aconteceu

Procurei na Central

Procurei no Hospital e no xadrez

Andei a cidade inteira

E não encontrei Inez

Voltei pra casa triste demais

O que Inez me fez não se faz

E no chão bem perto do fogão

Encontrei um papel

Escrito assim:

— Pode apagar o fogo Mané que eu não volto mais

(Adoniran Barbosa, Apaga o fogo mané, 1974)

*baratinada, atordoada
pelas constantes mudanças
e transformações. ao mesmo
tempo entusiasta, exame
de possibilidades geradas
pelo tempo que abre uma
nova camada de espaço/
lugar, novos planos,
desandos, perambulâncias
e afazeres locais.*

sair é intimamente ligado a lugar, sair como espécie de fuga premeditada, sair como vontade de sair do lugar (“mexe essa bunda da cadeira”), sair como solução aparentemente fácil (esvair-se da presença, não lidar com); sair é ir, é partir(-se em pedaços? pulverizar), algo referente a circunstância, uma necessidade, um meio.

sair como uma intenção de lugar. realocar o corpo ou um estado, o sujeito, para refazer sua potência, para entender-se de novo, para alhear (imensa necessidade de alheamento, tantas vezes se faz)

sair implica em movimento: mover-se pelas próprias pernas. tomar iniciativa de, encontrar ou procurar um rumo, pôr-se a caminho

(duros empenhos em sair do lugar) lidar com a hipótese de fuga é de algum modo mais fácil que lidar com a ação. que precisa de tempo para compreensão, implica em processamento (de dados, de mudanças, de estados de corpo e cansaço). zerar as possibilidades é um fetiche que, diante de algo duro, se refaz constantemente.

— e se eu, simplesmente, saísse daqui? sair como ação impensada, tomada de posição, absurda ação mesma que não se define, como se simplesmente sair se faz (e então, estado presente que atormenta, algo a que se quer abandonar)

...

pontapé para o infinito, atadura. sem-mãos, semmedo, mmordedura. coragem, aquilo de que tanto falam os clássicos romanescos sem era, que se sobrepõem a uma realidade turva, demasiado complexa para nossos contos de fada caninos. anacronismos de infância, maus adestramentos. depois de um tempo, os embalsama todos e transforma em leituras de maniqueísmos diversos, notícias sem profusão nem densidade, as quais só se lê às partes. reitera discursos ou cria coisa alguma, mas segue algum rumo estrito que supostamente se concretiza. ou não, engole a rebelião e bate ponto no escritório, todos os dias, eis o método que seu pai lhe ensinou.

fuga estaria adoecida pela vontade de escapar, impulso dormente que não tem lugar? abstrata palavra sair, enquanto que fuga apresenta forte oposição (como fugir de — ou fuga, substantivo, algo que acontece ou se sucedeu). a fuga antecede a memória, esvazia-se em ato: simplesmente ir, fugir da coisa, sair do sistema, remodelar ou implodir tudo em fato

(esvair-se do sistema é algo absolutamente sedutor e iminente; difícil concretizar)

da vontade de sair e do semmedo da história, da fuga que tem por desejo existir, há em tudo uma propensão a um fora, um desejo de alhear disso que aqui está

*(como um estado de coisas que se altera
por uma ação, por mais que esta se faça em
abandono)*

*o truncado está aí, pois se sistema
nada faria para tornar fáceis as medidas,
codificáveis os modos:*

— e quiçá existe um fora?

*ou o fora ele mesmo já está dentro?
faz parte de um comum que a tudo se
esquiva e penetra?*

*entranhas nervuras e atravessamentos,
outrora solfejos, coisas que não têm lugar
permeios e sucessões esquivas irá, irá,
encontrar um morcego em um lugar sem
hora, sem memória, fora de linha e calado
de números, talvez,*

*liberdade turva só acontece quando não
se vê, quando alegre mentira costura
sossegos onde quer que se vá.*

*sair, contudo, ainda é um meio que se faz.
nem que seja para alterar lugares,
contaminar uns com os outros, colher um a
um. e não deixar lugar.*

(identitárias vontades explodiram no ar)

** * **

CRISTINA RIBAS

**PARTIR / DESTRUIR /
EXPULSAR / VAZAR**

PARTIR /

Estou fora do Brasil. Não quero escrever em primeira pessoa.

Não sou eu. É essa vontade. Essa vontade de sair. De uma coisa, de um possível lugar.

Já estou fora do Brasil anyway.

Uma amiga alertou, na minha primeira grande partida que não destruísse ou desvalorizasse aquilo que deixava. Essa partida foi depois de grande, daquelas que a gente escolhe junto com o destino.

Já tive várias partidas. Todos temos. Podemos mapear se elas são mais subjetivas (desligamentos, mudanças), ou mais geográficas (conhecer, cruzar mundo, ver o horizonte desde o mar). As partidas sinalizam um lugar, lugares, e avessos, interstícios, camadas, saliências, pedras soltas, beiras de rio, chapadões, chegadas, catracas, ruelas, parapeitos altos, portas de controle, escadas, vidros, portões, bloqueios, fora.

Não é do estar fora (do meu lugar) que quero falar. (Daquele meu lugar da minha primeira grande partida). Mas de um fora que é tal que contrasta outros tantos. Um fora que encontra menos espaço, hoje, que os dentro.

Tenho me pegado a pensar, e não é pensamento reacionário: só há dentro, só há dentro?

Nos movimentos do sair, ando querendo falar de uma produção que se dirige para fora, para fora das tramas daquilo que arranca nossa autonomia, daquilo que semiotiza nossos movimentos, um movimento para fora das capturas do que temos por capitalismo cognitivo ou avançado. Abstrações financeiras, financeiristas, sobre nossos pedaços de vida. Ando querendo falar para fora como enunciação (speech act) e como operação material.

Êxodo, escape, saída, fuga. Different arrows. Partidas diferentes.

Falar de escape, de êxodo, de saída pode ser endereçar um lugar donde se sai, que se deixa, que se nega. Destrinchar esse lugar é outra tarefa. Pode ser falar tanto que se atravesse muitas significações, estressando as possibilidades. Destrinchar tanto que se desconstrua, não para debater as razões, mas para levantá-las, mais e mais, e entender os meios que dão consistência aos nossos atos, às nossas presenças, àquilo que está, àquilo que fica, donde se parte.

Nos movimentos do partir muitas vezes não se deseja ficar com coisa alguma ao final.

Se ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvários / Rompi com o mundo, queimei meus navios / Me diz pra onde é que inda posso ir

(Chico Buarque e Tom Jobim, 1980)

Cantei pra entender, e repeti para reforçar, não é de um amor assim nostálgico esse queimar navios. É de uma cartografia do êxodo (ou dos seus escapes...), cujo trabalho é fazer saltar um procedimento: os passos intensivos desse Partir. Partir. Partir. O estado do partir às vezes é único lugar possível. Queimar navios.

*/Te dei meus olhos pra tomares conta
Agora conta como hei de partir*

DESTRUIR.

Quantas vezes eu entendi que o desejo de partir era um desejo de destruir. Destruir algo que parece não servir, ou que serve a um tanto de procedimentos protótipos (superficiais, vazios) cuja relação intrínseca às transformações da subjetividade perdi, perdemos. (Um gráfico alertaria: decréscimo da EXPERIÊNCIA.) Desejo de partir de um lugar-coisa que serve a significações demasiado objetais, ou sem objeto operativo, vivo. Ou desejar partir de um campo minado de captura, pura captura e pura mediação. (Às vezes fugimos de algo que nem se configurou ainda, não por medo, mas por receio de que aquele tipo de situação irá se configurar à frente.) Me lembro dos trabalhos de arte demasiadamente articulados com os discursos dos curadores. O estabelecimento de um tal círculo vicioso quando um não consegue TRANS gredir o outro. Coisa que dá saudade de uma literatura desgarrante, tipo Hilda Hilst em Matamoros, donde não sobra nada.

No percurso da desmontagem de um

objeto fiz um desenho para ver.

E ao escrever o texto que vinha com ele eu falava de uma destruição. Coisa a destruir: campo da arte. (Letreiro vermelho aceso: arte na sua definição genérica, topológica, como coisa em um LUGAR, não como coisa manifesta, BAGUNÇA PERFORMATIVA e DES//DOBRANTE, arte como função.) Arte é uma coisa que se faz na luta, afinal, essa luta ontológica do ser de fazer acontecer e significar a vida mesmo, mais do que a arte. Batalha contingencial, não ideológica. Destruir passa por destruir algo em nós, sempre. Não um eu interno como reflexivo de um fora, mas um eu constitutivo de um fora. Destruir para abrir outros caminhos, desnomeados.

MEIO.

Essa coisa de partir é uma vontade que vem do meio, bem do meio do corpo.

Há momentos em que não se pode estar. E essa é toda uma discussão.

Que não há idoneidade que salve.

Há aqueles que digam, contudo, que há biopotência, que sobreviverá, que passará por cima de todos os poderes. Mas se analisarmos os discursos dos poderes, os poderes são aqueles da censura, da malemolência de apagar, inteiras, as potências. Apagar por generalizar, por deixar de fora, ou por dizimar, pela sabedoria dos discursos genéricos que tal sutileza ali não terá lugar. Des-ignorantes podemos, contudo, rasgar, desde dentro. Afinal, quem demarca o meio? Saímos desde o meio mesmo. Somos o meio.

‘Precarias a la Deriva’, Espanha, meados dos anos 2000 dizem: meterse dentro, não sair de, criticar e produzir a partir de dentro — das condições econômicas e sociais — do estatuto da precariedade. Mulheres em deriva. Organizar uma
ESTRATÉGIA *comum, interromper a reprodução da ordem, politizar a existência, interpelar-se. Sair de um ‘si’ fragmentado socialmente para ver como a interpelação afeta o ‘yo’. Precárias é uma frágil trajetória (nem um grupo, nem um espaço) que, como elas dizem deve fazer-se a cada vez. Tem uma insistência militante. Tem uma luta conjunta procurando a construção coletiva de outras possibilidades de vida. Uma luta conjunta e criativa. Um plano que se espalha, que se confunde, que insurge das cidades-empresa dentro da economia-mundo, a partir de onde, na deriva, perguntam-se: “há outras formas atuais, por acaso, de situar-se em um terreno tão marcado pela fragmentação e pela dispersão?”*

Rio de Janeiro, 2013. Na lógica do “só tem dentro”, tudo é a Zona, tudo é invigilação, engolimento, a Zona é também a Zona de Prostituição, claro! A Zona de uma precariedade tal que aquela madrileña, dos riscos da vulnerabilidade e da insegurança. Mas também dos desejos. Zona dos Desejos. E, dos despejos. O Museu que ali se instalou, na revitalização planejada da Zona, que bem poderia ser uma bela maquiagem trans, contudo, não!! Não foi o Museu dos Desejos, nem o

Museu da Prostituição¹, foi um Museu de ... Arte, do Rio de Janeiro, Mar a ver...

O Museu Mar se implanta cirurgicamente em 2013 em dois prédios existentes na Praça Mauá — um palacete desocupado que já foi a Inspetoria dos Portos e o prédio do Hospital da Polícia Federal e do terminal de ônibus Procópio Ferreira, cujas linhas viajavam para a Zona Norte. Na deriva urbana a fachada do Mar me acorda com uma espécie de memória postíça, decorada com o brise-soleil. O Museu não se integra na paisagem, a não ser como um pedaço recortado de Brasília a nos surpreender no miolo do Rio de Janeiro. Como falo branco que é possui um grande ‘muro’ de vidro que separa um protótipo de saguão modernista da calçada. Secreta junto ao plano de revitalização outros espaços artificializados, como os bares da região que passam a reproduzir imagens de Copacabana nas suas paredes. As prostitutas que trabalhavam ali nos arredores da Praça e do Terminal já não estão mais. Não atravessam o saguão com seu bate-perna público. Há apenas 3 ou 4 das cerca de 30 mulheres que trabalhavam ali, me diz o garçom. Ele não perdeu o emprego, nem mudou de praça.

O Mar não é fálidamente o único agenciador da gentrificação, claro, mas é

1 “O Museu esta[va] lá, fálidamente ostensivo numa área brutalmente violentada. Ele branco, ela negra.” Bárbara Szaniecki fala sem pudores de uma zona erógena negra, uma grande vagina? “Sobre Museus e Monstros”, publicado em PICICA — Blog do Rogelio Casado. <http://bit.ly/14i3nJd>

um dos primeiros grandes símbolos culturais desse estado de mudança que se instala na Zona, mudança em grande parte forçada (sem escuta pública) e em pequena parte acordada. Ao entrar no Museu você se configura em viewer, turista, artista, interpreter, público, privado, generalizado, contabilizado, ... privatizado? O Museu inaugura sem dúvida outros modos de estar dentro, de estar na Zona...

Entrar no Mar é sair do campo de afetos da genitália negra e imprevisível, da deriva das ruas antes escuras da Zona Portuária. O Mar é excessivamente branco e luz, o contrário de uma sabedoria sedutora, e talvez de uma temporalidade lenta, da uma potencialidade cabeluda, úmida, monstruosa. O Mar tem dentro?

EXPULSAR.

Uma Parceria Público Privada, um Consórcio, uma licitação, um Projeto. Maravilha. Os vocabulários do urbanismo contemporâneo explicitam a sua relação cada vez mais intrínseca com os fluxos econômicos do capital privado. Por aí, já não se pode mais falar em urbanismo como ciência que racionaliza o habitar em massa, pois a cidade fica entrecortada em “planejamentos” (ou investimentos/lucros) mais ou menos anexos uns aos outros, que nunca respondem a um desenho total — ainda que sejam vários os Rios de Janeiro, e que essa cidade contenha inúmeras outras. Rio de Janeiro — cidade que se tenta unificar sob a insígnia de “um” ou de “meu”, uma cidade em disputa. Uma cidade vendida.

Desenho urbano: capital de construção. Expressão: destruição. Agente de semiotização: Rede Globo. Não se pode falar que o debate é sobre uma coisa quando a prática política totalizante é outra: expulsão e extermínio. Fundação Roberto Marinho: a grande fonte de significações dessa cidade “minha”, fusão com o governo de Eduardo Paes, de uma identidade carioca que não é inclusiva, mas é julgadora, é criminalizante...

Não há como falar do partir e do sair sem falar dos que chegam, dos migrantes, da gente nova, que chegou agora, e da gente que foi mandada embora. Os que chegam vêm do norte, do nordeste, do sul, de vários lugares. Da América Latina chegam mais, os bolivianos, os chilenos, os peruanos. Da África mais angolanos, congoleses,

moçambicanos, nigerianos. Topei com três irmãos que tocavam música de Machu Picchu com duas flautas de bambu e um tamborete de lixeira improvisado sacolejando no ônibus R\$ 3,00 no pequeno trecho Lapa-Catete. O desenho de suas narinas me contava: não somos daqui, somos Índios Incas. Os que são expulsos são os pobres, em grande maioria negros ou mestiços, misturados, índios, pixaim. Muitos não são organizados. Mas são também os organizados, os mais organizados, as ocupas mais antigas, que são expulsas. São famílias constituídas, são movimentos constituídos, são ocupações por moradia assistidas por projetos de melhoria de habitação social, são aqueles outrora protegidos por leis que os acolhiam. Leis que ainda existem, claro, mas cujos direitos são substituídos por prioridades outras: política de expulsão dos pobres: os que chegam andam se misturando com os que são mandados embora.

A Zona Portuária é um desses espaços cujos fluxos de vida estão em constante jogo em meio aos movimentos do capital especulativo, do capital de construção, da venda de um espaço aéreo que se descola das vidas enraizadas em seu terreno nos arredores da Praça Mauá, passando pelos morros, à Gamboa, à Leopoldina... Sendo meio entrada meio saída da cidade do Rio de Janeiro e sendo o meio ele mesmo, a Zona segue sofrendo uma operação de fatiamento constante. Em parte destruída, em parte literalmente higienizada, em parte projetada ao futuro na imaterialidade das incongruentes Tromp Towers. A destruição de casas no Morro da Providência para a construção do Teleférico, por exemplo, e a expulsão de vidas nascidas e vividas ali, vidas que não são bloqueio nenhum para os desenvolvimentos do capital, deixa explícito que essas vidas não foram integradas ao modelo de desenvolvimento planejado para a região, que não são desejadas enquanto tais. 

ver BRASIL | BRASIU | BRAZIS

Na concepção do Porto Maravilha Operação Urbana Consorciada OUC Parceria Público Privada PPP

Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro CDURP Porto Vivo Odebrecht Globo Museu de Arte do Rio Museu do Amanhã ArtRio Fundação Roberto Marinho Instituto Odeon Vale Prefeitura do Rio de Janeiro Eduardo Paes Secretaria Municipal de Habitação SMH Jorge Bittar Governo do Estado Sergio Cabral Pezão várias ocupações de moradia já foram expulsas ou estão sofrendo processo de expulsão:

*Quilombo das Guerreiras (2006-2014)
Casarão Azul (2009)
Flor do Asfalto (2006-2011)
Machado de Assis (2008-2011)
Zumbi dos Palmares (2007-2011)*

Outras duas ocupações localizadas na região central do Rio também já sofreram ameaça de expulsão, duas delas resistem e tiveram plano federal de adequação à habitação aprovado (Chiquinha Gonzaga e Manuel Congo).

*Aldeia Maracanã (2007–2013/2014)
Almor (2000–2010)
Carlos Mariguela (2008–2010)
Chiquinha Gonzaga (2004– até hoje)
Guerreiros do 234/510 (2007–2010)
Manuel Congo (2007– até hoje)
Nelson Mandela (2005–2010?)*

Muitas outras ocupações não foram listadas aqui.

Total de famílias removidas na Zona Portuária: 1.055. Se contarmos que cada família tem em média 3 pessoas, estima-se um total de 3.165 pessoas removidas...

*Dois momentos são marcantes nas ocupações: o ocupar — romper portas, janelas — para entrar, e então construir barricadas internas, fechar as portas, trancafiar-se lá dentro para que a polícia não entre para despejá-los; e a expulsão, o sair forçado pelo estado, o romper do espaço doméstico que havia sido criado, a ruptura sem despedida, a perda da casa. Ocupar e expulsar são dois movimentos que Vladimir Seixas e Chapolim mostram em *Atrás da Porta*, um filme finalizado em 2010, no Rio de Janeiro.*

<http://filmeatrasdaporta.blogspot.com>

A OCUPAÇÃO QUILOMBO DAS GUERREIRAS, ENTRE SONHOS E PESADELOS

10/10/2013

(...) “As crianças da ocupação têm um outro projeto. Uma cidade são duas casas, um parque com uma cadeira de rodas, um banco, uma árvore, uma tartaruga, uma foca, um pato, um cavalo-marinho, um chocalho gigante e uma “salsicha com uma maçã em cima”. Essa foi a resposta construída em argila por elas a partir da proposta: e se construíssemos a nossa cidade dos sonhos? Nesse último mês, pensaram, brincaram e leram sobre lixo, limpeza, revitalização e cidade. Ficou claro que querem mudanças, mas que estas são bem diferentes das propostas dos que se julgam no direito de decidir sobre a vida delas. Porém, tão importante quanto os seus sonhos, é o que vivem: a resistência. Há anos lutam e dão sinais de que esse é o caminho que continuarão seguindo.

O despejo é inaceitável, assim como sair da zona portuária. Os moradores da Quilombo e de outras comunidades a serem removidas propuseram um projeto de novas unidades de moradia que já foi aceito há quatro anos. Desde então, vêm se encontrando e se organizando mensalmente, porém nada foi feito em termos de construção, atravancada pela burocracia estatal. É urgente que o projeto de moradia “Quilombo da Gamboa” saia do papel para que as famílias tenham uma moradia de qualidade. Com tanto investimento para os ricos, é inadmissível que a moradia dessas famílias não seja prioridade.”

Texto do blog Pela Moradia
<http://pelamoradia.wordpress.com/>

Quilombo da Gamboa é um projeto de habitação social auto-organizado concebido por movimentos de luta pela moradia e incluído na revitalização do Porto. Sendo parte do Quilombo da Gamboa, as moradoras da Ocupação Quilombo das Guerreiras, após expulsas, não aceitaram o auxílio de aluguel social individualizado ou por família oferecido pela prefeitura do Rio por decidirem reforçar sua condição como movimento, solicitando uma moradia coletiva. O Quilombo da Gamboa segue ainda sem previsão de construção.

Escreva aqui o nome de alguém que perdeu a sua casa

Escreva aqui o nome de alguém que chegou agora

Escreva aqui o nome de uma ocupação de moradia

Escreva aqui onde você mora

Escreva aqui o nome de alguém que você tem saudade

VAZAR.

Um projeto realizado há mais de um ano no Rio de Janeiro, pelo grupo-não-grupo Poética do Dissenso, reuniu uma série de materiais documentais (filmes, cartazes, fotografias) de um momento “a ser historicizado” ou inserido nas narrativas da história da arte brasileira (conforme intenção dos amigos-autores, expressa em troca de e-mails da qual participei). O momento a ser historicizado seria a relação produtiva entre vários artistas e grupos de artistas, psicólogos, ativistas, midiativistas, atores, sociólogos, historiadores¹, e a população do que foi uma das maiores ocupações urbanas por moradia da América Latina no centro de São Paulo, a Ocupação Prestes Maia.² A ocupação existiu entre 2002 e 2007 e sofreu ameaças de expulsão por anos consecutivos, tendo o suporte daquelas coletivizações para resistir politicamente aos diversos processos de regeneração/revitalização do Centro de São Paulo. O momento de inserção ou de

1 Grupos que resistiram junto aos moradores contra a expulsão: A Revolução Não Será Televisada, artbr, Associação dos Moradores do Prestes Maia, BijaRi, C.O.B.A.I.A., Catadores de Histórias, Centro de Mídia Independente, Cia.Cachorra, Contra-filé, EIA – Experiência Imersiva Ambiental, Dragão da Gravura, Elefante, Espaço Coringa, Esqueleto Coletivo, FLM – Frente de Luta por Moradia, Fórum Centro Vivo, Frente 3 de Fevereiro, Grupo Calango de Teatro, Humanus 2000, Integração Sem Posse, Los Románticos de Cuba, Me-nossões, MSTC – Movimento Sem Teto do Centro, Nova Pasta, Os Bigodistas, Rádio Xiado, TrancaRua.

2 O prédio voltou a ser ocupado mais duas vezes, sempre para uso como moradia.



Ação realizada pelos moradores do Horto, ameaçados de expulsão. Rio de Janeiro, 2014.

produção de uma narrativa que fosse “efetiva” para a história da arte pública ou de intervenção urbana foi a instalação criada pelo Poéticas do Dissenso que tomou espaço no térreo do MAR — o Museu de Arte do Rio de Janeiro — na curadoria de Clarissa Diniz e Paulo Herkenhoff, numa das quatro exposições inaugurais do Museu em Março de 2013: “O Abrigo e o Terreno”.¹ O debate aberto pela aceitação ao convite do Mar (e o convite que o grupo fez a alguns de nós) nos coloca dentro do terreno da ética e da estética conjugadas, em como a criação e a política também dependem de uma política das narrativas, de uma ética dessas narrativas, e como ficam suscetíveis aos atravessamentos institucionais na mobilização dessas narrativas...

A instalação era formada por registros materiais fotos, vídeos, serigrafias, camisetas, entre outros para se referir àquele objeto-evento potente e problemático, evento de êxodo ele mesmo, ou monstruoso como argumentado por Barbara Szaniecki. Junto ao projeto da instalação foi criado o blog Vazadores, cujo objetivo era deixar vaziar as tensões ao redor da participação na exposição no Mar, deixar vaziar os conflitos, ou as posições diferentes ao redor da participação na exposição. Uma terceira iniciati-

1 O objeto-evento das coletivas no Prestes Maia está de alguma forma “historicizado” no livro de referência de André Mesquita (2011) *Insurgências Poéticas: arte ativista e ação coletiva*, São Paulo: Annablume Editora

va se alia a essas duas, a revista Na Borda, editada on line, com o terceiro número dedicado especialmente ao Poéticas do Dissenso, tendo sido lançada alguns meses depois da exposição.

(trecho 1)

“Vazar essa maneira de entender como os processos acontecem pode ser de grande valia para os que atuam por lá, inclusive pela força que teve tudo isso, estética, política e de dissenso.”²

(O “lá” frisado no texto quer dizer lá aonde?)

(trecho 2)

“Chego finalmente nos Vazadores, os ladrões da galeria. Quem se criou perto de açudes ou barragens conhece o termo. É para onde a água vaza quando a contenção não dá conta de sustentar seu volume. No caso de eventos como o NA BORDA, os Vazadores podem ser lugares abertos dentro do evento, da exposição, que funcionem para receber a demanda externa, tanto do público em geral, quanto de colegas, outros coletivos, que de alguma forma sentem que fazem parte do evento em questão. Não se sabe que formato tem os vazadores, pode ser uma parede, um projetor de vídeos, um espaço vazio, um site aberto, uma televisão com vídeos, pode ter os mais diferentes formatos. O que importa é manter esse espaço vivo para receber as informações de fora, deixar vaziar o

2 <http://vazador.wordpress.com>

conteúdo interno, manter um diálogo com o lado de fora, com o externo, não fechar o acesso a esse encontro, mas, ao contrário, promovê-lo, para que tanto as obras dos grupos convidados, a produção do evento, como todo o conteúdo em questão seja espaço urbano, intervenção na cidade, ou outro, estejam num jogo produtivo de acesso e autotransmutação.³

O blog do Vazadores expõe uma série de diálogos que aconteceram entre pessoas ligadas diretamente a ações na Ocupação Prestes Maia naqueles anos de 2000 e grupos no Rio de Janeiro que têm trabalhado na resistência à remoções e revitalizações ‘alucinatórias’ da cidade. Parte do que consta no blog foi um debate que aconteceu por redes de e-mail, que quebrou em posições distintas vários dentro, vários fora e vários através em relação a essa proposta de vazamento. Perguntávamos: seria possível dizer não? Dizer não ao convite de expor os registros da produção das coletivas + Ocupação Prestes Maia no Mar? Estávamos relegados ao vazar, contudo... A vazar o que já estava agenciado (a participação na exposição). Mas esse vazar digamos, pequeno, a partir do evento maior, expressava um desejo do evento-Poética do Dissenso ele mesmo de vazar o determinismo que

inscrevem os discursos politizantes da arte contemporânea a partir de potências como aquela? Do evento coletivas + Ocupação Prestes Maia? Ou seria mais uma operação de curar, de narrar para inscrever, como um cansaço de transgredir?

O blog do projeto, contudo, não contém e-mails ou conversas do Poética do Dissenso com a curadoria da exposição. Me pergunto se foi que não houveram conflitos com a instituição, os clássicos vai-vém de um processo de concepção e negociação, antes e depois de exposição/instalação? O vazamento não seria também da tensão das relações institucionais que se estabelecem numa empreitada como esta?

Reconhecendo que há uma luta política comum pelos direitos urbanos tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, assim como em tantas outras cidades no Brasil, e de que há vários movimentos envolvidos na resistência às ocupações, no direito à moradia e na mobilização contra as políticas gentrificatórias, a crítica que fizemos foi que o grupo de São Paulo não realizou uma mobilização que de fato abrisse / contasse / partilhasse a participação das coletivas que produziram no e com o Prestes Maia para grupos do Rio que vêm trabalhando e militando na resistência às expulsões (tendo sido apenas ‘convidados’ para indicar vídeos a serem exibidos na exposição... para ‘vazar’).

3 Texto da Fabiane Borges no blog do Vazadores “Vazadores: os ladrões da galeria” <http://vazador.wordpress.com/vazadores/>

ver CARTA DE NÃO-PARTICIPAÇÃO

Ou seja, nos interessava que tipo de encontros, conversas, eventos, derivações poderiam ter sido inventadas que proliferassem esses modos expressivos em sua hibridização com uma luta comum, não porque seríamos incluídos naquele mesmo projeto de narrativa historicizante (muito menos no Mar), mas pelo desejo de partilhar experiências mesmo. O dissenso, nessa relação, foi então diretamente em relação à aceitação de participação propriamente dita no Museu, em como alguns de nós produziam estritamente um NÃO  como negação de um acoplamento àquele Museu gentrificante, enquanto que para os artistas do Poética do Dissenso aquela era uma participação possível.

Para não cair em dicotomias que congelam dentro e fora, vivo e morto, potente e impotente, bom e mal, inocente e ofensor, oprimido e opressor... alguns sugeriram pensar a imagem de uma interlateralidade, como tipo de posicionamento que identifica camadas e níveis de atuação, procura efetuar níveis de crítica e de intervenção sem identificar dentro e fora. Ou seja, pensa uma participação não binária (não como adesão) e mais como uma crítica ou atravessamento... 

ver RADICAIS>TRANS-

O desafio de se converter em atravessamento considerando que se atravessa uma dinâmica institucional como essa (Mar), contudo, sempre passará pelo crivo da instituição ela mesma, senão

não é que se fará vaziar. Mesmo que na contemporaneidade assumimos que estamos todos “na mesma”, somos todos corruptos e corruptíveis, somos todos atravessados pelo capital, e todos a escapar dele, somos todos disciplinados e disciplinários ... nos interessava fomentar um êxodo de fato, uma negação mesmo. Um não estar nesse ‘só há dentro’. Então, como é que aquele evento — coletivas na Ocupação Prestes Maia -, sendo ele mesmo de êxodo entra nesse ‘só tem dentro’ do que parece que não conseguimos mais nos libertar?¹

Então aqui dou seguimento a esse vazamento. Como convoca Felix Guattari em Programa:

“Não é fugir, você próprio, ‘pessoalmente’, dar o fora, se mandar, mas afugentar, fazer fugir, fazer vaziar, como se fura um cano ou um abscesso.”

Sigo apertando o abscesso. E falo de uma posição distanciada, tempo e espaço. Já faz mais de um ano que a exposição aconteceu e quase dois anos que vários emails foram trocados e o conflito surgiu. Do que tenho aprendido sobre os debates hoje em dia, e sobre a construção de posicionamentos políticos, me parece que o crucial é mapear  quais são os pontos em questão ou em jogo, ou ainda em disputa, ou ainda em tentativa de concílio aqui. Sem abrir em pontos parece que corremos o risco de ficar naquela questão genérica de “o que pode a arte?”, quando o encerramento previsto pela pergunta (mal formulada) pode deixar de fora a complexidade da constituição das vidas que povoam esses espaços. Não vou elaborar todos os pontos, mas me parece por bem listar, como maneira de investigar um problema.

ver COMPLEXIDADE

¹ 2002 foi no Rio de Janeiro um ano anti-Guggenheim. Uma franquia do Museu não foi efetivada na cidade, em grande parte pela mobilização da classe artística. Outros mega-Museus estão em finalização contudo, e grande parte deles abrindo brechas para contratos milionários entre escritórios de arquitetos, empreiteiras e gestores culturais. Vide Museu do Amanhã e Cidade da Música.

Sete pontos me parecem estar em jogo aqui, resta saber quais deles mais ou menos ativos. Eles se entrelaçam, claro, e se multiplicam. É no cruzamento de um e de outro que me parece que podemos provar, testar, protestar, arriscar engajamentos e passagens ético-estéticas:

(1) as maquinações, os acomplamentos, as parcerias e as imersões de artistas-etc de/em movimentos sociais nas suas lutas; coisa que toma diversos nomes e cria diversos conceitos nas práticas contemporânea, injetando conceitos-marca que acabam por cunhar estilos ou novas práticas, que não vou citar aqui, estilos e práticas muitas vezes muito distantes das mobilizações das lutas.

(2) as narrativas sobre ou a tentativa ela mesma da “inclusão na história da arte brasileira” dos coletivos, artistas, e ativistas na Ocupação Prestes Maia, o que chamo aqui de coletivações na Ocupação Prestes Maia;

(3) as redes de afeto, colaboração, aprendizagem entre artistas-etc e suas coletivações, e as maquinações e os acomplamentos que nos fazem perceber que estamos em um movimento engajado e multiplicado em tantos outros movimentos; ou quando afetos e redes parecem ser e são quebrados, interrompidos, reconfigurados;

(4) os discursos e os posicionamentos políticos das instituições culturais contemporâneas brasileiras;

(5) a luta pela moradia no contexto de um Brasil desenvolvimentista e no novo desenho “criativo” das cidades brasileiras, sendo o direito à moradia garantido constitucionalmente no Brasil, assim como o direito de ocupação para moradia;

(6) a conexão entre as diversas lutas urbanas (os ‘direitos urbanos’, como têm chamado um grupo de Recife ligado ao #ResisteEstelita), ou seja, a construção de uma memória das lutas pela moradia no Brasil e a construção de uma memória das lutas pelo direito à cidade no Brasil;

(7) o direito à vida, e não o direito à privação, aos mecanismos que privilegiam a iniciativa privada em detrimento da vida (sobretudo a vida daqueles menos privilegiados).

Enquanto que o Poética do Dissenso localiza seu feito no ponto (2) — sobre as narrativas e a politização do contexto carioca por meio da mobilização dessa narrativa —, eu localizo o debate aqui entre os pontos (2) e (4) — em como o Mar (não) explicita sua participação em um debate político sobre essa cidade em disputa e (6) — a construção de uma memória das lutas pelo direito à moradia; e entre o ponto (3) e (6) — em como as redes de afeto e colaboração podem fortalecer as conexões entre diversas lutas urbanas.

Não vou analisar a fundo as relações entre os pontos... Eles são colocados como agenciadores do desejo, como ferramentas para seguir pensando e produzindo nessas tramas da ética e da estética.

É de longa data que se analisa, desde dentro, como as práticas artísticas habitam a dupla e irreversível bandagem de serem agenciadoras do escape e ao mesmo tempo agenciadoras da gentrificação. O mesmo para as instituições culturais que chegam logo antes dos grandes processos de alteração econômica e social de vários bairros. Na Zona Portuária uma série de outros projetos atuam dessa forma, como a Fábrica Behring, cuja 'ocupação cultural' foi facilitada por um cheque milionário do Prefeito Eduardo Paes quando na iminência de um leilão em 2012 que faria os atuais locatários terem que sair (a mesma facilitação não foi empenhada com o Galpão das Artes mais recentemente, por exemplo, ou com os moradores de ocupações de moradia que foram expulsos). É de longa data o embate com os valores culturais que são implantados em processos de revitalização por meio de uma arte que não se deixa dizer atuar como agente gentrificante, mas que assume transformações. A maneira como a produção cultural é agenciada hoje, mais ainda na forma de uma instituição museológica e/ou misturada com turismo, ao invocar um sujeito subjetivista e consumidor, é contraditório com o desgarrar dos processos artísticos eles mesmos, que procuram

deslocar os afetos duros e produzir outros efeitos, e com as dinâmicas criativas, que mobilizam a produção e reprodução social nos valores culturais ali enraizados. No caso do Mar, o modo de agenciar a arte não se descola das outras práticas do Museu ele mesmo, e de como o Museu se instala por uma falta — a lógica da ruína^{1,2,3} — lógica que passa a ser constituinte de um processo interminável de cura, de remendo de um abscesso sempre a sangrar.

Gentrificação, palavra já na boca dos movimentos de luta contra as remoções, foi estampada em camisetas

1 A histórica degradação da Zona Portuária que culmina com a realização do Projeto Porto Maravilha não deixa de ser parte de um discurso fortalecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro para inaugurar um modo de intervenção privada na cidade (PPP). Vários textos investigam esse feito, entre eles um escrito por mim "A arte de provocar ruínas: especulações na Zona Portuária". link <http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=697>, desdobrado em "Alucinações Produtivas" <http://uninomade.net/tenda/alucinacoes-produtivas-producao-cultural-na-zona-portuaria/>

2 "Subverter o discurso da falta em excesso e da ausência em potência desses sujeitos produtivos e políticos [os moradores de ocupações por moradia], é caminho necessário (mas não suficiente) para criar uma cidade resistente ao fundamento eugênico — aquele fundado na ordem e no progresso — e que se abraße à criação da Multidão: "artistas somos nós em nossa potente constituição!" Barbara Szaniecki. Em *Museu e monstros*.

3 Vale ler também o texto de Sérgio Martins, "O Mar de cima para baixo", um dos poucos que analisa e problematiza a implantação do Mar a partir das práticas da cultura e da arte contemporânea <http://www.blogdoims.com.br/ims/tag/museu-de-arte-do-rio>

brancas usadas no dia da inauguração do Museu pelos artistas do Poética do Dissenso e por ex-moradores da Ocupação Prestes Maia que foram para inauguração: “GENTRIFICADO”. A imagem veio dos cartazes com o mesmo logo que eram insistentemente colados nas paredes e muros da região central de São Paulo, porém 10 anos antes. Ainda me pergunto se essa ação refeita no Mar era uma intervenção irônica, e se considerava que a ironia se desdobrava também sobre os corpos, que se identificavam em parte como novos-agentes de um processo irreversível de gentrificação. Do lado de fora do Museu vários grupos que contestavam a implantação do MAR gritavam contra aquela inauguração, configurando um dentro e fora, o fora daqueles que não queriam entrar no Museu.

SOBRAS.

Na perspectiva de um tempo tenho muitas dúvidas, muitos desejos, muitas saudades. Me parece que os artistas do Poética do Dissenso não romperam o falo doído. O falo é rijo, é rígido, ele resiste, e se paramenta a sanar, via seus afetos duros, sanar os traumas das expulsões. Vi muito disso na conversa realizada meses depois no Museu.¹ A semiótica da cura e da inscrição histórica que ostenta formas narrativas, faz a arte correr o mesmo risco que o Museu ele mesmo, e ao final ambos podem

1 Vídeo de uma conversa com Fabiane Borges, Ivana Bentes, Felipe Ceppas, Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz [youtube.com/watch?v=ccqO_ywk1cY#t=11](https://www.youtube.com/watch?v=ccqO_ywk1cY#t=11)

REFERÊNCIAS:

Link para o registro da instalação Poética do Dissenso no Mar

tuliotavares.wordpress.com/poetica-do-dissenso-museu-mar/

Vídeos do projeto

vazador.wordpress.com/sem-preganhanuncaperde/

Link para o filme Política do Dissenso

mil971.wordpress.com/mostra-politica-do-dissenso/

FASE, Cartografia social urbana: transformações e resistências na região portuária do Rio de Janeiro

issuu.com/ongfase/docs/fase_web?e=4383667/7052774

Olimpicleaks

olimpicleaks.midiaticas.info/wikka/ZonaPortuaria

Associação Chiq da Silva, As ocupações de prédios vazios e o esvaziamento do centro da cidade do Rio de Janeiro

chiqdasilva.com/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=10&Itemid=11

acabar operando como emplastro que nunca tapa o abcesso a vaziar. Sobra a saudade daquelas redes de afeto e aprendizagem por reativar, reconfigurar...

CURAR.

Há diferentes emoções quando o movimento é de emplastro, de cura, e não de dilaceramento, de abertura. Há diferentes contratações, e há portanto diferentes textos. Uma dicotomia semelhante a produzir como reproduzir e produzir como hackear. Nas dinâmicas da cura escreve-se diferente, expressa-se diferente. Situações como essa me trazem à cabeça o desenho de um gráfico de escusas: se as escusas que eu acabo dando para fazer algo tomam mais tempo na minha fala do que as motivações, tem alguma coisa errada aí. Ou seja, se da construção ou criação de conceitos, se passa ao espaço da retórica e ao espaço da desculpa parece que mudamos de uma força ativa para uma força reativa. A escusa parece ser o próprio espaço da captura, captura dos afetos desgarrantes, que se tornam reativos a uma força transgressoramente maior, ou apenas... acaçapante.

EXCESSO.

Ao desejo agenciado nos acordos cabe, contudo, estar em meio a um jogo: por um lado a participação no falo branco e na promessa de uma inclusão (quem escreve as coisas na história?), a insígnia de uma operação, abraçar uma inclusão; e por outro, a perseverança do dissenso, o desejo

de vaziar mais do que o que foi contido, a busca pelo abcesso, o fomento da destruição.

*Numa empreitada como essa, de marcar na história da arte e de criar uma intervenção num fluxo de privações, há vários níveis de conflito que se manifestam. E há vários outros movimentos que se revigoram e se intensificam. O 'fluxo de privações', aqui, está na raiz do próprio termo *Parceria Público Privada — PPP*, a consignação estado-iniciativa privada que dá à iniciativa privada a gestão e o lucro com o terreno/território da Zona Portuária pela empresa *Porto Vive*; parceria que se estende, não por acaso nem ironicamente, à presença das coleções de arte privadas que constituem grande parte da coleção do *Mar — um museu PPP feito com dinheiro público de renúncia fiscal, um modo de contratação financeira que desenha, portanto, sua concepção, usos e programação do qual o diretor Paulo Herkenhoff na atualidade procura em parte diferir. Dos fluxos que se intensificam na abertura desse campo de dissensos um deles quisera eu fosse esse relato tomar parte da construção de uma história das resistências por moradia, que está ainda bastante fragmentária, mas evidentemente ativa, e não silenciada, ... absolutamente transbordante. Vida em excesso.**

OUTRA PARTIDA.

Há modos e modos de operar no escape. Os modos devem ser, senão, estratégicos.

RESTOS.

Na sobra do que sobra de história pra contar restam as vidas sem casa.

As saídas e os atos de ressingularização.

Operar uma destruição e uma recomposição.

A ética produz limites. Eles aparecem em cada relação. Como desejo (acoplamento) ou como repulsa (separação). Há momentos em que a ética grita no corpo e o que se autoriza, então, é deliberadamente dizer “não”.[◊]

ver CARTA DE NÃO-PARTICIPAÇÃO

Há quem chame algumas ações de negação como expressão de recalque, ou como tomadas de posição reacionárias.

No Vocabulário de Deleuze François Zurabichvili fala que o problema (o que é interessante, o que move) no percurso de um processo desejante está na fuga. Fugir nesse sentido pode ser perder a clausura, a estanquidade, e nesse sentido escapar, esquivar-se.

É uma saída paradoxal, ele diz.

Não há enfim uma grande primeira partida. Não há. Só há partidas. Nem dentro, nem fora.

SUPÉRFLUOS.

*Sair como desejo
..... como estratégia
..... como fuga
..... porque encheu o saco
..... decisão subjetiva
..... como operação material
..... como experiência
.....*

Saiu porque

Saiu porque

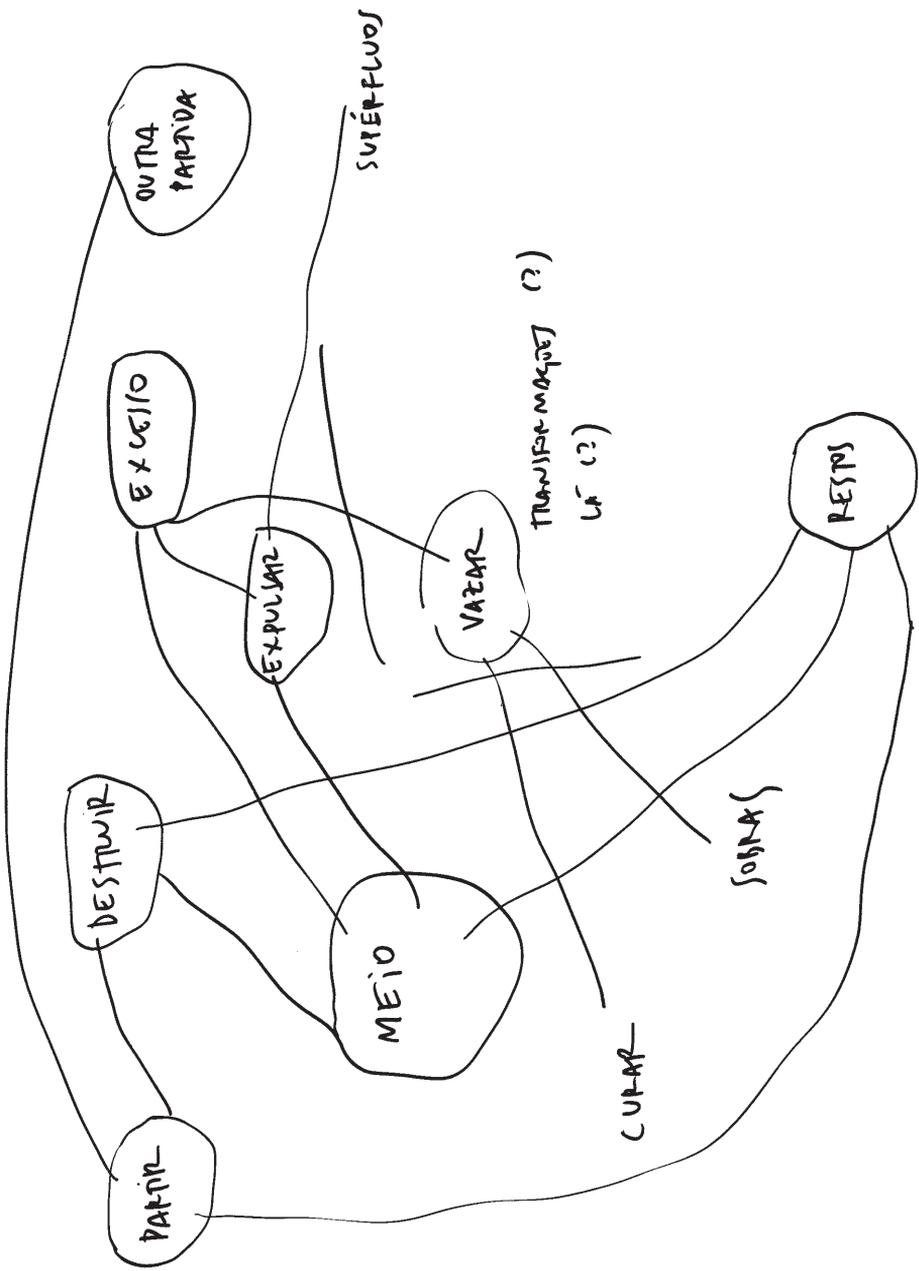
Saiu porque

Saiu porque não deu conta

Saiu porque já não cabia (mais gente, e mais gente)

Saiu porque havia chegado a sua hora

* * *



**recua
com dados**

Seus problemas são,
em par-te,
devido a
uma dependência
do formato

um recuo similar registrado no quarto

está lutando
para reverter
anos de frac
desempenho

pode estar perto do fim.

A autoridade
deu continuidade

**de olho
na retomada**

**será pago
se- rápaga**

**prossigam resistentes
a uma queda consistente,**

**Juro
pode
parar**

com um pé atrás antes de puzar

**"Alguns segmentos
crescem
mais do que os outros
e este ano
deve ser
assim também."**

**"Tanto as importações
quanto as exportações**

TARIFA ZERO

O que a Tarifa Zero, os bancos e as concessionárias de automóveis poderiam ter em comum mas ainda não têm

Graziela Kunsch

A contribuição que eu havia pensado originalmente para o Vocabulário Político era contar, desde a minha experiência, como vi a expressão “Tarifa Zero” no transporte coletivo aparecer, ser debatida (inclusive negada) e se transformar ao longo dos últimos nove anos. Eu queria contar da emoção que eu e pessoas de luta próximas como Lúcio Gregori (criador do projeto Tarifa Zero nos anos 1990) e Daniel Guimarães (criador do website TarifaZero.org em 2009) sentimos hoje toda vez que uma multidão de rua grita “Tarifa Zero”, porque foi um longo processo até essa expressão ter sido assumida por todos os coletivos do Movimento Passe Livre e, pouco a pouco — com muito trabalho de base em escolas e comunidades, além dos materiais impressos e das manifestações de rua —, ser apropriada por tantas pessoas. Não cheguei a redigir esse texto e, no processo de organização desta publicação, acabei escrevendo e publicando um outro texto relacionado ao tema, objetivando contribuir diretamente em um processo político, mais que em processos estéticos. A Cris perguntou se eu não teria vontade de publicar este texto também aqui no Vocabulário e, inicialmente, achei que não fazia muito sentido. Ao voltar ao texto, lembrei que seu objetivo principal era trazer para o debate público a Tarifa Zero, no momento em que a grande imprensa escolheu ofuscá-la, colaborando no processo de criminalização das lutas por mudanças sociais e espaciais. E o que é este Vocabulário, senão tornar visíveis certos termos e contextualizá-los?

Não sei se o texto que segue irá colaborar em processos estéticos — espero que sim —, mas estou muito contente de contribuir na publicação desde os movimentos políticos.

Grazi

POR GRAZIELA KUNSCH
COLABOROU DANIEL GUIMARÃES

**O QUE A TARIFA ZERO, OS BANCOS E AS
CONCESSIONÁRIAS DE AUTOMÓVEIS PODERIAM
TER EM COMUM MAS AINDA NÃO TÊM¹**

Escrevo este texto a partir da experiência da manifestação organizada pelo Movimento Passe Livre no dia 19 de junho de 2014 em São Paulo e a sua repercussão na imprensa. Esclareço desde já que o texto é assinado por mim individualmente e que não falo em nome de ninguém. Busco apenas contribuir como pessoa que estava presente no ato e que ainda se choca com as distorções desleais feitas por alguns jornalistas dos veículos de imprensa hegemônicos, que estavam igualmente presentes. Farei uma reflexão sobre o que o ataque a agências bancárias e concessionárias de automóveis poderia ter a ver com a luta pela gratuidade no transporte, mas que no ato do dia 19 não teve; além de uma crítica à criminalização dos movimentos sociais. Escolhi me posicionar diante do que considero uma tática equivocada para o nosso momento atual, mas tenho a clareza de que a verdadeira violência é promovida pelo Estado, tanto pela sua polícia como pelas suas políticas públicas distorcidas, que servem mais a interesses privados.

Começo comentando o título dado pelo Movimento Passe Livre ao evento. No lugar do mote “Não vai ter copa”, limitado ao momento específico que estamos vivendo, o MPL propôs “Não vai ter tarifa”, que expressa a luta de mais de nove anos de existência do movimento e dos anos futuros. Eu tendo a não gostar muito desses títulos que operam pela negativa; acho que funciona mais ser propositivo (algo como “Vai ter

1 Originalmente publicado no TarifaZero.org, em 26/6/2014

Tarifa Zero”). Ao filmar o ato eu tinha que fazer um certo esforço para enquadrar a faixa “Não vai ter tarifa” inteira. Se algumas pessoas se posicionassem na frente do “Não”, lia-se “vai ter tarifa”, e talvez esta parte da frase fique impregnada no nosso inconsciente. Ainda assim considere a escolha do movimento pertinente, pois se a Copa no Brasil em breve irá terminar, outros tantos problemas (incluindo aqueles causados pela FIFA) permanecerão por aqui.² Além de se solidarizar com quem é contra a FIFA e contra o mau uso do dinheiro público — o “Não vai ter copa” está implícito no “Não vai ter tarifa”, é a origem do novo nome —, o movimento sugere um foco mais específico. E faz todo sentido pautar o transporte coletivo no contexto da Copa, porque a maior parte dos

2 O que não deslegitima, de modo algum, a importância dos protestos contra a FIFA ou contra as remoções de famílias pobres de suas casas durante todos os anos de preparação da Copa, o valor absurdo de recursos públicos investidos na reforma ou na construção de estádios, a morte de operários da construção civil, o turismo sexual etc. Os que quiserem conhecer melhor todas as motivações das pessoas que foram às ruas contra a FIFA, contra algumas implicações do evento na vida de pessoas pobres e contra determinadas ações dos governos brasileiros, podem ler o conjunto de reportagens realizadas pela Agência Pública, publicadas na seção “Copa pública”: apublica.org/category/copa-publica/. Também recomendo a seção “Não tem dinheiro pra Tarifa Zero?”, do portal TarifaZero.org, que compartilha notícias sobre altos investimentos dos governos como crítica ao mau uso de dinheiro público, sugerindo a necessidade de novas prioridades: tarifazero.org/category/uncategorized/naotemdinheiro/. Neste contexto, destaco uma notícia que compartilhamos sobre a Arena da Amazônia, que custou 669,5 milhões de reais e que foi construída para sediar quatro jogos da Copa e nada mais: tarifazero.org/2014/03/09/manaus-apos-mortes-e-r-6695-mi-arena-da-amazonia-sera-aberta-neste-domingo/. Três trabalhadores morreram na construção deste estádio e não existe demanda dos times e das torcidas locais que justifique uma arena de enormes proporções. Alguns usos vêm sendo cogitados para o estádio após a Copa, mas, seja qual for esse uso, certamente não poderia ter sido priorizado no lugar de demandas sociais urgentes que devem existir na cidade de Manaus. Finalmente, recomendo a leitura do número atual da excelente revista Retrato do Brasil (n. 83, junho de 2014), que traz uma matéria sobre que tipo de legado a Arena Corinthians (o “Itaquerão”) deixará para a Zona Leste de São Paulo e uma reportagem sobre os faturamentos da FIFA e de seus parceiros na Copa do Brasil.

*investimentos do governo para a Copa foram, supostamente, em mobilidade urbana. Digo supostamente porque as obras realizadas (ou planejadas, muitas não chegaram a ser construídas ou finalizadas) não necessariamente implicaram em uma maior mobilidade das pessoas pelas cidades.*¹

*Havia também outro contexto para o acontecimento da última quinta-feira em São Paulo: a comemoração de um ano na revogação do aumento de vinte centavos nas tarifas de ônibus, metrô e trem, em 19 de junho de 2013, acompanhada pela redução de tarifas no transporte coletivo em quase duzentas cidades brasileiras. Vez ou outra vejo pessoas dizendo que as revoltas de junho não tinham objetivos claros ou que não tiveram conquistas concretas, que “não deu em nada”. A redução no preço das tarifas do transporte coletivo em quase duzentas cidades brasileiras é uma conquista concreta e tanto, que faz uma enorme diferença na vida de muita gente.*² *Apenas é insuficiente, e esta insuficiência foi expressa*

1 Ver “A cereja sem bolo”, reportagem de Thiago Domenici na revista Retrato do Brasil n. 73, agosto de 2013. Apenas saliento que as vaias à Dilma a que Thiago se refere no texto são dos acontecimentos do ano passado, em sua maioria por razões diferentes dos xingamentos feitos por convidados vips na abertura da Copa no Itaquerão. PDF da revista disponível em bit.ly/113uZjb.

2 No Brasil aproximadamente 37 milhões de pessoas não podem pagar as tarifas do transporte “público”, e a cada vez que essas tarifas aumentam essa exclusão aumenta também. O panfleto distribuído no dia 19/6 pode ser lido em tarifazero.org/2014/06/19/nao-vai-ter-tarifa-panfleto-do-mpl-sao-paulo-para-o-ato-de-hoje-dia-19/

*no subtítulo que o MPL deu ao ato, tanto no cartaz de convocação como no panfleto distribuído: “Agora só faltam 3 reais”.*³

*Falta mais que três reais, alguns vão dizer, assim como, no ano passado, disseram que não era por vinte centavos. Mas aqui irei me deter nas reivindicações específicas do Movimento Passe Livre, que é um movimento de transporte. Para o MPL, o transporte é um direito essencial, que tem o potencial de articular espaços urbanos e outros direitos. Só existirá educação pública de verdade — acessível a todas as pessoas — se o transporte também for público de verdade; do mesmo modo que hospitais, parques e espaços culturais gratuitos só serão economicamente acessíveis a todas as pessoas se não houver mais tantas catracas no meio do caminho (as catracas dos ônibus, dos terminais e das estações de trem e metrô).*⁴ *Lutar pela gratuidade no transporte não é pouca coisa e é importante os leitores deste texto terem isto no horizonte. Esta luta não exclui a necessidade de outras tantas lutas por mudanças sociais e transformações urbanas, mas exige foco e adensamento para ser bem feita.*

Os objetivos do ato do dia 19 foram

3 Preço atual das tarifas de ônibus, trem e metrô na cidade de São Paulo.

4 Ouvir a Canção para o Movimento Passe Livre, de Rodolfo Valente (2006): tarifazero.org/2013/06/17/sao-paulo-cancao-para-o-movimento-passe-livre/

publicamente declarados desde o início do ato, durante a leitura coletiva de um manifesto, amplificada na forma de jogral por quase todos os presentes. Entre outras frases, o jogral afirmava que “Se a Copa é dos ricos” — e um jogo começava no Itaquerão naquele exato momento —, “a cidade é nossa!”.⁵ Estávamos ali pela comemoração de um ano da revolta popular que barrou o aumento nas tarifas; pela readmissão de 42 metroviários injustamente demitidos; e, principalmente, por Tarifa Zero. Digo principalmente porque a maior parte dos cartazes, das faixas e das ações realizadas tinham como foco a gratuidade no transporte coletivo.⁶

A primeira ação do dia, completamente ignorada pela imprensa hegemônica, na Praça do Ciclista, foi a coleta de assinaturas para o projeto de lei de Tarifa Zero de iniciativa popular. Para

5 Texto do jogral: “Pessoal / Pessoal / Estamos aqui hoje / Para lutar / Por um transporte público de verdade / Enquanto os governos / Gastam bilhões com a Copa / E com o transporte individual / Somos humilhados todos os dias / Nos ônibus e trens lotados / E quem tenta resistir / É criminalizado / Motoristas, cobradores e metroviários / São demitidos por fazer greve / E quem tenta se manifestar / É reprimido pela Polícia Militar / Mas nós sabemos / Que só com a união de todos os trabalhadores / Os que viajam no transporte / E os que trabalham no transporte / É que derrotaremos / Os empresários e seus governos / Que todos os dias / Nos exploram nas catracas / Por isso hoje / Saímos às ruas para dizer: / Se a copa é dos ricos / A cidade vai ser nossa / Tarifa Zero quando? / Tarifa Zero já!”

6 No pequeno vídeo que realizei sobre o ato, intitulado “Túnel Av. Paulista – Dr. Arnaldo”, é possível visualizar as faixas “NÃO VAI TER TARIFA” e “TARIFA ZERO PAGA PELOS RICOS”: vimeo.com/98782301

um projeto de lei municipal ser apresentado pelas pessoas comuns (e não por vereadores) são necessários dados e assinaturas de 5% do eleitorado. Em São Paulo este número equivale a aproximadamente 500 mil pessoas — um número bastante alto, sendo que não valem assinaturas virtuais, como acontece nas petições online. O trabalho de conversa e coleta de assinatura na escala um-para-um vem acontecendo desde 2011, e quem se interessar por conhecer o texto do projeto de lei e em colaborar nesse processo pode acessar a página da campanha.⁷

Uma das últimas ações do ato, que desceu toda a Av. Rebouças e ocupou a Marginal Pinheiros, foi a queima de diversas catracas simbólicas, de papelão, seguida da leitura coletiva de um novo manifesto, com um “recado bem claro”, direcionado principalmente aos empresários que lucram com o deslocamento dos paulistanos: “Agora é o povo que vai mandar no transporte”.⁸

7 tarifazerosp.net/

8 Texto do segundo jogral: “Pessoal / Pessoal / Marchamos desde a Av. Paulista / Até aqui, a Marginal Pinheiros / Para mostrar que / Quem constrói essa cidade todo dia / Quase não pode usar a cidade / Mostramos que / Não vamos parar de lutar / Até a tarifa acabar / Até não existir mais catracas / Até todos os trabalhadores grevistas / Serem readmitidos / Até os donos do transporte / Pararem de lucrar / Com o nosso sufoco! / Vamos ocupar a Marginal / Vamos ficar na Marginal / E realizar uma grande festa popular / Que deixe bem claro / Que não aceitamos mais essa cidade segregada / Onde passavam carros de luxo / Vão ficar catracas em chamas / Para deixar um recado bem claro / Agora é o povo que vai mandar no transporte!”

Após a queima de catracas, os organizadores do ato puseram música para tocar (um carro com aparelhagem de som foi posicionado na via) e um pequeno campo de futebol foi desenhado no asfalto. Os presentes pularam as catracas ainda em chamas, dançaram e jogaram futebol em plena Marginal (os manifestantes são contra a Copa elitista e higienista da FIFA, não contra o futebol). Bandeirinhas juninas e uma grande bandeira com a expressão “Passe Livre” foram penduradas em postes e na ponte Eusébio Matoso.

A beleza de se realizar uma festa em plena Marginal foi ofuscada na imprensa hegemônica pela ação isolada de uns poucos presentes, que haviam quebrado vidraças de agências bancárias ao longo da Av. Rebouças e, ao final do ato, vidraças e automóveis de uma concessionária da Mercedes Benz. Essas ações foram claramente uma espécie de protesto paralelo, ao ponto de militantes do Movimento Passe Livre terem se posicionado de braços dados diante de agências bancárias da Rebouças, buscando dialogar com quem queria quebrar símbolos do capitalismo (no caso, bancos e concessionárias), explicando que o objetivo do ato não era quebrar nada, mas realizar uma festa popular — em contraposição à festa da elite dentro dos estádios caríssimos — por Tarifa Zero.

Esses militantes orientavam as pessoas a seguir para a Marginal e a grande maioria de manifestantes fez cântico com eles, gritando para o ato seguir até a Marginal, de acordo com o planejamento e publicamente divulgado (com o conhecimento da imprensa e da polícia). Surpreendentemente, uma repórter do jornal O Globo interpretou que “seguir para a Marginal” significava “não vamos quebrar nada na Rebouças, somente na Marginal”. Só posso pensar que se trata de desonestidade ou de um erro grave de interpretação, pois qualquer pessoa presente sabia que seguir até a Marginal significava tão somente não dar atenção para esse protesto paralelo e seguir o curso planejado para a manifestação.

Em nota divulgada no dia 21 de junho,¹ o Movimento Passe Livre se recusa a julgar o que estou chamando de protesto paralelo, afirmando que não cabe ao movimento legitimar ou deslegitimar impulsos de indivíduos revoltados, mas deixa claro que essas ações não estavam entre os objetivos do ato organizado. O movimento critica o uso do termo “mascarados” pela imprensa, lembrando que todas as pessoas têm o direito de preservar a sua identidade (a manifestação foi amplamente fotografada e filmada) e se proteger de uma eventual perseguição e criminalização

¹ saopaulo.mpl.org.br/2014/06/21/nota-sobre-o-ato-nao-vai-ter-tarifa-do-dia-19-06/

por parte da polícia (o que não é uma remota possibilidade, mas um fato recorrente). Historicamente, o uso de panos para cobrir os rostos tem também outro sentido, muito lindo: os zapatistas cobrem seus rostos com lenços com a intenção de configurarem um só rosto; uma forma de dizer “Agora não sou mais eu, somos nós”.

Nem todas as pessoas que tinham seus rostos cobertos no dia 19 se envolveram em depredações, concentrando seus esforços coletivos (e não seus impulsos individuais) em uma ação que pode ser considerada muito mais radical e inovadora que quebrar coisas: bloquear uma das maiores vias para automóveis da cidade com uma festa. Uma festa pública, com a presença de milhares de pessoas.²

Quebrar bancos e concessionárias não necessariamente chama a atenção dos governos — a não ser para mobilizar seu lado mais autoritário e mais repressor —, e não gera melhores serviços públicos (estou supondo que estas eram algumas

das intenções dos meninos que realizaram essas ações, pois foi o que declararam para a TV Folha). Também não quebra o capitalismo. Alguém poderia argumentar que essas ações possuem potencial força simbólica, mas só teriam força de fato se refletissem uma revolta ou um desejo coletivos, o que não foi o caso do dia 19. O que vimos ali foi um espetáculo repetitivo, construído junto com a imprensa e com a polícia. Havia fotógrafos e cinegrafistas posicionados diante de agências bancárias antes mesmo de a manifestação passar por esses pontos e uma total ausência de policiais — a não ser nas duas extremidades do ato (Praça Mal. Cordeiro de Farias — perto do túnel da Av. Dr. Arnaldo — e Marginal) e, possivelmente, na presença de policiais à paisana ao longo do trajeto.

A polícia alega que o movimento se declarou responsável pela segurança do ato, mas a preocupação do movimento, segundo a mesma nota anteriormente citada, era tão somente que se evitasse uma presença ostensiva da polícia militar em um ato que se propunha a ser uma comemoração, uma festa; pois normalmente a presença da polícia e a atitude de alguns policiais contribui para que ações como essas aconteçam. Isso é parte do espetáculo midiático, que inclusive sempre coloca jovens vestindo moleton e atirando pedras em igualdade de forças com policiais fortemente

² A polícia militar contou 1.300 manifestantes. O movimento estimou que havia muito mais gente, em torno de 3.000 pessoas. A imprensa divulgou, como sempre, o número dado pela PM, com raras exceções. Cito um comentário de Pablo Ortellado após as primeiras notícias divulgadas, publicado em seu mural público de Facebook: “Acho incrível a falta de coerência da imprensa no uso dos dados da polícia militar para estimar manifestantes. O protesto é contra o Estado, o Estado dá número subestimado de manifestantes e a imprensa usa esse número e só esse número sem o menor pudor — sem notar que essa opção por si só já compromete o princípio do equilíbrio jornalístico”.

armados e com seus corpos totalmente protegidos. Outra preocupação expressa pelo movimento na imprensa era que o ato fosse reprimido antes mesmo de começar, como havia acontecido, uma semana antes, no protesto contra a Copa nos arredores do Itaquerao, entre outros protestos recentes violentamente reprimidos. Além disso, quem coordena a polícia é a Secretaria de Segurança Pública/o governo do Estado, não o movimento social. É desonesto a polícia se colocar numa posição passiva, culpabilizando o movimento por sua omissão. Ao que parece, tudo isso foi construído com o objetivo de reavivar o inquérito policial nº 1/2013 do DEIC, que investiga manifestantes e é considerado ilegal pelos advogados e integrantes do movimento, uma vez que não apura crimes, mas persegue e criminaliza pessoas.¹

De todo modo, o que me motivou a escrever este texto foi discorrer um pouco mais sobre a ineficiência de se quebrar

¹ Segundo a nota "Mais uma vez, não vamos ao DEIC e denunciaremos o inquérito ilegal", de 23/6/2014, o MPL informa que no dia seguinte ao ato, sexta-feira, 20 de junho, "a polícia esteve novamente nas casas de militantes, intimando-os pela quinta vez para depor no DEIC e ameaçando seus familiares" (saopaulo.mpl.org.br/2014/06/23/mais-uma-vez-nao-vamos-ao-deic-e-denunciamos-o-inquerito-ilegal/). Ver também os manifestos publicados anteriormente: "Porque não vamos depor no DEIC", de 24/1/2014 (saopaulo.mpl.org.br/2014/01/24/porque-nao-vamos-depor-no-deic/) e "Pelo trancamento do inquérito nº 1/2013 do DEIC", de 9/6/2014 (saopaulo.mpl.org.br/2014/06/09/pelo-trancamento-do-inquerito-ilegal-no-12013-do-deic/)

agências bancárias e concessionárias como forma de superar o capitalismo e levar a discussão pública para o verdadeiro foco do ato do dia 19. As vidraças, os caixas eletrônicos e os automóveis quebrados já devem ter sido repostos, ou serão repostos muito em breve. Esses espaços provavelmente possuem seguro, de modo que os quebra-quebras sequer implicam em altos prejuízos aos seus donos. Por que será que a imprensa hegemônica escolhe sempre dar ênfase às depredações feitas por bem poucas pessoas (no dia 19 devem ter sido, aproximadamente, 10 entre 2.000 pessoas — 0,5 % dos manifestantes), ao invés de noticiar as ideias que são verdadeiramente perigosas? A proposta de Tarifa Zero do Movimento Passe Livre tem o potencial de atacar o capital de um modo muito mais interessante: a taxação dos mais ricos, aí incluídos os donos de bancos e de concessionárias de automóveis.

A expressão "Tarifa Zero" foi proposta pelo engenheiro e músico Lúcio Gregori no começo dos anos 1990, quando ele foi secretário de Transportes em São Paulo, na gestão de Luiza Erundina, primeira prefeitura do Partido dos Trabalhadores nesta cidade. O projeto de ônibus Tarifa Zero previa um pequeno aumento no IPTU — o imposto progressivo sobre propriedade

— como forma de financiamento.²
Por questões políticas o projeto não chegou a ser votado e foi desqualificado pela imprensa, apesar de pesquisas feitas com a população terem demonstrado que uma imensa maioria era favorável à Tarifa Zero, mesmo com o conhecimento de que ela implicaria em um aumento no IPTU.

Quase vinte anos depois a expressão foi recuperada pelo Movimento Passe Livre e, durante as revoltas de junho de 2013, podia ser ouvida nos mais diferentes espaços de São Paulo, dita por pessoas as mais diferentes. Ainda que, nesta cidade, as grandes manifestações

2 Segundo Lúcio Gregori, em troca de emails comigo, “esses recursos viriam de uma reforma tributária, sendo que 33% dos imóveis, com menos de 60 metros quadrados, eram isentos de IPTU e, portanto, teriam somente ganhos com a gratuidade dos transportes. Outros 44,7% dos imóveis teriam IPTU entre Cr\$ 1,00 até Cr\$ 1990,00 cruzeiros mensais da época. No caso dos moradores desses 44,7% imóveis, que teriam o reajuste até Cr\$1990,00, como ficaria? A tarifa dos ônibus era de Cr\$ 35,00. Numa estimativa conservadora, duas pessoas que morassem num desses imóveis, gastariam Cr\$140,00/dia x 22dias = Cr\$ 3080,00 somente para deslocamento residência/trabalho/residência em 22 dias úteis. Assim teriam uma vantagem, na pior das hipóteses, de Cr\$(3080,00 – 1990,00) = Cr\$1090,00 por mês, devido à gratuidade nos transportes. Então, 33% + 44,7% = 77,7% das residências da cidade e, portanto, seus moradores, ganhariam com a gratuidade vinculada à reforma tributária”. Outra informação relevante é que na gestão de Lúcio como secretário de Transportes a frota de ônibus de São Paulo aumentou de 7.600 ônibus para 9.600 ônibus e o projeto de Tarifa Zero previa novo aumento da frota, de mais 50% (mais 4.800 ônibus), para atender a demanda que seria gerada pela gratuidade. Lúcio recomenda a leitura do texto “Procurando entender a Tarifa Zero”, de Chico Whitaker (1990): tarifazero.org/2011/08/25/procurando-entender-a-tarifa-zero/

de junho tenham sido pela revogação dos vinte centavos de aumento nas tarifas de ônibus, trem e metrô, a luta de longo prazo do movimento — contra a própria existência dessas tarifas — ficou em evidência e se tornou mais popular.

Uma coisa que tanto Lúcio Gregori como o movimento sempre deixaram clara é que a Tarifa Zero não significa “ônibus de graça”. O transporte tem custos, é claro. Gasolina, manutenção, salário dos trabalhadores etc. Assim como é necessário o governo pagar salários de professores e demais funcionários nas escolas públicas e comprar mesas, cadeiras, lousas, giz, e alimentos para as mesmas, entre outras coisas. Mas tudo isso, no caso das escolas, é pago por todos nós, indiretamente, através de impostos. Não existem catracas na entrada das escolas para cobrar os custos da educação diretamente dos alunos, a cada vez que eles usam esse serviço público; e seria um absurdo se isso fosse sequer cogitado.

O problema é que, no Brasil, quem mais paga impostos, se calcularmos o valor dos impostos embutidos em produtos de consumo proporcionalmente à renda do indivíduo, são os mais pobres. As pessoas mais ricas questionam mais o pagamento de impostos que os pobres porque têm mais consciência de quanto pagam, pois normalmente seus impostos são sobre propriedades e vêm na forma de boletos, são visíveis.

Os mais pobres não possuem propriedades e pagam impostos invisíveis, que representam boa parte da sua renda, sem ideia de quantos % de impostos estão pagando, ou mesmo que estão pagando.¹ É necessária uma inversão na cobrança de impostos; quem tem mais dinheiro precisa pagar mais, proporcionalmente à sua riqueza.

O financiamento do transporte precisa acontecer de maneira indireta, como já acontece nas escolas e nos hospitais públicos, mas através da criação de um fundo específico para o transporte, cuja receita deve vir fundamentalmente da cobrança de impostos progressivos, entre outras possíveis arrecadações. Imposto progressivo é aquele cujo percentual aumenta de acordo com a capacidade econômica do contribuinte. No caso do IPTU, por exemplo, proprietários de casas pequenas são isentos do pagamento e proprietários de casas médias e grandes pagam um valor proporcional ao tamanho/valor dos imóveis. Desde os primeiros anos de existência do Movimento Passe Livre (não somente em São Paulo, mas em diversas cidades brasileiras), os panfletos sugerem que a arrecadação venha de uma maior cobrança de impostos de proprietários e/ou grandes acionistas de bancos, multinacionais,

resorts, shopping centers, mansões e automóveis de luxo.²

A taxação da riqueza é necessária para haver distribuição de renda e diminuição da desigualdade social. Além disso, é a elite quem mais se beneficia do deslocamento de milhões de trabalhadores diariamente.

No dia 10 de junho, o jornal Valor Econômico reproduziu uma notícia do Financial Times que informa que a riqueza privada global, concentrada em 1,1% de toda a população mundial, atingiu o recorde de 152 trilhões de dólares.³ Este número é tão somente o excedente de riqueza de famílias muito ricas. O dinheiro que fica no banco se reproduzindo/se multiplicando, gerando novos excedentes tanto para essas famílias como mais lucros para os bancos. Com esses recursos seria possível atender a uma série de demandas sociais (talvez todas) não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro.

Em fevereiro deste ano, o portal G1 divulgou uma notícia informando que o lucro de quatro bancos brasileiros no ano de 2013 somado supera o PIB (Produto Interno Bruto) de 83 países.⁴

2 Os recursos não precisam vir do IPTU como ocorreria no projeto dos anos 1990; os técnicos podem estudar a aplicação de uma "taxa transporte" sobre atividades econômicas que se beneficiam com a mobilidade, incorporando o vale-transporte nessa taxa. Contribuição de Lúcio Gregori.

1 Recomendo a leitura da entrevista com o economista Marcio Pochmann no jornal Brasil de Fato (20/2/2014). brasildefato.com.br/node/27525

3 valor.com.br/internacional/3579640/riqueza-privada-global-atinge-recorde-de-us-152-trilhoes-em-2013

4 g1.globo.com/economia/noticia/2014/02/lucro-somado-de-4-bancos-brasileiros-e-maior-que-o-pib-de-83-paises.html

O Banco do Brasil registrou lucro líquido de 15,75 bilhões de reais, o Itaú Unibanco de 15,696 bilhões, o Bradesco de 12 bilhões e o Santander de 5,7 bilhões. Para se ter a dimensão desses valores, todos que somos contra o mau uso do dinheiro público nos estádios “padrão FIFA” estamos criticando o uso de aproximadamente meio bilhão a um bilhão por estádio. Se questionamos quantas escolas poderiam ter sido construídas ou melhoradas com o valor investido em cada estádio, imaginem quantas coisas poderiam ser feitas se esses bancos fossem mais taxados e essa riqueza acumulada socialmente distribuída.

A proposta de financiamento da Tarifa Zero através de uma reforma tributária que implique em um aumento proporcional de impostos dos muito ricos significa que quem tem mais dinheiro irá contribuir com mais, quem tem menos irá contribuir com menos, e quem não tem dinheiro não precisará contribuir com nada. E todos, sem exceção, poderão usar o transporte coletivo, tornado “público” de verdade.

As cidades pelo mundo que adotaram a Tarifa Zero no transporte experimentaram uma drástica redução no uso de automóveis particulares. Na cidade de Hasselt, Bélgica, que por mais de dez anos teve uma política de gratuidade no transporte coletivo, a utilização do transporte público aumentou mais de

doze vezes (de 360.000 passageiros o sistema passou a acolher 4.614.844 passageiros).⁵ Nos Estados Unidos, algumas cidades adotam a Tarifa Zero em horários específicos, por exemplo durante o almoço, estimulando pessoas que trabalham no mundo corporativo e que usam automóveis como meio de circulação a usar o transporte coletivo para ir almoçar e retornar ao trabalho.

Ainda que os custos de um sistema Tarifa Zero em uma cidade grande como São Paulo sejam altos, exigindo altos investimentos públicos, é preciso se ter em mente que a Tarifa Zero tem o potencial de gerar toda uma economia sistêmica. No caso da saúde pública, por exemplo, os maiores gastos por internação nos hospitais são 1. por problemas respiratórios, advindos da poluição do ar pelo excesso de automóveis particulares em circulação; e 2. acidentes de trânsito, em sua maioria causados por automóveis particulares.⁶

5 Para conhecer experiências de Tarifa Zero pelo mundo, ver a seção “Boas experiências” do portal TarifaZero.org: tarifazero.org/experiencias/. Destaque para Tallin (Estônia), com 420 mil habitantes, primeira capital europeia a adotar a gratuidade no transporte para todos seus habitantes.

6 No artigo “O transporte público gratuito, uma utopia real” (coletânea Cidades rebeldes, São Paulo: Boitempo, 2013), o sociólogo e editor João Alexandre Peschanski discorre sobre outras justificativas de ordem econômica para a Tarifa Zero. Ver também seu texto “Motivos econômicos pelo transporte público gratuito”, no blog da editora Boitempo: blogdaboitempo.com.br/2013/06/10/motivos-economicos-pelo-transporte-publico-gratuito/

A CRIAÇÃO DE UM SISTEMA
TARIFA ZERO NO TRANSPORTE
COLETIVO NÃO SUPERA O
CAPITALISMO, MAS PODE
ENFRAQUECER OS PARADIGMAS
ONDE OS BANCOS E AS
CONCESSIONÁRIAS DE
AUTOMÓVEIS ATUAM. E
MELHORAR A VIDA DA MAIORIA DA
POPULAÇÃO.

Quebrar vidros para a imprensa fotografar não está construindo a necessária força social para experimentarmos mudanças na nossa vida cotidiana. Quem se lembra da alegria que foi ver as telinhas das catracas dos ônibus, trens e metrô voltar a marcar “3,00” reais no lugar de “3,20”, após termos barrado esse aumento, nas ruas? As manifestações de junho incluíram depredações, reconhecimento, mas como expressão de uma revolta coletiva, incontrolável, e, principalmente, como reação à forte repressão policial (apesar de a grande imprensa ter o costume de inverter essa ordem; sempre sugerindo que quem começa a violência são os manifestantes).

No ato do dia 19, as depredações aconteceram à revelia da enorme maioria de manifestantes presentes, sendo consideradas inclusive autoritárias, infantis e machistas por muitos de nós. É importante que se respeite aquilo que é combinado coletivamente, de modo que outras pessoas — como mulheres

*grávidas, crianças e pessoas idosas — também possam participar da festa.*¹

A repressão policial ao final do ato do dia 19 caiu sobre todos os presentes, de modo que a vida de todas essas pessoas estava em risco, exposta a bombas de gás, spray de pimenta², balas de borracha, pancadas de cassetetes e prisões arbitrárias. Eu já participei de diversos protestos sem depredações que foram igualmente ou mais reprimidos, reconhecimento novamente, mas neste dia as pessoas já estavam voltando para casa ou caminhando até o Largo da Batata, onde o ato seria concluído, quando a concessionária da Marginal começou a ser quebrada. Não foi nada legal tantas pessoas terem sido atacadas e perseguidas pela polícia, tornadas reféns da ação de poucos que estavam dispostos a esse enfrentamento (bem poucos mesmo; no registro da TV Folha referenciado anteriormente contei três meninos dentro da concessionária, em meio a

1 Uma reflexão útil pode ser repensar as táticas usadas pela Ação Global dos Povos (que ficou mais conhecida como “movimento antiglobalização”) no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000: tudo o que seria feito no ato do grupo era decidido em assembleia. O que escapasse disso era tratado como ação de agentes infiltrados. Servia muito bem para evitar sequestros de pauta, mas funciona melhor para dizer que o movimento está disposto a decidir tudo democraticamente. Contribuição de Daniel Guimarães.

2 O spray de pimenta é proibido em muitos países até mesmo como arma de guerra, mas no Brasil é largamente usado como arma “não letal” contra civis. O gás pode ser letal para pessoas que possuem problemas respiratórios, cardíacos e para mulheres grávidas.

diversos jornalistas, e entre quatro e cinco na agência bancária, não dá para saber ao certo). Quebrar vidros é diferente de ferir a integridade física e jurídica de pessoas, mas, neste dia — ainda que eu não aceite isto como justificativa, a polícia precisa deixar de existir desta forma —, o ataque contra vidros praticado pelos meninos foi usado como desculpa para uma violência generalizada contra as pessoas, pela polícia. Não somente contra manifestantes, mas contra qualquer pessoa que tenha dado o azar de estar na região do Largo da Batata naquele momento. Mais gravemente, essas ações isoladas estão agora sendo usadas para o Estado seguir criminalizando as lutas sociais, instalando um estado policial que remete à ditadura militar.³ Tudo isso limita, propositadamente, a capacidade de atuação dos movimentos, que precisam dedicar todos ou quase todos os seus esforços para responder a essa criminalização.

Apropriando-me das palavras de um amigo de amigos em seu mural público de Facebook, eu “não condeno a tática

3 Pouco antes da finalização deste texto, o secretário de Segurança Pública Fernando Grella anunciou que a polícia será acionada para levar 22 militantes do Movimento Passe Livre à força para depor no DEIC. Como resposta, o movimento está convocando o secretário e integrantes de movimentos sociais para debater, publicamente, a criminalização em curso dos movimentos e exigir, novamente, o trancamento do inquérito nº1/2013. Será no dia 3 de julho, às 15h, diante do Tribunal de Justiça (Praça da Sé): [fb.com/events/663391543743365/](https://www.facebook.com/events/663391543743365/)

*[Black Bloc], mas apenas dizer que não a defendo não é mais suficiente. Precisamos dizer que não concordamos e que isso está atrapalhando a luta social que pretende colocar interesses públicos na frente dos interesses privados que historicamente governam a sociedade. A confusão entre uma tática que busca o apoio popular massivo para as suas ideias e outra que pouco se importa com a opinião pública só fortalece quem contra ambas está”.*⁴

A Tarifa Zero precisa do apoio popular das massas, pois é as massas que irá beneficiar. O esforço dos militantes do MPL, que há quase uma década fazem discussões sobre mobilidade urbana e direito à cidade em escolas e em comunidades/bairros que possuem diversas carências no transporte coletivo, sempre foi de agregar pessoas e, mais que isso, estimular sua auto-organização. Não podemos reduzir a Tarifa Zero a uma compreensão burocrática da luta. A liberdade de nos movimentarmos pelas cidades sem restrições econômicas é uma ideia nova e radical. Para ser acessível a todas as pessoas, precisa

4 Pedro Ekman. Ele concluiu seu depoimento citando Sun Tzu em A arte da guerra: “Estratégia sem tática é o caminho mais longo para a vitória. Tática sem estratégia é o estrondo que se escuta antes da derrota”. Como referência histórica e aprofundamento da questão recomendo o texto “O movimento de ação direta britânico dos anos 1990”, de Leo Vinicius (2009), sobre o auge e a criminalização do movimento Reclaim the Streets, no Reino Unido: [passapalavra.info/2009/08/11797](https://www.passapalavra.info/2009/08/11797)

existir como direito e política pública, pois nem todos possuem disposição ou condição física para pular catracas e para sustentar enfrentamentos com a polícia.

É só imaginar muitos ônibus sem catraca circulando para perceber a força dessa ideia. Imaginar que a gente pode entrar e sair por qualquer porta dos ônibus, sem precisar se esmagar até a porta de saída. Que a gente pode traçar qualquer percurso pela cidade, parando para fazer coisas ao longo do caminho. Que pessoas que estão excluídas da cidade por não poderem pagar as tarifas do transporte vão passar a ser incluídas. Que vão passar a chegar a lugares onde atualmente não chegam. A poder frequentar os espaços culturais gratuitos, as escolas e os hospitais. A visitar seus amigos e familiares com maior facilidade. A ficar mais próximas umas das outras, tornando a cidade, ao mesmo tempo, grande e pequena.

Lembro de um dia pós-junho de 2013 em que eu saí do metrô República e, ao caminhar pela praça, olhei para trás e tive a certeza de que um dia as pessoas acharão absurdo imaginar que no passado era necessário pagar para usar o transporte público. Quero muito estar viva para me movimentar nessa cidade Tarifa Zero e para conhecer a geração que vai crescer sem catracas no meio do caminho. Assim como hoje estudantes e suas famílias se beneficiam

do meio-passe escolar graças aos esforços de pessoas que lutaram por ele décadas atrás, nós vamos poder dizer que colaboramos nesse processo coletivo e ensinar a luta para nossos filhos. Precisamos de experiências vitoriosas para as pessoas continuarem lutando. Quebrar vidro não cumpre esse papel. Pode cumprir alguns papéis táticos, mas, consistentemente, não muda a vida cotidiana das pessoas.

** * **

TRANSDUÇÃO

Transdução
—ou “Guia para orientar-se na multidão”

Pedro B. Mendes
Fernanda Kutwak

Transductor
Transductores. Pedagogias Colectivas

PEDRO B. MENDES E FERNANDA KUTWAK

TRANSDUÇÃO — OU “GUIA PARA ORIENTAR-SE NA MULTIDÃO”

*Que peut un homme pour autant qu'il n'est pas seul?
[O que pode um homem uma vez que ele não está só?]*

Muriel Combes

Toda relação é, por princípio, trans.

DIÁLOGO

Se relacionar-se é por-se às voltas com o mundo do outro, e sobretudo de outrem — aqueles que não estando presentes se fazem efetivos na ausência, implicados que são na relação contrastiva necessária à nossa própria singularidade — é preciso afirmar algumas condições ao diálogo:

(1) *a existência de uma mesma língua, longe de nos igualar, faz emergir as diferenças, torna palpáveis as distâncias entre nós que, de outra forma, passariam despercebidas; cada fonema, palavra ou fórmula linguística apela à nossa experiência de vida, a nossas preferências, nossos hábitos e cegueiras, cuja combinação é tão múltipla quanto o é nossa vida — e as línguas como parte constituinte delas. Sozinhos em nossos mundos-modos somos capazes de perceber as coisas apenas de acordo com nosso próprio ponto de vista, nossa própria singularidade.*

Se isto não é suficiente para nos colocar em contato com a diferença, não em termos radicais como exige nosso presente, deveria bastar para nos fazer perceber a singularidade de nosso próprio caso.

Em outras palavras, esse ponto de vista só pode existir por que há outros que dele se diferenciam. É em contraste com outrem que nossas vidas são possíveis.

ver COMPLEXIDADE

(2) Todo diálogo é coextensivo à produção de um mapa experimental[◊] e instável que deve nos dar, a cada momento, os aclives e declives de uma relação, suas possibilidades, suas entradas e contornos, sem os quais toda conversação caminha inevitavelmente para um fim. Lacan dizia que a boa análise consiste em construir a boa distância em relação a tudo aquilo que nos afeta. O contraste entre as singularidades é um processo dinâmico de diferenciação, em que as distâncias vão aumentando ou diminuindo, em todo caso variando, construindo erratically aquilo que, por falta de imaginação, convencionou-se atribuir a uma hipotética “primeira pessoa” pura, do singular ou do plural, pouco importa.

(3) O melhor mapa, ou antes, o único mapa possível de nós mesmos é aquele traçado pelos outros. A autoimagem é na verdade um patchwork constituído de imagens outras, imagens que os outros vão pintando de nós nos diversos encontros que entretemos durante a vida. Aquilo que atribuímos ao “eu” e ao “nós” nada mais é que o recorte precário e cambiante — um espectro — dos vários atravessamentos que somos convocados a viver.[◊] Portanto, se queremos saber como vamos ou (re)agimos em uma determinada situação, nada melhor que observar a sombra que fazemos nas luminosidades alheias, e vice-versa, a luz que projetamos sobre os corpos dos outros.

ver HIDROSOLIDARIEDADE

(4) *A palavra portuguesa “nós” dá conta da ambiguidade sutil de nossa condição. O “nós”, primeira pessoa do plural, contém a multiplicidade de relações que se esconde dentro do sujeito que age. Mas mais que conter, os “nós” da rede de pessoas que somos libera a diferença subsumida em uma suposta unidade da ação. Somos diferentes em relação a cada situação. Diferimos todo o tempo de nós mesmos. O jogo daquilo que resta e do que avança a cada encontro é exatamente o que tentamos conter precariamente com as pessoas verbais e o que torna possível que, sendo nós mesmos, sejamos tantos outros a cada momento. Nós: pontos em que convergem vias de comunicação.*

(5) *Da mesma forma, cada combinação que traçamos ou de que fazemos parte tem possibilidades distintas, de acordo com os actantes-ingredientes relacionados e com as variações a que nos expomos e a que somos submetidos. Portanto, sem entrar em questões relacionadas à nossa importância no mundo — muito diminuta, é sempre provável — convém nos atermos às impressões que literalmente deixamos por onde quer que passemos. Nossos ideais são louváveis, nossas utopias parecem perfeitas, mas são nossas pegadas que deixamos por onde passamos. Elas são o rastro concreto de um mundo em construção: são os efeitos*

de nossas ações (e inações) que permitem avaliar as soluções que damos aos problemas. É em termos de efeitos que convém a tudo interpretar.

(6) *Nem falante, nem ouvinte. Nem parte, nem todo. O mais importante em um diálogo é a relação que une e principalmente faz oscilar a posição de sujeito e objeto de acordo com as inflexões do momento. A expressão de uma diferença, um instante de surpresa e a palavra vai como o vento: são os intercessores que nos fazem mudar de rumo — e de forma, de natureza, de intensidade. É graças a eles que nos engajamos em movimentos outros, ora acelerando com o impulso inesperado de uma parceria, ora freando diante de um encontro pouco ou nada promissor; mas sempre oscilando de direção e de sentido ao sabor dos ventos e das correntes. Cada intercessor um encontro possível, cada encontro uma surpresa, cada surpresa uma diferença.*

(7) *Last and maybe least. Um verdadeiro encontro, um diálogo honesto, não tem regras preconcebidas. Apenas duas leis, tão óbvias quanto necessárias, cada uma apontando para uma polaridade e um risco extremos: a primeira diz respeito ao esvaziamento da diferença e à colocação do outro numa posição de subalternidade, em que qualquer surpresa possível é sempre atenuada mediante uma*

explicação bem ou mal-intencionada — portanto, não apagar, não silenciar, não desqualificar uma fala. A segunda está ligada ao microfascismo que nos habita a todos, e ao qual é preciso aprender a resistir juntos; é sempre tentador suprimir a diferença incômoda, a posição dissonante, numa dinâmica cujo limite são a violência física e o assassinato — logo, não agredir e principalmente não permitir que se agridam as pessoas. A democracia exige esse compromisso básico.

Entrar em diálogo é inevitavelmente se transformar^o e, assim, implica em correr riscos. Se as pessoas não se afetam, pode ser qualquer coisa, menos um diálogo!

TRADUÇÃO

Na introdução à edição da Brasiliense de Satyricon, de Petrônio, Paulo Leminski aborda o ofício do tradutor-poeta em sua condição trágica: manter uma fidelidade essencial ao jogo estilístico tecido no original e assim perder parte do encanto proporcionado pelo conteúdo do texto; ou perseguir o rigor semântico e abrir mão da riqueza da forma poética. Diante da antinomia apresentada, cara a todas as boas traduções de obras consagradas, Leminski propõe um saída inusitada: se é para correr riscos, que seja com a arte dos equilibristas na corda bamba. Em outras palavras, a opção pelas duas vias e por nenhuma delas em especial — trair a ambas e ser fiel, na medida do impossível, também a ambas. Entre trair Petrônio e trair os vivos, escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém. Questão de dignidade, não de fidedignidade.

Equilibrando-se na transcrição do texto, o poeta-tradutor ora segue o caminho trilhado pelo

autor, com seus valores de oralidade e naturalidade dos diálogos, ora se afasta dele para se embrenhar pelas veredas da linguagem em um arriscado corpo a corpo de fim imprevisível. Ora ainda abandona toda etiqueta e se permite incorporar, baixar mesmo, num download espiritual, a materialidade do sensível e literalmente percorrer — em pessoa! — o caminho impossível do autor, com o compromisso de envolver diretamente o leitor de hoje na vida de um texto dois mil anos vivo.

Como ocorre com Pierre Menard, autor do Quixote, de Borges. Pierre não é aquele que vai repetir Cervantes, mas alguém que busca viver uma outra vida até o extremo em que sua vida e seus deslocamentos vão assumir uma indiscernibilidade em relação às opções e à história do autor “original”: não se trata de copiar ou mesmo de reescrever a obra-prima da literatura ocidental, mas de se engajar numa relação absoluta com autor e obra; em que o absoluto não corresponde a qualquer totalidade, segundo a qual ainda estaríamos no horizonte da cópia e da imitação — mas ao germe que altera a própria vida que contagia a ponto de tornar as duas indissociáveis, não iguais! Pierre Menard deseja viver ao extremo as condições que levaram Cervantes a criar Quixote para que possa, também ele, dar vida,

não a um Quixote, mas ao Quixote.

Em sua busca por criar algo que já existe — o que, nesse sentido, torna sua missão impossível — o desvairado autor se torna ainda outra coisa, pois que passa a seguir os passos (e os pensamentos) do próprio Cervantes. Que Borges tenha feito da história uma ode à identidade não apaga o feito — muito pelo contrário! — de que, em seu cerne, na suposta equivalência entre os dois Quixotes, e entre Pierre Menard e Miguel de Cervantes esteja o devir, que foge — e faz fugir — tanto mais quanto mais se tenta contê-lo. A história narrada por Borges, o fictício, não o escritor, tramada para encerrar duas vidas em uma mesma épica, acaba por mostrar a relação indissociável e imanente que existe entre univocidade do ser e multiplicidade ontológica.

Esse conceito radical de tradução como afetação / contágio faz eco à definição que alguns antropólogos dão de uma simetria das relações entre coletividades distintas: trata-se de comparar, de colocar em relação, bananas e maçãs, humanos e não-humanos sim, por que não? Somos todos diferentes, uns mais outros menos, temos todos desejos e construções divergentes, às vezes mesmo incompatíveis, que se encontram na base da própria vida.

Dialogo & tradução. O que eu falo é verdade, o que você escuta é mentira. Há um lapso entre o que eu digo e o que você escuta. Falo a partir do mundo, o meu mundo, você escuta a partir de suas referências. Um processo de tradução é necessário. De diálogo entre mundos.

TRANSDUÇÃO (I)

Um hospedeiro contém um vírus.

O vírus, por sua vez, carrega o material genético daqueles com quem entra em relação, ou seja, ele também é, de certa forma, um hospedeiro; enquanto tal, o hospedeiro carrega um vírus que, por sua vez, carrega o germe de outra coisa.

Ao investir contra seu alvo, o vírus se apropria [por cópia] de um trecho do código genético deste. Ele replica o código, mas apenas parcialmente e o carrega consigo em suas futuras mutações.

A partir desse momento, de todo momento da vida do vírus, ele se torna a combinação de seu próprio código genético e de outros com os quais entra em relação durante a vida.

Não apenas o vírus se torna uma combinação única de códigos genéticos, algo como uma impressão digital genética e recombinante, por mais “familiar” que seja o ambiente em que circula(m), como as relações de contágio que ele estabelece se tornam também elas singulares.

A relação estabelecida depende do contexto em que corpo infectado e vírus se encontram e sobretudo da relação de força entre as defesas do primeiro e a capacidade de contágio do segundo. O jogo agonístico entre eles nunca é o mesmo e nunca se decide antes do encontro propriamente dito, e ao corpo infectado sempre é possível resistir à infecção.

Enquanto o corpo pode ou não resistir à investida do vírus, que nunca é um, mas uma multidão, a infecção se caracteriza por uma relação de indistinção entre ambos, que passam a se relacionar numa espiral de criação e destruição, de vida e de morte.

Se o corpo se torna perigosamente infectado, isto é, se torna mais e mais como o vírus, a ponto de reproduzi-lo e de se deixar infestar pelo agente patógeno, o vírus se torna outra coisa antes de seguir (ou não) sua trajetória contagiante. De toda forma, o encontro transforma a ambos de modo marcante.

Estima-se que um corpo humano adulto e saudável contenha dez vezes mais micróbios dentro de si que células humanas, todos vivendo em perfeita desarmonia. Não fosse esta relação, simétrica e em desequilíbrio dinâmico, e não teríamos passado da “pré-história”. Da mesma maneira, estima-se que este corpo abrigue exemplares de todos os vírus com os quais entrou em contato durante a vida, constituindo um

bioarquivo de dados que lhe servirá de defesa pelo resto da vida e que, em uma situação de fraqueza, pode levar a novas infecções.

No entanto, a relação entre corpo e vírus é tudo menos previsível. A doença, por exemplo, epítome do sofrimento físico e psíquico, é naturalmente compreendida como resultando de um jogo de soma zero que, quando fora de equilíbrio, coloca em risco a saúde dos corpos. Por outro lado, é possível que ela seja apenas um dentre os vários desfechos possíveis que acaba por determinar nossa própria percepção — trágica — deste encontro. E não nos referimos aqui ao fato da doença ou do adoecer, mas à necessária reorganização de sua economia em relação à saúde e à vida. Outras modalidades de relação que não a doença apenas são vistas cada vez mais como determinantes para a existência e o modo como a vida de corpos e vírus se desenrola em paralelo, na relação.

Cientistas e biólogos avaliam que essa evolução cruzada, não linear e interespecífica, seria uma das principais responsáveis pela variação das espécies, dando um colorido todo especial ao desenvolvimento destas; num limite extremo, ela seria suficiente, se confirmada, para reescrever radicalmente “a seleção natural”, teoria hegemônica nas ciências da vida, com suas séries específicas em uma luta renhida de todos contra todos

pela sobrevivência, em favor de uma recombinação global contínua, cujo desenlace não pré-existe à relação.

São a qualidade e intensidade do encontro — em outras palavras, as possibilidades de afetação mútua — que vão determinar se a partir dele se produzirá vida ou morte, e em que condições.

TRANSDUÇÃO (II)

Informação é aquilo que desequilibra, aporte de energia em um sistema dinâmico. Uma ideia, uma prática, um corte. Não se trata de uma causa em sentido clássico. Ou teremos que reconhecer que existem muitas causas, que causar é um atributo de tudo o que existe e difere. Assim sendo, a individuação vem primeiro: a relação que desorganiza institui tanto sujeito, quanto objeto. Meio e população se confundem. É apenas em relação à relação que podemos agir.

De onde vem a potência que chamamos ‘nossa’? Daquilo que, vindo de fora, nos afeta? Ou da apropriação mais ou menos involuntária que dele fazemos? Algo, talvez o que haja de mais importante, se passa em outro lugar, nem fora nem dentro. O agenciamento no qual tomamos parte não se presta a coordenadas estanques. Cabe-nos ficar atentos aos sinais que nos revela nossa intuição e desenvolver uma ética da alegria baseada no prazer de fazer juntos.

O problema da democracia (o quê

fazer?) aponta para a democracia como problema (como fazer?). As soluções para quaisquer eventos são muitas e díspares. E é bom que sejam assim. O desafio é construir um problema que esteja à altura daquilo que vivemos, em comum. Fica combinado assim: problemas são para ser construídos; soluções para ser avaliadas.

Temos nos ocupado do que podem as vidas — e a vida como tal. Melhor seria se nos concentrássemos em disparar acontecimentos. O encontro é o verdadeiro fato social: não uma ontogênese como produção controlada de vida, mas a própria produtividade intensiva e caótica do agenciamento. Toda criação, toda transformação provém de uma técnica. Mesmo aquilo que é fortuito só faz sentido no contexto de uma máquina social. Experimentação não significa voluntarismo. É preciso construir dispositivos de ação política. E testá-los, e aprimorá-los, e pô-los à prova para que eles continuem funcionando.

Nada, na luta, nos pertence. Nada que nos identifique, que nos aprisione ou nos imobilize. A angústia e a solidão são irmãs da partida. E é preciso partir sempre: abandonar a zona de conforto para sair e chegar a qualquer lugar. A desindividuação, processo necessariamente social, é condição para novas individuações.

O compartilhamento é a melhor arma contra a droga da unanimidade. Vive-se algo, criam-se coisas, e isso torna os espaços ocupados, vivos. Não o contrário. É a realidade da luta — as práticas, a percepção, o cotidiano — que produz o espaço e o tempo da diferença, sem os quais não existem nem a arte nem a política.

Questionar os automatismos sempre. Das técnicas de luta, quando experimentais, devêm magia. E podem ser eficazes para produzir efeitos de mobilização e de organização, ou não. As técnicas são boas para perseguir efeitos e estes dependem mais dos agenciamentos que elas ensejam do que de indivíduos determinados ou de nossa vontade imediata.

Ação simbólica é aquela que faz pensar, obriga a pensar. Quando algo acontece que ninguém sabe como reagir, é por ali que devemos ir. Mas atenção: pensar é ação coletiva. Ninguém decide o significado de um acontecimento sozinho, por decreto. Quando parcelas da população — coletivos, conhecidos, a mídia — começam a reagir de modo sincronizado e previsível, provavelmente é hora de levantar acampamento. É hora de encontrar outros intercessores.

INDICAÇÕES DE LEITURA

Gilles Deleuze e Felix Guattari. *Os Mil-Platôs*.

Eduardo Viveiros de Castro. *Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca*.

Isabelle Stengers. *Résister à Simondon?*

Jorge Luis Borges. Pierre Menard, autor do Quixote. *Ficções*.

Paulo Leminski. *Pré- e posfácio*. *Satyricon* (Petrônio).

* * *

TRANSDUCTORES. PEDAGOGIAS COLECTIVAS

TRANSDUCTOR

“Um transductor é um dispositivo capaz de transformar ou converter um determinado tipo de energia de entrada em outra diferente de saída, provocando um crescimento complexo e dando uma direção inesperada à energia primeira. Os transdutores têm um caráter ecológico, pois se implicam diretamente no contexto que modificam. Neste sentido são dispositivos que traduzem, que mediam e que produzem novas energias, mas sem demarcar sua orientação ou seu valor, apenas esperando que o corpo onde se inscreve o proceso de transformação se adapte e reinverta suas capacidades e interesses em multiplicar esta energia. (...) Na natureza continuamente se produzem saltos de energia provocados por transdutores que facilitam o progresso da vida e sua contínua adaptação.”

Transdutores, Pedagogias Colectivas

TRANSDUCTORES: *Pedagogías en red y prácticas instituyentes*. Antonio Collados y Javier Rodrigo (ed.). Granada: Centro de Arte José Guerrero, 2012.

Villasante, Tomás (2002). *Sujetos en movimiento. Redes y procesos creativos en la complejidad social*. Montevideo: Nordan-Comunidad.

Villasante, Tomás R. (2006). *Desbordes creativos. Estilos y estrategias para la transformación social*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

Villasante, Tomás R. (2014). *Redes de vidas desbordantes*. Madrid: Cyan.

* * *

VIZINHANÇA

Pequeno relato de uma experiência de vizinhança

Enrico Rocha

ENRICO ROCHA

PEQUENO RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIZINHANÇA

O Poço da Draga existe ali, no centro de Fortaleza, pertinho da praia, há mais de 100 anos. Para a maioria da cidade, que não consegue ver suas centenas de casas por detrás de galpões vazios à espera de bons negócios, o Poço quase nem existe, nunca existiu. Para os governos, que nunca lhe concederam nem mesmo o direito de saneamento básico, mesmo localizado em área tão nobre da cidade, ele também não existe ao certo. Para mim, que escolhi como lugar de morada a sua vizinhança, o Poço é um convite, ou uma convocatória, para pensar no sentido de existência.

As pessoas que lá vivem, que são o sentido principal do que chamamos Poço da Draga, seguem uma ocupação que se deu no momento da construção do primeiro porto de Fortaleza. A pouca profundidade do mar na costa da cidade exigia a ação de dragas para que os navios se aproximassem. Daí o nome. Lá, gente vinda do interior, quase sempre fugindo das ameaças da seca, encontrou trabalho e logo fixou residência próximo à cancela do porto. Aliás, o sobe e desce da cancela deu outro nome ao lugar, Baixa Pau, que é confundido pelo resto da cidade como sinônimo de violência.

De sua origem eu sei pelo que me contam os moradores com quem hoje convivo. O encontro com alguns deles se deu há bastante tempo, em situações que se definem por nossas afinidades eletivas. O convívio de vizinhança é recente e se intensificou quando nos sentimos igualmente ameaçados.

(vizinhança)

a partir do seu lugar, possivelmente, você perceberá o lugar do outro. sua reação pode ser de quem reconhece uma ameaça, o mundo pode está cheio delas; ou um vizinho, o mundo pode ser uma imensa vizinhança. diante de uma ameaça, não há muito o que fazer, ou você foge dela ou você a enfrenta, geralmente com violência. em uma relação de vizinhança, você negocia o que é comum, as aproximações e também as distâncias necessárias. aqui, a vizinhança poder ser considerada o lugar que você mora, a cadeira do ônibus que você compartilha, a rua que você ocupa em dias de manifestação etc. bom pensar que uma boa política de vizinhança deve partir de relações recíprocas. bom acreditar que entre a guerra e a diplomacia colonizadora há outras relações de vizinhança possíveis. em qualquer escala.

(com-)

conviver, conversar, confiar, comprometer, confabular etc. há diversas ações, fundamentais para a vida comum, que não realizamos sozinhos. as relações de vizinhança são tecidas por ações como essas. é necessário disposição e disponibilidade para conjugar ações com esse pressuposto da existência do outro.

É que o governo do estado do Ceará deu início na proximidade do Poço e de minha casa, a uma grande obra, dessas que se acompanham de muita publicidade e fantasia de desenvolvimento. Nossa reação foi enfrentar a ameaça de exclusão que seria consequência do projeto Acquário Ceará e a partir daí passamos a nos encontrar frequentemente, a nos contagiar uns dos outros, a nos comprometer com interesses comuns, a enfrentar os conflitos que se apresentam a partir de nossas diferenças, a tecer relações de confiança.

Não é a primeira vez, e desejo que não seja a última, que eu me envolvo com uma situação de conflito urbano, dessas que nos exigem um posicionamento claro. Entretanto, em meio a essa experiência com o Poço, venho assumindo com mais entusiasmo uma posição que me permite enfrentar minhas próprias condições de existência sem me deixar guiar por falsos conflitos, como opor prazer e trabalho, profissionalismo e cidadania. Ou rimar amor e dor.

O Poço da Draga se apresenta a mim como uma realidade material e concreta que não me é alheia. Levo ao Poço a mesma inquietação que mobiliza em mim um interesse pela produção de arte. É a partir da relação sensível com o mundo e da nossa capacidade de intervir sobre a sua forma, de articular seus sentidos, que me ponho no Poço e compreendo que transformar a matéria do mundo é uma necessidade urgente e cotidiana. No entanto, não há manuais práticos, projetos definidos ou qualquer outro instrumento que oriente a ação. O desafio é constituir uma relação e agir tomando-a como necessária. Um processo contínuo de experimentação e de aprendizado das limitações e potencialidades que essa relação apresenta.

Nesse processo, a transparência é uma exigência, e certo nível de opacidade uma condição que deve ser compreendida. Estou ali com todas as minhas idiossincrasias e sou convocado a responder porquê. Afirmo, então, que desobedeço a ordem imposta pelo modo como a maioria experi-

(lugar)

ainda que fossem dimensões separáveis da vida humana, tanto a política quanto a arte se produzem como uma disputa de sentidos para o mundo, ou melhor, como atividades de invenção do mundo. e por mundo, compreendo o lugar onde habitamos. lugar que não só nos abriga, mas que também é constituído por nossos corpos e nossas ideias. lugar onde necessariamente convivemos.

sinta seus pés no chão. olhe ao redor. o mundo está bem aí. todo lugar é matéria e expressão do mundo.

(art-)

arte: exercício experimental da liberdade. assim propôs o crítico Mário Pedrosa, em 1970, que compreendêssemos o que fazem os artistas. liberdade é também matéria da política. o mundo transforma-se em uma constante tentativa de superação da natureza em direção à cultura. também nas tentativas de superação de estados de dominação de certas culturas em relação a outras. compreendamos liberdade, então, não como a afirmação da vontade de um indivíduo, mas esse movimento coletivo do homem em busca de sua própria humanidade. e compreendamos arte como o exercício, a atividade, que experimenta e dá formas a esse movimento constituinte do mundo, que coloca o mundo em obra. dos artefatos que produzimos às articulações que promovemos, é sempre o mundo que está em obra.

menta a cidade e ousa enfrentar uma fronteira com a expectativa de conquistar uma cidade que não se produz pelo medo da violência, mas a partir do desejo e dos encontros. Conviver com o Poço da Draga e me envolver em seus desafios mobiliza-me desejos, faz-me enfrentar a produção intensiva de neuroses e seguir acreditando que outro mundo é possível e sua construção é urgente.

“O corpo é de luta e não de perfumaria”. Esta frase da Hilda Hilst me comoveu desde a primeira leitura. O convívio com o Poço da Draga é, portanto, um convite à luta e à invenção de um sentido para essa palavra. Não se trata de ir ao Poço motivado a promover um modo de existência que busca acomodar-se em lugares pré-definidos, como poderia ser a atuação de um artista profissional interessado em se posicionar no circuito das artes, tão ávido por colaborações; ou a atuação de um político profissional interessado em conquistar eleitores. A luta que se inventa na relação com o Poço é contra o mundo estabelecido, normatizado, incluindo o campo da arte (pretenciosamente sem normas) e o da política (pretenciosamente normatizador); incluindo nossas noções de sujeito e de ação. E aqui evitaria qualquer idealização dessa relação e das pessoas que moram no Poço da Draga, pois elas também são parte nesse e desse conflito, luta-se também contra suas/nossas identidades enrijecidas.

No entanto, quando a luta se realiza como tarefa cotidiana, mobilizada em rede, sem comando centralizado, sem doutrina a obedecer, um corpo perfumado é também convocado. O encontro com o Poço da Draga mantém-se fundamentalmente como experiência afetiva. Pois entendo que a disputa de sentido do mundo, de sua forma, pode também se dar em um beijo, como aquele de Adélia: “a vida é tão bonita,/ basta um beijo/ e a delicada engrenagem movimenta-se,/ uma necessidade cósmica nos protege”. Afinal, é sempre um impulso amoroso o que nos move a transformar o mundo.

(trans-)

transformação: talvez essa seja a condição formal de nossa existência. uma experiência transitiva. cotidianamente agimos sobre o mundo, incluindo nosso próprio corpo, para que ele se transforme, ainda que nossa ação seja para manter o mundo aparentemente o mesmo. experimente não escovar os dentes ou não varrer a casa ou não coletar o lixo, por exemplo. e pense que outras ações podem ter consequências menos diretas, mas que também são transitivas, transformam uma situação em outra, ainda que seja para manter a aparência, a mesma forma como se dá aos sentidos, a mesma condição de partilha. daí, conclua que há também ações que transformam uma situação em outra provocando diferenças. quero crer que a arte e a política são ações transformadoras nesse sentido da produção de diferenças.

* * *

VOCABULÁRIO CRUZADO

Vocabulário Cruzado
agente laranja

AGENTE LARANJA

VOCABULÁRIO CRUZADO

RESPOSTA: *todas as palavras que estiverem ao alcance da sua habilidade de resposta. As palavras estão doentes e só você tem a cura, a plena habilidade de buscar o que procura. Responsabilidade não é nenhuma arte obscura. Resposta é a habilidade de responder ao mundo ao seu redor de forma propositiva e não reativa. Não é uma questão de controle, senão de conduta. Resposta é a não-indiferença para com as suas ações e resultados. Não é uma questão de moral, senão de ética. Assuma, a resposta é toda sua.*

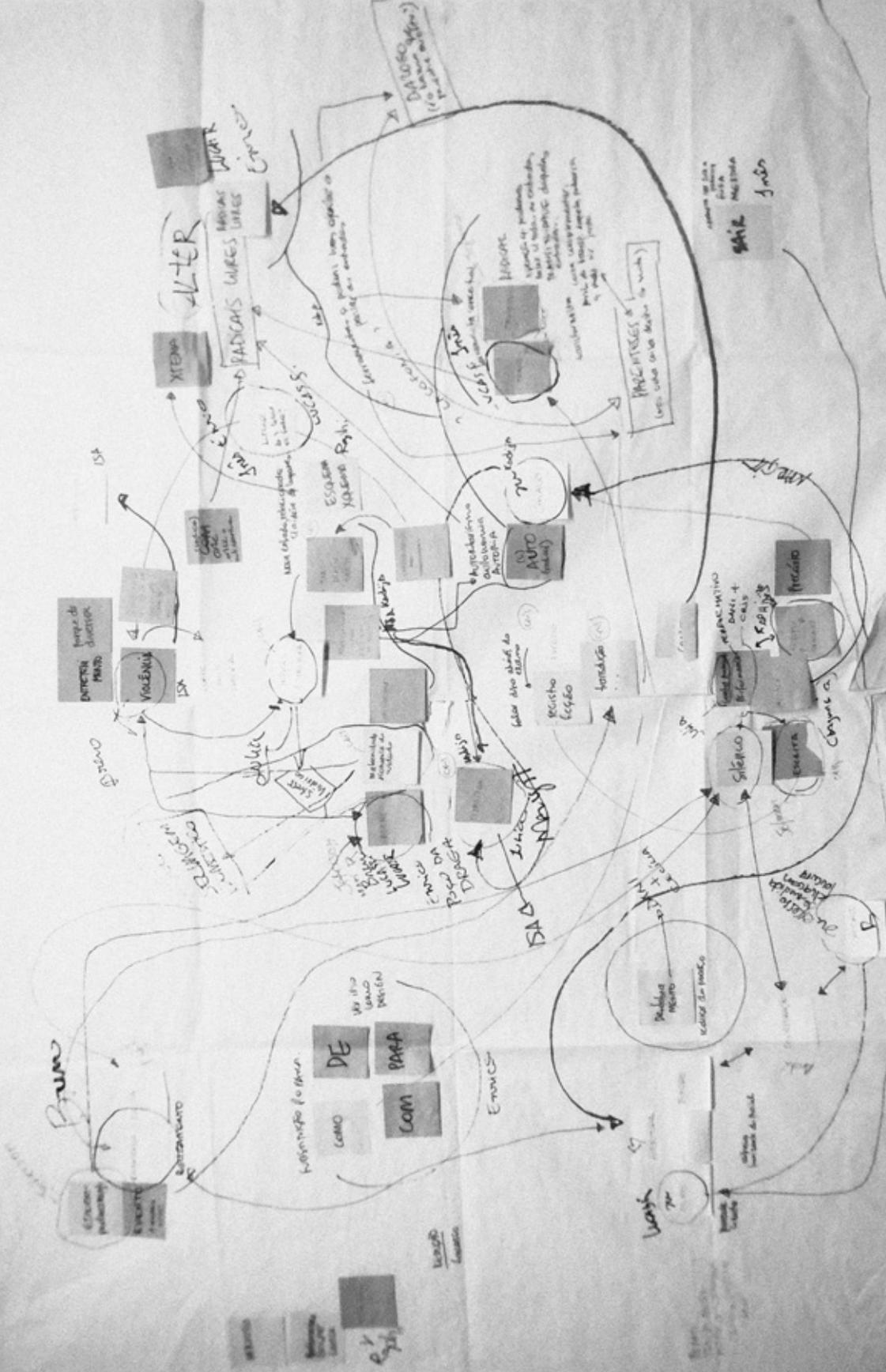
* * *

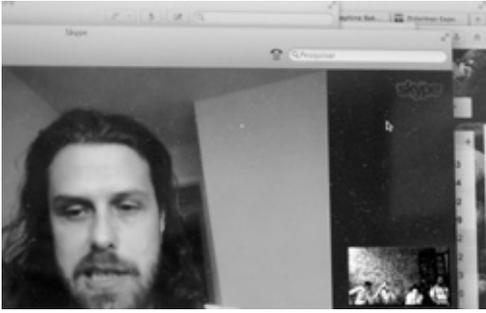
M U M F O R A I N C E R T O T O B E H O N E S T T O O
B T A C E I T A R O M U N D O O U M O R R E R L U T - A N
I U L U G A R N Ã O É M O R R E R P A N E L A E N F E R
G A I N D E T E R M I N A D O R E S B O L A M I D A M A
O L D T I H E S A K E R U R T P I M I N I M A M E N O
I A A C E M T L S D E T A S S A A R - M A M O R T O O
D D N A T P A P E . S O A D O U T R I N A A N A R Q U
A E T P R O B R A S A N T O L T R O N C O M U M U N I
D . O E Q E R M E A B O C A T O Y - D I D A T I C O L
R E S P O N S A B I L I M A T A R A D I C A I S L I V E
R E S P O N S A B I L I T Y R I R I F A P U T A N E G
A B I L I T Y N I T L A I N D A C R E D I T O A C S A
T O R E S P O N D Y Y B R I N C A R R E I R A D A D
C O R P O E O U A L M A R C I A O D I E N T R A D A U O
N R A . N W M L I X Q U E M X M O I N H O P E R D E R
A T E R P T E Ã A U É . X Ê B E P R E C O C E R I H N
Q I Ã R I R E S T A R A F O R A A D E C C A S A T T
D E A - H R D N * B E E S A M O R N É C O N T R A F A T
O R U M A F E T I V I S M O B A T I D O P A N O D E P R
E M E B E A R I V O P T C A A I B L A R I O U I R K A
S A U I R R R V A S O M A L I L L U L O D O I N M I
P R O L I F E R A R S Ó M I N H A G H T M E T A E T P
O U V I R R I R A A T I V O N A A A A Ó É P M M N A O
N Ã O D O I E N T R A E C U I D A R D E S I M I T O D
S Ã O A L E I T A M E N T O N A N D A D A C . C O M E
A R T D O N D E P A L A V R A C A M I N H A D A N E R
B O D E D O E N T E P I A S O V I V Ê N C I A Ã U
I O O O I E N T R E P A D Z P R . N A T U R A L O . C
L B E A R V E T O R A V A G Ã O D A S M U L H E R E S
L I O N N U E N T E N D E R H O O K S . P E R I F E R I
D T D Ú I R V O R O I R I S A D A S P E E D D A T E
A T E O R I A D A S Ó R B I T A S D A S L A R A N J A
D I C K R A T A S S E C O L O C A R N O L U G A R D O
F E L I C I D A D E É F A Z E R O Q U E A G E N T E G O
I N D O T A . E T E R E O K E A U G U I A N A R T I S
N O - M A N - N O - W O M E N R E S I S T E N C I A N
D O - I T D S T B . P O L I T I C A D A B O A V I Z I
I N - D I O T R E A G I R H R C O M P A R T I L H A
V I D A T A C O A C H I L D I C O R P (O R) A C T I
I U A V E S S C R I Y A D E T R A U M A N E M G U L A

YOURSELF VOUPERDER-APORRATODJ
THERS-POISÉSOISSOQUEOAGÊNCIA
DOTÉISSONADANAPRAIAÉCTRANSI
RUE.NSELFREPQDER-ÉROEUMTIVA
VERNMENTGOCRIACÃODESUPERMAN
CORPOATIVAAEINTRACÓICSPROPRETQ
YOUCROWNONE-ONHRS-VOPIZUR
ISTAAOALCAANCEDETODOSNIREC
STRALPHRABCDATÉRICOCOTRAANS
EAPPLEABIAREPOSDUASTIASD
SANREMONUQRZICAITBOBTREMMMS
MSERUMAGUABASBAUMUENERGIA
NAFLORELAADGÓBEAERVLTNHNPNP
BLO-CASSOREELENTOLÁIHELMAA
CORPO-MULTCHLÇTDCCTRICEEMORR
EGMENINADEAFLAI.RIOER-ORQL
IACEITAROVA LORTRAPOSRASPAUE
ACÇITAMANHACJUANICLPDABLOLIN
OAAOITAIHÉLION-BAIIOARB.NPAT
ATOMALUSADO LSDTOMACLROUETEDE
UQUEELMA-OCSEEMARAÍAU MORES
TVUNTRADUÇAOPRCLSRRTVIDADOSI
ODERIBOOM-BLOC:É-OOIOAENECES
RIPRCINTAMETE OAUTLSCMLIVONJ
EAAEALBOCAÇCOMMUMRASOAAIFINS
VRSNELAROCÇADQMTAIHOTBZCEDÉA
OSSOÇNSRODADQORSNNIUOISÁTÇ
LOAPAA AOS.ESENEGTAHCLNATLIÃ
ULPAEVLIVEVENS AIDIOAAATO COM
ÇEX-PERIMENTALNALS.RSEUCA
AQLÉXICOPANFLETS DPIRINHAPACT
OPOTENCIA.TUAFAROFACOMEOLHO
SÓCORPOMEUOOUTROPLINGUALPAU
OUTROAMAL.COITOSIRIICACHUPA
STALMAERECONSPIRAR.DHNVO.RI
TANTOMRÉUTRANSFORMAÇÃDOAMORN
QHAYMEDIANARANJACOISO EQUANA
NHANÇAPONPEÇOATENÇÃOPARADITU
LOQUESETEMÁVOUFUCKINGHOTOOG
VEVELSNEM.QDEMANTEIGARABODÉ
OREATIVOAAGENTEIABANJA2011

Registros dos encontros e oficinas do Vocabulário político.
Rio de Janeiro, junho de 2014.









Bios

ANAMALIA THORSTENBERG

RIBAS | CRP 12/04384. *Psicóloga, com graduação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS) e Pós-Graduação em Arte-terapia pela Faculdade Cândido Rondon e Dinâmica de Grupo pela Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos (SBDG/SC). Atua na clínica desde 2000 com psicoterapia para crianças, jovens, adultos, famílias e casais. Já atuou como Conselheira Tutelar; como Conselheira Municipal de Saúde, CMDCA e CME; como Psicóloga em Programas como PETI; na implementação do NASF e do Atendimento Clínico Infantil na Secretaria Municipal de Saúde de Garopaba/SC. Assim como em escolas e empresas particulares como psicóloga e orientadora educacional; na realização de seleção e recrutamento; psicóloga em diversas ONGs desenvolvendo projetos sociais e como psicóloga perita para o Poder Judiciário.*

👁 COMPLEXIDADE;

ANNICK KLEIZEN | *Annick Kleizen cura, escreve e pensa com artistas. Vive e trabalha em Amsterdam. Entre Outubro de 2013 e Março de 2014 passou vários meses no Rio de Janeiro como residente no Capacete Entretenimentos, com suporte do Dutch Mondriaanfund.*

👁 MUDEZ;

AGÊNCIA TRANSITIVA | *Agência Transitiva surgiu em janeiro de 2013 como um espaço-veículo para ações e estudos não-convencionais em arte, política e*

história das ideias. A Agência Transitiva é nós. Nós somos uma composição de tipos móveis. Nós nos amassamos lateralmente. Nós conjugamos verbos no presente e no futuro. Nós coletamos. Nós nos apropriamos. Nós intercedemos. Nós cozinhamos. Nós não estamos sozinhos. Facilitamos serviços de tradução, abordagens, convivências e reações em cadeia. Aceitamos e encorajamos trocas e investimentos.

👁 ANTI-HERÓI ANÔNIMO;

ANDRÉ MESQUITA | *Pesquisador das relações entre arte, política e ativismo. Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com a tese Mapas Dissidentes: Proposições Sobre um Mundo em Crise (1960-2010). É autor do livro Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva (Annablume/Fapesp, 2011). MemMembro da Red Conceptualismos del Sur.*

👁 CONSPIRAÇÃO;

👁 ESCUTA;

BARBARA LITO | *Barbara Lito é mãe do Davi, de um ano, e possui graduação em Comunicação Social – Cinema pela Universidade Federal Fluminense (2005), Mestrado e Doutorado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009/2013)*

👁 INFRAESTRUTURA;

BEATRIZ LEMOS | *Licenciada em História da Arte pela UERJ e mestra em História Social da Cultura PUC-RJ. Dedicou-se à curadoria e pesquisa voltada para as artes visuais contemporâneas e seus desdobramentos em redes. Integra a*

equipe de coordenação do Programa de Residência Terra UNA, em Minas Gerais, e articula projetos de intercâmbios entre cenas de arte na América Latina, participando de residências e idealizando exposições no Brasil e exterior.

É editora do selo de publicações de arte Recortes, co-editora da Revista de Arte Elástica e idealizadora do projeto Lastro – Intercâmbios Livres em Arte. Atua como professora em cursos livres de arte e curadoria.

👁 CARTA DE NÃO PARTICIPAÇÃO;

BRENO SILVA / *Artista visual, arquiteto e urbanista, professor em escolas de arquitetura. Realiza trabalhos colaborativos em artes promovendo situações urbanas experimentais como Lotes Vagos: Ação Coletiva de Ocupação Experimental (2005 – B.H., 2008-Fortaleza); vídeos como Infra-arquitetura #0 (2010); participa de exposições como Panorama da Arte Brasileira – Itinerâncias Itinerários – MAM-SP (2011-SP) e O Abrigo e o Terreno – MAR (2013-RJ); ministra cursos livres e workshops sobre outras perspectivas de usos para as cidades como Espacialidad de la experiencia (2012 – México D.F.); participa de palestras, debates e publicações sobre ocupações urbanas experimentais. Coordena a plataforma a.e.t. [ativador de espacialidades temporárias] ativador.org. Doutorando em Processos urbanos contemporâneos – PPGAU-UFBA.*

👁 EXPERIÊNCIA;

👁 MARÉ;

CECÍLIA COTRIM / *Doutora em História da Arte pela Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne (1996).*

Trabalha com pesquisa em história da arte contemporânea.

👁 DES//DOBRAMENTO/S;

CRISTINA RIBAS / *Trabalha como artista e pesquisadora. Organizou algumas residências para artistas e projetos interdisciplinares a partir de 2008. Em um sentido amplo, procura provocar articulações entre práticas artísticas, diagramas, memória, história, arquivos, a esfera pública e a política. Seu trabalho como artista pode abordar questões relacionadas ao espaço urbano, usando fotografia, escultura, vídeo, instalação e texto. Como artista-pesquisadora procura atuar no campo da arte produzindo uma transversal que relaciona esse campo a outras práticas sociais. A partir de 2005 desenvolveu a pesquisa Arquivo de emergência que em 2011 teve parte de seu acervo incorporado à plataforma online Desarquivo.org. Integra as redes Universidade Nômade e a Red Conceptualismos del Sur. Atualmente faz Doutorado em Fine Art no Goldsmiths College University of London com Bolsa CAPES – Doutorado Pleno. Nasceu em 1980. É brasileira, laranja e mãe.*

👁 BRASIL / BRASIU / BRAZIS;

👁 CAVALO;

👁 COMPLEXIDADE;

👁 ESCREVER;

👁 EXCESSO;

👁 INFRAESTRUTURA;

👁 SAIR;

DANIELA MATTOS | *Artista e curadora independente. Desenvolve sua produção em artes visuais desde o início dos anos 2000 com enfoque nos campos da performance, fotografia, videoarte e escrita de artista. Doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade, PEPG/PC-PUC-SP (2013) e Mestre em Linguagens Visuais pelo PPGAV/EBA-UFRJ (2007). Participou de diversas exposições, mostras de vídeo e publicações, no Brasil e no exterior. Suas obras já foram exibidas em eventos como: 7ª Bienal do Mercosul (Radiovisual, Porto Alegre, 2009), Video links Brazil: an anthology of Brazilian video art (Tate Modern, Londres, 2007) e Conversations (Galeria Skuc, Ljubliana, 2006). Como curadora e co-curadora se destacam os seguintes projetos: A Performance da Curadoria (Paço das Artes, 2011), Performati(vídeo)dade (Festival de Performance Arte Brasil – MAM-RJ, 2011 / CineLage – EAV-Parque Lage, Rio de Janeiro, 2009), Jardim das delícias: performance em questão (Galeria do Lago/Museu da República, Rio de Janeiro, 2006-2007) e agentedupla://vídeos_brasileiros (Museo de Arte y Diseño Contemporáneo, San José, Costa Rica, 2003). Nos últimos dez anos desenvolve trabalhos na área da educação formal e não-formal. Foi professora no Instituto de Artes da UERJ (2005), na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (entre 2006 e 2011) e em cursos livres da rede SESC, no Rio de Janeiro e em São Paulo (2008-2009).*

Foi Consultora em Arte-Educação junto ao Programa Educativo do CCBB-RJ (2009-2010). Mais informações e documentação acerca de sua obra encontram-se no site danielamattos.com.

- 👁 CAVALO;
- 👁 DES//DOBRAMENTO/S;
- 👁 ESCREVER;

DAVI MARCOS | *Fotógrafo e videomaker. Formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006, participou de exposições na Grécia, no México, no Espaço Sérgio Porto, no Instituto Pretos Novos, no colégio Pedro II, Parque Lage, Palácio do Planalto, CCBB – Rio, Caixa Cultural – Rio, SESC – Rio, Canning House (Londres), e teve fotos publicadas em várias revistas e jornais. Trabalhou na longa-metragem 5X Favela, ajudando na elaboração do roteiro e também como fotógrafo still. Foi instrutor de fotografia do projeto Memórias do PAC em Mangueiras, do Projeto Rebelião Cultural nos presídios de Bangu 2, 3, 4 e Talavera Bruce, assim como no Degase. Trabalhos que originaram a exposição Sonhos Velados, na Casa de Cultura Laura Alvim. Atualmente é graduando em comunicação na UFRJ e fotógrafo institucional do Observatório de Favelas.*

- 👁 DAVI MARCOS;
- 👁 MANIFESTAÇÕES;
- 👁 MARÉ;

ENRICO ROCHA | *Artista e educador. Mestre em Linguagens Visuais pela UFRJ e bacharel em Comunicação Social pela UFC. Entre 2010 e 2012, coordenou o Programa*

de Pesquisa do Centro de Artes Visuais de Fortaleza, parceria entre a Prefeitura de Fortaleza e o Centro Cultural Banco do Nordeste. No início de sua trajetória artística, participou do Núcleo de Artes Visuais do Alpendre – casa de arte e produção e foi premiado como artista contemplado no programa Rumos Itaú Artes Visuais 2001/2003. Destaca a apresentação individual dos projetos “Perguntas Ordinárias em Percursos Existenciais”, em 2006, e “Onde Aqui se Localiza”, em 2008. Vive e trabalha em Fortaleza.

👁 VIZINHANÇA;

FERNANDA KUTWAK / *Psicóloga e psicomotricista que trabalha com atendimento clínico e na ONG Casa da Árvore.*

👁 TRANSDUÇÃO;

GEO ABREU / *Geo Abreu na verdade eh Georgiane. Ja quis ser uma bomba, e hoje deseja viver tanto quanto uma tartaruga. Palavras-chave: belem, historia do presente, producao cultural.*

👁 HUMOR;

GISELI CORRÊA VASCONCELOS / *Paraense, graduada em Artes pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp-IA), concebeu e produziu festivais, oficinas, encontros e workshops tais como Mídia Tática Brasil (N5M -2003), Digitofagia (MIS/SP – 2004), Autolabs (ZL SP 2004). É co-organizadora juntamente com o teórico Ricardo Rosas (Rizoma.net) da publicação Net_Cultura 1.0: DIGITOFAGIA (2008), financiada pelo programa internacional Sarai Waag*

Exchange Platform e editado pela Radical Livros. Na cidade de Belém (PA), realizou ações de rua pela Rede [aparelho]-: (2005-10), além de produzir a edição norte do festival arte.mov 2010 e do programa Networked Hacklab (2011-12). Organiza desde 2012 a publicação Dossiê: Por uma cartografia crítica da Amazônia, documentação sobre o referencial cultural, político e conflituoso da região. Reside entre Estados Unidos e Brasil.

👁 HIDROSOLIDARIEDADE;

GRAZIELA KUNSCH /

1979, São Paulo, Brasil – Vive em São Paulo. Artista, editora, crítica, curadora e professora. Os projetos de Graziela Kunsch frequentemente implicam em um alargamento do chamado “público da arte”, relacionando-se com contextos políticos e sociais. Dentro do contexto da arte, ela costuma dar respostas críticas a certos modos de funcionamento das instituições. No ano passado, deixou desligada a sala de projeção dos seus vídeos na exposição O Abrigo e o Terreno (MAR Museu de Arte do Rio), ligando a projeção somente às terças, dia de visitaçãõ gratuita ao museu. Co-curadora dos projetos Arte e esfera pública e Esboço para novas culturas: projetos de cidades em debate e curadora da mostra CINEMA PERIGOSO DIVINO MARAVILHOSO. Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais na ECA-USP e membro do grupo História da Experimentação no Cinema e na Crítica. Integrante do coletivo USINA e colaboradora do

Movimento Passe Livre e do site TarifaZero.org.

Editora da revista *Urbânia*. naocaber.org

👁 EVENTO;

👁 MARÉ;

👁 TARIFA ZERO;

INÊS NIN / *Estudou mídia, artes visuais e filosofia. Se interessa por micropolíticas, linguagens e rotas de fuga.*

Procura traçar caminhos por meio da teoria, escrita, experimentações estéticas e práticas coletivas. Compreensão de mundos, de sistemas, de vazio entremeios.

Autonomias. azuais.net

👁 LUGAR;

👁 MANIFESTAÇÕES;

👁 SAIR;

ISABEL FERREIRA / *Concebeu o projeto ComPosições Políticas que integrou o Festival Panorama por dois anos e que continua na Casa Nuvem, no Rio de Janeiro através das atividades do Atelier de Dissidências Criativas e outros projetos. É produtora cultural, tendo concebido e gerido diversos projetos na área de performance, dança e artes visuais. Com formação em história da arte, é pesquisadora e arte ativista.*

👁 HUMOR;

JEFERSON ANDRADE / *Jeferson Andrade (* 1989, Rio de Janeiro) é Agente Amor da Agência Transitiva. Pesquisador independente de novos processos etnográficos e inter-relacionais, performatividade e amores políticos. Em sua pesquisa, desenvolve textos, discursos, imagens e objetos que lidam com a reinterpretação do espaço de vida, noções de ocupação*

política e gentilezas distópicas.

Desde 2012, ele ocupa o apartamento de um vizinho, esquizofrênico e desaparecido, como atividade poética. Ele cursou dois anos de Antropologia na UFF (Rio de Janeiro, 2008–2010) e atualmente está cursando licenciatura em História da Arte na UFRJ (Rio de Janeiro, 2010–2014). Ele também participou de cursos gratuitos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro, 2010–2013).

👁 ETNOEMPODERAMENTO;

👁 MARÉ;

JULIANA LEAL DORNELES / *Porto Alegre, 1975. Instrutora de equitação, clown e doutora em psicologia clínica (PUC-SP). Atua dando aulas de equitação e treinando cavalos na praia da Guarda do Embaú/SC. Pesquisa comicidade, pós pornografia e os exageros cênicos da vida.*

👁 MULHERES: VIOLÊNCIA;

👁 MURO;

JULIA RUIZ DI GIOVANNI / *Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2013). Formada em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado (2002), concluiu o mestrado Antropologia Social também na Universidade de São Paulo (2007). Autora do livro Artes do Impossível protesto de rua no movimento antiglobalização (Annablume/Fapesp, 2013), realiza desde o mestrado pesquisas sobre práticas de ativismo, enfocando as qualidades processuais, poéticas e performáticas dos processos de organização e da ação política. Integra atualmente o Coletivo*

ASA – Artes Saberes e Antropologia e desenvolve um projeto de pós-doutorado sobre os saberes do corpo, dedicado a um diálogo crítico entre os estudos da performance, as antropologias do ritual e experiências de artistas e ativistas contemporâneos.

👁 ESTRATÉGIA;

KADIJA DE PAULA | *Agente*

Laranja é Kadija de Paula (*1980, Curitiba, mora no Rio de Janeiro). Artista gestora com mais de dez anos de experiência de trabalho em di-gestão cultural na América do Norte e do Sul, ela é Mestre em Gestão de Empresas (IMBA) pela Schulich School of Business da York University (Toronto - Canadá, 2011) e Bacharel em Artes Visuais (BFA) pela OCAD University (Toronto - Canadá, 2005).

Kadija é catalisadora de comunidades criativas e colaborativas com interesse em inovação social. Seu trabalho normalmente envolve pessoas, comida, viagens, linguagem e bambolê. Kadija é Agente Laranja da Agência Transitiva.

👁 VOCABULÁRIO CRUZADO;

LAURA LIMA | *Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Entre 1991–1994 estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro. Participa de inúmeras exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais. Tem obras nas coleções do Inhotim Centro de Arte Contemporânea, Brumadinho, MG e do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo. É uma das diretoras da Galeria A Gentil Carioca, no Rio de Janeiro.*

👁 RHR;

LUCAS RODRIGUES | *vodrigues* (*1981, Rio de Janeiro) é Agente de Talentos da Agência Transitiva. Dançarino contemporâneo, ator, videomaker e produtor de eventos. Ele usa expressões do corpo, movimento e ritmo para criar novas possibilidades de relações sociais.

Ele procura alcançar conexões através da subjectividade, tanto no seu próprio trabalho como artista, como na construção diária de uma vida social. Ele é graduado em Cinema (Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005) e em Dança Contemporânea (Faculdade Angel Vianna, no Rio de Janeiro, 2008).

👁 MARÉ;

👁 MURO;

LUCAS SARGENTELLI | *Agente Gráfico* é Lucas Sargentelli (*1989, Rio de Janeiro). Ele trabalha com comunicação visual e artes plásticas, se valendo de práticas performáticas e procedimentos cartográficos para desenvolver passeios guiados e exposições baseadas em pesquisa. Formado em Artes Visuais pela UERJ (Rio de Janeiro, 2013), também cursou a ESDI-UERJ (Escola Superior de Desenho Industrial) por três anos. Lucas Sargentelli é o Agente Gráfico da Agência Transitiva.

👁 MARÉ;

LUIS ANDRADE | *Nasceu em Fortaleza (CE), em 1967. Artista hiper-mídia, é mestre em Linguagens Visuais pela EBA/UFRJ, 2000. Graduação em Artes Cênicas, EBA/UFRJ, 1996, e Comunicação Visual, PUC/RJ, 1986–1988 (incompleto). Cursos na Escola de Artes Visuais do*

*Parque Lage, RJ, 1987, e na Scuola Europea di Teatro e Cinema, Milão, 1988, onde residiu por dois anos. Membro integrante das associações de artistas Atrocidades Maravilhosas e RRadial. Professor do Instituto de Artes Plásticas da UERJ. Editor da revista Concinnitas Virtual / UERJ e membro do comitê editorial da revista Global para a América Latina — uma publicação da Rede Universidade Nômade e CIEC/UFRJ. Além de professor e coordenador editorial, tem publicado vários textos em revistas especializadas, no Brasil e no exterior, e é autor dos livros/CDs *Â*[barrockbeat] (Rio, editora do autor, 2004), *Ã* (Rio, editora do autor, 2000) e *Love's House* (Rio, editora Casa da Palavra, 2002). Vive e trabalha no Rio de Janeiro.*

LUIZA CILENTE / formada em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. Desde os tempos universitários trabalha com veículos de mídia alternativa. Integrante da agência de notícias *Pulsar Brasil* desde 2007, já teve oportunidade de conhecer as diferentes realidades de rádios livres e comunitárias em algumas regiões da América Latina e Europa. Também flerta com vídeo e curte muito fotografia sobre a qual pesquisa e produz processos alternativos junto do Coletivo *Fotoexpandida* desde 2012.

👁 ESCREVER;

MARGIT LEISNER / Nasceu em Curitiba, 1971. Estudou Artes Visuais, com aprofundamento em Performance Arte, na *F + F Schule für Kunst und Mediendesign*

Zürich. Como performer e organizadora, integrou a iniciativa PerformancePoolZürich. Entre 1999–2000 realizou o inventário do Arquivo de Performance Arte Schwarze Lade/Black Kit, Seedamm Kulturzentrum. Desde então é interessada, entre outros, em contextos relacionados à cultura da performance e as suas possibilidades como sistema aberto no campo das artes. As práticas curatoriais são elemento chave em seu trabalho.

👁 PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA;

PEDRO B. MENDES / Faz parte da Rede Universidade Nômade, na qual ajuda a editar as revistas *Lugar Comum* e *Global Brasil*, entre outras coisas, e do coletivo de mídia *Das Lutas*, com o qual mantém um blog. Atualmente faz doutorado em Ciência da Informação no IBICT-UFRJ, onde realiza pesquisa sobre formação autônoma nos novos movimentos sociais da multidão, e organiza um livro sobre o pensador autonomista brasileiro Eder Sader.

👁 TRANSDUÇÃO;

PIERRE GARCIA / Figurinista, cenógrafo e performer, foi formado em Cenografia, depois de uma graduação em Urbanismo. Fez cenografias e figurinos a Paris, em varios teatros nacionais (*La Colline, La Ferme du Buisson, Nanterre-Amandiers, Vieux Colombier, Théâtre National de Bourgogne...*). De performer, participou ao coletivo artístico *La Mobile Boutique*, ao grupo de música performativa eletro-pop *ExchPopTrue*, de filmes de Tujiko Noriko... Sua pesquisa artística pessoal, sobre as teatralidades do cotidiano, toma

forma em performances, percursos urbanos, instalações sónicas ou fotográficas. Entre outros lugares, seu trabalho foi apresentado em *La Gaité Lyrique, Le Théâtre de la Ville, KomplexKapharnaüm, Public>, Galerie du Village, Magazine 9/9...*

«Minha contribuição a Vocabulário Político, interessa-se à linguagem económica, e à sua teatralidade. A partir de recortes da imprensa financeira, aparecem seqüências com novas interpretações. A suposta polissemia da língua do poder, e a figura oracular em tela de fundo do discurso, tecem as tramas de uma sabedoria prometida, sem deixar claro se repele ou apela a angústia do porvir.»

👁 SINTAXE;

RAPHI SOIFER | Nasceu e se criou nos Estados Unidos, mas está se recuperando aos poucos. Veio para o Rio de Janeiro em 2002 para estagiar no Centro do Teatro do Oprimido, e é radicalizado no Brasil desde 2007. Raphi é performer e pesquisador cujo trabalho tem como foco a vida social e política das ruas, as estéticas de poder, a memória incorporada e a interatividade urbana. Suas performances incluem *Cada um no seu quadrado; A morte super-divertida do Zé Carioca e Pesquisas lapianas: Pomba-giras, explorações da crescente privatização e militarização do espaço público carioca. É colaborador do Bloco Livre Reciclato e do Teatro de Operações, além de co-fundador do Museu de Colagens Urbanas. É bacharel pela Yale University (EUA) em Artes Cênicas e Antropologia, mestre pela Universidade*

Federal Fluminense em Ciências da Arte, e atualmente é doutorando em Planejamento Urbano no IPPUR/UFRJ.

👁 BAGUNÇA (PERFORMANCE);

👁 FORENSE CAPENGA;

RICARDO BASBAUM | Vive e trabalha Rio de Janeiro. É artista, curador e crítico. Investiga a arte como dispositivo e plataforma para articulação da experiência sensorial, sociabilidade e linguagem. Desde os anos 1980 tem desenvolvido um vocabulário específico para seu trabalho, aplicado de modo particular a cada novo projeto. Seu trabalho foi recentemente incluído em *Something in Space Escapes our Attempts at Surveying (Kunstverein Stuttgart, 2014), 30ª Bienal de São Paulo (2012), Garden of Learning (Busan, 2012) e Counter-Production (Generali, Viena, 2012), entre outros eventos. Participou da documenta 12 (2007). Projetos individuais recentes incluem re-projecting (london) (The Showroom, Londres, 2013) e conj., re-bancos*: exercícios&conversas (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, 2011). Uma antologia de seus diagramas foi apresentada no Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela (diagrams, 2013). Autor de Manual do artista-etc (Azougue, 2013), Ouvido de corpo, ouvido de grupo (Universidade Nacional de Córdoba, 2010) e Além da pureza visual (Zouk, 2007). Contribuiu com Materialität der Diagramme – Kunst und Theorie (Ed. Susanne Leeb, b_books, 2012). Professor do Instituto de Artes da*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalhou como Professor Visitante da Universidade de Chicago entre outubro e dezembro de 2013.

RODRIGO GUIMARÃES NUNES /
Rodrigo Nunes é professor do departamento de Filosofia da PUC-Rio. É PhD pela Universidade de Londres e fez pós-doutorado na PUCRS. Foi editor da revista Turbulence (turbulence.org.uk) e coordenador do grupo de pesquisas CNPq Materialismos (materialismos.tk). Colabora de diversas publicações nacionais e internacionais nas áreas de filosofia, política e arte, atuando também como tradutor. Como curador, organizou o ciclo de filmes e debates 'Stronger are the powers of the people': Politics, poetics and popular education in Brazilian cinema, 1962-1979, apresentado em Londres, Berlim, Viena e Maastricht. Como organizador e educador popular, tem participado de diversas iniciativas políticas, entre as quais as primeiras edições do Fórum Social Mundial e a campanha Justice for Cleaners (Londres). Entre suas publicações mais recentes, estão um texto e um dossiê sobre a conjuntura brasileira pós-junho de 2013 para a revista francesa Les Temps Modernes e o livro Organisation of the Organisationless: Collective Action After Networks (Londres, 2014: Mute), que busca elaborar uma teoria da organização política adequada à realidade dos movimentos sociais que têm aparecido no mundo nos últimos anos.

👁 EVENTO;

STEFFANIA PAOLA / *Steffania Paola (Guimarães – MG, 1983) é artista visual e ativista. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. steffaniapaola.com*

👁 INFRAESTRUTURA;

SARA UCHOA / *Mãe do Caique. Pesquisa e trabalha no atravessamento dos seguintes temas: políticas culturais, cultura digital e audiovisual (pesquisa e produção voltadas para tecnologias livres), práticas culturais e processos de ensino-aprendizagem. Possui graduação em Rádio e TV pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

👁 ESCREVER;

TATIANA ROQUE / *Professora da UFRJ, trabalha com História e Filosofia da Ciência.*

👁 ANTI-HERÓI ANÔNIMO;

👁 DIAGRAMA;

TIAGO RÉGIS / *Psicólogo. doutorando no programa de pós-graduação em psicologia da uff. militante e pesquisador da área de direitos humanos, com ênfase na temática de memória, verdade e justiça.*

👁 COMPLEXIDADE;

* * *

Sumário

3; ÍNDICE IRREMISSÍVEL

7; PARA LER EM VOZ ALTA

9; DESDITORIAL

23; RADICAIS

Aprender; Aprendizagem; ART;
ALTER; COM-; Auto / Como; CON;
Contra; De / Para; Desarquivo;
Lugar; Para; TRANS; Vizinhaça;
Contribuições de A Arquivista;
Cristina Ribas; Enrico Rocha;
Gisella Hiche; Inês Nin; Lucas
Sargentelli;

29; BLOCO DE IMAGENS

47; ANTI-HERÓI ANÔNIMO

O herói anti-herói
e o anti-herói anônimo, 47
Hélio Oiticica
Cartaz cara de cavalo, 49
Agência Transitiva
Mundo-rua, 50
Tatiana Roque
Anotações relacionadas ao
Anti-herói anônimo, 52
Vários Autores

53; ASSEMBLEIAS

As assembleias populares
na luta pela liberdade
no Rio de Janeiro, 53
Fernando Monteiro

56; BAGUNÇA (PERFORMANCE)

Matheus 4:19, 56
Raphi Soifer

59; BRASIL / BRASIU / BRAZIS

Brasil| brasiu | Brazis , 59
Cristina Ribas
Querelas do Brasil, 70
Maurício Tapajós e Aldir Blanc

71; CARTA DE NÃO PARTICIPAÇÃO

Carta de não participação
imersiva aqui por uma tentativa
de preferir não lá, 71
Beatriz Lemos
Tem artista na maré?, 77
Conversa em oficina interna

79; CAVALO

Poema do cavalo, 79
Daniela Mattos
Cavalo / diagrama, 80
Cristina Ribas
Cavalar em La Borde, 82
Felix Guattari

89; COMPLEXIDADE

Complexidade, 89
Cristina Ribas ((parêntesis de
Anamalia Ribas)))
<<**Cartografias da ditadura**>>, 107
Tiago Régis

09; CONSPIRAÇÃO

Conspiração, 109
André Mesquita

112; DAVI MARCOS

Pequeno ajuntamento de
postagens/pensamentos sobre
um pedaço de realidade, 112
Davi Marcos

118; DES//DOBRAMENTO/S

Des//dobramento/s, 118
Daniela Mattos
Cecilia Cotrim
Bulário//estético//político, 121
Cecilia Cotrim

123; DIAGRAMA

Diagrama, 123
Tatiana Roque

125; ESCREVER

Escrever, 125
Cristina Ribas
escrita, 129
Daniela Mattos
7 minutos do streaming
de RionaRua, 130
Transcrição Luiza Cilente e
Sara Uchoa, narração de Clara
Medeiros
De quem é a ordem?, 133
Transcrição Luiza Cilente

135; ESCUTA

Escuta, 135
André Mesquita
Caos-complexidade-escuta, 137
Oficina aldeia gentil, dia 1

140; ESTRATÉGIA

Estratégia, 140
Julia Ruiz

143; ETNOEMPODERAMENTO

Etnoempoderamento, 143
Jeferson Andrade

149; EVENTO

Evento, 150
Rodrigo Nunes
Excerto de email sobre reunião
no Ocupa Alemão, 152
Bruno Cava

153; EXCESSO

Excesso, 153
Cristina Ribas

155; EXPERIÊNCIA

Experiência, 155
Breno Silva

156; FORENSE CAPENGA

Pensando o capenga
forensicamente
(em voz alta e sotaqueada), 156
Raphi Soifer

159; GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Grupo de educação popular, 159
André Bassères

168; HIDROSOLIDARIEDADE

Hidrosolidariedade, 168
Giseli Vasconcelos

177; HUMOR

Humor, 177
Geo Abreu
Carnavandalirismo, 179
Isabel Ferreira

183; INFRAESTRUTURA

Infraestrutura, 183
Cristina Ribas ((parêntesis de
Barbara Lito))
Justiceiras do Capivari, 199
Steffania Paola

202; LUGAR

Lugar, 202
Inês Nin

205; MANIFESTAÇÕES

travesti, 205
Inês Nin
Manifestações do ciclo de
Junho, repressão na favela e
ditadura, 208
Davi Marcos

210; MANIFESTO AFETIVISTA

Manifesto afetivista , 210
Brian Holmes

213; MARÉ

Tem favela?, 214
Davi Marcos
CARTILHA para/Manifesto
contra, 215
Breno Silva, Jeferson Andra-
de, Lucas Rodrigues, Lucas
Sargentelli. Colaborou Graziela
Kunsch.
Eu sou da Maré, 222
Josinaldo Medeiros
Sobre o ataque midiático
e militar ao Complexo da Maré
e ao Movimento, 225
Pedro Mendes
227; MUDEZ
Mudez, 227
Annick Kleizen

233; MULHERES: VIOLÊNCIA

Pós porno e feminismo , 233

Juliana Dornelles

Violentas, 235

Juliana Dorneles

Nós dizemos revolução, 237

Beatriz Preciado

***, 237**

Ricardo Ruiz

238; MURO

MURO, 238

Lucas Rodrigues

MURO, 242

Juliana Dorneles

243; PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA

Praça de Bolso do Ciclista, 243

Margit Leisner

249; RHR

RhR, 249

Laura Lima conversando com

alguns de nós

GLOSSÁRIO RhR, 256

Laura (des-integrante do RhR)

266; SAIR

Sair, 266

Inês Nin

Partir/Destruir/Expulsar/

Vazar, 269

Cristina Ribas

289; SINTAXE

Sintaxe, 269

Pierre Garcia

291; TARIFA ZERO

O que a Tarifa Zero, os bancos e as concessionárias de automóveis poderiam ter em comum mas ainda não têm, 292

Graziela Kunsch, colaborou

Daniel Guimarães.

305; TRANSDUÇÃO

Transdução—ou “Guia para orientar-se na multidão”, 305

Pedro B. Mendes e Fernanda Kutwak

Transductor, 313

Transductores.

Pedagogias Colectivas

314; VIZINHANÇA

Pequeno relato de uma

experiência de vizinhança, 314

Enrico Rocha

317; VOCABULÁRIO CRUZADO

Vocabulário cruzado, 317

Agente Laranja

320; REGISTROS DOS ENCONTROS E OFICINAS DO VOCABULÁRIO POLÍTICO

324; BIOS

334; VALEU

Valeu

Agência Transitiva

Akane wada

Aldo Vitorio Filho, Denise

Espírito Santo e Jorge Lima – Instituto

de Artes da UERJ

Anamalia Ribas

André Bassères

Andre Mesquita

André Morais

Annick Kleizen

Arthur-Etetuba-Leandro

Bárbara Lito

Barbara Szaniecki

Beatriz Lemos

Bicicletaria Cultural

Breno Silva

Bruno Cava

Caique Uchoa Amaral

Cecília Cotrim

Celi Abdoral

Christopher Jones

Cicloiguaçu – Associação dos ciclistas

do Alto Iguazu

Clara Medeiros

Clarissa Moreira

Coletivo Das lutas

Conrad Rose – Pontão da ECO

Cristina Ribas

Daniel Jablonski

Daniela Mattos

Davi Marcos

Diogo Nascimento

Doug Oliveira

Elvio Luiz dos Santos

Enrico Rocha

Fernanda Kutwak

Fernando Monteiro

Geo Abreu

Giseli Vasconcelos

Glaucia Marinho

Graziela Kunsch

Hannah Jones

Helene Delmonte

Helmut Batista

Inês Nin

Isabel Ferreira e

Mariana Santarelli –

Casa Nuvem/

Dissidências criativas

Isadora Machado –

Mídia Ninja

Izabel Costa –

Funarte

Jackie Alves

Jeferson Andrade

José Miguel Nieto Olivar

Josinaldo Medeiros

Julia Ruiz Di Giovanni

Juliana Dorneles

Kadija de Paula

Laura Lima

Laura Murray

Lucas Rodrigues

Lucas Sargentelli

Luiz Andrade

Luiza Cilente

Maira das Neves

Marcelo Amaral

Marco Mafra

Marcos Lamoreux

Margit Leisner

Mariluci Nascimento

Michel Zózimo

Michele Cunha

Mônica Hoff

Opavivará

Pedro Mendes

Pedro Rocha Pitta

Pedro Victor Brandão

Pierre Garcia

Priscila Gonzaga

Projeto Hélio Oiticica

Rafaela M. Rocha

– Aldeia Gentil

Raphi Solfer

Ricardo Basbaum

Rodrigo Nunes

Sara Uchoa

Silvan Kálin

Soraya Albuquerque

Steffania Paola

Tainá Vital

Tatiana Roque

Tiago Régis

Valdiria Thorstenberg

Wellington Romário

Xapolin Caos

Zenaide

realização



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA